

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DOUTORAMENTO EM LINGUÍSTICA
LINGUÍSTICA PORTUGUESA**

GABRIELA BRAGA

**A prosódia do guineense (kriol) e do português falado na Guiné-Bissau:
análise de tipos frásicos**

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo / Lisboa
2023

GABRIELA BRAGA

**A prosódia do guineense (kriol) e do português falado na Guiné-Bissau:
análise de tipos frásicos**

VERSÃO CORRIGIDA

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Brasil, e ao Programa de Doutoraento em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Portugal, como parte dos requisitos para a obtenção da dupla titulação do título de Doutor em Letras e Doutor em Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Flaviane Romani Fernandes Svartman (São Paulo)

Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Sónia Marise de Campos Frota (Lisboa)

São Paulo/ Lisboa

2023

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**Termo de Anuência do (a) orientador (a)****Nome do (a) aluno (a): Gabriela Braga da Silva****Data da defesa: 21/06/2023****Nome do Prof. (a) orientador (a): Flaviane Romani Fernandes Svartman**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 15/08/2023



(Assinatura do (a) orientador (a))

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

B813p Braga, Gabriela
A prosódia do guineense (kriol) e do português falado na Guiné-Bissau: análise de tipos frásicos / Gabriela Braga; orientador Flaviane Romani Fernandes Svartman; coorientador Sónia Marise de Campos Frota - São Paulo, 2023.
232 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

1. Fonologia. 2. Prosódia. 3. Entoação. 4. Português falado na Guiné-Bissau. 5. Variedades de português. I. Svartman, Flaviane Romani Fernandes, orient. II. Título.

BRAGA, G. **A prosódia do guineense (kriol) e do português falado na Guiné-Bissau**: análise de tipos frásicos. 2023. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Aprovado em: 20/06/2023

Banca Examinadora
Membros titulares

Orientadora: Prof.^ª Dr.^ª Flaviane Romani Fernandes Svartman
(Universidade de São Paulo)

Co-orientadora: Prof.^ª Dr.^ª Sónia Marise de Campos Frota
(Universidade de Lisboa)

Prof.^ª Dr.^ª Marina Cláudia Pereira Verga e Afonso Vigário
(Universidade de Lisboa)

Prof. Dr. Alexander Yao Cobbinah
(Universidade de São Paulo)

Membros Suplentes

Prof.^ª Dr.^ª Marisa Alexandra da Sousa Cruz
(Universidade de Lisboa)

Prof.^ª Dr.^ª Carolina Ribeiro Serra
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Prof.^ª Dr.^ª Marcia Santos Duarte de Oliveira
(Universidade de São Paulo)

**Ao meu filho Lucas,
a luz da minha vida.**

AGRADECIMENTOS

Esta tese é a conclusão de um processo que durou (ativamente) 5 anos e 4 meses da minha vida. Acredito que todas as teses sejam (pequenas ou grandes) revoluções na vida de quem as escreve, mas essa se circunscreve ao grupo de teses produzidas durante a pandemia de SARS-CoV2, cujo primeiro *lockdown* vivido por mim (e pelos que estavam ao meu redor) foi em março em 2020.

Sendo brasileira e tendo que viver por 4 anos no governo Bolsonaro, participo também do grupo de pessoas que duvidou de toda informação oficial do governo do próprio país (apenas alguns órgãos conseguiram se manter idôneos e fiéis à ciência, às evidências científicas e ao objetivo máximo da área da Saúde, que é zelar pela vida).

O desenho desse panorama é importante para deixar registrado o momento histórico ao qual esta tese pertence. Ela é o fruto que amadureceu num tempo de medo da morte e também de incertezas e desconfianças de tudo que outrora era tido como certo. Ela é uma sobrevivente e um símbolo de resistência.

Diante de tanto descaso, abandono e ativo movimento de destruição de órgãos públicos vitais para uma sociedade, esta tese conseguiu ser realizada e concluída com financiamento público.

Sendo assim, agradeço:

À CAPES, pela concessão de bolsa PDSE, código de Financiamento 001, que resultou nesta tese¹. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Ao Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior – PDSE, juntamente com o Programa PrInt USP/CAPES, EDITAL Nº 41/2017, (processo nº 88887.368177/2019-00) pela bolsa de doutorado sanduíche concedida no período de outubro de 2019 a março de 2020.

À Bolsa de Investigação (BI) para Estudante de Doutoramento no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, CLUL, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, financiada por fundos nacionais da FCT/MCTES através do projeto estratégico UIDP/00214/2020.

¹ As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão da CAPES.

Agradeço à Profa. Dra. Flaviane Fernandes-Svartman, por ser minha orientadora na USP desde o mestrado.

Agradeço à Profa. Dra. Sónia Frota, por ter aceitado ser minha coorientadora e por fazer parte da banca de defesa.

Agradeço à Profa. Dra. Marina Vigário e ao Prof. Dr. Alexander Cobbinah, por terem aceitado fazer parte da banca de defesa e dedicarem seu tempo para a leitura desta tese.

À Profa. Dra. Marisa Cruz, à Profa. Dra. Carolina Serra e à Profa. Dra. Marcia Santos Duarte de Oliveira, por aceitarem serem membros suplentes.

Agradeço novamente à Profa. Dra. Marisa Cruz e ao Prof. Dr. Alexander Cobbinah, pela leitura atenta do meu relatório e pelos comentários preciosos no exame de qualificação.

Agradeço imensamente à USP, e em especial à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, por me abrirem todas as portas, inclusive as do mundo, e por me possibilitarem saber grande parte do que eu sei hoje, especialmente sobre mim e sobre a vida.

Agradeço imensamente à Universidade de Lisboa, especialmente ao LabFon e ao Lisbon BabyLab, que me receberam de portas abertas e onde pude (e posso) trabalhar com pessoas extremamente generosas com seu conhecimento e seu tempo. Ali encontrei grandes amigos e inspirações de vida e carreira que levo sempre comigo.

Agradeço à Sónia, por sua acolhida desde ainda no Brasil, pela generosidade em me receber e me ensinar, e principalmente pelo “empurrão final”, quando eu já duvidava demais de mim.

Agradeço à Flaviane, por ser minha orientadora antes de ser. Por estar comigo desde 2014 e por ter me inserido na sua “família prosódica”. Obrigada pela paciência e parceria.

Agradeço ao “Grupo de Estudos em Prosódia do português e de línguas em contato” da USP, que sempre foi um espaço seguro para mostrarmos nossas pesquisas e dúvidas e onde pude construir conhecimento, repartir ideias e aprender muito com todos os membros.

Às minhas amigas já “adultas” nessa vida tão louca chamada “academia”, Ana Agostinho, Manuele Bandeira e Shirley Freitas. Vocês me inspiram e me acolhem quando eu me perco — na pesquisa e na vida. Mesmo distantes vocês estão sempre comigo! Obrigada por sempre!

Ao Vinícius, que foi meu primeiro “professor”, o meu “irmão mais velho”, por ser tão inspirador e tão generoso. Obrigada por todos esses anos de caminhada prosódica juntos, por seus comentários, sugestões e revisões sempre tão dedicadas e certeiras.

À Amanda, que me ouviu tanto durante esses anos loucos e com quem dividi dúvidas, angústias, confidências e áudios e áudios sem fim debatendo prosódia de línguas crioulas e variedades africanas de português. Obrigada, Amandinha! Você é incrível!

À Jovana, ao Ricardo e à Érika, que tornam meus dias mais alegres e me apoiam tanto. Obrigada por secarem muitas lágrimas, dividirem muitos bolos, muitos cafés e muitas risadas. Obrigada pelo apoio que somos e construímos uns para os outros.

À Marisa e à Cátia, por estarem sempre prontas a ajudar e por serem excelentes. Em especial à Cátia, que me abriu as portas de casa, quando eu já não tinha uma.

Ao Nuno: obrigada pela leitura, pelas figuras, por me trazer almoço, jantar e café (e muitas vezes o lanchinho). Pelas trocas, conversas e descobertas. Pelas risadas, de alegria e desespero. Por me fazer acreditar de novo. No meio do caos: a paz! Não morri! Pelo contrário! E por isso e tanto mais: obrigada! Muito mesmo!

À minha família, que sempre foi compreensiva, mesmo eu passando aniversários e festas importantes dividindo o tempo entre a alegria do convívio e intervalos de trabalho.

Agradeço ao Rodrigo, por ter me incentivado durante tantos anos e ter sido suporte em tantos momentos. Por ter aguentado tanta coisa comigo. Esta tese é também sua. Obrigada!

À minha mãe e ao meu pai, pelo apoio e estímulo incondicionais sempre! À minha mãe, por me ensinar a lutar por tudo o que quero e que conhecimento é algo que ninguém pode nos tirar. E ao meu pai, por sempre me dizer “você consegue”, e me ensinar que a gente anda olhando “pro chão e pra frente”.

À minha irmã, que me inspira por ser excelente em tudo o que se propõe a fazer. Meu exemplo de força de vontade e dedicação sempre com ternura.

À UNILAB dos Malês, por me receber de portas abertas e permitir que eu fizesse as recolhas ali, por um mês inteiro, dividindo o espaço das salas nos horários entre as aulas.

Aos meus informantes, que dividiram comigo seu tempo, suas experiências e suas línguas. *Ami aprende manga di kosas ku bos. Obrigadu!*

Um agradecimento especial ao João Imbatene, colega de trabalho, auxiliar linguístico, parceiro de pesquisa e amigo. Obrigada por sua generosidade em me explicar tantas coisas

sobre a Guiné-Bissau e o guineense. Esse trabalho não teria sido possível sem você e sua generosidade de me tirar tantas dúvidas sobre o crioulo e sobre o povo guineense. *Tamu djuntu!*

Ao meu filho, que aprendeu a falar “mamãe” no período de coleta de dados, que fez uma viagem internacional aos dois anos e meio, quando “mudamos” de país para meu estágio de doutorado sanduíche, que atravessa o Tejo comigo todas as manhãs para ir à escola “do trabalho da mamãe”, que me pede para gravar sua “curva” no PRAAT (e não a sua voz), e que me pediu para que eu me esforçasse e terminasse a tese antes do aniversário dele, para que pudéssemos ficar juntos.

E finalmente,

À vida, por mesmo no seu macrorritmo cheio de alternância entre altos e baixos, ter um microrritmo tão rico, com um tom H a cada dia.

“Penetra surdamente no reino das palavras

[...]

Trouxeste a chave?”

Carlos Drummond de Andrade IN: *Rosa do Povo* (1945)

**“Speak,
friend,
and enter”**

J. R. R. Tolkien IN: *The Fellowship of the Ring* (1991)

RESUMO

BRAGA, Gabriela. **A prosódia do guineense (kriol) e do português falado na Guiné-Bissau: análise de tipos frásicos**. 2023. 232 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

A Guiné-Bissau é um dos países africanos de língua oficial portuguesa. Entretanto, essa não é a língua materna e nem a segunda língua mais falada pela população. É o guineense (*kriol*) que detém o *status* de língua de identidade nacional e é falado pela maioria da população (seja como língua materna ou como uma daquelas faladas como segunda língua). Diante dessa realidade, questionamos se, do ponto de vista linguístico, podemos assumir que o português falado na Guiné-Bissau seja uma variedade (ainda que em formação) de português. Ante a essa pergunta, levantamos as seguintes hipóteses: (i) o português falado na Guiné-Bissau (doravante PGB) é uma variedade de português em formação já distinta do português europeu (adotado como a norma padrão no país), adquirida como uma segunda língua, e que apresenta traços em comum com as demais variedades ultramarinas de português, nomeadamente as variedades brasileiras e africanas; e (ii) o contato entre a língua guineense (*kriol*) e a língua portuguesa tem um papel importante na constituição das características prosódicas desse PGB. Para a realização desta pesquisa, utilizamos o aparato teórico da Fonologia Prosódica e da Fonologia Entoacional Autossegmental Métrica. A recolha e análise de dados foi semelhante à utilizada no projeto InAPoP, visando a comparação dos resultados encontrados com aqueles já descritos na literatura para outras variedades de língua portuguesa (variedades de português europeu, brasileiro, santomense, angolano e moçambicano), tendo como foco a descrição e análise das sentenças declarativas neutras, declarativas enumerativas, interrogativas totais neutras e interrogativas parciais dessas duas línguas (guineense e PGB). Para a obtenção de dados que correspondessem a esses tipos frásicos, tanto em PGB quanto em guineense, analisamos dados de fala controlada e fala semiespontânea. Nossos resultados demonstram que, quanto às sentenças declarativas neutras, o guineense e o PGB apresentam alta densidade tonal, alta distribuição de acentos tonais associados ao longo do contorno entoacional, sendo encontrado um acento tonal associado a praticamente todas as palavras prosódicas (PWs) cabeça de sintagma fonológico (PhP), além de um contorno com mudanças melódicas abruptas, especialmente pela configuração H* e !H* dos acentos tonais pré-nucleares, criando um comportamento de “degraus” no contorno entoacional. Os resultados das sentenças enumerativas corroboraram os resultados encontrados para as duas línguas quanto ao contorno nuclear dos sintagmas entoacionais (IPs) não finais de enunciado, além da pausa e do alongamento da sílaba tônica da PW cabeça de IP não final serem pistas relevantes para a marcação de sua fronteira. As sentenças interrogativas totais neutras apresentam comportamentos distintos: enquanto no PGB encontramos picos nas fronteiras esquerda e direita de IP e muitos acentos tonais !H* associados às PWs internas de IP, utilizando a estratégia de redução da declinação e da expansão de registro (comuns a muitas línguas africanas), o guineense utiliza preferencialmente uma estrutura que indique o tipo frásico através da cadeia segmental, além do contorno entoacional apresentar um pico em seu início e seguir num movimento descendente até o contorno nuclear descendente ou baixo, apresentando poucas pistas da distinção entre declarativas e interrogativas totais através do contorno entoacional. Em relação às outras variedades, as interrogativas totais do PGB se assemelham às das variedades africanas de português por PhP ser o domínio prosódico privilegiado para a distribuição de acentos tonais, mas se difere destas ao considerarmos a alternância entre tons altos e baixos,

um dos aspectos do macro-ritmo, que é muito forte nas demais variedades africanas e fraca no PGB. Também se diferencia quanto ao contorno nuclear e à densidade tonal das variedades brasileiras (especialmente do nordeste) e das variedades de português europeu, que majoritariamente apresentam o contorno nuclear ascendente, e especialmente de SEP, cujo contorno é descrito como descendente-ascendente, mas se aproxima das variedades brasileiras de português que apresentam o contorno entoacional descendente (variedades do sudeste), embora o PGB apresente, para este tipo frásico, uma densidade tonal muito mais alta do que as variedades brasileiras e um macro-ritmo com menor alternância tonal. Sendo assim, nossos resultados indicam que a prosódia do PGB é diretamente influenciada pelas características prosódicas do guineense quanto às sentenças declarativas neutras, mas que o comportamento prosódico das sentenças interrogativas totais neutras do PGB já aponta para um caminho próprio de sua gramática entoacional, ao divergir do comportamento prosódico apresentado pelas variedades de PE, e que reflete, ao menos em parte, seu multilinguismo local, ao adotar uma estratégia comum às línguas africanas para a diferenciação do comportamento entoacional de sentenças declarativas e interrogativas.

Palavras-chave: Fonologia; Prosódia; Entoação; Português falado na Guiné-Bissau; Guineense (kriol); Variedades de português

ABSTRACT

BRAGA, Gabriela. **The prosody of Guineense (Kriol) and of the Portuguese spoken in Guinea-Bissau**: analysis of sentence types. 2023. 232 f. Thesis (PhD in Linguistics) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Guinea Bissau is one of the African countries with Portuguese as an official language. Meanwhile, it is not the first language or the second most spoken language by the population. It is Guineense (Kriol) that has the status of language of national identity, and it is spoken by most of the population (as a first language or as one of those spoken as a second language). In face of this reality, we raise the question whether, from a linguistic point of view, we can assume that the Portuguese spoken in Guinea Bissau is a variety (still in formation) of Portuguese. To address this question, we raise the following hypotheses: (i) the Portuguese spoken in Guinea Bissau (henceforth PGB) is a Portuguese of variety in formation that it is already different from European Portuguese (adopted as the standard norm in the country), acquired as a second language, and that presents traces in common with the other ultramarine varieties of Portuguese, namely Brazilian and African varieties; and (ii) the contact between the Guineense language (Kriol) and the Portuguese language has an important role in the constitution of the prosodic characteristics of PGB. For this research, we follow the Prosodic Phonology and the Autosegmental Metrical Intonational Phonology framework. The data collection, and analysis methodology used is similar to the one used in the InAPoP project, as we aim to compare our results with those already described in the literature for other Portuguese varieties (varieties of European, Brazilian, Santomean, Angolan, and Mozambican Portuguese), targeting the description and analysis of neutral statements, lists, polar questions, and WH questions of the two languages (Guineense and PGB). To collect data that corresponded to these sentence types, in PGB and Guineense, we analysed controlled and semi spontaneous speech. Our results show that, regarding neutral statements, Guineense and PGB present a high tonal density, with high pitch accent distribution throughout the intonational contour, with a pitch accent associated to almost all prosodic word (PW) that are head of phonological phrase (PhP), with abrupt melodic shifts, especially because of the configuration H^* and $!H^*$ of the pre-nuclear pitch accents, creating the behaviour of “steps” in the intonational contour. The results of the lists corroborate the results found in both languages for the nuclear contour in non-final intonational phrases (IP) of a phonological utterance, besides the pause and the stressed syllable lengthening of the PW head of intonational phrases that are not at the end of utterance being relevant cues to mark this IP boundary. The polar questions present distinct behaviours: while in PGB we find peaks in the left and right boundary of IP and many high pitch accents $!H^*$ associated with the internal PWs of the IP, using the reduction of downdrift and register expansion (common strategies in many African languages), Guineense preferentially uses a structure that presents the sentence type through the segmental chain, besides the intonational contour presenting a peak in its’ beginning and a falling movement throughout the contour until the falling or low nuclear contour, showing few cues of the distinction between neutral statements and polar questions through the intonational contour. Regarding the other varieties, the PGB polar questions resemble the ones from African varieties of Portuguese as PhP is the relevant prosodic domain for pitch accents distribution, but it differs from these varieties for the peaks (H) and valleys (L) alternation, one of the aspects of macro-rhythm, that is stronger in the African varieties and weaker in PGB. It also differs regarding the nuclear contour and the tonal

density of the Brazilian varieties (specially the one from Northeast) and the European Portuguese varieties, that majorly present a rising nuclear contour, and specially from SEP, whose nuclear contour is described as a falling-rising contour. On the other hand, these PGB sentences seem closer to the Brazilian varieties of Portuguese that present the falling nuclear contour (Southeast varieties), although PGB presents, for this sentence type, a tonal density far higher than the Brazilian varieties, and a macro-rhythm with lack of tonal alternation. Therefore, our results indicate that PGB prosody is directly influenced by the prosodic characteristics of the Guineense regarding the neutral statements, but the prosodic behaviour of the PGB polar questions already seems to point towards an intonational grammar of its own, by diverging the prosodic behaviour present in PE varieties, and that reflects, at least partially, the local multilingualism of Guinea Bissau, by adopting common strategies in African languages to distinguish the different intonational behaviour of statements and questions.

Keywords: Phonology; Prosody; Intonation; Portuguese spoken in Guinea Bissau; Guineense (Kriol); Portuguese varieties

LISTA DE FIGURAS

Figura 2.1: Mapa das línguas do grupo Atlântico faladas no território que hoje compreende Senegal, Gambia, Guiné-Bissau e o norte da Guiné, com destaque para Guiné-Bissau.	12
Figura 3.1: Sentença “ <i>Os rapazes compraram lâminas?</i> ”, realizada em PGB, por RAS, na tarefa de leitura.	53
Figura 4.1: Representação arbórea da hierarquia prosódica proposta por Nespor e Vogel (1986; 2007).	61
Figura 4.2: Contorno entoacional do enunciado “ <i>O poeta cantou uma manhã angelical</i> ”, produzida como uma sentença declarativa neutra da variedade SEP.	71
Figura 4.3: Contorno entoacional do enunciado “ <i>O namorado manuseava o livro vermelho da loja</i> ”, produzida como uma sentença declarativa neutra da variedade PGB.	76
Figura 5.1: Sentença interrogativa total neutra “ <i>As angolanas ofereceram especiarias aos jornalistas?</i> ”, realizada por RAS na tarefa de leitura.	88
Figura 5.2: Primeiro IP da sentença declarativa neutra do guineense “ <i>I txomal mas pa mandal, Sara toma dinheru ku karta ku si mame skrivi-ba pa bai pa fera</i> ”, realizada por JAM durante a tarefa <i>Story Telling</i>	98
Figura 5.3: Segundo IP da sentença declarativa neutra do guineense “ <i>I txomal mas pa mandal, Sara toma dinheru ku karta ku si mame skrivi-ba pa bai pa fera</i> ”, realizada por JAM durante a tarefa <i>Story Telling</i>	99
Figura 5.4: Terceiro e último IP da sentença declarativa neutra do guineense “ <i>I txomal mas pa mandal, Sara toma dinheru ku karta ku si mame skrivi-ba pa bai pa fera</i> ”, realizada por JAM durante a tarefa <i>Story Telling</i>	100
Figura 5.5: “ <i>Enton Sara sai na kaminhu pa bai</i> ”, produzida por LAC na tarefa <i>Story Telling</i>	105
Figura 5.6: “ <i>Es i mame di Sara ku Sara</i> ”, produzida por HGS na tarefa <i>Story Telling</i>	109
Figura 5.7: Destaque da vogal [i] na posição de núcleo da sílaba proeminente da PW [PiNha] _{PW} , cuja fronteira do domínio prosódico mais alto é a fronteira de IP, numa sentença produzida por HGS na tarefa DCT.	111
Figura 5.8: Destaque da vogal [i] na posição de núcleo da sílaba proeminente da PW [aMI] _{PW} , cuja fronteira do domínio prosódico mais alto é a fronteira de PhP, numa sentença produzida por HGS na tarefa DCT.	112
Figura 5.9: “ <i>Ami N’ gosta di pinha, jaka...</i> ”, produzida por HGS na tarefa DCT.	113
Figura 5.10: “ <i>(...) goyaba ku marakuja</i> ”, produzida por HGS na tarefa DCT.	114
Figura 5.11: “ <i>I kumpra luvas...</i> ”, produzida por JAM na tarefa <i>Story Telling</i>	117
Figura 5.12: “ <i>(...) sapatu ku kalsa ku chepeu</i> ”, produzida por JAM na tarefa <i>Story Telling</i> . .	118
Figura 5.13: “ <i>janeru, fevereru, marsu, (...)</i> ”, produzida por HGS na tarefa DCT.	123
Figura 5.14: “ <i>(...) abril, mayu, junhu, julhu, (...)</i> ”, produzida por HGS na tarefa DCT.	124
Figura 5.15: “ <i>(...) agostu, setembru, otubru, novembro, dezembru</i> ”, produzida por HGS na tarefa DCT.	125

Figura 5.16: “ <i>Ke txuba txubi?</i> ”, produzida por LAC na tarefa DCT.....	126
Figura 5.17: “ <i>Manel, bu tene farinha di bindi?</i> ”, produzida por RAS na tarefa DCT.	127
Figura 5.18: “ <i>Ke u tene farinha di bindi?</i> ”, produzida por JAM na tarefa DCT.....	128
Figura 5.19: “ <i>Sapu, nunde nha mame?</i> ”, produzida por LAC na tarefa <i>Story Telling</i>	129
Figura 5.20: “ <i>Ke ku bo na papia bai?</i> ”, produzida por RAS na tarefa DCT.....	131
Figura 5.21: Sentença declarativa neutra “ <i>A menina está a beber água</i> ”, realizada por HGS na tarefa DCT.....	135
Figura 5.22: Sentença declarativa neutra “ <i>Depois chegar loja fazer+ a compra... Sara voltou para casa</i> ”, realizada por LAC no experimento <i>Story Telling</i>	138
Figura 5.23: Sentença declarativa neutra “ <i>O ratinho tinha perdido... com+ a sua mãe</i> ”, realizada por JAM no experimento <i>Story Telling</i>	139
Figura 5.24: Sentença declarativa neutra “ <i>E o Sara pego(u) a lista... e saiu de casa+ a caminhar... p(a)ra o mercad(o)</i> ”, realizada por HGS no experimento <i>Story Telling</i>	143
Figura 5.25: Sentença de enumeração curta e listagem aberta “ <i>Laranja... jaca... mandioca</i> ”, realizada por HGS na tarefa DCT.....	147
Figura 5.26: Sentença de enumeração curta e listagem aberta “ <i>Laranja... jaca... mandioca</i> ”, realizada por LAC na tarefa DCT.	149
Figura 5.27: Duração e formantes da vogal [a] que ocupa a posição de núcleo da sílaba tônica da palavra prosódica [SAr] _{PW} , cuja fronteira do domínio prosódico mais alto é a fronteira de PhP.....	151
Figura 5.28: Duração e formantes da vogal [a] que ocupa a posição de núcleo da sílaba tônica da palavra prosódica [saPAto] _{PW} , cuja fronteira do domínio prosódico mais alto é IP.	151
Figura 5.29: Sentença de enumeração longa e listagem fechada “ <i>jane(i)ro, fev(e)reiro, març(o), abril...</i> ” produzida por HGS na tarefa DCT.....	155
Figura 5.30: Sentença de enumeração longa e listagem fechada “ <i>mai(o)... junho, julho ...</i> ” produzida por HGS na tarefa DCT.	155
Figura 5.31: Sentença de enumeração longa e listagem fechada “ <i>agosto, setembro, outubro, novembro... dezembro</i> ” produzida por HGS na tarefa DCT.	156
Figura 5.32: Sentença interrogativa total neutra de PGB “ <i>Será que choveu?</i> ”, produzidas por LAC na tarefa DCT.	160
Figura 5.33: Sentença interrogativa total neutra de PGB “ <i>Os rapazes compraram lâminas?</i> ”, produzidas por HGS em tarefa de leitura.....	162
Figura 5.34: Sentença interrogativa total neutra de PGB “ <i>O galã anda de carro?</i> ”, produzidas por HGS em tarefa de leitura.	163
Figura 5.35: Sentença interrogativa total neutra de PGB “ <i>Não viste a minha mãe?</i> ”, produzida por JSJ na tarefa <i>Story Telling</i>	167
Figura 5.36: Sentença interrogativa total neutra de PGB “ <i>Não viste a minha mãe?</i> ”, produzida por LAC na tarefa <i>Story Telling</i>	169

Figura 5.37: Sentença interrogativa parcial “ <i>O que a Maria te contou?</i> ”, produzida por JSJ na tarefa DCT.....	172
Figura 5.38: Sentença interrogativa parcial “ <i>Cadê o dinheiro que+ eu te dei?</i> ”, produzida por RAS na tarefa <i>Story Telling</i>	173

LISTA DE TABELAS

Tabela 5.1: Distribuição de sentenças declarativas neutras do guineense por tarefa e por informante.....	95
Tabela 5.2: Distribuição de PWs e IPs dentro de Us das declarativas neutras do guineense por tarefa e por informante.....	96
Tabela 5.3: Densidade tonal das sentenças declarativas neutras do guineense dos dados da DCT.....	102
Tabela 5.4: Densidade tonal das sentenças declarativas neutras do guineense dos dados do <i>Story Telling</i>	102
Tabela 5.5: Distribuição de PWs e de acentos tonais associados de acordo com a fronteira do domínio prosódico mais alto nas sentenças declarativas neutras do guineense dados da DCT.....	103
Tabela 5.6: Distribuição de PWs e de acentos tonais associados de acordo com a fronteira do domínio prosódico mais alto nas sentenças declarativas neutras do guineense dados do <i>Story Telling</i>	103
Tabela 5.7: Acentos tonais pré-nucleares das sentenças declarativas neutras do guineense coletadas através da DCT.....	104
Tabela 5.8: Acentos tonais pré-nucleares das sentenças declarativas neutras do guineense coletadas através do <i>Story Telling</i>	104
Tabela 5.9: Contornos nucleares de IPs não finais de U das sentenças declarativas neutras do guineense encontradas no <i>Story Telling</i>	106
Tabela 5.10: Agrupamento dos contornos nucleares de IPs não finais de U das sentenças declarativas neutras do guineense encontradas no <i>Story Telling</i> de acordo com o movimento melódico.....	107
Tabela 5.11: Distribuição dos contornos nucleares de IPs finais de U das sentenças declarativas neutras do guineense coletadas através da DCT.....	108
Tabela 5.12: Distribuição dos contornos nucleares de IPs finais de U das sentenças declarativas neutras do guineense coletadas através do <i>Story Telling</i>	108
Tabela 5.13: Pistas de fronteira de IPs não finais de U das sentenças enumerativas de lista aberta do guineense obtidas através da tarefa DCT.....	110
Tabela 5.14: Configuração dos contornos nucleares de IPs não finais das sentenças enumerativas de listagem aberta do guineense.....	115
Tabela 5.15: Configuração dos contornos nucleares de IPs finais das sentenças enumerativas de listagem aberta do guineense.....	116
Tabela 5.16: Pistas de fronteira de IPs não finais de U das sentenças enumerativas de lista fechada do guineense obtidas através da tarefa <i>Story Telling</i>	116
Tabela 5.17: Configuração dos contornos nucleares de IPs não finais de U das sentenças enumerativas de lista fechada do guineense obtidas através da tarefa <i>Story Telling</i>	119

Tabela 5.18: Configuração dos contornos nucleares de IPs finais das sentenças enumerativas de listagem fechada do guineense obtidas através da tarefa <i>Story Telling</i>	119
Tabela 5.19: Pistas de fronteira de IPs não finais de U das sentenças enumerativas longas de lista fechada do guineense obtidas através da tarefa DCT.....	120
Tabela 5.20: Configuração dos contornos nucleares de IPs não finais das sentenças enumerativas longas e de lista fechada do guineense.....	120
Tabela 5.21: Agrupamento dos contornos nucleares de IPs não finais de U das sentenças enumerativas longas e de lista fechada do guineense em relação à presença de pausa na fronteira.....	121
Tabela 5.22: Configurações dos contornos nucleares ascendentes dos IPs não finais de U das sentenças enumerativas de lista fechada do guineense em relação à presença de pausa na fronteira.....	122
Tabela 5.23: Configuração dos contornos nucleares de IPs finais de U das sentenças enumerativas longas de lista fechada do guineense.....	123
Tabela 5.24: Distribuição de sentenças declarativas neutras do PGB por tarefa e por informante.....	133
Tabela 5.25: Densidade tonal das sentenças declarativas neutras do PGB dos dados da DCT.	134
Tabela 5.26: Densidade tonal das sentenças declarativas neutras do PGB dos dados do <i>Story Telling</i>	134
Tabela 5.27: Distribuição de PWs e de acentos tonais associados de acordo com a fronteira do domínio prosódico mais alto nas sentenças declarativas neutras de PGB dos dados da DCT	136
Tabela 5.28: Distribuição de PWs e de acentos tonais associados de acordo com a fronteira do domínio prosódico mais alto nas sentenças declarativas neutras de PGB dos dados do <i>Story Telling</i>	136
Tabela 5.29: Taxa de associação de acentos frasais às fronteiras de PhP não finais de U encontrados nas sentenças declarativas neutras do PGB dos dados do <i>Story Telling</i>	137
Tabela 5.30: Acentos tonais pré-nucleares das sentenças declarativas neutras do PGB encontradas na DCT.....	140
Tabela 5.31: Acentos tonais pré-nucleares das sentenças declarativas neutras do PGB encontradas no <i>Story Telling</i>	140
Tabela 5.32: Contorno nuclear de sintagma entoacional não final de U nos dados de sentenças declarativas neutras do PGB coletadas via DCT.	141
Tabela 5.33: Contorno nuclear de sintagma entoacional não final de U nos dados de sentenças declarativas neutras do PGB coletadas via <i>Story Telling</i>	142
Tabela 5.34: Contorno nuclear de IP final de U das sentenças declarativas neutras de PGB dos dados da DCT.....	144
Tabela 5.35: Contorno nuclear final de U das sentenças declarativas neutras de PGB dos dados do <i>Story Telling</i>	144

Tabela 5.36: Pistas de fronteira de IP não final de U das sentenças enumerativas curtas e de lista aberta do PGB.	145
Tabela 5.37: Configurações do contorno nuclear de IP não final de U das sentenças enumerativas curtas e de lista aberta do PGB.	146
Tabela 5.38: Configurações do contorno nuclear de IP final de U das sentenças enumerativas curtas e de lista aberta do PGB.	146
Tabela 5.39: Configurações de contorno nuclear de IP não final de U das sentenças enumerativas curtas e de lista fechada do PGB (<i>Story Telling</i>).	148
Tabela 5.40: Pistas de fronteira de IP não final de U das sentenças enumerativas curtas e de lista fechada do PGB (<i>Story Telling</i>).	149
Tabela 5.41: Configurações do contorno nuclear de IP final das sentenças declarativas enumerativas curtas e de lista fechada do PGB (<i>Story Telling</i>).	152
Tabela 5.42: Pistas de fronteira de IP não final de U das sentenças enumerativas longas e de lista fechada do PGB.	153
Tabela 5.43: Configurações do contorno nuclear de IP não final de U das sentenças enumerativas longas e de lista fechada do PGB.	153
Tabela 5.44: Agrupamento dos contornos nucleares de IPs não finais de U das sentenças enumerativas longas e de lista fechada do PGB em relação à presença de pausa na fronteira.	154
Tabela 5.45: Configurações do contorno nuclear de IP final de U das sentenças enumerativas longas e de lista fechada do PGB.	157
Tabela 5.46: Configurações de contorno nuclear das sentenças interrogativas totais neutras do PGB nos dados da tarefa de leitura por informante.	160
Tabela 5.47: Configurações de contorno nuclear das sentenças interrogativas totais neutras do PGB elicitadas através da DCT por informante.	161
Tabela 5.48: Configurações de contorno nuclear das sentenças interrogativas totais neutras do PGB elicitadas através do <i>Story Telling</i> por informante.	161
Tabela 5.49: Configurações dos acentos tonais (T*) pré-nucleares das sentenças interrogativas totais neutras do PGB nos dados da tarefa de leitura por informante.	162
Tabela 5.50: Configurações dos acentos tonais (T*) pré-nucleares associados à primeira PW de U das sentenças interrogativas totais neutras do PGB nos dados da tarefa de leitura por informante.	163
Tabela 5.51: Configurações dos acentos tonais (T*) pré-nucleares das sentenças interrogativas totais neutras do PGB nos dados da DCT por informante.	164
Tabela 5.52: Configurações dos acentos tonais (T*) pré-nucleares associados à primeira PW de U das sentenças interrogativas totais neutras do PGB nos dados da DCT por informante.	164
Tabela 5.53: Configurações dos acentos tonais (T*) pré-nucleares das sentenças interrogativas totais neutras do PGB nos dados do <i>Story Telling</i> por informante.	166

Tabela 5.54: Configurações dos acentos tonais (T*) pré-nucleares associados à primeira PW de U das sentenças interrogativas totais neutras do PGB nos dados do <i>Story Telling</i> por informante.....	166
Tabela 5.55: Densidade tonal encontrada para as sentenças interrogativas totais neutras do PGB na tarefa de leitura por informante.	168
Tabela 5.56: Densidade tonal encontrada para as sentenças interrogativas totais neutras do PGB na tarefa DCT por informante.	168
Tabela 5.57: Densidade tonal encontrada para as sentenças interrogativas totais neutras do PGB na tarefa <i>Story Telling</i> por informante.	168
Tabela 5.58: Configuração dos acentos tonais associados ao elemento QU- das sentenças interrogativas parciais do PGB por tarefa de elicitación	171
Tabela 5.59: Densidade tonal das sentenças interrogativas parciais do PGB por tarefa de elicitación.....	171
Tabela 5.60: Presença de acento frasal na fronteira de PhP formado pelo elemento QU- das sentenças interrogativas parciais do PGB por tarefa de elicitación.	171
Tabela 5.61: Contorno nuclear das sentenças interrogativas parciais do PGB por tarefa de elicitación.....	173

LISTA DE QUADROS

Quadro 2.1: Fonemas consonantais do guineense, segundo trabalhos prévios (WILSON, 1962; MBODJ, 1979; SCANTAMBURLO, 1981; 1999; ROUGÉ, 1988; KIHM, 1994; COUTO, 1994; COSTA, 2014; CHAPOUTO, 2014).....	27
Quadro 2.2: Fonemas vocálicos assumidos para o guineense, segundo trabalhos prévios (WILSON, 1962; SCANTAMBURLO, 1981; 1999; COSTA, 2014).	30
Quadro 2.3: Itens lexicais do português guineense.	35
Quadro 3.1: Correspondência entre fonemas e grafemas utilizados na anotação ortográfica do guineense, baseada em Scantamburlo (1999).	52
Quadro 3.2: Informações iniciais sobre participantes selecionados e tarefas realizadas.....	54
Quadro 3.3: Informações sociolinguísticas dos participantes.	57
Quadro 4.1: Representação tonal esquemática do modelo P-ToBI.	68
Quadro 4.2: Configuração dos contornos nucleares encontrados para as interrogativas globais neutras em variedades de PE.....	80
Quadro 4.3: Configuração dos contornos nucleares encontrados para as interrogativas globais neutras em variedades de PB.	82
Quadro 4.4: Configuração dos contornos nucleares encontrados para interrogativas globais neutras em variedades africanas de português.	83
Quadro 7.1: Densidade tonal e configuração do contorno nuclear de IP final de Enunciado fonológico (U) das sentenças declarativas neutras do guineense, do PGB e das demais variedades de português (africanas, brasileiras e europeias).	197
Quadro 7.2: Configuração do contorno nuclear das sentenças interrogativas totais neutras do guineense, do PGB e das demais variedades de português (africanas, brasileiras e europeias).	198

SÍMBOLOS, ABREVIACIONES E CONVENÇÕES UTILIZADAS

U	Enunciado fonológico
IP	Sintagma entoacional
I	Sintagma entoacional
PhP	Sintagma fonológico
ϕ	Sintagma fonológico
CG	Grupo clítico
PW	Palavra prosódica
ω	Palavra prosódica
Ft	Pé métrico
Syl	Sílaba
$]_{PW}$	Fronteira direita de palavra prosódica
$]_{\omega}$	Fronteira direita de palavra prosódica
$]_{PhP}$	Fronteira direita de sintagma fonológico
$]_{\phi}$	Fronteira direita de sintagma fonológico
$]_{IP}$	Fronteira direita de sintagma entoacional
$]_I$	Fronteira direita de sintagma entoacional
$PW]_{PhP}$	Palavra prosódica cabeça de sintagma fonológico
$\omega]_{\phi}$	Palavra prosódica cabeça de sintagma fonológico
$PW]_{PhP}]_{IP}$	Palavra prosódica cabeça do último sintagma fonológico de sintagma entoacional não final de enunciado fonológico
$\omega]_{\phi}]_I$	Palavra prosódica cabeça do último sintagma fonológico de sintagma entoacional não final de enunciado fonológico

$P_W]_{PH_P}]_{IP}]_U$	Palavra prosódica cabeça do último sintagma fonológico de sintagma entoacional final de enunciado fonológico
$\omega]_{\phi}]_U$	Palavra prosódica cabeça do último sintagma fonológico de sintagma entoacional final de enunciado fonológico
T*	Acento tonal
T ⁻	Acento frasal
T%	Tom de fronteira
H	Tom alto
L	Tom baixo
L1	Primeira língua
L2	Segunda língua
JSJ	Informante
LAC	Informante
HGS	Informante
RAS	Informante
JAM	Informante
PE	Português europeu
SEP	variedade de PE considerada padrão, falada na cidade de Lisboa (<i>Standard European Portuguese</i>)
NEP	variedade de PE falado na cidade de Braga, norte de Portugal (<i>Northern European Portuguese</i>)

POR	variedade de PE falado na cidade de Porto, norte de Portugal
ALE	variedade de PE falada em Castro Verde, na região do Alentejo (interior de Portugal)
ALG	variedade de PE falada em Albufeira, na região do Algarve (sul de Portugal)
PB	Português brasileiro
SP	variedade de PB falada em São Paulo
RJ	variedade de PB falada no Rio de Janeiro
MG	variedade de PB falada em Minas Gerais
BA	variedade de PB falada na Bahia
RS	variedade de PB falada no Rio Grande do Sul
SC	variedade de PB falada em Santa Catarina
PR	variedade de PB falada no Paraná
ES	variedade de PB falada no Espírito Santo
MT	variedade de PB falada no Mato Grosso
MS	variedade de PB falada no Mato Grosso do Sul
GO	variedade de PB falada em Goiás
SE	variedade de PB falada em Sergipe
AL	variedade de PB falada em Alagoas
PE	variedade de PB falada em Pernambuco
PBa	variedade de PB falada na Paraíba
RN	variedade de PB falada no Rio Grande do Norte
CE	variedade de PB falada no Ceará
PI	variedade de PB falada no Piauí

MA	variedade de PB falada no Maranhão
AM	variedade de PB falada no Amazonas
AC	variedade de PB falada no Acre
RO	variedade de PB falada em Rondônia
RR	variedade de PB falada em Roraima
AP	variedade de PB falada no Amapá
PA	variedade de PB falada no Pará
PST	Português santomense
PGB	Português falado na Guiné-Bissau
PLB	Português do Libolo (Angola)
PM	Português moçambicano
InAPoP	Atlas Interativo da Prosódia do Português (<i>Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese</i>)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. GUINÉ-BISSAU: HISTÓRIA, CONTEXTO SOCIOCULTURAL, A LÍNGUA PORTUGUESA E A LÍNGUA GUINEENSE	10
2.1 História e contexto sociocultural da Guiné-Bissau	10
2.2 O guineense e o português falado na Guiné-Bissau.....	21
2.2.1 A língua guineense	27
2.2.2 O português da Guiné-Bissau.....	34
2.3 Síntese do capítulo	37
3. METODOLOGIA	39
3.1 Materiais	39
3.1.1 Reading Task	44
3.1.2 Discourse Completion Task – DCT	44
3.1.3 Story Telling	46
3.2 Procedimentos de recolha e tratamento de dados	47
3.3 Participantes	53
4. APARATO TEÓRICO	58
4.1 Fonologia Prosódica.....	58
4.2 Fonologia Entoacional Autossegmental Métrica	64
4.3 Estado da arte	69
4.3.1 Declarativas neutras	69
4.3.2 Declarativas enumerativas.....	77
4.3.3 Interrogativas totais neutras.....	78
4.3.4 Interrogativas parciais neutras.....	84
5. ANÁLISE DE DADOS	87
5.1 Guineense	94
5.1.1 Sentenças declarativas neutras do guineense.....	95
5.1.2 Sentenças declarativas enumerativas do guineense.....	109
5.1.3 Sentenças interrogativas totais do guineense.....	125
5.1.4 Sentenças interrogativas parciais do guineense	128

5.2 PGB.....	132
5.2.1 Sentenças declarativas neutras do PGB	132
5.2.2 Sentenças declarativas enumerativas do PGB.....	144
5.2.3 Sentenças interrogativas totais neutras do PGB	157
5.2.4 Sentenças interrogativas parciais do PGB	170
5.3 Síntese do Capítulo	174
6. O PORTUGUÊS FALADO NA GUINÉ-BISSAU: ENTRE O GUINEENSE E AS VARIEDADES DE PORTUGUÊS	178
6.1 O PGB e o guineense: semelhanças e diferenças.....	178
6.2 O PGB e as outras variedades de português: semelhanças e diferenças.....	185
7. CONCLUSÕES	196
REFERÊNCIAS	201
ANEXOS.....	216
A. Interrogativas totais neutras	216
B. Discourse Completion Test (DCT).....	217
C. <i>Story Telling</i>	223
C. 1. Mouse Story.....	223
C. 2. Shopping List 3	225
D. Formulário Perfil do Informante.....	230
E. Formulário Termo de Consentimento	231

1. INTRODUÇÃO

A Guiné-Bissau é um dos países africanos que possui a língua portuguesa como língua oficial (por motivos históricos e políticos), sendo esta utilizada no sistema escolar, político e midiático. Entretanto, essa não é a língua materna e nem a segunda língua mais falada pela população. A Guiné-Bissau é um país plurilíngue e multiétnico, com cerca de 23 línguas autóctones compondo seu mosaico linguístico e cultural, ao qual se soma, além do português, o guineense (também nomeado como *kriol*), que tem o *status* de língua de identidade nacional e é falado pela maioria da população (seja como língua materna ou como uma das que são faladas como segunda língua).

Diante dessa realidade, questionamos se, do ponto de vista linguístico, poderíamos assumir que o português falado na Guiné-Bissau é uma variedade (ainda que em formação) de português. Tendo em mente essa pergunta, levantamos as seguintes hipóteses: (i) o português falado na Guiné-Bissau (doravante PGB) é uma variedade de português em formação já distinta do português europeu (que foi adotado como a norma padrão no país), que é adquirida como uma segunda língua, e que apresenta traços em comum com as demais variedades ultramarinas de português, nomeadamente as variedades brasileiras e africanas (PETTER, 2008; SANTOS; BRAGA, 2017); e (ii) o contato entre a língua guineense (*kriol*) e a língua portuguesa tem um papel importante na constituição das características prosódicas do PGB.

Dessa forma, o objetivo geral desta tese é estudar prosodicamente o guineense e o português falado na Guiné-Bissau, verificando se existem características do guineense nessa variedade de português que possam ser decorrentes do contato. Para isso, analisaremos as características entoacionais das sentenças declarativas neutras, declarativas de enumeração, interrogativas totais e interrogativas parciais do guineense e do PGB, comparando os resultados do PGB com aqueles encontrados para o guineense e com os já descritos na literatura para outras variedades de português (europeias, brasileiras e africanas), a fim de discutirmos se nossas hipóteses se confirmam ou não.

Como ponto de partida desse debate, faz-se necessário a discussão sobre o que caracterizaria a variedade de uma língua. O Dicionário Houaiss *online* define ‘variedade’ [linguística] como “cada uma das modalidades em que a língua se diversifica, em virtude das possibilidades de variação dos elementos do seu sistema (vocabulário, pronúncia, sintaxe)

ligadas a fatores sociais e/ou culturais (escolaridade, profissão, sexo, idade, etc.) e geográficos” (HOUISS; VILLAR, 2009).

No que diz respeito a variedades distintas de uma língua (no caso do escopo deste trabalho, de uma variedade de português), podemos assumir estarmos diante de variedades distintas quando estas tornam-se padrões reconhecidos. Desse modo, definir-se como “variedade própria” de um grupo ou local parece ir além do âmbito linguístico e estar muito permeado por questões políticas.

Atendo-nos à perspectiva linguística, para compreendermos uma variedade como tal, interessa-nos identificar e analisar uma ‘comunidade de fala’, formada por falantes que apresentem características linguísticas comuns. Segundo Guy (2001), o compartilhamento de traços linguísticos de um grupo é uma das práticas que o criam e o definem, que acabam por mostrar quem pertence ou não a ele. O autor afirma que ser membro de um grupo é, ao mesmo tempo, acidental e intencional: “determinado por circunstâncias do nascimento e residência e pelo acesso comunicativo a outros”, mas também “determinado pelas atitudes sociais e linguísticas”, pelas decisões sobre com quem se quer associar e emular, pois “adotar a gramática da comunidade é, em parte, um ato de identidade” (GUY, 2001, p. 37).

Seguindo a proposta de Guy (2001, p. 33), a ‘comunidade de fala’ é formada por um agrupamento de falantes que:

1. “compartilham traços linguísticos que distinguem este grupo de outros”: para além do fato da existência de uma língua em comum utilizada pela comunidade, a variedade nela utilizada distingue-se de variedades faladas em outras comunidades (ao menos) em alguns traços linguísticos;

2. “se comunicam relativamente mais entre eles do que com outros”: a intensidade de comunicação com pessoas próximas é o que torna possível a coerência linguística da comunidade ao mesmo tempo em que permite a especiação da variedade;

3. “compartilham normas e atitudes frente o uso da linguagem”: a identidade é afirmada (ou negada) através da manifestação linguística da comunidade, no sentido de afastar-se de características linguísticas indesejadas pela comunidade e aproximar-se daquelas associadas a prestígio social por este grupo.

Nesse sentido, comunidades de fala podem ser diferenciadas linguisticamente quando há diferenças de natureza categórica nas normas utilizadas por seus falantes.

Tendo em vista tais definições, fica claro, ao menos do ponto de vista linguístico, que possuir o status de 'língua oficial' de um país não a torna automaticamente a língua ou variedade utilizada pela comunidade de fala do território, o que pode gerar um descompasso entre a população e a esfera governamental e política do país.

Monteagudo (2012) fala da invenção de monolinguismo e do conceito de língua nacional que surgiram com a criação dos estados modernos europeus a partir do fim do século XVIII. Em seu trabalho, o autor expõe a perspectiva da corrente construtivista das ciências sociais, em que tanto as nações quanto as identidades nacionais são resultados da construção dos estados-nacionais modernos, que acabaram por gerar processos de unificação de mercados e culturas. Estes, por sua vez, são resultados da elaboração de tradições culturais, linguísticas e literárias específicas, frutos de tecnologias e meios de comunicação recentes, que puderam se erguer apoiados em aparelhos educativos criados e impostos pelos Estados-nação, difundindo através da imprensa e destes instrumentos a variedade padrão através da mídia escrita.

Em outras palavras, Monteagudo (2012) explica que cada Estado-nação elegeu uma norma (na maioria das vezes a da classe dominante) como sendo a norma padrão e a disseminou como sendo a utilizada em todas as esferas da sociedade, mesmo que esta não refletisse a variedade (ou mesmo a língua) falada por toda a população sob o domínio do Estado-nação. Pode-se entender esse processo como uma política de criação de uma identidade nacional, visto que permeia todas as esferas da vida comum (Educação, Artes, lazer, meios de comunicação, legislação, etc.).

Entretanto, muitas vezes tal política "esmagadora" de diversidades falha, por ignorar a existência de um possível bilinguismo ou multilinguismo, ou mesmo pela resistência de comunidades sob jugo desse Estado-nação. A imposição de uma norma pode justamente unir e reforçar a norma dos marginalizados. Até este ponto, o debate acima reflete parte da história da língua portuguesa na Guiné-Bissau, da qual trataremos nesta tese.

Outro ponto importante para o debate estabelecido nesta tese diz respeito ao contato linguístico e de como ele será compreendido dentro do contexto da Guiné-Bissau. Embora exista literatura sobre o assunto, a grande parte dos trabalhos que versam sobre contato e

mudança linguísticas tratam de situações de bilinguismo, a começar por trabalhos como Thomason e Kaufman (1988).

Thomason e Kaufman (1988) realizaram um dos principais estudos teóricos sobre contato de línguas e mudança linguística. De maneira geral, os autores propõem que, ao entendermos as circunstâncias sociais que envolvem situações de contato, podemos entender também a natureza do contato e o caminho seguido pela mudança linguística, visto que a história sociolinguística dos falantes, e não a estrutura de suas línguas, é o principal determinante do resultado linguístico do contato de línguas (THOMASON; KAUFMAN, 1988, p. 35). Os autores apresentam uma abordagem que poderia ser aplicada tanto à direção quanto à extensão da influência do contato, assim como aos tipos de características linguísticas que podem ser afetadas.

De acordo com a proposta dos autores, há dois mecanismos de mudança linguística por interferência: empréstimo (*borrowing*) e interferência através da mudança (*interference through shift*). O empréstimo seria a incorporação de traços de uma língua estrangeira na língua dominante de um grupo de falantes. A língua dominante seria mantida, mas a adição dos dados incorporados a transformaria. Segundo os autores, o primeiro elemento a entrar por empréstimo seria o léxico. Caso o contato fosse intenso, poderia ocorrer também empréstimo fonético, fonológico, sintático e até mesmo morfológico (THOMASON; KAUFMAN, 1988, p. 37). Mas os fatos não ocorreriam obrigatoriamente separados, de modo que seria possível a interferência sintática ocorrendo ao mesmo tempo em que haveria uma interferência fonológica.

Já a interferência através da mudança seria o resultado do aprendizado não regular durante um processo de mudança linguística, em que os falantes não aprenderiam plenamente a língua-alvo devido à falta de disponibilidade desta. Tal interferência teria início na fonética e na sintaxe, podendo incluir a morfologia. Segundo os autores, os processos de mudança linguística poderiam ser tão curtos quanto o tempo de uma geração. Desse modo, os autores assumem que pidgins e crioulos caracterizariam a mudança de língua (THOMASON; KAUFMAN, 1988, p. 48-49) e não o corrompimento de uma das línguas que participaram de sua formação. No que tange ao nosso objeto de estudo, isso nos permitiria assumir que o crioulo guineense é uma outra língua e não continuação do português, de modo que poderíamos encontrar, no guineense, características muito distintas entre as duas línguas.

Ainda segundo Thomason e Kaufman (1988), no que tange ao empréstimo de características fonológicas, o empréstimo seria um processo diferente dos supracitados, relacionado a fatores sociais distintos, que estariam frequentemente ligados à morte ou total abandono da língua ancestral. Os falantes que estivessem passando pelo processo de *'shifting'* linguístico (como no caso de imigrantes aprendendo a língua do novo país) manteriam os padrões prosódicos de sua língua ancestral, caso não aprendessem aqueles da língua-alvo. Mas, se esses falantes fossem bem-sucedidos no aprendizado dos padrões prosódicos da língua-alvo e passassem a utilizá-la muito mais do que sua língua ancestral (tendo em mente o caso de imigrantes em um novo país), seria possível que os padrões melódicos da língua ancestral fossem substituídos pelos que tenham sido emprestados da língua-alvo. Nesse sentido, para Thomason e Kaufman (1988, p. 42), a transferência das características prosódicas de uma L2 para L1 ocorreria apenas quando os falantes não mais dominassem sua L1.

Winford (2005) assume que, em situações de contato linguístico, as inovações podem ser inseridas por falantes dominantes ou não dominantes, sejam estes da língua ancestral ou da língua-alvo. Segundo o autor, cada tipo de influência entre as línguas estaria associado a processos psicolinguísticos específicos pelos quais os elementos seriam transferidos de uma língua para outra.

Nesse viés, Colantoni e Gurlekian (2004) advogam que as características entoacionais do espanhol falado em Buenos Aires foram introduzidas por imigrantes italianos (aprendizes de espanhol como L2) no início do século XX, transformando entoacionalmente essa variedade de espanhol. Segundo os autores, houve uma combinação de transferência direta e indireta do italiano devido à grande comunidade bilíngue, à exposição ao italiano e à provável imitação da prosódia dos imigrantes italianos por parte dos falantes de espanhol por conta do prestígio social do *'lunfardo'* (jargão que representa um estilo de vida "boêmio" trazido pelos imigrantes italianos, muito exaltado nas canções de tango) entre os homens jovens, corroborando para a mudança do padrão melódico do espanhol falado em Buenos Aires, até então similar ao encontrado em outras variedades de espanhol.

Simonet (2011), por sua vez, investigou o contorno entoacional de sentenças declarativas neutras produzidas por um grupo de falantes bilíngues em espanhol e catalão que viviam em Mallorca (Espanha), onde ambas as línguas são oficiais e usadas em todas as esferas de comunicação. Em sua pesquisa, os falantes foram divididos em dois grupos: bilíngues que

tinham o espanhol como língua dominante e bilíngues cujo catalão era a língua dominante. Em seus resultados, Simonet (2011) verificou que falantes bilíngues estão adotando as características entoacionais de sua L2 na produção de sua L1: o autor encontrou influência do catalão no acento nuclear do espanhol falado pela comunidade de bilíngues com catalão dominante (L1 influenciando na L2), assim como bilíngues que possuem o espanhol como língua dominante introduzindo o acento nuclear do catalão na sua variedade de espanhol (L2 influenciando a L1). Ou seja: de um lado, as características entoacionais da L1 dos bilíngues com catalão dominante estão sendo passadas para sua L2 (espanhol); enquanto, do outro lado, os falantes bilíngues que têm o espanhol como língua dominante parecem estar adotando as características entoacionais do catalão na produção do espanhol, de modo que as características da sua L2 estão sendo inseridas na L1 (justamente pelo contato com a população bilíngue que possui o catalão como língua dominante). Dessa forma, enquanto os falantes bilíngues de catalão dominante inserem traços prosódicos de sua L1 em sua L2, as comunidades de bilíngues de espanhol dominante inserem essas novas características prosódicas em sua própria L1, participando na difusão dessa nova variedade de espanhol.

Destarte, seus resultados sugerem que a “convergência entoacional” (como denominado pelo autor) em situações de contato linguístico pode ocorrer mesmo em casos em que os falantes que participem do processo de mudança continuem dominando sua língua materna, ou seja, sem que essa L1 esteja num processo de abandono.

Entretanto, esses estudos não levaram em consideração um ambiente plurilíngue, como é o caso da Guiné-Bissau. Conforme veremos neste trabalho, a África do Oeste, em especial a área da costa da Alta Guiné, onde se localiza grande parte da Guiné-Bissau, caracteriza-se por ser uma área de grande multilinguismo social e hibridismo cultural, como afirma Lüpke (2010), havendo uma interação complexa de duas ou mais línguas tanto na sociedade quanto na mente do falante. Conforme afirma a autora, esse multilinguismo acaba tornando problemáticos os conceitos de ‘língua materna’, ‘primeira língua’ e ‘segunda língua’, principalmente porque esses conceitos não dão conta do multilinguismo e acabam gerando uma vaga definição do pertencimento a um grupo, quando a identificação como parte de uma determinada etnia não segue os mesmos critérios que acabam sendo aplicados para sociedades ocidentais.

Conforme reconhece Lüpke (2010), o contato entre línguas contribui muito para a mudança linguística, especialmente através da transferência de elementos linguísticos, como

postularam Thomason e Kaufman (1988), conforme expusemos anteriormente. Entretanto, se levássemos em conta os mecanismos descritos por esses autores, por exemplo, se esperaria que, na Guiné-Bissau, fossem encontrados empréstimos, tanto de léxico quanto de estruturas gramaticais, de forma generalizada, abarcando todas as áreas da gramática (embora seja controversa a capacidade de alcance da interferência nas estruturas gramaticais de línguas que estão em contato, como aponta Lüpke (2010)). Entretanto, o que se tem na literatura que trata do assunto, em sua grande maioria, são trabalhos que subestimam o multilinguismo presente há muitos séculos na região e o contato entre as línguas africanas.

Em oposição às teorias de mudança linguística que encaram a formação das línguas crioulas como sendo o resultado de processos *sui generis* que lhes confere um caráter excepcional diante das demais línguas naturais (THOMASON; KAUFMAN; 1988; BICKERTON, 1999, entre outros), Degraff (2009), argumenta que, na realidade, o desenvolvimento das línguas crioulas nada mais é do que uma das formas de mudança linguística que se deu por razões sócio-históricas.

Nessa esteira, estudos sobre “multilinguismo em pequena escala” (*small-scale multilingualism*) têm surgido, levando em consideração as práticas sociais mais profundas e significativas das populações que coabitam uma região. Nesse contexto de “multilinguismo em pequena escala” as práticas comunicativas não são regidas por alguma língua dominante ou mesmo por relações de hierarquia entre alguma das línguas ou variedades faladas no território, mas o que se dá é um jogo de identidade (LÜPKE, 2016).

Estudos sobre multilinguismo utilizam tendem a se utilizar de uma visão integrada entre sociolinguística, psicolinguística, etnografia linguística, assim como de linguística descritiva e tipológica, de modo que não só o contato linguístico é considerado, mas também as condições sociais que moldam o uso e a estrutura das línguas. Esse tipo de abordagem tem ganhado espaço e tem sido utilizado para o melhor entendimento da dinâmica existente em regiões multilíngues e multiétnicas, como na Amazônia, Melanésia (na Oceania), Austrália e Oeste da África (cf. Lüpke (2016) para uma introdução sobre o tema).

As pesquisas em áreas multilíngues, como a Guiné-Bissau, exigem uma equipe e uma abordagem multidisciplinar, que leve em conta aspectos sociolinguísticos e etnográficos, na

tentativa de compreender “as complexas ideologias da linguagem que estão em ação em diferentes interações”²(LÜPKE, 2016, p. 61).

A respeito disso, reconhecemos as limitações de nosso trabalho, estando cientes de que ele é um pequeno recorte do multilinguismo existente na Guiné-Bissau, mas que pode ser uma peça desse complexo quebra-cabeças. Assim sendo, embora nosso trabalho não proponha realizar a descrição entoacional de todas as línguas faladas pelos participantes que colaboraram com este estudo, reconhecemos que estamos diante de um ambiente com contexto histórico e sociolinguístico particular, sendo necessária a investigação também desses aspectos, assim como o perfil sociolinguístico dos participantes, que foi levado em consideração ao longo das análises, para a melhor compreensão da ecologia em que as línguas estudadas nesta tese se inserem.

Isso posto, esta tese organiza-se da seguinte forma: a questão norteadora, hipóteses e objetivos do trabalho, além de considerações iniciais ao tema foram apresentadas nesta Introdução. No Capítulo 2, trazemos o contexto histórico e sociolinguístico da Guiné-Bissau, desde o século XIII até o momento), os espaços ocupados pelo guineense (kriol) e pela língua portuguesa, além da resenha de trabalhos da área de Fonologia que tratam da estrutura segmental (quadro consonantal e vocálico) e prosódica (sílabas e atribuição de acento) do guineense e uma breve descrição sintática dessa língua, necessária para compreendermos algumas características da formação de seus domínios prosódicos.

No Capítulo 3, apresentamos a metodologia utilizada para a recolha e análise dos dados do guineense e do PGB, descrevendo os experimentos, a constituição dos corpora, o perfil dos informantes e os métodos utilizados para as transcrições e análises entoacionais. O aparato teórico utilizado nesta tese, nomeadamente, a Fonologia Prosódica e a Fonologia Entoacional, é apresentado no Capítulo 4, juntamente com a revisão dos resultados encontrados para as outras variedades de português — europeias, brasileiras e africanas —, analisadas sob a mesma abordagem teórica, para os mesmos tipos frásicos aqui explorados.

O Capítulo 5, por sua vez, traz a análise dos dados do guineense e do PGB, abrangendo as sentenças declarativas neutras, declarativas enumerativas, as interrogativas globais neutras e as interrogativas parciais.

² Tradução nossa. No original: “the complex language ideologies at work in different interactions”.

No Capítulo 6, tecemos as relações e comparações entre os resultados encontrados para o guineense e o PGB e entre o PGB e as outras variedades de português, analisando nossa hipótese de que o PGB seja uma variedade de português em formação, resultado do contato com o guineense e distinta da variedade *standard* de português europeu e das demais variedades europeias, embora apresente traços em comum com as demais variedades brasileiras e africanas de português, corroborando a hipótese do compartilhamento de traços das variedades ultramarinas de português (PETTER, 2008; SANTOS; BRAGA, 2017).

Por fim, o Capítulo 7 traz as conclusões finais da tese.

2. GUINÉ-BISSAU: HISTÓRIA, CONTEXTO SOCIOCULTURAL, A LÍNGUA PORTUGUESA E A LÍNGUA GUINEENSE

Guiné-Bissau é um país da África do Oeste, localizado entre o Senegal (ao norte) e a Guiné (ao sul e ao leste), tendo o oceano Atlântico a oeste. Entretanto, o território que hoje compreende o país é o resultado de um recorte geográfico, histórico e sociopolítico. Embora seja uma ex-colônia portuguesa, a história do que hoje conhecemos como a Guiné-Bissau remete a séculos antes da chegada dos portugueses, em 1446.

Na Seção 2.1 deste capítulo, trataremos da História e contexto sociocultural da Guiné-Bissau a partir do século XIII, partindo de trabalhos da área de História, Sociologia e Antropologia que tratam da região da África do Oeste e da costa da Alta Guiné, onde o território da atual Guiné-Bissau está inserido, passando por sua guerra de libertação e independência política, em 1973/1974, e sua situação enquanto república.

Na Seção 2.2, nos focamos na descrição dos espaços ocupados pelo guineense e pela língua portuguesa, trazendo informações sobre a escolarização e questões envolvendo a adoção do português como língua oficial deste país plurilíngue. Ainda nessa seção, trazemos, em 2.2.1, uma revisão sobre aspectos da fonologia do guineense já descritos na literatura e, em 2.2.2, apresentamos os trabalhos que tratam das características do português guineense.

A Seção 2.3, por sua vez, traz a síntese do capítulo.

2.1 HISTÓRIA E CONTEXTO SOCIOCULTURAL DA GUINÉ-BISSAU

A ‘Costa da Alta Guiné’ compreende a região da costa da África do Oeste que se localiza entre a margem sul do rio Gâmbia e uma área definida vagamente ao longo da costa do atual sudeste da Libéria, abarcando assim, seja em parte ou totalmente, Gâmbia, (sul do) Senegal, Guiné-Bissau, Guiné, Serra Leoa e Libéria, do ponto de vista geográfico, e que também abrange o oeste da Costa do Marfim, numa perspectiva histórica e cultural (KNÖRR; TRAJANO FILHO, 2010, p. 2). A região continental também era designada como ‘Rios de Guiné do Cabo Verde’ (BULL, 1989, p. 29).

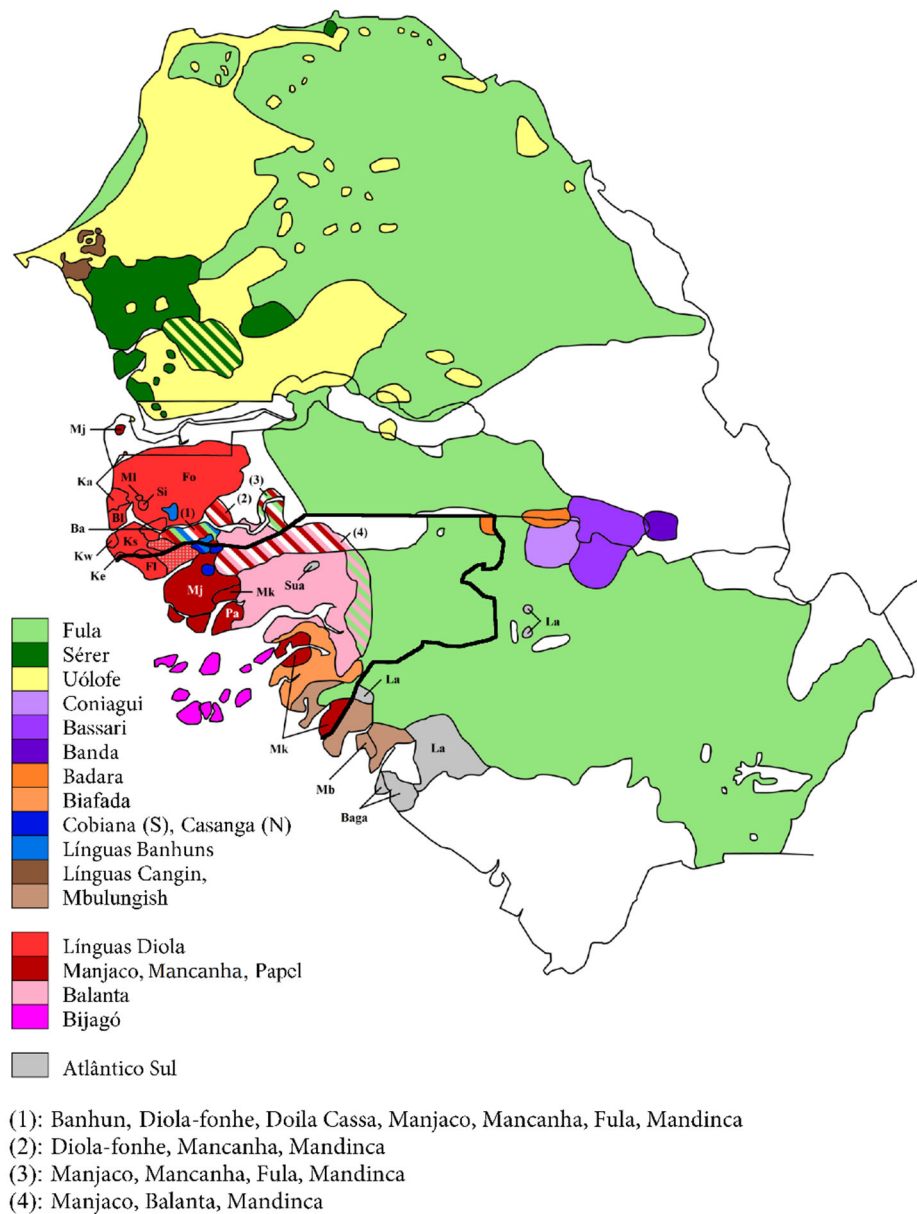
A etimologia da palavra ‘Guiné’, segundo Bull (1989, p. 32), viria do nome de uma aldeia fundada em 1040, nas margens do Alto-Níger, tendo essa aldeia se tornado um ponto comum da rota das caravanas que faziam o comércio do Sudão e da África meridional com os Mandingas e os Árabes do Norte, devido à sua posição geográfica.

Muitos autores descrevem que a costa da Alta Guiné teria sido povoada de forma heterogênea muito antes de diversos grupos de escravizados libertados terem começado a se estabelecer na região no final do século XVIII (KNÖRR; TRAJANO FILHO, 2010; KOPYTOFF, 1987; HAIR, 1967; COLE, 2013). Brooks (1993; 1998; 2003) descreve como nessa região as diferenças ecológicas incluem uma variação considerável nos padrões de vegetação e precipitação das chuvas, que por sua vez influenciaram as estruturas sociais, o comércio, a migração e os padrões de guerra no território. A área que atualmente corresponde à Guiné-Bissau, uma extensão de 36.125 km², tem pouco mais de 70% do seu território considerado habitável, sendo o restante formado por terreno que passa grande parte do ano inundado pelas cheias fluviais e pelos regimes pluviais. Teixeira da Mota (1954, p. 39) descreve que “o clima exerce uma ação primordial em muitos aspectos da Guiné”, tendo guiado a forma como a colonização portuguesa operou na região, assim como as características das relações entre europeus e africanos na região.

Desde o século XIII, as estruturas sociais e políticas existentes na Alta Guiné incluíam pequenos grupos descentralizados (ou mesmo sem a liderança de um Estado) que viviam em aldeias dispersas, assim como comunidades relativamente grandes (de até 7000 pessoas) e organizadas de maneira mais centralizada (D'AZEVEDO, 1962; Horton, 1985), que ocupavam territórios já mais afastados da costa (BROOKS, 1993; 2003; HAWTHORNE, 2003; SILVA HORTA, 2000). De acordo com Knörr (no prelo), essa estrutura social e política da região da costa da Alta da Guiné teria sido formada por múltiplos encontros entre os diferentes grupos e sociedades da região. Autores como Hawthorne e Nafafé (2016) apontam que na região da costa da Alta Guiné estavam os baga, balanta, banhum, biafada, bijagó, cassanga, felupe, fula, djola, nalu, papel, sape, jolonke e mandinga, falantes de línguas pertencentes a três famílias linguísticas africanas (grupos Atlântico, Mande, Kru) (HAWTHORNE; NAFAFÉ, 2016, p. 33). Bull (1989, p. 73) expõe que as etnias da Guiné-Bissau constituem um verdadeiro mosaico e aponta como majoritários os balantas, manjacos, fulas, mandingas, papeis, mancanhas, biafadas, bijagós e felupes (em ordem decrescente), embora não indique as fontes utilizadas para esse ordenamento. A Figura 2.1, adaptada de Merrill (2018, p. 4), traz o mapa das línguas do grupo Atlântico do norte³ existentes no território que hoje compreende a Guiné-Bissau (área destacada no mapa). As áreas em branco correspondem a línguas do grupo Mande.

³ Merrill (2018, p. 1) aponta que a classificação tipológica das línguas do grupo Atlântico não apresenta um consenso. Tradicionalmente, consideram-se como línguas do grupo Atlântico aquelas faladas próximas à costa

Figura 2.1: Mapa das línguas do grupo Atlântico faladas no território que hoje compreende Senegal, Gambia, Guiné-Bissau e o norte da Guiné, com destaque para Guiné-Bissau.



Fonte: Merrill (2018, p. 4, adaptado).

Knörr (no prelo) também relata que teria sido o longo período sem chuvas, juntamente com a dinâmica política característica dos estados sudaneses a partir do século XIII, que teria desencadeado a expansão Mande desde as nascentes do rio Níger (localizadas no que

da África do Oeste, do Senegal à Libéria, que não pertencem ao grupo Mande, mas não é claro se as línguas desse grupo apresentam um parentesco genético. Entretanto, a divisão desse grupo linguístico em grupo Atlântico Norte e Atlântico Sul foi considerada como um agrupamento genético válido. O autor aponta o trabalho de Pozdniakov e Segerer (2017), em que se argumenta pela validação do grupo Atlântico Norte. Neste trabalho, trataremos como sinônimos ‘Grupo Atlântico’ e ‘Grupo Atlântico Norte’, seguindo a nomenclatura utilizada pelos estudos de tipologia genética desses grupos linguísticos.

atualmente corresponde à fronteira entre a Guiné e Serra Leoa) até a zona de transição da Costa da Alta Guiné, levando à conquista, resistência, acomodação e a vários processos de assimilação recíproca. Segundo a autora, as populações Mande teriam incorporado valores, instituições e formas de organização social locais, em vários graus, na fundação das novas políticas, transformando-as de diversas formas. Um exemplo disso seriam as estruturas patrilineares, dominantes nas sociedades Mande, que se chocaram com estruturas matrilineares das sociedades costeiras do grupo Atlântico e resultaram num aumento da predominância de relações de parentesco bilateral ou mesmo na adoção de parentesco matrilateral, como uma estratégia de incorporação política.

De acordo com Green (2020), em 1413, têm início as 'viagens de descoberta' portuguesas ao longo da costa africana, após a captura de Ceuta, no Marrocos. Vinte anos depois, na região da África do Oeste, emerge o império Songhay, rivalizando diretamente com o império Mali ao ponto de derrubá-lo, em 1468, e substituí-lo como o Estado mais importante da África do Oeste. É durante a emergência desse império, conhecido por sua rede de comércio bem organizada na zona transaariana, que os portugueses chegam ao rio Senegal (uma das fronteiras do império Songhay) em 1442.

É essa chegada dos portugueses pela costa africana banhada pelo oceano atlântico, abrindo uma nova rota de comércio, que começa a rivalizar com as caravanas transaarianas e a alterar também as estruturas sociais. Em 1444, chegam as primeiras caravelas com africanos sequestrados para serem vendidos como escravos em Lagos, na região do Algarve português. Em 1448, Diogo Gomes é o primeiro europeu a viajar para o interior da África do Oeste.

A chegada dos portugueses à costa da África do Oeste em meados do século XV causou mudanças sociais de longo prazo na região, que afetaram as políticas recém-formadas, particularmente aquelas no litoral (KNÖRR, no prelo, p. 2). De acordo com a autora, os europeus impediam as redes comerciais estabelecidas e interferiam nos conflitos sociais internos e entre grupos locais, prejudicando os costumes locais de resolução de conflitos, que se baseavam na incorporação mútua dos conceitos e práticas dos povos do grupo Mande e Atlântico, como descrito anteriormente. As tecnologias militares europeias impactaram os padrões de guerra estabelecidos, que cada vez mais se conectavam com a crescente demanda por mão de obra escravizada para a exploração das Américas. (KNÖRR, no prelo, p. 2).

No início do século XVI, um número pequeno de portugueses começa a se estabelecer na região, concentrando-se na região de Bissau e Cacheu, assim como em outras cidades

portuárias (HAWTHORNE; NAFAFÉ, 2016, p. 32). Por toda a região ao longo da costa da Alta Guiné esses colonos e mercadores portugueses encontraram pessoas de um vasto número de grupos étnicos que já haviam se estabelecido ali. Ao mesmo tempo, essa chegada dos portugueses na região também desencadeia o surgimento de novos grupos e categorias sociais.

A primeira fortificação no território que viria a se tornar a Guiné-Bissau foi a Praça de Cacheu, fundada em 1558, junto à foz do rio Cacheu, marcando o início da ocupação portuguesa. A fortaleza de Bissau, atual capital do país, só foi construída no final do século XVII. Segundo Bull (1989, p. 62), as ‘praças’ e os ‘presídios’ constituíam na Guiné os principais centros populacionais, sendo as bases da colonização. Carreira (1983a, p. 26-27) define ‘Praça’ como sendo “a povoação fortificada e armada com permanência [de pessoas], devidamente organizada para compensar a falta de obstáculos naturais dos seus limites”; ‘Presídio’, por sua vez, designava “a praça de pequenas dimensões e mais escassos meios defensivos de tipo militar”. Apenas Cacheu e Bissau eram referidas como ‘praças’; Farim, Ziguinchor, Geba e Lugar do Rio Nuno eram ‘presídios’. Bull (1989, p. 65) narra que, embora a Guiné e o arquipélago de Cabo Verde fossem administrados como um único distrito colonial e a Guiné dependesse de Cabo Verde, ela tinha sua própria capital. A primeira delas foi Cacheu, a partir da instalação do primeiro capitão-mor em dezembro de 1614.

A constituição da sociedade crioula, que então se formava nessas regiões da costa, contou com novas posições e definições sociais, dentre eles os ‘lançados’, ‘grumetes’, ‘tangomãs’ e ‘filhos da terra’. De acordo com Bull (1989, p. 69), os ‘lançados’ portugueses eram desertores ou aventureiros, que se exilavam no território como forma de fugirem das sanções régias, “lançando-se” e passando a viver entre as populações locais. Todavia, o termo ‘lançado’ era também utilizado para denominar negociantes clandestinos e contrabandistas, que participavam do sequestro e comércio de pessoas que eram levadas forçadamente para Europa, norte do Brasil (a então Capitania do Maranhão), Caribe e Estados Unidos, servindo de mão de obra escravizada. Havia entre eles europeus de outros países, como espanhóis, e cristão novos (Bull, 1989, p. 70). Segundo Bull (1989), aventureiros que almejavam enriquecer, por não poderem participar legalmente desse comércio (especialmente pela pressão que as Companhias exerciam para manterem seu monopólio), desprezavam as instruções das leis da Coroa portuguesa e se ‘lançavam’ nesse tráfico, no meio dos locais, tornando-se clandestinos

e marginalizados às vistas da metrópole, não hesitando em “africanizar-se” (BULL, 1989, p. 70).

Essa dita “africanização” significava assimilar e ser assimilado pela cultura e sociedade local. De acordo com Hawthorne e Nafafé (2016, p. 35), os portugueses que se estabeleceram na Alta Guiné antes do século XIX se adaptaram aos costumes locais e se engajaram nas práticas culturais locais, tornando-se parte de algo que já era intrínseco à história da Alta Guiné. O tipo de relação estabelecida entre lançados e as populações locais se deu de forma estratégica. Um exemplo disso foram as alianças matrimoniais entre lançados e as mulheres pertencentes às famílias de chefes locais.

Esses matrimônios geravam novas posições sociais e contribuía para a formação da sociedade crioula que então se formava (KNÖRR, no prelo, p. 2-3). Essas mulheres eram designadas como ‘tangomãs’ (ou mesmo ‘tangomaus’). Bull (1989, p. 71) conta que eram denominadas assim as “mulheres negras ladinas que serviam aos lançados” e a “mulher guineense com muito boa educação, embora sem instrução”.

Os ‘filhos da terra’ são os descendentes dos matrimônios de lançados e tangomãs. Nessa dinâmica social, lançados e filhos da terra participavam diretamente no comércio de produtos locais, e especialmente da venda de pessoas para os traficantes de escravizados, graças a suas conexões comerciais com capitães de navios do Atlântico (HAWTHORNE, 2003, p. 62).

Os ‘grumetes’ eram seus auxiliares. Estes eram pessoas que já faziam parte da sociedade autóctone, mas que haviam se convertido ao cristianismo (eram também denominados ‘cristons’) e que acabavam por ganhar a confiança dos lançados e filhos da terra, ao ponto de não serem escravizados (ou mesmo serem libertados) e levarem embarcações e mercadorias para realizarem o comércio no interior (BOULÉGUE, 1972, p. 71).

De acordo com Hawthorne (2010, p. 226), no século XVIII, portugueses e africanos que residiam nas praças (lançados, tangomãs, filhos da terra e até os grumetes, por terem sido batizados) eram conhecidos como moradores e se autodenominavam portugueses independentemente de onde tivessem nascido. Entretanto, poucos que haviam nascido ali falavam a língua portuguesa. A maioria conhecia línguas africanas locais, incluindo o kriol.⁴

Do ponto de vista sociológico, Hawthorne e Nafafé (2016, p. 34-35) postulam que as praças eram áreas de intersecção entre pessoas que possuíam identidades múltiplas, algo já

⁴ Neste trabalho, utilizamos tanto *kriol* quanto *guineense* para nos referirmos à mesma língua. Trataremos do *kriol* na Seção 2.2.

intrínseco aos povos que ocupavam a região da Alta Guiné, visto que, séculos antes, as populações que ocupavam esse território já se associavam entre si de diversas formas e em uma grande variedade de espaços, adotando e adaptando para si elementos linguísticos, culturais e religiosos daqueles que passavam a fazer parte desse cenário.

Dessa forma, as áreas ao redor das praças foram palco de uma grande troca e mescla multicultural, tal qual ocorria desde o século XIII. Porém, nesse segundo momento, essa mistura teria ocorrido no contexto das normas culturais das populações que ocupavam a costa já há alguns séculos. Hawthorne e Nafafé (2016, p. 36) citam o texto de Almeida (1859, p. 16), que descreve o mercado diário em Bandim, próximo de Bissau, na época, controlado por um rei papel. Esse mercado atraía “papeis, balantas e bijagós”, que competiam tanto entre si quanto com os grumetes para atrair compradores para suas mercadorias.

Tinha-se, então, um cenário em que lançados, filhos da terra e grumetes serviam como mediadores comerciais e culturais, travando uma competição tanto entre si quanto com comerciantes africanos pelo acesso a bens de consumo produzidos localmente, assim como por monopólio de rotas comerciais (BROOKS, 2003; MARK, 2002). Desse modo, embora esses novos rótulos sociais tenham surgido a partir da entrada dos europeus, todos eles operavam dentro do contexto de um sistema cultural preexistente (HAWTHORNE; NAFAFÉ, 2016, p. 34).

Enquanto os lançados tiveram uma posição importante na constituição da sociedade crioula, os portugueses que representavam a autoridade da Coroa tinham pouca participação na dinâmica local. Embora num primeiro momento os portugueses tenham sido concorrência às rotas comerciais transaarianas, pouco tempo depois, Portugal tinha pouca influência sobre os acontecimentos que se davam na costa da Alta Guiné. Hawthorne e Nafafé (2016, p. 36) expõem que os portugueses não tinham força política na região, pois não podiam impedir a entrada de rivais de outras potências europeias ou controlar o comércio regional.

Mesmo depois de séculos de interação entre portugueses e grupos locais, uma parcela ínfima da população falava português, pois o kriol era a língua preferida dos africanos nas praças e as línguas locais eram faladas em outros lugares. Além disso, em toda a faixa costeira, havia uma espécie de sincretismo entre as crenças locais e alguns elementos do islamismo, catolicismo e judaísmo (HAWTHORNE; NAFAFÉ, 2016, p. 36), de modo que a religião não parece ter funcionado como um fator de imposição linguístico tal como o fora em outras colônias portuguesas.

Nafafé (2005, p. 135-145) postula que, antes do século XX, apenas um pequeno número de portugueses e outros europeus estabeleceram-se na Alta Guiné e poucos sobreviveram por muito tempo, dadas as condições insalubres da região e por não resistirem à malária e à desintéria. Aqueles que sobreviveram o fizeram superando a alta incidência de doenças tropicais e sendo integrados no sistema cultural guineense descrito anteriormente.

A falta de autoridade portuguesa no local é apontada por Hawthorne e Nafafé (2016, p. 35-36), ao descreverem como se deu a construção da praça de Bissau. Portugal só conseguiu terminar a construção dessa fortaleza murada em 1775, com a permissão dos chefes locais. As tropas que a fortaleza abrigava eram desorganizadas e estavam à mercê dos povos locais, de tal forma que, quando aumentavam as tensões entre os soldados e os papéis (que dominavam a região), o acesso das tropas a água e comida era negado, visto que era preciso deixar a fortaleza para conseguir esses itens de primeira necessidade. As condições nas praças e presídios eram tão atrozés que Portugal passou a submeter condenados e outros degradados como tropas de guarda desses postos. Também por isso, ao longo do século XIX, as tropas de Portugal foram sendo substituídas por homens nascidos na Guiné e Cabo Verde (HAWTHORNE, 1998, p. 227). Em 1859, a capital da Guiné foi transferida para Bolama, fundada em 1753. Em 1879, a Guiné-Bissau consegue sua autonomia administrativa, desvinculando-se de Cabo Verde (BULL, 1989, p. 66).

O tráfico legalizado de escravizados vindos da Alta Guiné é extinto oficialmente no início do século XIX. Ao mesmo tempo, com os avanços da Grã-Bretanha e da França, Portugal se articula para reivindicar a região como um de seus territórios ultramarinos. Entretanto, como escreve Hammond (1966, p. 37), “os domínios portugueses no continente africano eram bastante limitados em termos de soberania direta”. Nessa tentativa de demonstração de soberania na região, Portugal tentou regular e tributar o comércio na área ao longo do século XIX, embora sem nenhum sucesso (HAWTHORNE; NAFAFÉ, 2016, p. 35).

Hawthorne e Nafafé (2016, p. 37) apontam que, com a Conferência de Berlim (1884-1885), as potências europeias da época buscaram submeter o continente africano ao seu domínio, seja através de tratados ou de imposição militar. Como muitos líderes das populações existentes na costa da Alta Guiné não aceitaram tais acordos, Portugal passou a atacar as áreas de maior densidade populacional, começando nos arredores de Bissau (a capital da Guiné portuguesa seria transferida para essa cidade em 1941): entre 1878 e 1880, os portugueses atacaram as áreas de felupes e manjacos; de 1880 a 1882, os biafadas; na

década seguinte, expedições militares se voltaram contra balantas e papéis. Concomitantemente, Portugal tentava forçar as populações dessa região a produzirem bens e gerarem riqueza unicamente enviada à metrópole, através de leis de trabalho e “impostos de palhota”⁵ implantados pelas autoridades portuguesas. Entretanto, tais medidas se mostraram impopulares e geraram resistência da população durante as primeiras duas décadas do século XX.

Em 1912 têm início a campanha de “pacificação” rumo aos territórios do interior e do arquipélago de Bijagós. Segundo Kihm (1994), após diversas campanhas sangrentas, travadas até 1915, Guiné-Bissau estava completamente conquistada pelos portugueses, embora a submissão de Bijagós só tenha ocorrido em 1936.

A ‘Carta Orgânica da Província da Guiné’, promulgada em 1917, assegurava a toda a população dessa colônia a cidadania portuguesa, com todos os direitos civis e políticos, desde que: o indivíduo desse provas de dedicação à Nação Portuguesa; soubesse ler e escrever, ou ao menos falar a língua portuguesa; possuísse os meios necessários para sua subsistência ou a capacidade de trabalho para tal; e tivesse bom comportamento, atestado pelas autoridades. Outras medidas que levavam a população do território à margem da sociedade portuguesa foram: (i) o ‘Ato Colonial’ (1930), que decretava que os usos e costumes individuais, econômicos e sociais seriam tolerados, desde que fossem compatíveis com a “moral e os ditames da humanidade”; (ii) o ‘Acordo Missionário’ (1940), que entregava a escolarização das populações locais às missões católicas italianas, enquanto a população considerada não indígena frequentava as escolas de ensino primário, que seguiam o currículo escolar português, segregando assim as populações autóctones; e (iii) o ‘Diploma legislativo n. 1346’ (1946), que deixava ainda mais claras as medidas assumidas pelo governo português no seu objetivo de “civilizar” as populações locais, destacando-se a descrição de quais indivíduos seriam considerados pelo governo como “indígenas”. Além dos pontos elencados pelos documentos de 1917 e 1930, frisava-se, no documento de 1946, que seriam considerados como indígenas todos os indivíduos que não cumprissem a determinação de que não fossem praticados os “usos e costumes do comum da sua raça”.

⁵ O ‘imposto de palhota’, assim denominado nas colônias portuguesas, era um imposto cobrado para cobrir as despesas administrativas da colônia e promover o cultivo obrigatório de amendoim na Guiné portuguesa, uma mercadoria muito valorizada na época para a indústria que se utilizava de óleos vegetais, como a de sabão (DAVILA, 1987, p. 8).

Bull (1989, p. 111) descreve como todas essas medidas legais refletiam o posicionamento do governo português de não reconhecer as línguas autóctones e o crioulo como línguas e como veículo e manifestação de culturas que não a portuguesa, bem como de tentar exterminar essas línguas e culturas, num esforço de conquista não só política e militar, mas também intelectual, visto que o não cumprimento de tais imposições legais resultava na cassação de direitos (existentes apenas para os considerados ‘cidadãos portugueses’).

Entretanto, como afirma Kohl (2018, p. 164), tais medidas não foram eficazes no apagamento do crioulo e no “aportuguesamento” da população. Pelo contrário, conforme assume Carreira (1984, p. 122-123), a influência do crioulo expandiu-se lentamente entre as décadas de 1920 e 1930, até que a incursão portuguesa para o interior, levando infraestrutura e fazendo com que muitas pessoas migrassem para as cidades, desencadeasse sua rápida expansão. Assim, o crioulo, inicialmente falado pela parcela da população que residia na região das praças e presídios e que constituía a sociedade crioula (já descrita anteriormente), passou a ser usado como língua franca também no interior, em especial porque nenhuma das línguas étnicas possuía uma hegemonia dentre os diversos grupos e o português, além de não estar massivamente no território a ponto de fornecer o *input* para seu aprendizado, representava o invasor a ser combatido.

Kohl (2018, p. 165) descreve que o surgimento de movimentos nacionalistas na década de 1950 estava fortemente relacionado com falantes urbanos de crioulo. Quando a guerra de independência teve início, nos anos 1960, o crioulo passa a ser a língua franca e de formação da identidade nacional guineense, servindo como um meio crucial de mobilização da população: é utilizado para o recrutamento de soldados independentistas, como a língua utilizada nas escolas primárias dirigidas pelo Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) e que se espalhavam pelas ditas ‘zonas libertadas’ do país, assim como nas mensagens, propaganda e ideologias do PAIGC transmitidas na ‘Rádio Libertação’ (CARREIRA, 1984, p. 122–123; BULL, 1989, p. 78; 116–119; COUTO, 1994, p. 59; EMBALÓ, 2008, p. 105). Dessa forma, a guerra pela independência acabou por difundir o crioulo (também chamado ‘guineense’) por todo o território, tendo o movimento de libertação o defendido não só como um modelo de “unidade na diversidade”, mas também a sua relevância (KOHL, 2018, p. 165).

Consequentemente, a sociedade crioula formada na Guiné-Bissau teve um papel fundamental na luta pela independência deste território (TRAJANO FILHO, 2010; KOHL, 2012) e na construção política do Estado-nação pós-colonial (TRAJANO FILHO, 1998; HAVIK, 2004;

KOHL, 2009; 2011; 2018), visto que o crioulo tornou-se a língua franca dominada por (quase) todos, funcionando assim como um meio de comunicação interétnico e de identificação e integração entre as diversas etnias existentes ali e da própria identidade nacional que ali se consolidava (VIKØR, 2004).

Nafafé (2013, p. 34-38) narra que Amílcar Cabral, líder do PAIGC, acreditava que a heterogeneidade étnica não era uma barreira para a unidade nacional, muito pelo contrário. Em muitos momentos, o discurso de Cabral refletia um posicionamento a favor da sistematização das línguas étnicas e do crioulo para serem ensinadas nas escolas e assumidas como línguas oficiais. Bull (1989, p. 74) afirma que cada etnia possuiria sua própria cultura e filosofia e que o crioulo seria a simbiose de todas elas. Entretanto, todos os guineenses usam o crioulo como língua veicular para se comunicarem entre si. Segundo Kihm (1994), a língua guineense “se tornou tanto um instrumento prático para a unificação linguística dentro do partido e das forças armadas quanto um símbolo da nova nacionalidade guineense”⁶.

A Guiné-Bissau foi proclamada independente unilateralmente pelo PAIGC em 24 de setembro de 1973, tornando-se a “República da Guiné-Bissau, soberana, democrática e anticolonial”, tendo sido “reconhecida por mais de 80 Estados” (BULL, 1989, p. 66). Apenas após a Revolução dos Cravos, em 1974, Portugal reconhece a independência da Guiné-Bissau.

O projeto político do partido tratava a Guiné-Bissau e Cabo Verde como uma unidade. Entretanto, em 1980 ocorre um golpe de Estado e a suspensão da Constituição. O então presidente da República, Luís Cabral, é deposto pelo Movimento Reajustador, liderado pelo Primeiro-Ministro João Bernardo Vieira (Nino Vieira). Iniciava-se assim uma série de crises políticas no país, que seria governado sob o regime do Partido-Estado até 1994, sendo todo esse período permeado por crises econômicas e políticas profundas. A abertura democrática neste ano, marcada pelas primeiras eleições, trouxe um governo que não conseguiu colocar fim às crises, desencadeando assim um novo golpe de Estado que levou à guerra civil de 1998-1999. Como bem coloca Mané (2018, p. 19), “as instabilidades políticas têm permeado a vida dos guineenses”, visto que após a guerra civil a Guiné-Bissau viu seus líderes sofrerem golpes de Estado continuamente, sem conseguirem instaurar um projeto de governo que consiga retirar o país de uma das piores posições no Índice de Desenvolvimento Humano no relatório

⁶ Tradução nossa. No original: “(...) it became both a practical tool for linguistic unification within the Party and the armed forces and a symbol of the new Bissau-Guinean nationality.”.

da Organização das Nações Unidas (ONU) de 2019, ocupando a 175ª posição no *ranking* de 189 países (ONU, 2020).

2.2 O GUINEENSE E O PORTUGUÊS FALADO NA GUINÉ-BISSAU

Ainda não há um consenso sobre como teria se dado a formação do kriol, havendo hipóteses para uma origem continental (KIHM, 1989; SCANTAMBURLO, 1981; 1999; ROUGÉ, 1993; entre outros) assim como hipóteses para a origem insular (KIHM, 1994; QUINT, 2000; PARKVALL, 2000; entre outros).

Embora este debate não seja o foco desta tese, interessam-nos os argumentos e relatos históricos por elas apontados, que nos permitem desenhar o contexto em que se deu o contato entre os europeus e as populações que habitavam (ou viriam a habitar) o território que compreende hoje a Guiné-Bissau. Jacobs (2010) discorre sobre argumentos históricos e linguísticos para que um protocrioulo da Alta Guiné tenha emergido e se nativizado no final do século XV e início do século XVI em Santiago (Cabo Verde), de onde teria sido levado para o continente por caboverdianos que se instalaram na região, ao redor de Cacheu, no final do século XVI. Um dos argumentos históricos a favor disso é o fato de que, desde a chegada dos portugueses na região, a Guiné foi ligada administrativamente à Capitania de Ribeira Grande, na ilha de Santiago, que era a então capital de Rios de Guiné do Cabo Verde (BULL, 1989, p. 62).

Segundo Jacobs (2010), esse contingente de caboverdianos desencadeou o “efeito fundador” (MUFWENE, 1996) responsável pelo estabelecimento e difusão do protocrioulo da Alta Guiné em Cacheu, de onde teria se espalhado para locais como Ziguinchor (hoje território pertencente ao Senegal), Geba e Bissau.

Kihm (1994), por sua vez, afirma que é possível estimar que o kriol estivesse completamente formado no início do século XVII. O autor também relata que, até meados de 1920, sua “posição sociolinguística” não tenha sofrido mudanças desde sua criação, exceto pelo fato de ter se expandido para outras localidades⁷, como Bissau. Ainda segundo o autor, embora pudessem existir variedades diatópicas de kriol, atualmente, a variedade de Bissau (capital do país) teria absorvido suas concorrentes, sendo a variedade *standard* do país.

⁷ Outra variedade do guineense seria a falada em Ziguinchor (Casamansa), no Senegal, fora do território que atualmente compreende a Guiné-Bissau.

Hoje, o guineense é a língua mais falada no país, da unidade nacional, utilizada no âmbito familiar e na rua (COSTA, 2014, p. 73), sendo considerada por Hawthorne e Nafafé (2016, p. 39) como a responsável pela permanência de uma relativa harmonia entre as etnias existentes no território. O último censo realizado no país (INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, 2009) afirma que ele seja falado por cerca de 90% da população, entre falantes de L1 e L2. Entretanto, outras fontes afirmam que, na verdade, cerca de 839 mil pessoas (quase 48% da população) fala kriol, sendo declarado como língua materna por cerca de 239 mil falantes (ETHNOLOGUE, 2018).

Hawthorne e Nafafé (2016, p. 39) também apontam outros fatores como importantes para essa relativa harmonia interétnica: os militares da Guiné-Bissau pertencem a diversos grupos étnicos; os guineenses sentem-se igualmente mal servidos por suas próprias elites nacionais, seu governo multiétnico e pela comunidade internacional; e o próprio estado pós-colonial provou ser tão fraco e ineficaz quanto o estado colonial, no que diz respeito à centralização do poder. Segundo os autores, as autoridades locais exercem o poder no nível da tabanca⁸ e não servem como elos entre o Estado e o povo, indicando que o Estado não foi capaz de penetrar na arena política rural, de modo que as instituições pré-existentes e multiculturais, que há muito conectam as pessoas na região, continuam a moldar a vida das pessoas no dia a dia (HAWTHORNE; NAFAFÉ, 2016, p. 39).

Para muitos na Guiné-Bissau, e principalmente para os jovens, o guineense é uma língua capacitadora, que deve ser vista de maneira tão rica e expressiva quanto o português, sendo ela a língua utilizada em grande parte da literatura e da música produzida no país.

Entretanto, após sua independência em 1974, a Guiné-Bissau adota o português como língua oficial do país, devido à necessidade de manter contato com as outras ex-colônias portuguesas e com a lusofonia em geral (KIHM, 1994). Outras razões para a adoção do português como língua oficial, apontadas por Kohl (2018, p. 166), versam sobre o alto custo da produção de material educacional em língua guineense, enquanto o português já contava com todo o equipamento educacional, além de permitir o acesso à mídia portuguesa (além da brasileira) e aos mercados de trabalho internacionais. De acordo com o Censo de 2009, um terço da população fala português, majoritariamente como L2.

⁸ Designação habitual utilizada na Guiné-Bissau para referir à 'aldeia' ou povoamentos no interior do país.

O argumento de utilizar o português como um instrumento de comunicação com o resto do mundo, por ser uma língua já com instrumentos linguísticos que viabilizavam a escolarização e o conseqüente desenvolvimento do país foi adotado não só na Guiné-Bissau, mas por todas as ex-colônias portuguesas na África após a independência de cada uma delas, sendo esta uma decisão tomada pelos líderes de seus partidos: o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), o FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), o PAIGC (Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde) e o MLSTP (Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe), segundo Ferreira (1988, apud CÁ; RUBIO, 2019, p. 392-393).

No caso específico da Guiné-Bissau, Ferreira (1988) ainda acrescenta que a situação econômica do país após a luta armada que durara décadas não permitia que o país pudesse fazer tais investimentos, fosse numa língua local ou mesmo no guineense. Entretanto, a ideia de Amílcar Cabral, o principal líder da luta pela independência, ainda antes de 1974, era de que o português fosse a língua da escolarização até que instrumentos linguísticos de outra (kriol ou mesmo alguma outra língua nacional) pudessem ser criados para a utilização nas escolas:

“[...] Há camaradas que pensam que, p[a]ra ensinar na nossa terra é fundamental *ensinar no crioulo já*. [...] Para ensinar uma língua escrita, é preciso ter uma maneira, senão é uma confusão do diabo. [...] Nós vamos fazer isso, mas depois de estudarmos bem. *Agora a nossa língua para escrever é o português*. Por isso é que vale a pena falar-se aqui tanto o português como o crioulo. Não somos mais filhos de nossa terra se falarmos crioulo, isso não é verdade. Mais filho da nossa terra é aquele que cumpre as leis do Partido [...], para servir o nosso povo.”

Cabral (1990, p. 59)

Entretanto, a postura adotada pelas diretrizes educacionais do país foi a de ensinar a língua portuguesa nas escolas com materiais e metodologias vindas diretamente de Portugal, acarretando num descolamento entre o conteúdo ensinado e a realidade linguística do país, visto que se ensina português como se esta fosse a língua materna da população.

Cá e Rubio (2019) trazem uma análise do material didático e de ensino de português nas séries escolares iniciais do ensino formal da Guiné-Bissau. Segundo os autores, os materiais didáticos utilizados no ensino de língua portuguesa nas escolas guineenses passam a mensagem de que a população guineense é considerada pelo próprio Estado como falante da língua como L1, não considerando o contexto plurilíngue do país. Os autores apontam que o material didático utilizado nas escolas públicas traz, em sua maioria, sentenças e textos que

ênfatizam a estrutura da língua e função gramatical das palavras, com propostas de ensino voltadas para repetição e escrita, não sendo adequado para o ensino de português aos estudantes guineenses, que majoritariamente só tomam contato com o português quando passam a frequentar a escola, por volta dos seis anos de idade.

Scantamburlo (2013) afirma que, após a independência, o governo instaurado na Guiné-Bissau deu continuidade ao aumento de alunos nas escolas criadas no interior do país, política iniciada pelo PAIGC nas zonas libertadas, ainda na década de 1960. Entretanto, de acordo com o mesmo autor, na década de 1980 houve uma drástica redução de professores e de cooperadores portugueses. Segundo ele, muitos professores deixaram o país ou optaram por empregos nas embaixadas ou em ONGs devido à contínua desvalorização dos salários, gerada por intervenções econômicas do FMI (Fundo Monetário Internacional) devido às crises econômicas e políticas do país.

Os estudos realizados sobre essa questão e citados ao longo deste capítulo não deixam claro quem seriam os professores que continuaram nas escolas ensinando língua portuguesa. Scantamburlo (2013) conta que a grande maioria não possui formação docente, sendo quase metade do contingente alunos de anos superiores. Portanto, se o português não era amplamente falado pela população guineense antes da independência do país e os anos seguintes viram a diminuição do número de professores e a saída de portugueses do território, podemos conjecturar que os professores que ali continuaram na escolarização monolíngue também não falavam português como L1 e muito menos tal qual a variedade europeia.

O aumento vertiginoso do número de alunos entre os anos letivos de 1999-2000 e 2004-2005, com a abertura de escolas comunitárias e privadas por todo o país é descrito por Scantamburlo (2013). O autor também narra o “Regime de Autogestão” de muitas escolas públicas, em que são os pais e encarregados de educação que se responsabilizam pelo salário dos professores, visto o abandono do governo por conta de sua insuficiência econômica. Porém, os índices de evasão escolar e de analfabetismo no país ainda são altíssimos, muito pela falta de investimentos do governo, mas principalmente pelo abismo existente entre a língua de ensino e aquelas que os alunos dominam.

Existem tentativas de implementação de um ensino bilíngue no país, em que o guineense seja a língua de ensino e o português seja aprendido como uma L2. Sobre isso, Scantamburlo descreve o projeto dos Centros Experimentais de Educação da Formação, que teve início no ano letivo de 1986-1987 em quatro comunidades de três regiões: Bará (região

de Cacheu), Cufar e Priam (região de Tombali) e a ilha de Uno (região de Bolama, no arquipélago de Bijagós). O projeto teve duração de oito anos e teve resultados considerados positivos. O autor cita o trabalho de Carolyn Benson (1994), em que a autora conta que o guineense, tido como L2 para muitos dos alunos dessas regiões, é um “meio possível e viável de ensino na ausência dos recursos didáticos da língua materna” (BENSON, 1994, XIX, *apud* SCANTAMBURLO, 2013, p. 152).

No início da década de 2000 e com financiamento da União Europeia, um projeto ainda maior de ensino bilíngue tem início no arquipélago de Bijagós, dessa vez não só nos anos iniciais, mas conseguindo progredir até o 6º ano do ensino formal, tendo resultados ainda mais positivos.

Mané (2018) traz uma investigação sobre a percepção de alunos e professores guineenses das regiões de Bissau (capital do país) e Bubaque (no arquipélago de Bijagós) sobre a língua de ensino da Guiné-Bissau. Através de um questionário aplicado a 21 alunos e 14 professores, o autor conclui que a maioria dos alunos entrevistados de ambas as regiões acredita que o guineense deveria estar nas escolas. Entretanto, como observa o autor, a grande parte destes acredita que o guineense não deve ser obrigatório no ensino formal, visto que muitos alunos não acreditam que o guineense possa ter um impacto internacional, de modo que o português é visto por esses alunos como a língua de acesso a outros povos. Muitos também apontaram a falta de instrumentos linguísticos do guineense, como gramáticas e dicionários, justificando assim uma impossibilidade em seu ensino formal.

A falta de prestígio internacional também foi uma justificativa encontrada para a resposta negativa dada quando questionados se o guineense deveria ser a única língua oficial. Todos os alunos de Bissau rechaçaram essa possibilidade, enquanto um terço dos alunos de Bubaque acreditam que o guineense deveria ser a única língua oficial, provavelmente por conta das experiências positivas anteriores de valorização da língua no ambiente escolar. A falta de instrumentos linguísticos, de professores capacitados para o ensino de guineense de modo formal e a crença de que o guineense como única língua oficial traria impedimentos para o acesso a outros países também foram mencionados como fatores que dificultariam a adoção do guineense como língua oficial e de ensino. Embora a amostra de Mané (2018) seja pequena, ela reflete a demanda urgente de estudos científicos sobre o guineense que possibilitem a criação de tais instrumentos linguísticos.

Quanto aos professores, a experiência do ensino bilíngue realizada no arquipélago de

Bijagós ressoa como uma forte possibilidade: mais de 70% dos professores de Bubaque entrevistados acreditam que o guineense deveria ser ensinado nas escolas e mais de 60% afirmam que a língua deveria ser disciplina obrigatória. Em contrapartida, 60% dos professores de Bissau rejeitam o guineense nas escolas e o seu ensino obrigatório, por acreditarem que o ensino do guineense poderia acarretar no desaparecimento do português. A crença de que a língua portuguesa é a única forma de integração com o restante do mundo parece estar enraizada na população guineense, tendo sido a principal justificativa para que todos os professores, tanto de Bissau quanto de Bubaque, não sejam favoráveis à retirada do ensino de português das escolas.

De qualquer forma, resta-nos saber: que português é esse que, embora restrito a certos espaços, parece ser imprescindível aos guineenses? Cá (2020) afirma que a língua portuguesa falada na Guiné-Bissau já se diferencia da variedade falada na Europa, tendo passado por processos de africanização e nativização, adquirido novos itens lexicais e se adequado “aos sons e ritmos dos falares das línguas locais” (CÁ, 2020, p. 32), pois está presente nas escolas, documentos oficiais, instituições e outros locais públicos, fazendo parte da vida cotidiana da população, mesmo não sendo usada por sua maioria. Entretanto, a autora afirma que essa variedade de português guineense ainda não é reconhecida no país, existindo ali, nas palavras da autora, a “sensação ‘preconceituosa’ [...] [de que] na Guiné-Bissau se fala português de Portugal” (CÁ, 2020, p. 32).

As declarações de Cá (2020) nos possibilitam conjecturar a possibilidade de que o português presente na Guiné-Bissau venha se distanciando do português europeu, tido como norma oficial, já apresentando características particulares, mas que essa variedade emergente esteja sendo encarada como um português tido como “errado”. Dessa forma, é possível que na Guiné-Bissau as pessoas assumam que não saibam português ou que o dominem pouco, quando na verdade apenas ainda não reconheçam que estão diante de uma variedade em formação devido ao preconceito linguístico.

Tendo em vista o escopo desta pesquisa e a área da gramática na qual ela se insere, acreditamos que nossos resultados trarão maiores informações sobre o guineense, podendo colaborar com descrições que possam ser utilizadas na criação de instrumentos linguísticos desta língua, assim como poderemos colaborar para um maior entendimento de que português é esse, presente na Guiné-Bissau e que, embora não seja L1, não parece ser indispensável aos guineenses.

A seguir, na Subseção 2.2.1, trazemos uma revisão das características fonológicas da língua guineense que já foram abordadas na literatura, e, na Subseção 2.2.2, apresentamos algumas características dessa variedade de português da Guiné-Bissau (tratado ao longo da tese como PGB) já apontadas na literatura.

2.2.1 A língua guineense

Nesta subseção, fazemos uma síntese sobre as características fonológicas do guineense já apontadas em trabalhos prévios (WILSON, 1962; MBODJ, 1979; SCANTAMBURLO, 1981; 1999; ROUGÉ, 1988; KIHM, 1994; COUTO, 1994; COSTA, 2014; CHAPOUTO, 2014), no que diz respeito a (i) fonemas consonantais, (ii) fonemas vocálicos, (iii) estrutura silábica e (iv) atribuição de acento (BULL, 1989).

(i) Fonemas Consonantais

Embora haja algumas divergências entre as análises fonêmicas dos referidos autores, os trabalhos coincidem quanto ao inventário de grande parte dos fonemas existentes no guineense. No Quadro 2.1, apresentamos os fonemas consonantais atestados em seus trabalhos, indicando os que apresentam contraste nessas análises.

Quadro 2.1: Fonemas consonantais do guineense, segundo trabalhos prévios (WILSON, 1962; MBODJ, 1979; SCANTAMBURLO, 1981; 1999; ROUGÉ, 1988; KIHM, 1994; COUTO, 1994; COSTA, 2014; CHAPOUTO, 2014).

	bilabial		labiodental		dental		alveolar		palatal		velar	
oclusiva	p	b					t	d			k	g
nasal		m						n	ɲ			ŋ
fricativa			f	v			s	z	ʃ	ʒ		
africada									tʃ	dʒ		
aprox. lateral								l		ʎ		
vibrante								r				
aproximante		w								j		

Fonte: Elaboração própria.

Kihm (1994, p. 15) afirma que os fonemas /v, z, ʃ, ʒ, ʎ/ foram encontrados apenas em palavras de origem portuguesa advindas de empréstimos ou de palavras que estariam se reaproximando foneticamente do étimo português, não tendo em consideração que um item lexical, ao ser inserido na língua como um empréstimo, adequa-se à fonologia da língua da qual passa a fazer parte.

Costa (2014, p. 114), por sua vez, afirma que não considerou [ʃ, ʒ] como parte do inventário fonêmico do guineense por observar poucas ocorrências de tais fonemas em seus dados, havendo também variação contextual entre eles, e que, por conta dessa escassez, não foi possível a formação de pares mínimos que atestassem que estes sejam fonemas consonantais do guineense.

De forma análoga, /ʌ/ também não se mostrou como um fonema que fizesse parte do quadro consonantal do guineense na análise realizada pela autora, que encontrou ocorrências de [ʌ] apenas como uma variante fonética de outro fonema, ora também produzido como [dʒ] e [dʲ]. Um resultado semelhante foi encontrado nos dados de Chapouto (2014), que também não assume a existência de /ʌ/ no quadro fonêmico do guineense. É importante também ressaltar que, embora /l/ seja o fonema que compõe o quadro consonantal do guineense, sua realização em posição de coda se dá de forma velarizada [ɫ], conforme aponta Costa (2014, p. 137).

Voltando às consoantes fricativas, Chapouto (2014, p. 50-52) assume que apenas /f/ e /s/ façam parte do inventário fonológico do guineense. De acordo com a autora, [z] e [ʃ] só são realizados em início de sílaba de qualquer palavra de empréstimos recentes vindos do português e, no caso de [z], em coda em meio de palavra, pelo processo de vozeamento que ocorre quando o segmento seguinte possui o traço [+vozeado]. Na posição de coda em final de palavra, [ʃ] apareceria como um alofone de /s/, ocorrendo em variação livre. Além disso, as consoantes [v], [ʃ] e [ʒ], para a autora, corresponderiam a alofones de /b/, /tʃ/ e /dʒ/, respectivamente, sendo encontradas apenas em itens lexicais que tenham entrado na língua através do português (CHAPOUTO, 2014, p. 51-52).

Quanto à consoante líquida /r/, Mbodj (1979, p. 30), Scantamburlo (1981, p. 24), Couto (1994, p. 68) e Costa (2014, p. 104) relatam, em seus trabalhos, que essa vibrante pode variar quanto à quantidade de vibrações em sua realização, podendo ser realizada de forma ora mais branda ora mais intensa, mas sem haver distinção fonêmica, ocorrendo, assim, [r] e [r̥] em variação livre, como assume Chapouto (2014, p. 54). Entretanto, enquanto aqueles autores assumem /r/ como fonema, esta coloca /r/ como pertencente ao inventário fonológico do guineense, embora postule que esses segmentos estejam em variação livre.

Já os fonemas consonantais aproximantes, por sua vez, não apresentam consenso entre os autores: Wilson (1962) os assume como consoantes; (ii) Rougé (1988) os analisa como intermediários entre vogais e consoantes; (iii) Scantamburlo (1981; 1999) trata-os como

vogais; (iv) Kihm (1994) trata-os como consoantes quando estes ocorrem em posição pré e pós-vocálica; (v) já Couto (1994) analisa-os como alofones das vogais altas, quando aparecem em posição pós-vocálica (embora apresente uma notação própria para esses fones quando analisados como assilábicos), e como consoantes quando em posição pré-vocálica; (vi) Chapouto (2014), por sua vez, propõe que /j/ e /w/ sejam interpretados como consoantes, quando em início de palavra e em posição intervocálica, ocupando a posição de ataque da sílaba, mas com realizações fonéticas de um segmento vocálico subjacente nos contextos em que sejam precedidos de consoantes e seguidos de vogais e como glides de comportamento consonantal quando ocorrerem em posição pós-vocálica, ocupando a posição de coda silábica; (vii) Costa (2014), por fim, interpreta-os como glides, que formam ditongos crescentes e decrescentes como fonemas vocálicos, aparecendo antes ou depois da vogal, respectivamente, dentro de um núcleo silábico ramificado.

(ii) Fonemas Vocálicos

No que tange às vogais, os trabalhos que versam sobre a fonologia do guineense concordam quanto às vogais altas /i, u/ e à vogal baixa /a/, mas discordam quanto às vogais médias-altas /e, o/ e médias-baixas /ɛ, ɔ/. Enquanto Wilson (1962) e Scantamburlo (1981; 1999) assumem dois graus de abertura, Mbodj (1979), Rougé (1988) e Kihm (1994) assumem que, no quadro vocálico do guineense, só haveria as vogais médias-altas. Mbodj (1979) e Kihm (1994) afirmam ainda que essas vogais poderiam ser realizadas tanto um pouco mais fechadas quanto um pouco mais abertas. Couto (1994) também faz sua análise nesse sentido, afirmando que a realização das vogais médias seria algo intermediário.

Chapouto (2014), por sua vez, assume que o sistema vocálico do guineense seja formado por cinco vogais, mas postula que, fonologicamente, as vogais médias sejam /ɛ/ e /ɔ/.

Já Costa (2014), ao realizar tanto uma análise contrastiva, buscando pares mínimos, quanto uma análise fonética, que levou em consideração a altura do primeiro formante dos fones vocálicos, verificou, em seus dados, que há diferença entre as vogais médias-altas e médias-baixas. Do ponto de vista fonético, a autora encontrou uma variação geral significativa ao analisar a altura do primeiro formante das vogais médias-altas e médias-baixas. Embora tais resultados façam a autora assumir que o guineense apresenta fonologicamente quatro níveis de altura e sete fonemas vocálicos, Costa (2014, p. 125) ressalta que também foram encontradas realizações de vogais médias que configuravam uma posição intermediária entre

o que é assumido como vogal média-alta ou vogal média-baixa, embora essas produções não invalidem o resultado geral de sua análise.

Dessa forma, não parece haver, na literatura, um consenso sobre quais são as vogais médias que fazem parte do inventário fonológico do guineense. Por ora, adotamos a descrição mais abrangente, que assume sete vogais orais e quatro níveis de altura, conforme apresentado no Quadro 2.2.

Quadro 2.2: Fonemas vocálicos assumidos para o guineense, segundo trabalhos prévios (WILSON, 1962; SCANTAMBURLO, 1981; 1999; COSTA, 2014).

	anterior	central	posterior
	não-arredondado		arredondado
alta	i		u
média-alta	e		o
média-baixa	ɛ		ɔ
baixa		a	

Fonte: Elaboração própria.

(iii) Estrutura silábica

Quanto aos padrões fonotáticos, Mbodj (1979) afirma que a sílaba canônica do guineense é do tipo CV(C), embora ateste também o padrão CV (este sendo majoritário nos dados do autor), V, CVC, VC, CCV, CCVC e CCCV, em ordem decrescente. Kihm (1994), por sua vez, assume que o guineense seja uma língua de sílaba majoritariamente CV. Para Couto (1994), além de CV ser o padrão silábico mais comum, os padrões CVC, V, VC, CCV e CCVC são atestados na língua. Costa (2014) identifica em seu trabalho os padrões silábicos V, VC, CV, CVC, CCV, CCVC, CVV, CCCV, e N numa perspectiva fonética em que N⁹ ocuparia a posição de núcleo dentro de uma sílaba e ocorreria unicamente em início de palavra, podendo esta ser uma palavra lexical ou um morfema (COSTA, 2014, p. 169). A autora ainda afirma que as sílabas de padrão fonotático CCV, CCCV e N não formam uma palavra mínima, sendo que sílabas CCCV e N seriam possíveis apenas em início de palavra. Já Chapouto (2014), assume que, no guineense, a sílaba pode apresentar o padrão silábico V, VG, VC, CV, CVC, CVG, CVGC, CCV e CCVC, já que a autora assume que o glide tem um comportamento híbrido. Assim como os outros autores, Chapouto assume que a o padrão fonotático canônico da sílaba do guineense é CV. Além disso, afirma que o padrão CVC é muito frequente, os padrões V, VG, VC, CVG, CCV, CCVC não são tão frequentes e que CVGC é raríssimo.

⁹ 'N' seria um arquifonema nasal que assumiria o ponto de articulação do segmento que o segue.

Apenas Costa (2014) e Chapouto (2014) apresentam uma análise da estrutura silábica seguindo o modelo teórico da Fonologia Autossegmental, mais especificamente o modelo hierárquico de estrutura arbórea proposto por Selkirk (1982), descrevendo quais fonemas poderiam ocupar cada uma das posições do molde silábico do guineense.

Costa (2014, p. 177) assume que o molde silábico do guineense é $/(C_1)(C_2)(C_3)V_1/N(V_2)(C_4)/$, sendo C_1 , C_2 e C_3 posições que constituem o *onset* da sílaba, V_1 ou N e V_2 , seu núcleo e C_4 , a coda silábica. Nesse esqueleto, C_1 pode ser ocupada apenas pelo fonema /s/; C_2 pode ser ocupada por todas as consoantes oclusivas e africadas, pelas nasais¹⁰ /m/, /n/ e /ŋ/, pelas fricativas /f/, /v/, /s/ e /z/ e pelas consoantes líquidas /l/ e /r/; apenas as líquidas /l/ e /r/ podem ocupar a posição de C_3 ; a posição mais à esquerda do núcleo pode ser ocupado por uma das sete vogais /i, e, ε, a, ɔ, o, u/ e por N; o núcleo pode se ramificar à direita, sendo que V_2 pode ser preenchida por /i/ e /u/ (já que a autora assume que os glides teriam comportamento vocálico); e a posição de coda pode ser preenchida pelos fonemas /s/, /l/, /r/ e /N/. Os exemplos em (1), retirados de Costa (2014), ilustram o molde silábico proposto pela autora.

(1)	(a) /strada/	CCCV.CV	‘estrada’
	(b) /Nbai/	N.CVV	‘eu fui’
	(c) /ieNtra/	V.VC.CCV	‘entrar’
	(d) /tris/	CCVC	‘três’
	(e) /pɛrta/	CVC.CV	‘apertar’

Chapouto (2014), por sua vez, postula um molde silábico $/(C_1)(C_2)(V_1)(G_2)(C_3)/$. Sua análise difere de Costa (2014), especialmente por postular que o *onset* não poderia apresentar um segmento fricativo seguido de um oclusivo, pois isso violaria o Princípio de Sonoridade (SELKIRK, 1982). Dessa forma, a autora assume que numa palavra como [splika] (‘explicar’), a primeira sílaba seria formada apenas por /s/, que ocuparia a posição de coda silábica.

Entretanto, essa análise não parece ser sustentável, pois a sílaba violaria o seu principal princípio formador, que diz respeito à obrigatoriedade de preenchimento da posição do núcleo. Fenômeno similar ao descrito pela autora ocorre em português europeu no nível fonético, em que há a supressão da vogal átona diante de consoantes fricativas pós-alveolares

¹⁰ Embora a autora assumo o fonema nasal palatal /ɲ/ como parte do inventário consonantal do guineense e apresente exemplos de sua presença na língua, a autora não o descreve como possibilidade para ocupar a posição de *onset* silábico em sua descrição.

na posição de coda silábica, com em ‘estar’ e ‘esdrúxula’. Entretanto, para o português europeu, autores como Mateus e Andrade (2000) assumem que no nível fonético o apagamento da vogal átona resultará num ataque complexo de consoante fricativa seguida de consoante oclusiva, como [ˈftar] e [ˈʒdru.fu.le], respectivamente, violando o princípio de sonoridade, mas não a obrigatoriedade de preenchimento de núcleo silábico.

(iv) Acento e entoação

Couto (1994, p. 76) afirma que ainda não existem estudos amplos que tratem da parte suprasegmental do guineense. De fato, pouco é mencionado sobre acento e entoação. Wilson (1962), Mbodj (1979) e Scantamburlo (1981) assumem que o acento recairá sobre a última sílaba se ela for fechada (CVC).

Couto (1994) levanta a questão de que o guineense poderia ser uma língua tonal, dando exemplos de contornos tonais em palavras e sentenças. Entretanto, seus exemplos sugerem que, na verdade, tratam-se de eventos entoacionais. Mesmo quando apresenta exemplos do que seriam pares mínimos para a existência de tom lexical, o autor assume que o tom alto seria normalmente também “mais forte” e “mais longo” do que das sílabas adjacentes (COUTO, 1994, p. 77), o que poderia indicar, na verdade, a associação de um evento tonal (nos termos utilizados pela Fonologia Entoacional)¹¹ à sílaba acentuada da palavra prosódica ou à fronteira de um constituinte prosódico.¹² Os pares mínimos para tom lexical que Couto (1994) apresenta aparecem em (2).

- | | | | |
|-----|------------------|------|---------|
| (2) | (a) misà ‘missa’ | misà | ‘mijar’ |
| | (b) síbi ‘saber’ | sìbi | ‘subir’ |

Intumbo (2007), em seu estudo sobre a morfossintaxe do guineense, cita o trabalho de Doneux e Rougé (1988, p. 3-7), em que esses autores afirmam que a unidade acentual desta língua não seria a palavra, mas sim constituintes maiores, como os sintagmas nominais, verbais e circunstanciais, de modo que no primeiro sintagma da sentença haveria um acento forte ou tom alto, o segundo sintagma um tom médio e o último um acento fraco ou tom baixo (DONEUX; ROUGÉ, 1988, p. 7, *apud* INTUMBO, 2007, p. 13). O que Doneux e Rougé (1988) parecem atestar, conforme veremos na análise de nossos dados, é o acento tonal de

¹¹ Ver Fonologia Entoacional, no Capítulo 4.

¹² Ver Capítulo 4 para mais informações sobre constituintes prosódicos e suas fronteiras.

cabeça de sintagma fonológico nas sentenças declarativas neutras, que caracteriza o padrão melódico do guineense para este tipo frásico.¹³

Bull (1989) e Kihm (1994), por sua vez, consideram o guineense como uma língua que apresenta acento lexical, sendo a posição do acento determinada pela estrutura silábica e categoria gramatical (verbos e não verbos). Embora o trabalho de Bull (1989) trate da variedade falada na região da Casamansa (hoje pertencente ao território do Senegal), assume-se que as variedades de kriol não divergiram em um aspecto profundo da gramática, como a atribuição de acento lexical. Dessa forma, quanto ao sistema acentual do kriol (no geral), podemos levar em consideração também a análise desse autor.

De acordo com Bull (1989, p. 76-77), o guineense apresenta um acento lexical principal e somente um acento secundário para itens lexicais formados por duas ou mais sílabas pretônicas. Segundo o autor, qualquer substantivo monossilábico é, em princípio, tônico. Entretanto, os pronomes sujeitos podem ser considerados como formas proclíticas e, portanto, átonas. Quanto aos substantivos com mais de uma sílaba, Bull (1989, p. 76-77) postula que o sistema acentual do kriol teria como *default* o acento recaindo sobre a penúltima sílaba, nos casos em que a palavra apresente apenas sílabas leves, ou seja, (...CV).CV.CV, ou seria atribuído às sílabas que fossem pesadas, seja pela presença de uma coda ou pelo alongamento da vogal. O autor não deixa nítida qual é a abordagem teórica utilizada para descrever o funcionamento do acento lexical, não ficando claro se o acento é suscetível ao peso moraico. O alongamento vocálico, por sua vez, assemelha-se ao que se esperaria de um acento de foco, visto que o autor descreve sua ocorrência apenas quando há a necessidade de ênfase ou manifestação emocional. Ainda, o alongamento vocálico traz consigo a carga semântica de um intensificador, de modo que um item como 'pitu' (peito), que já apresentaria o acento lexical atribuído à penúltima sílaba ['pitu], não apresenta alteração no padrão acentual ao receber o dito "acentu enfático", mas passa a significar "muito peito", ['pi:tu]. Também acreditamos que o autor esteja se referindo a uma manifestação de foco, expressa pelo aumento do nível de F₀, duração e intensidade, visto que o autor descreve esse acentu enfático como um acentu que "manifesta-se por uma altura, comprimento e intensidade muito superiores ao do acentu tônico ordinário" (BULL, 1989, p. 77).

¹³ Ver análise das sentenças declarativas neutras, no Capítulo 5.

Bull (1989, p. 76-77) descreve também que, nos não verbos, caso o acento de palavras formadas por três sílabas recaia sobre a sílaba final, um acento secundário seria atribuído à antepenúltima sílaba. Nos itens formados por mais de três sílabas, mesmo que o acento lexical recaísse na penúltima sílaba, o acento secundário recairia na primeira sílaba da palavra. Entretanto, o exemplo que ilustra este último caso corresponde a uma palavra lexical formada por duas palavras prosódicas, 'disaseti' (3j), sendo que o acento considerado pelo autor como secundário, na verdade, corresponde ao acento primário da primeira palavra prosódica. Quanto aos verbos, o acento sempre recairia sobre a última sílaba. Os exemplos em (3), com dados retirados do autor, ilustram essa descrição do sistema acentual do guineense para os não verbos.

(3)	(a) 'CV	'po' (pau)
	(b) 'CVC	'mis' (mês)
	(c) 'CV.CV	'kara' (rosto)
	(d) 'CVC.CV	'kurpu' (corpo)
	(e) CV.'CVC	'naris' (nariz)
	(f) CV.'CV.CV	'sabaku' (sovaco)
	(g) CV.'CVC.CV	'balansu' (balansu)
	(h) CVC.'CV.CV	'karneru' (carneiro)
	(i) ,CV.CV.'CVC	'pekadur' (pecador, pessoa)
	(j) ,CV.CV.'CV.CV	'disaseti' (dezessete)

2.2.2 O português da Guiné-Bissau

Ainda são poucos os estudos que tratam do português da Guiné-Bissau. Santos (2015) fez um estudo pioneiro sobre as características entoacionais das sentenças declarativas neutras, do qual trataremos no Capítulo 4. No que diz respeito às outras áreas da Gramática, encontramos informações sobre o léxico dessa variedade de português no estudo de Cá (2020) e sobre algumas características sintáticas em Intumbo (2007), mas não foram encontrados trabalhos que tratem da fonologia segmental do PGB.

O trabalho de Cá (2020) tem como enfoque a compreensão sobre os desafios enfrentados pelos guineenses na alfabetização e letramento e a desconstrução do preconceito que a autora assume existir com relação à variedade de português da Guiné-Bissau. Para a realização de sua pesquisa, a autora realizou a coleta de dados através de dois questionários, respondidos por professores e alunos de escolas públicas da cidade de Bissau,

capital do país, com algumas questões de resposta aberta sobre dificuldades enfrentadas no ensino e aprendizagem de português e modelos educacionais, qual variedade acredita-se ser falada no país, assim como perguntas de aceitação de itens lexicais em redações produzidas pelos alunos.

A autora traz, em sua monografia, itens lexicais presentes unicamente no português guineense, por terem entrado na língua através de empréstimos das línguas locais e do kriol. Estes itens são apresentados no Quadro 2.3.

Quadro 2.3: Itens lexicais do português guineense.

Item lexical do português guineense	Significado em português brasileiro
Bideira	Mulher vendedora em mercados informais que geralmente se encontra nas calçadas ao ar livre.
Toca-toca	Um tipo de transporte coletivo alternativo mais comum na Guiné-Bissau, que circula em diferentes bairros da capital.
Mandjundadi	Grupo de pessoas, geralmente da mesma faixa etária, que se organizam para suas diversões.
Tabanca	Tipo de aldeia habitada por um determinado grupo de pessoas, sendo estas do mesmo grupo étnico ou não.
Toca-choro	Cerimônia tradicional, que se faz quando morre uma pessoa adulta.
Baloba	Local de cerimônias tradicionais.
Bombolom	Instrumento de comunicação e musical feito com tronco de árvore escavado.
Gã	Casa grande com várias pessoas da mesma descendência Ex.: Gã Cá, Gã Monteiro, Gã da Silva, entre outros.

Fonte: Cá, 2020, p. 35.

É a partir do debate dos resultados trazidos pela autora quanto à aceitação desse léxico que podemos tecer considerações importantes sobre o PGB. Ao analisar as respostas dos questionários empregados, Cá (2020) verifica que todos os alunos guineenses afirmam que nunca encontraram no dicionário de língua portuguesa palavras como ‘bideira’ e ‘toca-toca’, embora estes mesmos alunos afirmem que grande parte de seus professores de português não considerem este tipo de léxico como “errado” quando usados em redações. A autora aponta como se faz urgente a criação de instrumentos linguísticos que contemplem esta variedade de português, levando em consideração dados recolhidos em jornais, entrevistas, literatura e outras fontes discursivas em que se encontra a variedade guineense. Embora a criação desses instrumentos se faça necessária, chama-nos a atenção a aceitação, por parte dos professores, deste tipo de léxico que, embora seja parte do cotidiano guineense, não seja

normativamente considerado como léxico do português padrão, adotado no ambiente escolar.

Quanto aos professores entrevistados, cuja grande maioria se declarou falante de guineense como L1, três dos sete professores afirmam que na Guiné-Bissau se fala o português guineense, enquanto dois afirmaram que no país fala-se o português misturado. Embora a amostra seja pequena, ela aponta para uma consciência crescente de que na Guiné-Bissau não se fala português europeu, ainda que um deles tenha declarado isto (provavelmente o mesmo que se declarou como falante de português como L1), e outro tenha afirmado que ali se fala português brasileiro.

Chama nossa atenção também a declaração de que todos os sete professores entrevistados preferem que seus alunos utilizem o “sotaque” do português guineense em relação ao do português europeu, afirmando que a língua portuguesa falada no país sofreu influência das línguas locais. Tal reconhecimento e preferência por parte dos professores por uma prosódia que lhes seja familiar pode ser uma semente do reconhecimento de uma variedade que lhes seja própria, visto que enxergam o “sotaque”, como afirma Cá (2020, p. 67), como a identidade linguística e social, embora a maioria dos professores defenda o conhecimento da gramática normativa para se falar português.

Intumbo (2007), por sua vez, traz um estudo comparativo da morfossintaxe do guineense, do balanta e do português. O autor, tendo como foco o guineense, traça comparações entre a estrutura morfossintática desta língua, o português europeu, que teve participação na formação do guineense e que atualmente é a norma adotada na Guiné-Bissau, e do balanta, língua autóctone e que, segundo o autor, também teria participado da formação do guineense.

Embora o autor tenha como base a gramática do português europeu para a comparação com a morfossintaxe das outras duas línguas, em dois momentos são trazidas também características do português falado na Guiné-Bissau. O primeiro deles é quando o autor aborda as sentenças interrogativas totais do guineense, declarando que, nesta língua não há inversão do sujeito e do verbo para esse tipo frásico. As interrogativas totais neutras do guineense apresentam uma estrutura sintática de ordem SVO (sujeito – verbo – objeto). Entretanto, quando há focalização nesse tipo de sentença, pode haver inversão das posições canonicamente ocupadas pelo sujeito e pelo objeto. Nesse caso, o objeto passa a ocupar a posição de início de sentença, seguido pelo relativizador ‘ku’ (tr. ‘que’), pelo sujeito e

finalmente pelo verbo. Tal processo é demonstrado no exemplo em (4), adaptado de Intumbo (2007, p. 100).

(4)	<i>tris</i>	<i>fidjus</i>	<i>ku</i>	<i>bu</i>	<i>tene?</i>
	três	filhos	REL	2S	ter
	[OD]		REL	[SUJ]	V
	<i>'Tens três filhos?'</i>				

De acordo com esse autor, embora essa estrutura sintática seja agramatical em PE, ela seria aceitável em PGB, como demonstrado em (5), num exemplo adaptado de Intumbo (2007, p. 100).

(5)	<i>três</i>	<i>filhos</i>	<i>[é que]</i>	<i>tens?</i>
	três	filhos	REAL	ter.2S

O segundo momento em que o autor menciona características específicas do PGB é quando trata das conjunções coordenadas. Intumbo (2007) afirma que, no português falado na Guiné-Bissau, a substituição da conjunção copulativa do PE 'e' pela preposição 'com' é frequente, apontando a influência do guineense, que utiliza a conjunção 'ku' (tr. 'com') para realizar a ligação de sintagmas. Para ilustrar o fenômeno descrito pelo autor, apresentamos os exemplos (6) do guineense e (7) do PGB, adaptados de Intumbo (2007, p. 112).

(6)	<i>Maria</i>	<i>ku</i>	<i>Máriu</i>	<i>tene</i>	<i>dus</i>	<i>karus</i>	<i>ku</i>	<i>um</i>	<i>mota</i>
	Maria	CONJ	Mário	ter	dois	carros	CONJ	uma	mota
	<i>'Maria e Mário têm dois carros e uma mota.'</i>								

(7)	<i>Maria</i>	<i>com</i>	<i>Mário</i>	<i>estão</i>	<i>felizes.</i>
	Maria	PREP	Mário	COP.3PL	feliz.PL

2.3 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Neste capítulo, tratamos da história e do panorama sociolinguístico que culminou no que hoje é a Guiné-Bissau. Vimos a participação política, social e econômica de impérios da África do oeste que já habitavam e dominavam a região da costa da Alta Guiné desde o século

XIII, o impacto da chegada dos portugueses, sua dinâmica social, política e militar junto às comunidades autóctones, o desenvolvimento da sociedade crioula e dos novos status sociais que surgiram com ela, assim como as mudanças geradas pela partilha da África no início do século XX e o movimento pela independência da Guiné-Bissau.

Tratamos também da expansão do crioulo, antes restrito aos núcleos urbanos e que, com o início do século XX, foi cada vez mais utilizado pela população, assim como seu alçamento à língua da identidade guineense. Abordamos também o status linguístico do guineense e da língua portuguesa após a independência do país e as consequências de sua adoção como língua oficial.

Além disso, vimos aspectos fonológicos do guineense já abordados na literatura, como os quadros consonantal e vocálico, a estrutura fonotática da sílaba e propostas para seu molde silábico e atribuição de acento lexical, embora muitas questões ainda precisem ser respondidas quanto a esses tópicos. Por fim, apresentamos algumas características do PGB já apontadas na literatura, embora muito ainda precise ser descrito sobre essa variedade que acreditamos estar em desenvolvimento.

Em suma, percebe-se que o guineense ainda foi pouco estudado quanto a seus aspectos segmentais e menos ainda quanto aos suprasegmentais, de modo que nosso estudo poderá contribuir para o maior entendimento dessa área da gramática do guineense. Ademais, o português falado na Guiné-Bissau ainda foi muito pouco explorado, no que diz respeito a aspectos fonológicos como um todo (cf. Capítulo 4 para estudos sobre a prosódia do PGB), de modo que este trabalho traz também contribuições para a ampliação do conhecimento sobre as características prosódicas dessa variedade de português.

3. METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa, utilizamo-nos de metodologia de recolha e análise de dados semelhante à que vem sendo aplicada em trabalhos relacionados ao projeto InAPoP.¹⁴ Isso se faz visando obter dados que sejam comparáveis aos resultados já encontrados para outras localidades em que se fala português descritos sob a mesma perspectiva teórica aqui utilizada (cf. Capítulo 4).

Neste capítulo, apresentamos, na Seção 3.1, os tipos frásicos que serão analisados na tese sob a perspectiva da gramática do português assim como a descrição morfossintática do guineense com relação aos mesmos tipos frásicos, além dos materiais utilizados para a coleta de dados do guineense e do PGB; na Seção 3.2, trazemos os procedimentos utilizados para a recolha desses dados, tratamento e anotação dos corpora; e, na Seção 3.3, descrevemos o perfil sociolinguístico dos informantes que participaram deste estudo.

3.1 MATERIAIS

Nesta tese, nos focamos na descrição e análise das sentenças declarativas neutras, declarativas enumerativas, interrogativas totais neutras e interrogativas parciais neutras dessas duas línguas (guineense e PGB), acreditando assim abranger tipos frásicos importantes e relevantes para o entendimento do comportamento prosódico de ambas as línguas.¹⁵

Brito, Duarte e Matos (2003), descrevendo tipos frásicos, afirmam que há isomorfismo entre estrutura sintática que corresponda a um tipo de sentença e o ato elocutório que se realizará através da sua produção. Tendo isso em vista, torna-se fundamental a compreensão do contexto de elocução para a interpretação da sentença como correspondendo a um determinado tipo frásico, não bastando unicamente a verificação da estrutura sintática.

Segundo as autoras, uma sentença declarativa é aquela que apresenta “certas propriedades gramaticais, que podem exprimir qualquer tipo de ato elocutório” (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 435). Frota (2000, p. 16), por sua vez, define as sentenças neutras

¹⁴ O InAPoP (*Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese*) é um projeto, coordenado pela Profa. Dra. Sónia Frota (Universidade de Lisboa), que visa ao mapeamento da prosódia (no que tange à entoação, ao ritmo e ao fraseamento) de variedades do português (europeu, brasileiro e africano) e à criação um atlas interativo online da prosódia do português (<http://labfon.letras.ulisboa.pt/InAPoP/>), contando com resultados de pesquisas realizadas no âmbito do projeto.

¹⁵ Estamos cientes de que estes não são os únicos tipos frásicos existentes nessas línguas. Entretanto, a análise prosódica de outros tipos frásicos será escopo de estudos futuros.

através de seu contexto de produção, assumindo que estas são sentenças em que uma nova informação é introduzida no discurso, de modo que o foco informacional recobre a sentença como um todo, e não só um elemento específico (como ocorre em sentenças de foco estreito). Seu contexto de produção seria uma resposta à pergunta “O que aconteceu?”.

As sentenças declarativas enumerativas, por sua vez, apresentam um significado puro de listagem, sem qualquer significado semântico ou pragmático (ESTEBAS-VILAPLANA, 1999, p. 647), mas são constituídas por características prosódicas específicas, pois cada um dos itens da listagem pode formar, de acordo com Nespor e Vogel (1986; 2007), um sintagma entoacional.¹⁶

Já as sentenças interrogativas são descritas por Brito, Duarte e Matos (2003, p. 436) como aquelas que apresentam certas propriedades gramaticais e “exprimem atos diretivos de pedido (de ação ou de informação)”. Segundo as autoras, sentenças interrogativas expressam um ato elocutório direto, em que o enunciador pede que seu interlocutor lhe forneça verbalmente uma informação que ele não possui. Do ponto de vista sintático, o português é uma das línguas em que a sentença interrogativa total pode não apresentar diferença em relação à estrutura de superfície da sentença declarativa correspondente, apenas se distinguindo desta através de meios prosódicos (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 435; FROTA et al., 2015a, p. 254). Conforme afirmam Brito, Duarte e Matos (2003, p. 460-461), as sentenças interrogativas totais são construídas com o objetivo de se obter do interlocutor uma resposta afirmativa ou negativa (p. 460-461).

Por fim, as sentenças interrogativas parciais são aquelas constituídas pela presença de constituintes interrogativos, sejam esses pronomes, adjetivos ou advérbios interrogativos, que marcam o foco da interrogação (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 463).

Para a descrição sintática das sentenças declarativas neutras do guineense apresentamos aqui a frase simples, tal como coloca Kihm (1994), sendo este um enunciado completo e autônomo que denota algum estado das coisas e em que todos os argumentos esperados estão presentes.¹⁷ O guineense é uma língua de ordem sintática SVO (sujeito-

¹⁶ Embora o algoritmo de formação de IP proposto por Nespor e Vogel (1986; 2007) possibilite sua reestruturação, de modo que um IP reestruturado pode conter em si mais de um item da listagem.

¹⁷ Tradução nossa. No original: “By simple sentence I mean a declarative sentence (S) corresponding to a complete, autonomous utterance that denotes some state of affairs, and where all expected arguments are present.” (KIHM, 1994, p. 21).

verbo-objeto) (INTUMBO, 2007), embora os autores assumam que a ordem sintática possa variar em certos contextos específicos.

As frases simples, como assume Kihm (1994), são formadas obrigatoriamente por um sujeito seguido de um predicado. Este predicado, por sua vez, consiste em um sintagma¹⁸ verbal, tendo o verbo como núcleo e seguido de seus complementos, e pode ser precedido imediatamente por um marcador de aspecto.

Truppi (2015) traz esquematizado o ordenamento típico das palavras em uma sentença simples do guineense que contenha um verbo transitivo, que apresentamos em (8):

- (8) (advérbio) + sujeito + (negação) + (aspecto) + verbo + objeto + (tempo verbal) + (advérbio)
(TRUPPI, 2015, p. 24)

Em guineense, segundo Truppi (2019), tempo e aspecto verbais são expressos por marcadores morfológicos ou por verbos nus. A ausência de marcadores aspectuais indica perfectivo, ou seja, o verbo nu (em uma tradução para o português, a sentença deverá ser lida com o verbo conjugado no tempo pretérito perfeito). Segundo a autora, um verbo nu dinâmico (como ‘comprar’) produz uma leitura de passado simples, enquanto um verbo nu estático (como ‘ter’) é interpretado como tempo presente.

Os exemplos em (9), adaptados de Truppi (2019, p. 88), ilustram a estrutura sintática das sentenças declarativas neutras, tanto com verbos dinâmicos (9.a) quanto com verbos estáticos (9.b).

- (9) (a) N' kumpra pon.
 1S.CL comprar.PERF pão
 Eu comprei pão.
- (b) I tene un primu na Bula.
 3S.CL ter.PRS INDF primo PREP-em Bula
 Ele/a tem um primo em Bula.

As sentenças declarativas de enumeração, por sua vez, nos mostrarão como é uma listagem em guineense. Embora esse tipo frásico não apresente uma estrutura sintática

¹⁸ Neste momento, ‘sintagma’ é utilizado com a conotação utilizada na área de sintaxe, não correspondendo necessariamente ao que se entende por ‘sintagma’ quando tratarmos de sintagma fonológico ao longo da tese, isto porque não há necessariamente isomorfia entre constituintes sintáticos e constituintes prosódicos. Uma discussão sobre isso é apresentada no Capítulo 4.

específica nessa língua, interessa-nos saber como nela se realiza entoacionalmente uma lista, visto que este tipo frásico é constituído por características prosódicas específicas. Em guineense, podemos ter uma listagem através da coordenação de sintagmas nominais dentro de uma sentença declarativa. Essa coordenação, por sua vez, quando une dois sintagmas nominais, é realizada com conjunção coordenada ‘ku’. O exemplo em (10), adaptado de Intumbo (2007, p. 112), mostra uma sentença em que há coordenação de dois sintagmas nominais no sujeito.

(10) Maria ku Mariu tene dus karu-s.
 Maria CONJ Mário ter.PRS NUM-dois carro-PL
Maria e Mário têm dois carros.

Quanto à sintaxe das sentenças interrogativas totais neutras (foco amplo) do guineense, Intumbo (2007) e Truppi (2015) afirmam que esse tipo frásico não apresenta diferença, em sua forma de superfície, se comparado à sentença declarativa neutra. Dessa forma, os autores assumem que a diferença entre sentenças declarativas e interrogativas se dá unicamente pela entoação, tal qual no português. Apontam, ainda, que em guineense não há inversão do sujeito e do verbo neste tipo frásico. Em (11), apresentamos o exemplo, adaptado de Intumbo (2007, p. 99), que ilustra a sintaxe deste tipo frásico em guineense.

(11) Bu tene tris fidju-s?
 2S.CL ter.PRS três filho-PL
Tu tens três filhos?

Intumbo (2007) assume que as interrogativas parciais do guineense também são de ordem SVO. Esse tipo frásico é caracterizado, segundo o autor, pela presença de pronomes, adjetivos ou advérbios interrogativos (também conhecidos como palavras QU-) no início da frase, normalmente realçados com o relativizador ‘ku’ (tr. que), que pode alternar com a forma ‘ki’. Em (12) trazemos um exemplo, adaptado de Kihm (1994, p. 230).

(12) Ke ku bo misti?
 O que REL 2PL querer.PRS
O que (que) vocês querem?

Truppi (2015), por sua vez, trata as interrogativas parciais como aquelas que são introduzidas por dois elementos interrogativos agrupados, em oposição a línguas românicas

e germânicas, que tendem a ter um único elemento. Apresentamos em (13) essas estruturas que podem iniciar as sentenças interrogativa parciais, de acordo com o exposto por Truppi (2015, p. 32), adaptadas para o português.

(13)	Kin ku/ki	Quem (que)
	Ke ku	O que (que)
	Kuma ku	Como (que)
	Kal ku	Qual (que)
	Nunde ku	Onde (que)
	Kantu ku	Quanto (que)
	Kal óra ku	Quando (que)

Intumbo (2007) vai apontar que as interrogativas parciais em guineense podem ser realçadas com essa partícula ‘ku’, tal qual em português, em que se usa um verbo copulativo seguido do relativizador ‘que’, como vemos numa sentença como “Onde *é que* colocou aquilo?”.

Kihm (1994, p. 230) afirma que o guineense é uma língua em que as estruturas QU- são obrigatoriamente focalizadas, de modo que seria agramatical uma sentença que apresentasse uma estrutura QU- no início da sentença sem que esta estivesse focalizada. Ainda segundo esse autor, uma sentença interrogativa parcial em que a estrutura QU- esteja em sua posição argumental (*in situ*) é interpretada como um pergunta-eco, tal qual ocorre no inglês.

Para a obtenção de dados que correspondessem a esses tipos frásicos, tanto em PGB quanto em guineense, fizemos uso de dois tipos de produção: fala controlada (para o PGB) e fala semiespontânea (para o PGB e o guineense). Para ambos, utilizamos como tarefas aquelas utilizadas pelos trabalhos já realizados no âmbito do InAPoP, pelas razões já mencionadas. Para a coleta de dados de fala controlada, realizada apenas para o PGB,¹⁹ foi aplicado o *Reading Task* (cf. Seção 3.1.1). Já para a coleta de dados de fala semiespontânea, realizada para ambas as línguas, foram executadas duas tarefas: *Discourse Completion Task* (DCT – tarefa para completar o discurso) (conferir Seção 3.1.2), e *Story Telling* (conferir Seção 3.1.3).

¹⁹ A tarefa de leitura não foi realizada para o guineense por não existir ainda uma norma escrita para essa língua. Desse modo, as produções realizadas numa tarefa de leitura nessa língua não poderiam ser consideradas naturais.

3.1.1 Reading Task

O *Reading Task* (RT – tarefa de leitura) consistiu na leitura de sentenças interrogativas totais neutras do PGB. Neste estudo, este teste não foi aplicado para as sentenças declarativas neutras, por já contarmos, na literatura, com a descrição detalhada deste tipo frásico (SANTOS, 2015). As sentenças declarativas neutras, portanto, foram obtidas nas tarefas de fala semiespontânea, para verificarmos se o tipo de tarefa corroboraria com os resultados encontrados pelo autor.

Após a apresentação de um contexto prévio, as sentenças interrogativas totais neutras do PGB eram lidas buscando-se a produção de uma pergunta cuja resposta pudesse ser “sim” ou “não”. Um exemplo é apresentado em (14):

- (14) [Contexto: A revista fez uma reportagem em Angola. Não sei o que aconteceu.]
[Enunciado] *As angolanas ofereceram especiarias aos jornalistas?*

A análise dessas sentenças buscou compreender o comportamento desse tipo frásico do PGB no que concerne ao fraseamento prosódico, ao contorno nuclear de IP final e não final, à localização do pico de F_0 (por esse ser um fator que não apresenta unanimidade nas variedades de português já estudadas, conforme apontaremos no Capítulo 4) e à densidade tonal. Os enunciados utilizados para essa tarefa correspondem à adaptação ao PGB (com auxílio de falantes guineenses) de sentenças constantes da base de dados dos estudos de Frota (2002a; 2014), totalizando dez interrogativas totais neutras (FROTA, 2002a), além de onze sentenças imperativas e seis vocativos (FROTA, 2014), que foram utilizados como enunciados distratores nesta tarefa (cf. Apêndice 1).²⁰

3.1.2 Discourse Completion Task – DCT

O *Discourse Completion Task* (DCT – tarefa para completar o discurso) é uma tarefa que consiste na apresentação, realizada pelo entrevistador, de situações do cotidiano – algumas com o auxílio de imagens – orientando o informante a visualizar-se em cada uma delas e incitando-o a produzir os enunciados correspondentes a diversos tipos frásicos e significados pragmáticos. Para este trabalho, adaptamos, tanto para o PGB quanto o guineense (com o

²⁰ Tais materiais fazem parte de um dos corpora do InAPoP, disponível em: <http://labfon.lettras.ulisboa.pt/InAPoP/methodology.html>

auxílio de falantes guineenses), a versão do teste em PE, adaptado do teste criado para o catalão (PRIETO, 2001; PRIETO; CABRÉ, 2013). Desse modo, o teste aplicado aos participantes guineenses é constituído por 37 enunciados²¹ (Cf. Apêndice 2), dentre os quais, selecionamos para análise os que correspondem às sentenças declarativas neutras (15.a, três enunciados), às declarativas de enumeração (15.b, dois enunciados, sendo uma sentença curta e de resposta aberta e uma sentença longa de resposta fechada), às interrogativas totais neutras (15.c, dois enunciados) e às interrogativas parciais (15.d, três enunciados). Apresentamos em (15) os exemplos referentes à obtenção desses diferentes tipos de sentenças e extraídos da tarefa DCT.

(15) *Discourse Completion Task* (DCT) adaptado ao PGB e ao guineense

a. Declarativa neutra

[Contexto: Olhe para a imagem e diga o que é que a mulher faz]



[Enunciado PGB] *Ela está a beber água*

[Enunciado guineense] *I na bibi yago*

b. Declarativa de enumeração

[Contexto: Fale três frutas que você mais gosta.]

[Enunciado PGB] *Banana, maçã e romã*

[Enunciado guineense] *Mango, banana, papaya*

c. Interrogativa total (Sim/Não) neutra.

[Contexto: Você entra numa loja e pergunta ao atendente se tem “farinha”]

²¹ A DCT utilizada como base faz parte de um dos corpora do InAPoP, disponível em: <http://labfon.lettras.ulisboa.pt/InAPoP/methodology.html>

[Enunciado PGB] *Tem farinha?*

[Enunciado guineense] *Bu tene farinha?*

d. Interrogativa parcial (pergunta QU-) neutra.

[Contexto: Você soube que eu conversei muito tempo com a Maria. Você me pergunta o que ela me contou]²²

[Enunciado PGB] *O que que Maria te contou?*

[Enunciado guineense] *Ke ku Maria falo?*

3.1.3 Story Telling

O *Story Telling* (ST) é uma tarefa de coleta de dados de fala semiespontânea que consiste na narração de uma história, pré-estabelecida, através do auxílio de imagens. Foram utilizadas duas histórias da plataforma *Totem Field Storyboards*: “*Mouse Story*”²³ (TFS WORKIN GROUP, 2010a) (cf. Apêndice 3.1), com foco na produção de sentenças interrogativas globais neutras e declarativas neutras com negação; e “*Shopping List 3*”²⁴ (TFS WORKIN GROUP, 2010b) cf. Apêndice 3.2), cujo foco era a produção de interrogativas parciais neutras e declarativas enumerativas (que apresentassem contornos entoacionais de lista). Algumas imagens da *Mouse Story* foram adaptadas para a melhor compreensão dos informantes: a personagem ‘mãe do ratinho’ ganhou um avental de corpo com babados e coração em todas as cenas em que aparece para ser facilmente diferenciada do personagem “ratinho”, evitando-se assim que algum informante a interpretasse como um terceiro rato ou um alter ego de “ratinho”.

As sequências narrativas eram apresentadas aos informantes em uma apresentação *power point* (cf. Apêndice 3). Na primeira parte do teste, a pesquisadora apresentou a cada um dos informantes a sequência narrativa em português, solicitando, em seguida, que a mesma história fosse contada em guineense, fazendo uso das mesmas imagens. Na segunda parte, realizada em outro dia, era solicitado ao informante que contasse a história em PGB, utilizando-se das imagens já utilizadas anteriormente. Essa rotina do experimento foi utilizada para as duas histórias e com a participação de todos os informantes.

²² Na adaptação para o PGB, os falantes escolheram uma palavra oxítone (‘contou’), embora o contexto utilizado nas outras variedades de português tenha sido utilizado uma palavra paroxítone (‘disse’, para PE, e ‘contava’, para o PLB).

²³ Sequência de imagens disponível em: http://www.totemfieldstoryboards.org/stories/mouse_story/

²⁴ Sequência de imagens disponível em: http://www.totemfieldstoryboards.org/stories/shopping_list3/

3.2 PROCEDIMENTOS DE RECOLHA E TRATAMENTO DE DADOS

Os dados de fala analisados nesta investigação foram coletados em pesquisa de campo realizada durante todo o mês de janeiro de 2019, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), campus dos Malês, em São Francisco do Conde – BA.²⁵ Nesse período, foram gravados falantes guineenses que haviam chegado ao Brasil há menos de 30 dias (na data da gravação).

Nos três primeiros dias, foram cumpridas as formalidades junto à diretoria do Instituto de Humanidades da UNILAB e aos coordenadores dos cursos, sendo apresentado o projeto de coleta de dados para a realização desta pesquisa. Além disso, nesses primeiros dias, também foi estabelecido contato com uma aluna guineense do quarto ano do curso de Relações Internacionais, que, na época, era uma das líderes do Coletivo de Mulheres Africanas.²⁶ Através desse contato, foi possível a aproximação junto aos alunos guineenses recém-chegados. A adaptação dos contextos e sentenças dos experimentos foi realizada com o auxílio de alguns desses alunos, que não se enquadravam no perfil sociolinguístico previamente selecionado (conferir Seção 3.3).

Os alunos guineenses recém-chegados e que se enquadravam no perfil sociolinguístico pré-definido foram então convidados a participar do estudo e, após serem informados sobre a pesquisa e os experimentos dos quais participariam, foram convidados a assinar um termo de concordância (cf. Apêndice 5).

Nas semanas seguintes, iniciaram-se as gravações. Primeiramente, gravou-se uma entrevista sociolinguística com duração entre 30 e 60 minutos, em que o participante era convidado a contar um pouco sobre si: sobre sua(s) etnia(s), o que estudava, o processo de adaptação no Brasil, como era sua vida na Guiné-Bissau, sua família, costumes e tradições de seu país. No segundo dia de gravação do mesmo participante, realizaram-se as tarefas *Story Telling* e DCT em guineense; no terceiro dia, realizaram-se as mesmas tarefas, mas em PGB; por fim, no quarto dia, o participante realizava a tarefa *Reading Task*. A ordem das tarefas foi estipulada visando ganhar a confiança do participante, para que este não se sentisse

²⁵ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), fundada em 2010 pelo Governo Federal do Brasil com o objetivo de formar recursos humanos para desenvolver a integração entre Brasil e demais membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), em especial os países africanos, assim como “promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional”.

²⁶ Para mais informações cf. https://www.facebook.com/Cmulheresafricanas/?ref=page_internal

constrangido ou intimidado diante da pesquisadora, visto que a tarefa de leitura solicita uma competência escolar.

Para a realização da tarefa *Story Telling*, o participante era exposto a uma apresentação *power point* em que estavam descritas as instruções, que explicavam ao informante no que consistia a tarefa e quais seriam as etapas de sua realização (que também eram lidas em voz alta pela pesquisadora), e as imagens da sequência narrativa, apresentadas uma a cada *slide*.

Toda a tarefa estava contida em uma única apresentação. Para a realização da tarefa em guineense, a apresentação *power point* era iniciada com as instruções e o roteiro do experimento, seguida pelas imagens da sequência narrativa, que era então apresentada pela pesquisadora. Dando continuidade e checando com o participante se ele havia compreendido a sequência narrativa e a tarefa, apresentavam-se instruções para a próxima etapa, em que era solicitado ao participante que narrasse em guineense a mesma história já apresentada, tendo como apoio as mesmas imagens utilizadas na primeira etapa da tarefa.

A realização da tarefa *Story Telling* em PGB se dava no dia seguinte à sua realização em guineense, para que a história narrada ainda não tivesse sido esquecida pelo participante, ao mesmo tempo em que havia entre as duas versões uma distância temporal do *input* oferecido pela produção da pesquisadora, que poderia influenciar o participante. Para a tarefa em PGB, a apresentação *power point* era iniciada com as instruções para que o participante narrasse em PGB a mesma história contada por ele mesmo em guineense, seguida das imagens já utilizadas naquela narrativa. Eram então apresentados novamente os *slides* com as imagens da sequência narrativa, na tentativa de evitar hesitações ou comprometimento do encadeamento da história que seria contada, e em seguida o informante dava início à narração, seguindo a ordem de apresentação das imagens.

Por sua vez, para a tarefa DCT, os estímulos foram numerados ordenadamente (1-37) e, em seguida, aleatorizados. O processo de aleatorização foi feito *online*,²⁷ com a inserção da sequência numérica (1-37) no *website* selecionado. Esses números foram aleatorizados seis vezes, desprezando-se as três primeiras, por ainda estarem semelhantes à ordem crescente da numeração. As aleatorizações seguintes (quatro a seis) foram utilizadas para a ordenação dos estímulos, sendo o experimento composto por três repetições de cada um deles. Todos

²⁷ <<https://site112.com/ordenar-lista-aleatoriamente>>

os estímulos eram então inseridos em uma apresentação *power point*, um estímulo por *slide*. Ao final de cada aleatorização era inserido um *slide* de intervalo.

No momento da realização da tarefa DCT, tanto em guineense quanto em PGB, a pesquisadora apresentava os estímulos para o participante, utilizando, quando possível, as imagens pré-estabelecidas impressas em papel para a compreensão do contexto. Quando chegava o momento do intervalo, eram oferecidos água e chocolate ao participante e verificado se este se sentia confortável para dar continuidade ao experimento. Conforme mencionado anteriormente, a tarefa foi realizada primeiro em guineense e, apenas no dia seguinte, em PGB.

Por fim, para a realização da tarefa de leitura, as sentenças interrogativas totais neutras foram intercaladas a outros tipos frásicos (vocativos e imperativos). Os enunciados dos experimentos foram aleatorizados tal qual para a tarefa DCT. Da mesma forma, cada enunciado do *Reading Task* foi produzido 3 vezes por cada participante, sendo realizado o intervalo entre cada um dos blocos. As repetições dos enunciados, tanto no *Reading Task* quanto na DCT, visam evitar o efeito de aleatoriedade nos resultados.

Todas as gravações foram realizadas em salas de aula cedidas pela universidade já referida, em horários em que estas não eram utilizadas para atividades acadêmicas. Por conta disso, nos momentos em que as produções dos participantes coincidiam com a incidência de barulhos externos (como a passagem de caminhões pela rua), era solicitado ao participante que produzisse o enunciado novamente, após um intervalo. Isso se deu pelo fato de a sala não ter um tratamento acústico e devido à proximidade do prédio à rodovia.

Para a captação dos dados de fala do guineense e do PGB fez-se uso de um gravador digital MARANTZ, modelo PMD660, a uma frequência de 48.000 Hz, em canal monofônico, e de microfone externo e de lapela SENNHEISER, modelo EW122-P G3.

Após as gravações, todo o material de áudio obtido foi submetido ao programa *Praat* (BOERSMA; WEENINK, 2014), através do qual foi feita a segmentação do arquivo geral em arquivos menores, comportando apenas sentenças individuais, que foram renomeadas para melhor identificação, seguindo uma codificação: código do informante, código da tarefa, língua da realização da tarefa, e numeração (em ordem crescente) da sentença, além da repetição (quando prevista).

Após essa sistematização, também através do *Praat*, realizamos a representação do sinal acústico, obtendo o oscilograma, o espectrograma e o registro do contorno da frequência

fundamental (F₀) das sentenças produzidas. Em seguida, foram gerados os *textgrids*²⁸ para a realização das anotações e análises.

A metodologia utilizada para as anotações e análises seguiu na esteira dos estudos que tratam da entoação de diversas línguas e variedades numa abordagem autossegmental, utilizamos o sistema ToBI criado para o português, o P-ToBI (FROTA *et al.*, 2015b). O sistema ToBI, originalmente criado para notação das transcrições do inglês americano padrão (*Mainstream American English – MAE*) (SILVERMANN *et al.*, 1992; PITRELLI *et al.*, 1994; BECKMAN; HIRSCHBERG, 1994), passou a ser utilizado também, tanto para outras variedades de inglês quanto para outras línguas, como uma referência de sistema de notação prosódica utilizada para transcrições entoacionais e dos níveis de quebra prosódica de enunciados (JUN, 2005; FERNANDES-SVARTMAN, a sair).

Assim, o termo ToBI (junção de “To” – *tonal*, e “BI” – *Break Index*) passa a caracterizar um tipo de anotação em que são transcritos os eventos tonais e outras informações prosódicas analisadas como parte da gramática de uma dada língua, de modo que, através da anotação do evento tonal juntamente com a informação trazida pelo índice da fronteira (*Break Index*), seja possível descrever o sistema prosódico de uma língua (JUN, 2005), ou seja, através da anotação utilizada na transcrição, apresenta-se uma análise do sistema entoacional (FROTA, 2016), que tem como objetivo descobrir quais são as categorias significativas para a gramática dos sons de uma variedade ou língua sob análise.

O sistema ToBI original convencionou o uso de quatro camadas de anotação a serem alinhadas a instâncias específicas do sinal da fala: tons, palavras, *break indices*, e miscelâneas. Entretanto, a ordem e quantidade das camadas pode ser alterada de acordo com a necessidade particular da língua ou variedade que desenvolverá seu sistema, visto que as categorias e informações prosódicas relevantes podem variar de acordo com a língua ou variedade, assim como o interesse do grupo de pesquisa que faça uso da notação.

O sistema ToBI desenvolvido para o português, o P-ToBI (FROTA *et al.*, 2015b), contém três camadas principais, de cima para baixo: *Tone* (tom), *Orthography* (ortografia) e *Break Indices* (BI). Em nossas análises apresentadas aqui adicionamos ainda uma camada de intervalo para a anotação das sílabas, que nos auxiliam a verificar o alinhamento de eventos

²⁸ Arquivos gerados pelo *Praat* para a realização de anotações, com a possibilidade de criação de camadas, seja de intervalos ou com marcação de pontos.

tonais e possíveis pistas que existam na cadeia segmental. Em nossos *textgrids*, as camadas seguem a seguinte ordem com as seguintes características (de cima para baixo):

- Tons: camada de marcação de pontos em que são transcritos os eventos tonais encontrados associados ao contorno entoacional de acordo com a teoria da Fonologia Entoacional Autossegmental-Métrica (cf. Capítulo 4);
- Sílabas: camada de intervalos em que são transcritas foneticamente as sílabas proeminentes, visando à verificação do alinhamento dos eventos tonais;
- Ortografia: Camada de intervalos em que o enunciado é transcrito ortograficamente (elementos apagados são anotados dentro de parênteses e elementos inseridos são anotados entre colchetes);
- *Break Indices* (BI): Camada de marcação de pontos em que se anota o fraseamento prosódico do enunciado realizado, de acordo com os algoritmos de formação dos constituintes prosódicos (cf. Capítulo 4). Nessa camada, utiliza-se uma notação numérica de 0 a 4 para indicar a fronteira de constituinte prosódico mais alta de cada uma das palavras anotadas na camada Ortografia: 0 para clíticos, 1 para palavra prosódica, 2 para grupo de palavras prosódicas, 3 para sintagma fonológico e 4 para sintagma entoacional.

Ainda sobre a camada Ortografia, cabe aqui apresentar, no Quadro 3.1, a notação ortográfica utilizada para o guineense na transcrição, adaptada de Scantamburlo (1999, p. 14-19)²⁹ e seguindo os quadros consonantais e vocálicos apresentados no Capítulo 2, tendo em vista que ainda não há, na Guiné-Bissau, uma ortografia oficial para o guineense.

²⁹ Scantamburlo (1999) propõe o uso do grafema <u> para o que tratamos aqui como o glide /w/ e o grafema <i> para o que tratamos aqui como o glide /j/. Preferimos utilizar os grafemas <w> e <y>, respectivamente, para representar uma maior transparência entre realização e grafia.

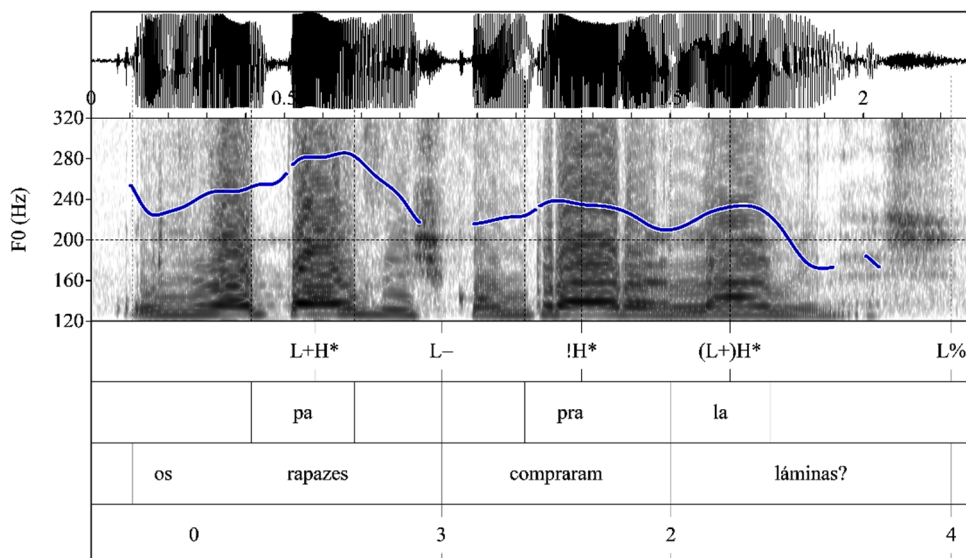
Quadro 3.1: Correspondência entre fonemas e grafemas utilizados na anotação ortográfica do guineense, baseada em Scantamburlo (1999).

Fonemas	Grafema	Exemplo
/p/	<p>	pape (tr. pai)
/b/		batata (tr. batata)
/t/	<t>	tiu (tr. tio)
/d/	<d>	dana (tr. danar)
/k/	<k>	kusa (tr. coisa)
/g/	<g>	géra (tr. guerra)
/m/	<m>	mamé (tr. mãe)
/n/	<n>	nóbu (tr. novo)
/ɲ/	<nh>	nha (tr. minha/meu)
/ŋ/	<N'>	N' (tr. Eu - 1S átona)
/f/	<f>	fatu (tr. fato)
/v/	<v>	vivi (tr. viver)
/s/	<s>	séku (tr. seco)
/z/	<z>	izami (tr. exame)
/ʃ/	<x>	xa (tr. chá)
/ʒ/	<j>	béju (tr. beijo)
/ʧ/	<tx>	txuba (tr. chuva)
/dʒ/	<dj>	djuda (tr. ajudar)
/l/	<l>	libru (tr. livro)
/ʎ/	<lh>	bilha (tr. bilha)
/r/, realizado como [r] ou [r]	<r>	rema (tr. remar)
/w/	<w>	waga (tr. semear)
/j/	<y>	yagu (tr. água)
/i/	<i>	misa (tr. missa)
/e/	<e>	sera (tr. cera)
/ɛ/	<é>	séra (tr. serrar)
/a/	<a>	kala (tr. calar)
/ɔ/	<ó>	bóta (tr. bota)
/o/	<o>	bota (tr. botar)
/u/	<u>	puspus (tr. carroça)

Fonte: Adaptado de Scantamburlo (1999).

Na Figura 3.1 ilustramos a constituição dos *textgrids* com as notações utilizadas seguindo critérios do P-ToBI na análise dos dados de guineense e PGB.

Figura 3.1: Sentença “Os rapazes compraram lâminas?”, realizada em PGB, por RAS, na tarefa de leitura.



Fonte: Elaboração própria.

3.3 PARTICIPANTES

Os participantes desta pesquisa apresentam perfil sociolinguístico semelhante: guineenses, que nunca tinham saído do país antes de virem para o Brasil, com idade entre 21 e 23 anos, universitários, que haviam chegado em São Francisco do Conde (BA-Brasil) há menos de 30 dias (na data das primeiras gravações), falantes de guineense como primeira língua (L1) e de PGB como uma segunda língua (L2), e que declararam conhecimento passivo de outras línguas étnicas.

Foram selecionados três participantes homens e duas participantes mulheres, seguindo a disponibilidade dos alunos convidados para participarem desta pesquisa. Entretanto, nem todos participam de todas as tarefas, pois uma informante desistiu de continuar realizando os experimentos. Desse modo, para a análise de produção dos dados do guineense, selecionamos as duas participantes mulheres (RAS e JAM) e dois participantes homens (LAS e HGS) e, para a produção dos dados do PGB, foram selecionados os três participantes homens (JSJ, LAC e HGS) e uma participante mulher (RAS). No Quadro 3.2, apresentamos informações iniciais dos falantes e as tarefas das quais participaram.

Cabe aqui também lembrar o universo multilinguístico existente na Guiné-Bissau e como ele se reflete nos falantes que colaboraram para a realização dessa pesquisa. Embora todos tenham declarado ter como língua materna o guineense, outras línguas estão presentes no contexto familiar e social.

Quadro 3.2: Informações iniciais sobre participantes selecionados e tarefas realizadas.

Participantes		JAM	RAS	HGS	LAC	JSJ
Sexo		F	F	M	M	M
Idade (anos)		23	21	21	22	21
Guineense falado como		L1	L1	L1	L1	L1
PGB falado como		L2	L2	L2	L2	L2
Etnia declarada		Mancanha	Manjaco	Mancanha	Balanta	Balanta e Fula
Tarefas realizadas	RT PGB	--	✓	✓	✓	✓
	DCT PGB	--	✓	✓	✓	✓
	DCT guineense	✓	✓	✓	✓	--
	ST PGB	✓	✓	✓	✓	✓
	ST guineense	✓	✓	✓	✓	✓

Fonte: Elaboração própria.

A informante JAM se declara como pertencente à etnia mancanha, sendo seus pais também desta etnia. Entretanto, nasceu em Canchungo, cidade localizada no noroeste da Guiné-Bissau, a cerca de 79 quilômetros de Bissau e que é descrita por ela como a “terra dos manjacos”. Viveu lá até seus 11 anos, quando se mudou com a tia e primos para Bissau. Foi criada pela tia, também da etnia mancanha, que fala mancanha e manjaco. Porém, JAM afirma que os adultos nunca falaram com as crianças em uma língua autóctone, apenas em guineense. Dessa forma, JAM declara ser falante de guineense como língua materna, que compreende manjaco, mas não consegue falar essa língua, não fala nem compreende mancanha, e que tem o português como L2, tendo aprendido a língua nos anos iniciais da escola, que começou a frequentar por volta dos 4 anos. Frequentou a escola privada por pouco mais da metade dos anos escolares e afirma que no ensino privado os professores só falam português, enquanto na escola pública os professores falam com os alunos ora em português, ora em guineense. JAM também fez curso de literatura e cultura brasileira no Centro Cultural da Embaixada Brasileira, onde soube da possibilidade de estudar na UNILAB.

A informante RAS se declara como sendo da etnia manjaco, etnia da qual pertencem seus pais. Nasceu em Pecixe (assim como seus pais), ilha localizada na região oeste do país, estando a 55 quilômetros de Bissau. A família (RAS, pai, mãe e irmãos) mudou-se para Bissau quando RAS tinha 5 anos. RAS afirma que os pais falam manjaco, mas só entre si e com outros adultos, dirigindo-se às crianças apenas em guineense. Assim, RAS afirma compreender manjaco, mas não consegue falar a língua. Afirma ter aprendido português na escola, onde

falava português durante as aulas, mas que, com os amigos, falava em guineense. RAS fala ainda um pouco de francês, por ter estudado a língua por um ano num curso extracurricular. Não fez cursos no Centro Cultural da Embaixada Brasileira, mas se informou sobre a UNILAB neste local.

O informante HGS também nasceu em Canchungo (tal qual JAM), onde viveu até os 20 anos, quando se mudou para Bissau. Declara-se como sendo da etnia mancanha, sendo seus pais também dessa etnia. Embora os pais só falem mancanha entre eles e com outras pessoas mais velhas, HGS declara que sabe falar um pouco da língua, tendo a aprendido com o avô. Os pais só falam com os filhos em guineense, língua assumida por HGS como sua língua materna. HGS afirma ainda ter aprendido manjaco por volta dos 10 anos, com vizinhos e colegas na cidade. Assim, manjaco é uma língua étnica na qual o informante afirma conseguir conversar. Quanto aos irmãos, informou que dois de seus irmãos mais velhos vieram estudar no Brasil, no estado do Piauí, tendo um deles retornado à Guiné-Bissau após a conclusão do ensino superior, enquanto o outro permaneceu no Brasil. Embora o informante HGS tenha aprendido português na escola, afirma que não fala muito a língua nem com os irmãos que vieram para o Brasil, se comunicando com eles em guineense.

O informante LAC nasceu em Bissau, assim como seus pais, sendo todos de etnia balanta. Entretanto, os pais só falavam com os filhos em guineense, de modo que LAC afirma não saber falar balanta, mas só compreender algumas palavras. Entretanto, conta que seu irmão mais novo fala a língua por ter vivido na casa do tio que fica em Bolama, no sul do país (cerca de 32 quilômetros de Bissau), por quase quatro anos. Conviveu pouco com uma das avós, que falava balanta, mas pouco o guineense. LAC entrou na escola aos quatro anos, onde aprendeu a falar português. cursou até o 3º ano do ensino regular em escola privada, em que os professores só falavam com os alunos em português e havia a obrigatoriedade da comunicação nessa língua. Entretanto, cursou do 4º ao 12º na escola pública. Na escola pública, conforme relata LAC, embora exista também a obrigatoriedade de se falar o português, nos momentos de descontração, fala-se guineense. O informante declara saber também um pouco de inglês, tendo estudado como curso extracurricular por um curto período.

Por fim, o informante JSJ nasceu também em Bissau, onde morava até vir para o Brasil. Afirma que sua língua materna, assim como a de seus pais, é o guineense, embora a mãe seja de etnia fula e o pai seja da etnia balanta. Em casa, afirma que os pais não falam com os filhos

em balanta e fula, apenas em guineense, língua na qual ele e os irmãos conversam entre si e com os pais. Assim, assume compreender balanta e fula, compreender ainda mais o fula do que o balanta, mas que não consegue falar essas línguas. Narrou ainda que vai muito ao interior para a casa da avó materna, que é fula, mas que compreende balanta. Um de seus irmãos já estudava na UNILAB, e foi assim que descobriu essa universidade. Assim como os outros colegas que participaram desta pesquisa, aprendeu o português na escola, nos anos iniciais. Chegou também a estudar um pouco de francês, como curso extracurricular, por pouco mais de um ano.

Todos os informantes participaram do processo seletivo da UNILAB através da Embaixada Brasileira na Guiné-Bissau. Dos cinco participantes desta pesquisa, JSJ, HGS, RAS e JAM foram aprovados para o bacharelado em Humanidades e LAC para o bacharelado em Letras. Todos vieram para o Brasil no mesmo voo e foram recebidos pelos “tutores”, alunos estrangeiros da UNILAB que se organizam para receber os novos alunos de mesma nacionalidade e que os ajudam no processo de adaptação ao novo país e à universidade. Os novos alunos ficam hospedados na casa dos tutores por cerca de três meses, quando passam a receber o auxílio moradia. Nossos informantes narraram que, entre esses estudantes guineenses, sejam eles novos alunos ou tutores, a língua utilizada é sempre o guineense.

No Quadro 3.3, trazemos um panorama das línguas étnicas que fazem parte da vida social dos participantes desta pesquisa e a proficiência por eles declarada quanto a essas línguas. Ressaltamos que o guineense é a língua que ocupa o espaço central na vida desses informantes, mas que é inegável a presença regular do português, falado nas escolas (em maior ou menor grau, dependendo se privada ou pública), na televisão e no Centro Cultural da Embaixada Brasileira, que teve papel vital para o acesso desses estudantes ao ensino superior.

Quadro 3.3: Informações sociolinguísticas dos participantes.

Participantes		JAM	RAS	HGS	LAC	JSJ
Sexo		F	F	M	M	M
Idade (anos)		23	21	21	22	21
Guineense falado como		L1	L1	L1	L1	L1
PGB falado como		L2	L2	L2	L2	L2
Etnia declarada		Mancanha	Manjaco	Mancanha	Balanta	Balanta e Fula
Línguas étnicas presentes no contexto do participante ³⁰		Mancanha; Manjaco	Manjaco	Mancanha; Manjaco	Balanta	Balanta; Fula
Proficiência assumida das línguas étnicas do repertório do informante	Manjaco	compreende; não fala	compreende; não fala	compreende; fala	--	--
	Mancanha	não compreende; não fala	--	compreende; fala pouco	--	--
	Balanta	--	--	--	compreende pouco; não fala	compreende pouco; não fala
	Fula	--	--	--	--	compreende pouco; não fala

Fonte: Elaboração própria.

No Capítulo 5, apresentamos os resultados encontrados a respeito da prosódia do guineense e do PGB através das análises realizadas com os dados coletados pelas tarefas descritas neste capítulo.

³⁰ Além do guineense e do PGB.

4. APARATO TEÓRICO

A prosódia é uma parte crucial da linguagem humana. Nas línguas orais naturais, é ela a responsável pela estruturação sonora da linguagem, seja na ordenação das palavras e morfemas, seja pela forma como produzimos as junturas possíveis dos sons (processos de sândi) e onde posicionamos os elementos proeminentes (sílabas fortes e fracas) na cadeia da fala (FROTA, 2012a).

Neste trabalho, utilizamos o aparato teórico da Fonologia Prosódica, proposta por Selkirk (1984; 1986; 2000) e Nespor e Vogel (1986; 2007), e da Fonologia Entoacional Autossegmental Métrica, na linha de Pierrehumbert (1980), Beckman e Pierrehumbert (1986) e Ladd (1996; 2008), para a descrição e análise entoacional do PGB e do guineense, assim como para a investigação da relação entre a associação de eventos tonais ao contorno entoacional e a formação dos constituintes prosódicos nessas duas línguas.

Assim, na seção 4.1, trazemos uma revisão sobre os conceitos da Fonologia Prosódica adotados em nossa análise; na seção 4.2, tratamos dos pressupostos teóricos da Fonologia Entoacional; e, na seção 4.3, apresentamos o estado da arte acerca dos tipos frásicos abordados nesta tese para as variedades de português analisadas sob o mesmo aparato teórico.

4.1 FONOLOGIA PROSÓDICA

A Fonologia Prosódica abarca modelos teóricos cujo objeto central é a investigação de fenômenos fonético-fonológicos que evidenciam a relação entre a fonologia com os demais componentes da gramática. Assume-se aqui a fonologia como um dos módulos da gramática e que a prosódia é a interface entre seus módulos. Desse modo, a estrutura prosódica se dá a partir da identificação de informações acessadas em outras áreas da gramática (como o componente sintático) que são relevantes para a definição e construção dos domínios de aplicação de regras fonológicas, os domínios prosódicos, sendo esses domínios universais e organizados de maneira hierárquica (TENANI, 2017).

Embora muitos domínios prosódicos já tenham sido atestados em muitas línguas naturais, há divergências entre as abordagens teóricas propostas e que são utilizadas nos trabalhos que tratam de prosódia. De maneira geral, as abordagens assumidas diferenciam-se por proporem princípios de organização prosódica diferentes para a estrutura acima do

nível da palavra prosódica (PW) e, de alguma forma, tipos diferentes de constituintes (FROTA, 2012a).

Para as abordagens *intonation-based* e *prominence-based*, a estrutura prosódica é definida através da entoação ou da proeminência, respectivamente, no sentido de que os constituintes prosódicos são posicionados (e nomeados) com relação ao fenômeno que os caracteriza (ao invés dos constituintes morfossintáticos aos quais se relacionam) (FROTA, 2012a). Já para a abordagem *ruled-based*, a constituição prosódica resulta parcialmente da interface da fonologia com outros componentes da gramática e, portanto, carrega alguma relação sistemática com a morfossintaxe.

A proposta teórica adotada neste trabalho segue os pressupostos teóricos da Fonologia Prosódica em uma abordagem *ruled based*, que admite que a fonologia constitui um dos componentes da gramática, de modo que este componente se relaciona a outros níveis da arquitetura da gramática³¹ para a formação de seus constituintes. Assim como nas outras áreas da gramática, a estrutura prosódica das línguas naturais se constrói através de uma hierarquia, que organiza a fala em constituintes, os constituintes prosódicos, levando em consideração as fronteiras e os elementos proeminentes de cada um desses constituintes em todos os níveis dessa hierarquia. Os constituintes prosódicos não são isomórficos aos constituintes morfossintáticos: não há necessariamente uma correspondência entre a estrutura dos constituintes prosódicos e os constituintes sintáticos, por exemplo, podendo estes coincidirem ou divergirem (SELKIRK, 1984; NESPOR; VOGEL, 1986; 2007). De acordo com a teoria, é através do mapeamento morfossintático-fonológico que se constrói uma representação prosódica em hierarquia de constituintes. Cada nível hierárquico é composto por uma ou mais unidades prosódicas do nível imediatamente inferior.

Encontramos evidências empíricas que atestam a existência e a organização da estrutura prosódica e de seus constituintes em diversos processos verificados nas línguas naturais, como processos fonológicos segmentais, rítmicos e tonais (*e.g.* regras de sândi externo, haplologia sintática, retração de acento, atribuição de tons e alongamento de fronteiras), de processamento lexical, desambiguação sintática, identificação de unidades morfossintáticas ou mesmo na ordem sintática da sentença, visto que tais processos se dão no interior ou entre os limites de certos domínios prosódicos, ao mesmo tempo em que

³¹ Conferir Fernandes (2007b, p. 364-376) para uma revisão e discussão sobre a interface da prosódia com os demais componentes da arquitetura da gramática.

podem ser bloqueados em outros (cf. NESPOR; VOGEL, 1986; 2007; FROTA, 2000, 2012a, entre outros).

Seguindo os tipos de modelo *ruled-based*, há dois principais modelos de análise, que se diferenciam quanto ao tipo de informação morfossintática que será relevante para a construção dos domínios prosódicos: o modelo *end-based*, que utiliza como pista principal as fronteiras sintáticas; e o modelo *relation-based*, que leva em consideração a relação estabelecida entre os constituintes sintáticos.

A proposta *end-based* assume que a relação entre a estrutura sintática e a estrutura prosódica é definida em termos de limites de constituintes sintáticos, ou seja, a fonologia acessa somente informações sobre fronteiras (direita e esquerda) de constituintes sintáticos do tipo XP para determinar os domínios prosódicos (SELKIRK, 1984; 1986; 2000; SELKIRK; SHEN, 1990; TRUCKENBRODT, 1995; 1999; 2007, entre outros). Por sua vez, a proposta *relation-based* postula que a organização dos constituintes prosódicos se dá através do acesso à informação sobre a relação núcleo-complemento que se estabelece entre os constituintes morfossintáticos (HAYES, 1984; NESPOR; VOGEL, 1986; 2007; entre outros).

Ambas as propostas assumem que o mapeamento sintático-fonológico fornece uma representação prosódica em hierarquia de constituintes, que devem seguir os princípios de boa formação, postulados na *Strict Layer Hypothesis* (SELKIRK, 1984)³² e ampliados por Nespor e Vogel (1986; 2007):

- | | |
|---------------|--|
| “Princípio 1. | Uma dada unidade não terminal da hierarquia prosódica, XP, é composta por uma ou mais unidades da categoria imediatamente inferior, XP-1. |
| Princípio 2. | Uma unidade de um dado nível da hierarquia está exhaustivamente contida na unidade imediatamente superior, da qual ela faz parte. |
| Princípio 3. | As estruturas hierárquicas da fonologia prosódica são de ramificação n-ária. |
| Princípio 4. | A relação de proeminência relativa definida por nós irmãos é tal que a um nó é atribuído o valor de ‘forte’ (s - <i>strong</i>) e a todos os outros é atribuído o valor de fraco (w - <i>weak</i>).” |

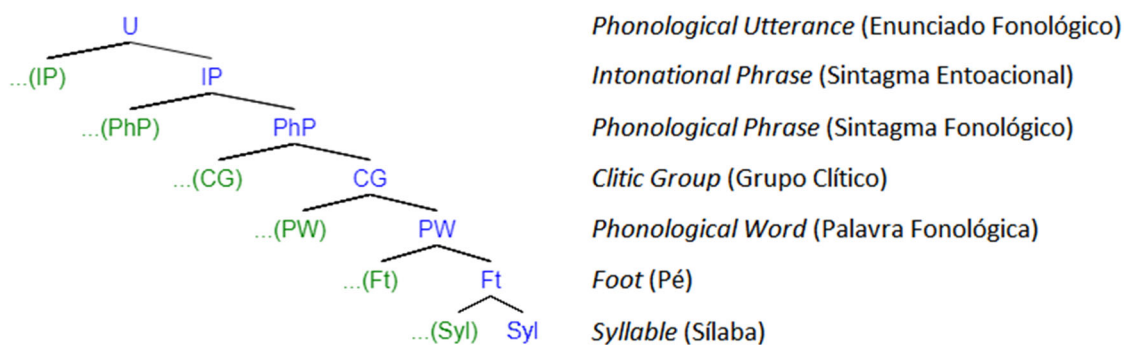
(NESPOR; VOGEL, 2007, p. 7)³³

³² Princípios 1 e 2.

³³ Tradução nossa. No original: “Principle 1. A given nonterminal unit of the prosodic hierarchy, XP, is composed of one or more units of the immediately lower category, XP-1.

Seguindo uma abordagem *relation-based*, Nespor e Vogel (1986; 2007) propõem uma hierarquia prosódica composta por sete domínios, que se pretendem universais³⁴, embora as autoras assumam que, em algumas línguas, certos domínios podem não se manifestar, a priori, como sendo relevantes para sua organização prosódica. Os domínios propostos por Nespor e Vogel (1986; 2007) se organizam (do mais baixo para o mais alto nível) em: sílaba (Syl), pé (Ft), palavra fonológica (PW),³⁵ grupo clítico (CG)³⁶, sintagma fonológico (PhP), sintagma entoacional (IP) e enunciado fonológico (U), conforme ilustra a Figura 4.1.³⁷

Figura 4.1: Representação arbórea da hierarquia prosódica proposta por Nespor e Vogel (1986; 2007).



Fonte: Adaptado de Serra (2009, p. 19).

Nesse trabalho, levamos em consideração os domínios da Palavra Fonológica (PW),³⁸ do Sintagma Fonológico (PhP), do Sintagma Entoacional (IP) e do Enunciado Fonológico (U), pois esses são domínios prosódicos já atestados em muitas línguas naturais e os que se mostraram

Principle 2. A unit of a given level of the hierarchy is exhaustively contained in the superordinate unit of which it is a part.

Principle 3. The hierarchical structures of prosodic phonology are n-ary branching.

Principle 4. The relative prominence relation defined for sister nodes is such that one node is assigned the value strong (s), and all the other nodes are assigned the value weak (w)." (NESPOR; VOGEL, 2007 [1986], p. 7).

³⁴ Selkirk (1986) também propõe uma hierarquia prosódica, mas a autora não inclui um domínio prosódico entre Palavra Prosódica e Sintagma Fonológico.

³⁵ Neste trabalho, as nomenclaturas *palavra prosódica* e *palavra fonológica* são usadas como sinônimos.

³⁶ Vigário (2007; 2010) propõe uma revisão do Grupo Clítico, passando a designá-lo como "Grupo de Palavra Prosódica" (Prosodic Word Group – PWG).

³⁷ *Intonational Phrase* e *Phonological Phrase* aparecem traduzidos, em alguns estudos na literatura linguística brasileira sobre Fonologia Prosódica, como *frase entoacional* e *frase fonológica*, respectivamente. Entretanto, neste trabalho traduzimos tais constituintes como *sintagma entoacional* e *sintagma fonológico*, respectivamente, visto que o termo *phrase*, em inglês, refere-se sintaticamente a um sintagma, uma unidade menor que a frase.

³⁸ Em nossas análises, consideraremos o clítico fonológico como uma palavra funcional, sem acento e prosodicamente dependente, formando uma PW juntamente com sua palavra hospedeira.

mais relevantes na associação de eventos tonais ao contorno entoacional das variedades de português já estudadas sob o mesmo arcabouço teórico (variedades faladas de PE, de PB, o PST, o PLB e o próprio PGB).³⁹

Entretanto, não descartamos a necessidade de, em estudos futuros, revisitarmos o fraseamento prosódico e verificarmos o comportamento dos elementos clíticos e a possível relevância de um domínio entre PW e PhP para a associação de eventos tonais, seja ele o Grupo Clítico ou Prosodic Word Group (PWG), proposto por Vigário (2007, 2010), visto sua atestada relevância em diversas línguas, até mesmo no que tange à associação de eventos tonais em PB (VIGÁRIO; FERNANDES-SVARTMAN, 2010).

Desse modo, para a formação dos domínios prosódicos supracitados, adotamos o algoritmo de formação de PW proposto por Vigário (2003)⁴⁰ para o PE, os algoritmos de formação e de reestruturação de PhP e de IP propostos por Nespor e Vogel (1986; 2007), na versão revista por Frota (2000), também para o PE,⁴¹ assim como o algoritmo de formação de U (domínio que agrupa IPs), também de acordo com a proposta de Nespor e Vogel (1986; 2007). Os algoritmos de formação dos referidos domínios são apresentados a seguir.

Formação de Palavra Fonológica (PW):

“Condições de boa-formação do domínio Palavra Prosódica

– Uma palavra prosódica mínima possui um único acento primário (de palavra). [...]

– Uma unidade carregando acento de palavra deve ser incluída em uma palavra prosódica mínima.

[...]

Palavra prosódica mínima: uma palavra prosódica que imediatamente domina o nível prosódico imediatamente inferior (isto é, o pé métrico).”

(VIGÁRIO, 2003, p. 263)⁴²

³⁹ Nas variedades já estudadas (variedades de PE, PB, PST, PLB e PGB), tem-se que o domínio privilegiado para a associação de acentos tonais pode ser PW (FERNANDES, 2007a; 2007b; TONELI, 2014; BRAGA, 2018; SANTOS, 2020), PhP (TENANI, 2002; VIGÁRIO; FROTA, 2003; CRUZ, 2013; entre outros) ou mesmo IP (FROTA, 2000; 2014; FROTA; VIGÁRIO, 2007). Quanto à associação de eventos tonais às fronteiras de constituintes, tem-se que o domínio relevante para a associação de acentos frasais é PhP (FERNANDES, 2007a; 2007b; CRUZ, 2013; SANTOS, 2015; BRAGA, 2018; SANTOS, 2020; entre outros) e, para de tons de fronteira, IP (FROTA, 2000; TENANI, 2002; FROTA; VIGÁRIO, 2007; SERRA, 2009; CRUZ, 2013; SANTOS, 2015; BRAGA, 2018; SANTOS, 2020).

⁴⁰ Neste trabalho, utilizamos a noção de palavra prosódica mínima, proposta por Vigário (2003).

⁴¹ Optamos por utilizar os algoritmos já adaptados a uma variedade de português por estes já levarem em consideração as características da língua portuguesa, tendo em vista o foco da tese, que é o PGB.

⁴² Tradução nossa. No original:

“Well-formedness conditions on the prosodic word domain

“Formação do Sintagma Fonológico (PhP):

- a. Domínio de PhP: uma cabeça lexical (X) e todos os elementos em seu lado não recursivo, que ainda estejam dentro da projeção máxima de X.
- b. Reestruturação de PhP: inclusão opcional, obrigatória ou proibida de um PhP ramificado ou não que seja o complemento de X no PhP que contém X”.

(FROTA, 2000, p. 56)⁴³

“Formação do Sintagma Entoacional (IP):

- a. Domínio de IP: (i) todos os PhPs em uma sequência que não esteja estruturalmente ligada à árvore da sentença (*i. e.* expressões parentéticas, perguntas-eco, vocativos, etc.); (ii) qualquer sequência remanescente de PhPs adjacentes em uma sentença raiz; (iii) o domínio de um contorno entoacional, cujas fronteiras coincidam com as posições em que pausas gramaticais podem ser introduzidas em um enunciado.
- b. Reestruturação de IP: (i) reestruturação de um IP básico em IPs menores, ou (ii) reestruturação de IPs básicos em um IP maior. Fatores que desempenham um papel na reestruturação de IP: comprimento dos constituintes, taxa de elocução e estilo interagem com as restrições sintáticas e semânticas”.

(FROTA, 2000, p. 57)⁴⁴

“Formação de Enunciado Fonológico (U):

- i. Domínio de U
O domínio de U consiste em todos os IPs que correspondem a Xⁿ na árvore sintática.⁴⁵

– A minimal prosodic word has one and only one (word) primary stress. [...]

– A unit bearing word stress must be included within a minimal prosodic word.

[...]

Minimal prosodic word: a prosodic word that immediately dominates the next lower prosodic level (*i.e.*, the foot).” (VIGÁRIO, 2003, p. 263).

⁴³ Tradução nossa. No original:

“Phonological Phrase (PhP) Formation

- a. PhP-domain: a lexical head X and all elements on its non-recursive side, which are still within the maximal projection of X.
- b. PhP-restructuring: optional, obligatory, or prohibited inclusion of a branching or nonbranching PhP which is the complement of X into the PhP that contains X.” (FROTA, 2000, p. 56).

⁴⁴ Tradução nossa. No original:

“Intonational Phrase (PhP) Formation

- a. IP-domain: (i) all the PhPs in a string that is not structurally attached to the sentence tree (*i. e.* parenthetical expressions, tag questions, vocatives, etc.); (ii) any remaining sequence of adjacent PhPs in a root sentence; (iii) the domain of an intonation contour, whose boundaries coincide with the positions in which grammar-related pauses may be introduced in an utterance.
- b. Restructuring: (i) restructuring of one basic IP into shorter IPs, or (ii) restructuring of basic IPs into a larger IP. Factors that play a role in IP restructuring: length of the constituents, rate of speech, and style interact with syntactic and semantic restrictions.” (FROTA, 2000, p. 57).

⁴⁵ Sendo Xⁿ o nó mais alto da árvore sintática.

- ii. Construção de U
Junte em um U de ramificação n-ária todos os IPs incluídos em uma sequência delimitada pela definição do domínio de U.”

(NESPOR; VOGEL, 2007, p. 222)⁴⁶

Além disso, assumimos aqui como ‘cabeça’ o constituinte que assume a posição de maior proeminência dentro de um determinado domínio prosódico (NESPOR; VOGEL, 1986; 2007). Em línguas que apresentam recursividade à direita, como é o caso do português, atesta-se que o constituinte lexical na borda direita do domínio prosódico tem maior proeminência, sendo denominado como ‘cabeça’ desse domínio prosódico. Entretanto, no caso do sintagma entoacional, a posição de proeminência pode ser alterada em contexto discursivo de focalização.⁴⁷

Neste trabalho, no que tange à análise do fraseamento prosódico, também levamos em consideração fatores de natureza estritamente fonológica, como o comprimento de constituintes (em número de sílabas) e o peso fonológico (ramificações prosódicas – número de palavras prosódicas que compõem dado constituinte), além da posição estrutural do constituinte na árvore prosódica e da velocidade da fala, fatores que já se mostraram relevantes em outros estudos que tratam do tema (GHINI, 1993; JUN, 1996; 2003; SELKIRK, 2000; SÂNDALO; TRUCKENBRODT, 2002; FROTA, 2002; D'IMPERIO et al., 2005; ELORDIETA; FROTA; VIGÁRIO, 2005; FROTA et al., 2007, entre outros).

4.2 FONOLOGIA ENTOACIONAL AUTOSSEGMENTAL MÉTRICA

A Fonologia Entoacional Autossegmental Métrica assume que a entoação tem uma organização fonológica. Seguindo a linha de análise utilizada inicialmente por Pierrehumbert (1980), de que a entoação apresenta níveis de altura tonal, os objetivos principais da teoria são a identificação dos elementos contrastivos da estrutura entoacional e o estabelecimento de ferramentas que sejam capazes de descrever universalmente as gramáticas entoacionais

⁴⁶ Tradução nossa. No original:

“Phonological Utterance Formation

i. U domain

The domain of *U* consists of all the *Is* corresponding to X^n in the syntactic tree.

ii. U construction

Join into an *n*-ary branching *U* all *Is* included in a string delimited by the definition of the domain of *U*.

⁴⁷ Conferir, entre outros, FROTA, 2000; FERNANDES, 2007a; 2007b; TENANI; FERNANDES-SVARTMAN, 2008; ROSIGNOLI, 2017.

das línguas naturais (PIERREHUMBERT, 1980; BECKMAN; PIERREHUMBERT, 1986; PIERREHUMBERT; BECKMAN, 1988; HAYES; LAHIRI, 1991; LADD, 1996; 2008; GUSSENHOVEN, 2004; JUN, 2005; 2014; FROTA; PRIETO, 2015).

Dessa forma, utilizamos aqui o termo ‘entoação’ como a relação que se estabelece entre o uso da variação de *pitch* (periodicidade da onda do sinal acústico da fala) e o uso de tons fonológicos no nível da sentença tendo como intento realizar a marcação de sintagmas da estrutura frasal e transmitir informações, como a atitude do falante, o tipo frásico, o agrupamento dos elementos do discurso e a estrutura informacional (GUSSENHOVEN, 2004; LADD, 1996; 2008). Segundo Gussenhoven (2004, p. 22), as línguas usam essa variação de *pitch* de maneira contrastiva.

De acordo com Ladd (1996; 2008), um contorno entoacional é constituído por uma parte fonética e uma contraparte fonológica. Foneticamente, ele é realizado através do contorno da frequência fundamental (F_0 do sinal acústico). Fonologicamente, por uma sequência de unidades discretas, denominadas ‘eventos tonais’, que se formam a partir de dois níveis de altura distintos: alto (H - *high*) ou baixo (L - *low*). A teoria assume que os eventos tonais são definidos localmente, um em relação ao anterior, de modo que é considerado suficiente o uso de somente dois tons para a descrição dos contornos, mesmo sendo ampla a variação de altura de F_0 . Além disso, os eventos tonais formam blocos de contorno e estão associados a pontos específicos na cadeia segmental. Os eventos tonais que descrevem o contorno entoacional, de acordo com a teoria, são os ‘acentos tonais’ (*pitch accents*) e os ‘tons relacionados a fronteiras’ (*boundary tones*) de constituintes prosódicos.

Gussenhoven (2004, p. 17) afirma que as sílabas acentuadas servem como o local de acomodação dos tons que formam o contorno entoacional. O autor menciona o trabalho de Bolinger (1958), que define a sílaba acentuada como aquela que possui o “potencial” para acomodar um acento tonal, dado que a presença de um acento tonal depende da posição da palavra dentro da estrutura entoacional e de fatores contextuais. Ladd (2008, p. 87-88), por sua vez, postula que os acentos tonais são associados às sílabas proeminentes da cadeia segmental e podem ser simples (L ou H) ou complexos (caracterizados por um movimento rápido de F_0) e, nesse caso, ascendentes (L+H) ou descendentes (H+L). O tom que estiver associado à sílaba tônica do item lexical aparecerá marcado com um asterisco em seu lado direito, de modo que um tom ascendente anotado como L*+H, por exemplo, indica que a parte baixa desse acento tonal complexo está associado à sílaba tônica do item lexical, tendo

o movimento ascendente se iniciado logo após a realização dessa sílaba ou ainda dentro da sua janela temporal.

Quanto aos tons que se relacionam às fronteiras, esses têm como alvo as fronteiras de constituintes prosódicos (HAYES; LAHIRI, 1991) e podem ser de dois tipos: os acentos frasais (T̄), que se associam às fronteiras de constituintes prosódicos mais baixos que o sintagma entoacional; e os tons de fronteira (T%), que podem se associar às fronteiras de sintagmas entoacionais (PIERREHUMBERT, 1980). A teoria também não exclui a possibilidade da manifestação de acentos tritonais ou de tons de fronteira bitonais.

Este modelo teórico também admite a possibilidade do uso de diacríticos para descrever movimentos específicos do tom H: o uso de ‘!’ sinaliza um processo de *downstep* (degrau abaixo), indicando que esse tom H se realiza relativamente mais baixo do que o tom H anterior; e ‘¡’ sinaliza o processo de *upstep* (degrau acima), em que o tom H se realiza relativamente mais acima do que o tom H que o precedeu. O uso dos diacríticos diz respeito a características fonológicas, fazendo parte da gramática entoacional da língua.⁴⁸

Ladd (2008, p. 179) pontua a necessidade da distinção conceitual entre ‘alinhamento’ e ‘associação’ de eventos tonais: o primeiro diz respeito a uma propriedade fonética, que trata do momento da realização dos eventos tonais no contorno de F₀ e de eventos na cadeia segmental, enquanto o segundo, assim como na fonologia autossegmental em geral, é uma propriedade fonológica abstrata, pertencente à gramática da língua que está na mente do seu falante. O autor explica que, se numa dada língua um tom H está associado à uma sílaba proeminente, podemos esperar que sua realização fonética, ou seja, um pico de F₀, seja realizado em algum lugar dentro dessa sílaba, alinhado ao seu núcleo ou bordas, mas não em muitas sílabas anteriores ou posteriores a ela. Em suma, o pico do contorno entoacional pode estar adiantado ou atrasado em relação à sílaba ao qual ele esteja associado, podendo chegar a estar um pouco fora da janela temporal desta sílaba.

Tendo em vista essa concepção do alinhamento como algo fonético, pode-se fazer uso dos diacríticos ‘<’ e ‘>’, em que ‘<’ precedendo um tom H* (<H*) sinaliza o alinhamento do pico de F₀ na margem direita da vogal acentuada, indicando um alinhamento tardio desse acento tonal, enquanto o diacrítico ‘>’ precedendo um tom H* (>H*) sinaliza que o pico de F₀

⁴⁸ Uma discussão acerca do estatuto fonológico do *downstep* é apresentada no Capítulo 5: Análise de dados.

está alinhado à margem esquerda da vogal (ou mesmo da sílaba) acentuada, indicando, por sua vez, seu alinhamento adiantado (MORAES, 2008).

Tal diferenciação entre associação e alinhamento é fundamental para a compreensão da gramática entoacional das línguas, que se constrói, de acordo com a teoria, de maneira fonológica e, portanto, abstrata, de modo que o objetivo se pauta na análise do que significa a associação de eventos tonais a certos constituintes específicos da sentença.

Cabe aqui pontuar que as línguas também diferem quanto à maneira como lidam com a manifestação fonética de tons fonológicos. Ladd (2008, p. 180-184) explica que em línguas europeias, em que o contorno nuclear é formado minimamente por um acento tonal e um tom de fronteira, é frequente situações em que dois, três ou mais tons estejam associados a uma única sílaba, como nos casos em que um enunciado é composto por uma única palavra que, por sua vez, pode ser monossilábica.

Parece haver, segundo o autor, um limite de tons que podem ser realizados em uma única sílaba, sendo dois o limite mais comum. As línguas então precisam encontrar maneiras de lidar com o pouco espaço segmental para a ancoragem fonética desses tons fonológicos, especialmente nas sentenças em que o contorno nuclear ocupa a posição de final absoluto. Este é o contexto mais propício para verificarmos como as línguas resolvem essa pressão fonética. Ladd (2008) aponta que as estratégias encontradas pelas línguas para lidar com essa situação foram nomeadas por Grønnum (1991) como 'compressão' e 'truncamento'. Pelo que demonstra Ladd (2008, p. 180-184), ocorre compressão quando os tons são realizados juntos: há um movimento complexo de F_0 em que todos os eventos tonais são realizados em uma (ou poucas) sílabas, pela falta de material fonético para a acomodação dos eventos tonais. O truncamento tonal, por sua vez, se dá quando não há a realização do evento tonal por não haver material fonético na cadeia segmental para a sua ancoragem. Outra estratégia também adotada pelas línguas pode ser o ajuste da cadeia segmental para a acomodação dessa melodia, como é o caso de algumas variedades do português europeu, que realizam processos como epêntese, alongamento e redobro vocálico ou ainda quebra de ditongo para acomodação dos eventos tonais que caracterizam tipos frásicos, como as interrogativas globais e os vocativos (cf. FROTA, 2016).

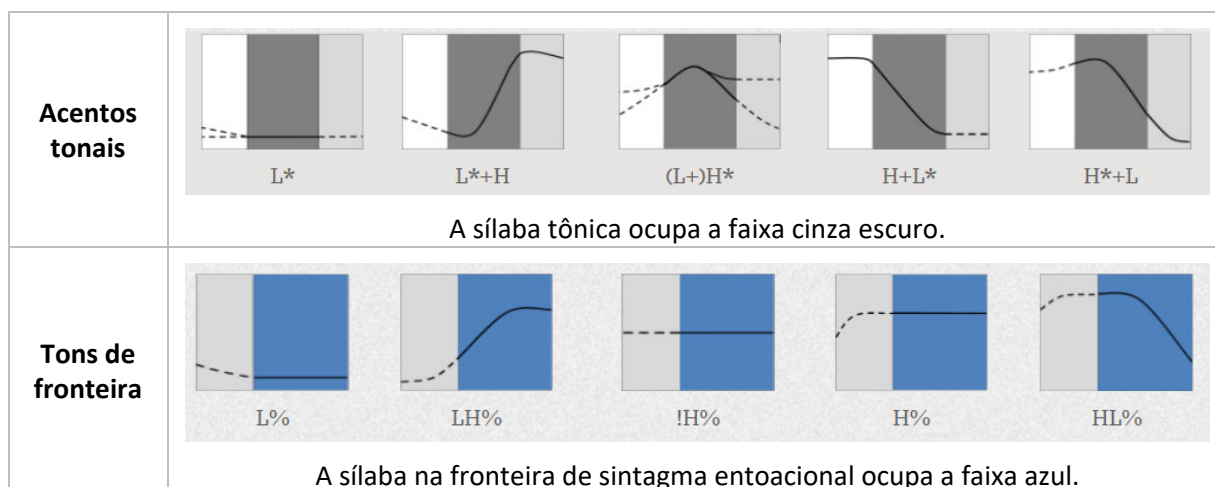
A perspectiva de análise entoacional assumida neste estudo assume uma visão integrada entre a estrutura entoacional da sentença e os domínios formados pelos algoritmos da Fonologia Prosódica (HAYES; LAHIRI, 1991, para o bengali; FROTA, 2000, para o PE; TENANI,

2002; FERNANDES, 2007a; 2007b, para o PB; entre outros), reconhecendo que os eventos tonais associam-se à cadeia segmental de acordo com a relação de proeminência (o elemento mais importante de um constituinte prosódico) e constituição (a interface da fonologia com as outras áreas da gramática) definidos na estrutura prosódica.

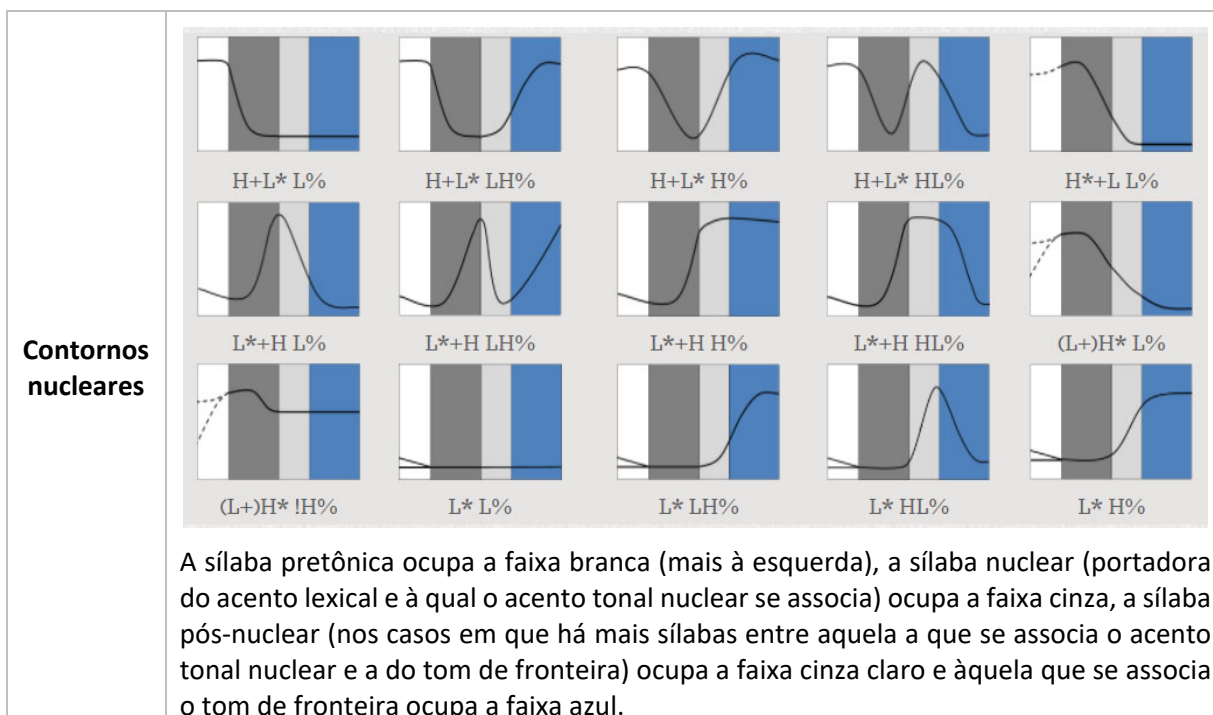
Para a anotação da análise entoacional dentro dessa perspectiva integrada à Fonologia Prosódica fazemos uso do sistema P-ToBI (*Portuguese Tone and Break Indices*) (FROTA et al., 2015b), conforme descrito no Capítulo 3, sistema este que foi desenvolvido para a transcrição da gramática prosódica e entoacional da língua portuguesa,⁴⁹ utilizado em diversos trabalhos que abordam essa temática no estudo das variedades de português europeu, brasileiro e africano.

O Quadro 4.1 traz, de maneira esquemática, as configurações de acentos tonais, tons de fronteira e contornos entoacionais já atestados para variedades de português de acordo com o modelo P-ToBI.

Quadro 4.1: Representação tonal esquemática do modelo P-ToBI.



⁴⁹ Cf. em < <http://labfon.letras.ulisboa.pt/InAPoP/P-ToBI/ToBI.html> >.



Fonte: Frota *et al.* (2015b).

Os trabalhos que abordam os tipos frásicos analisados nesta pesquisa das variedades de português já estudadas sob essa mesma perspectiva teórica são apresentados na seção 4.3.

4.3 ESTADO DA ARTE

Nesta seção, trazemos os resultados encontrados para as produções de falantes de português de diversas regiões geográficas, descritas sob a mesma perspectiva teórica, quanto aos tipos frásicos abordados em nossas análises. Desse modo, apresentamos a seguir as características das sentenças declarativas neutras (4.3.1), declarativas enumerativas (4.3.2), interrogativas totais neutras (4.3.3) e interrogativas parciais (4.3.4), atestadas nas produções de falantes de português em diversas regiões de Portugal (PE), Brasil (PB), São Tomé e Príncipe (PST), Angola (PLB), Moçambique (PM) e Guiné-Bissau (PGB).

4.3.1 Declarativas neutras

No âmbito do quadro teórico assumido neste trabalho, o comportamento entoacional das sentenças declarativas neutras já foi verificado para os falares de Lisboa (SEP)⁵⁰ (FROTA, 2000; FROTA; VIGÁRIO, 2000; FROTA, 2014; entre outros), capital portuguesa e variedade

⁵⁰ Do inglês, *Standard European Portuguese*.

considerada padrão no país; das cidades nortenhas de Braga (NEP)⁵¹ (VIGÁRIO; FROTA, 2003; FROTA; VIGÁRIO, 2007) e do Porto (POR) (FROTA et al, 2015a), que representam variedades setentrionais; das cidades de Castro Verde (ALE), na região do Alentejo (interior); e de Albufeira (ALG), no sul do país, na região do Algarve (CRUZ; FROTA, 2011; 2012; CRUZ, 2013), estas últimas como representantes dos falares centro-meridionais.

Quanto às variedades brasileiras, os estudos sobre entoação já contemplaram as variedades faladas em São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ), variedades da região sudeste do Brasil consideradas como de prestígio (CUNHA, 2000; FROTA; VIGÁRIO, 2000; TENANI, 2002; FERNANDES, 2007a; 2007b; TENANI; FERNANDES-SVARTMAN, 2008; TRUCKENBRODT; SÂNDALO; ABAURRE, 2009; SERRA, 2009; VIGÁRIO; FERNANDES-SVARTMAN, 2010; FROTA et al., 2015a); a variedade falada em Salvador (BA), representando o falar baiano; a falada em Belo Horizonte (MG), representando a variedade mineira; a variedade falada em Porto Alegre (RGS), representando o falar da região sul do Brasil (FROTA et al., 2015a); e as variedades das demais capitais, descritas pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) (CARDOSO et al., 2014).⁵²

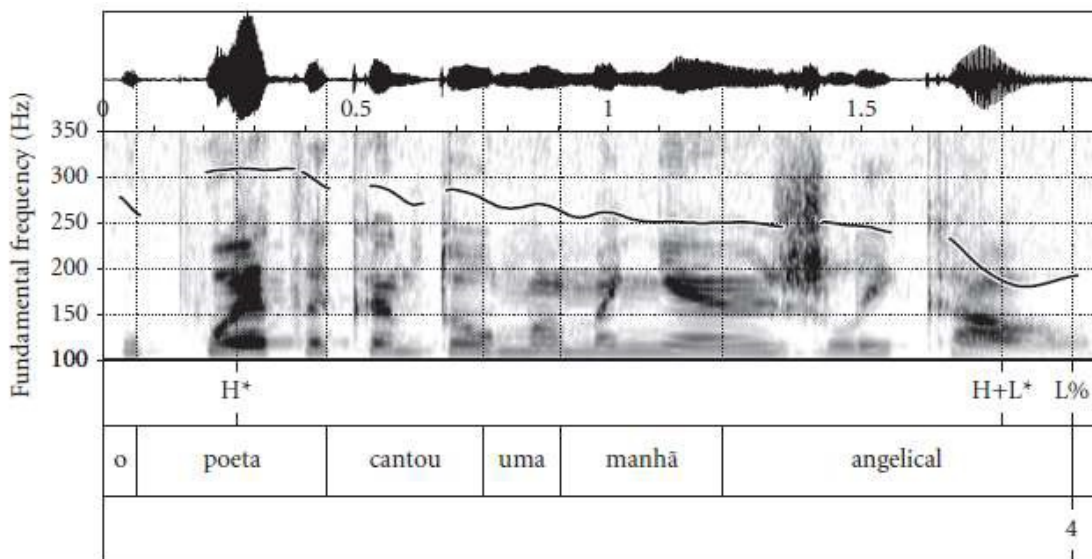
Já os estudos que abordam o comportamento entoacional das sentenças declarativas neutras das variedades africanas de português contemplam as variedades faladas em São Tomé (PST) em São Tomé e Príncipe; (BRAGA, 2017; 2018); a falada no Libolo (PLb), em Angola (SANTOS, 2020; SANTOS; FERNANDES-SVARTMAN, 2019; 2020); e a variedade falada na Guiné-Bissau (PGB) (SANTOS; FERNANDES-SVARTMAN, 2014; SANTOS, 2015; e este trabalho).

As sentenças declarativas neutras da variedade falada em Lisboa (SEP) já foram estudadas do ponto de vista entoacional em muitos trabalhos. Inicialmente descritas como consistindo em uma subida inicial, um platô e uma descida final (VIANA, 1987; VIGÁRIO, 1998; GRØNNUM; VIANA, 1999; FROTA, 2000; 2002a; 2002b, entre outros), seu contorno entoacional é marcado por uma distribuição esparsa de acentos tonais, conforme ilustra a Figura 4.2.

⁵¹ Do inglês, *Northern European Portuguese*.

⁵² Neste trabalho são descritos os contornos entoacionais pré-nucleares e nucleares dos enunciados assertivos e os contornos entoacionais nucleares interrogativos totais (perguntas 'sim-não') de 26 capitais do Brasil (todas, exceto Palmas/TO).

Figura 4.2: Contorno entoacional do enunciado “O poeta cantou uma manhã angelical”, produzida como uma sentença declarativa neutra da variedade SEP.



Fonte: Frota (2014, p. 17).

De acordo com a literatura, encontra-se em seu início um evento tonal (podendo este ser um acento tonal H^* ou L^*+H associado à primeira sílaba tônica; um tom de fronteira inicial $\% H$; ou um tom inicial H seguido por uma associação secundária à primeira PW) marcando o pico inicial do contorno de sua fronteira esquerda (FROTA, 2003), um platô sem qualquer acento tonal associado às PWs que possam estar no meio da sentença (FROTA, 2000; 2003; 2014; FROTA *et al.*, 2015a) e um acento tonal final descendente $H+L^*$ associado à última sílaba acentuada de IP seguido por um tom de fronteira baixo, $L\%$ (FROTA, 2002a; 2014; VIGÁRIO; FROTA; 2003).

A distribuição esparsa de eventos tonais dentro de IP nessa variedade seria resultado da combinação de dois fatores: (i) o longo comprimento dos sintagmas entoacionais em SEP; e (ii) o fato de IP ser o domínio relevante para a atribuição de acentos tonais nessa variedade.

Elordieta, Frota e Vigário (2005) verificam que em SEP o enunciado é mapeado em um único IP quase categoricamente, a não ser que o sujeito desse enunciado apresente mais de oito sílabas. Esse efeito de peso do sujeito (caracterizado pela grande quantidade de sílabas) parece ser o único condicionador para que parte do enunciado (no caso, o sujeito) seja realizado num IP independente, pois um objeto longo (com mais de oito sílabas) não é fraseado em um IP independente (FROTA; VIGÁRIO, 2007).

Vigário e Frota (2003), por sua vez, atestam que enunciados formados por cinco palavras prosódicas no SEP apresentam apenas o evento tonal no início do contorno entoacional e seu

acento nuclear. Por SEP apresentar obrigatoriedade de associação de acento tonal apenas para a cabeça de IP, assume-se que IP seja o domínio relevante para a atribuição de acentos tonais nessa variedade (FROTA, 2014).

A variedade falada em Braga (NEP) foi investigada por Vigário e Frota (2003), que encontraram a configuração L* L% para o contorno nuclear das sentenças declarativas neutras e uma maior densidade tonal⁵³ em relação ao SEP, marcada por uma maior associação de acentos tonais dentro de um IP: NEP apresenta IPs menores e acentos tonais associados a mais PWs, mesmo que estas não estejam dentro do último sintagma fonológico de IP (VIGÁRIO; FROTA, 2003).

As variedades faladas nas regiões centro-meridionais de ALE e ALG foram investigadas por Cruz (2013), que tratou do comportamento de sentenças declarativas neutras, interrogativas, vocativos, entre outros tipos frásicos, assim como estudou como se dá o fraseamento prosódico e as características rítmicas para essas variedades. Para as sentenças neutras, a autora descreve que tanto ALG como ALE apresentam um contorno nuclear descendente H+L* L%, assim como o SEP, mas que, para ALE, também é possível a realização do contorno nuclear baixo L* L%, semelhantemente ao que ocorre em NEP. Além disso, ambas as variedades apresentam associação de acentos tonais a grande parte das PWs pré-nucleares, mesmo IP sendo um sintagma longo (CRUZ, 2013), de modo que a densidade tonal dessas variedades se assemelha à encontrada para NEP.

Cruz (2013) também traz informações sobre a associação de acento frasal em sentenças neutras em ALE. De acordo com a análise da autora, nessa variedade, é possível a associação de um acento frasal baixo à fronteira esquerda do último sintagma fonológico de IP, anotado como pL, o que sugere que o domínio sintagma fonológico seja relevante para a associação de eventos tonais ao contorno entoacional nessa variedade (CRUZ, 2013). Além disso, tanto em ALE quanto em ALG, é encontrada associação de acentos tonais a todas as palavras fonológicas cabeça de PhP, corroborando a relevância prosódica do domínio sintagma fonológico.

Quanto à variedade POR, falada na cidade do Porto, Frota *et al.* (2015a) encontraram duas configurações para o contorno nuclear das sentenças declarativas neutras: H+L* L% e L* L% foram encontrados em igual distribuição nos dados analisados para essa variedade de PE

⁵³ De maneira geral, a densidade tonal diz respeito à taxa de distribuição de acentos tonais dentro de um contorno entoacional. O cálculo é apresentado com mais detalhes no Capítulo 5.

(FROTA et al, 2015a, p. 249). Ademais, POR apresenta densidade tonal semelhante à NEP, sendo encontrados acentos tonais associados não só às PWs que compõem o último PhP do sintagma entoacional.

Os estudos de Cunha (2000), Frota e Vigário (2000) e Tenani (2002) foram os primeiros a tratar da entoação do PB na teoria da Fonologia Entoacional. Para os três estudos, o contorno entoacional nuclear de sentenças declarativas neutras no PB mais encontrado é caracterizado pela configuração tonal H+L* L%. Os trabalhos consecutivos referentes à estrutura entoacional no PB, desenvolvidos no mesmo quadro teórico (FERNANDES, 2007a; 2007b; MORAES, 2008; TENANI; FERNANDES-SVARTMAN, 2008; FERNANDES-SVARTMAN, 2010; TONELI, 2014; CARDOSO *et al.*, 2014; FROTA *et al.*, 2015a; entre outros), de maneira geral, corroboram os dados encontrados pelos estudos anteriores.

Fernandes (2007a, 2007b), em estudo comparativo das construções neutras e de focalização do elemento 'sujeito' em PB e PE, verifica que, em sentenças neutras do PB, encontram-se acentos tonais associados a PWs não cabeça de PhP (resultado também encontrado por Tenani e Fernandes-Svartman, 2008). Toneli (2014) confirma estatisticamente que PW é o domínio relevante na associação de eventos tonais ao contorno neutro no PB. Por outro lado, Vigário e Fernandes-Svartman (2010), interessadas em observar a atribuição de acentos tonais associados a sentenças neutras constituídas por compostos em PB, sugerem, através da análise de resultados preliminares, que possa ser o grupo de palavras prosódicas (*Prosodic Word Group*) – domínio proposto por Vigário (2007; 2010) – o domínio prosódico relevante na associação de acentos tonais ao contorno entoacional neutro de PB.

Cardoso *et al.* (2014), todavia, encontraram a configuração L+H* L% para os contornos nucleares das sentenças assertivas nas variedades de PB faladas nas três capitais da Região Sul do país (Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre), destoando do contorno nuclear encontrado por Frota *et al.* (2015a) para Porto Alegre (H+L* L%).

Trabalhos sobre as variedades faladas em RJ, SP, BA, MG e RS verificaram a associação de acento tonal a praticamente todas as PWs de IP, sendo obrigatória a associação de acento tonal a PWs cabeça de PhP e opcional às PWs não cabeça de PhP (FROTA; VIGÁRIO, 2000; FROTA, 2014; TENANI, 2002; FERNANDES, 2007a, 2007b; TENANI; FERNANDES-SVARTMAN, 2008; VIGÁRIO; FERNANDES-SVARTMAN, 2010; FROTA *et al.*, 2015a).

Além disso, encontrou-se, nas variedades faladas em RJ, SP, BA, MG, RS, a presença de um evento tonal adicional H que pode aparecer associado a sílabas pretônicas de palavras

longas (que possuam mais que duas sílabas pretônicas), não importando se a sílaba à qual o acento tonal adicional é associado está ou não próxima ao início do enunciado (FROTA *et al.*, 2015a). Ainda se fazem necessários mais estudos sobre esse tipo de evento tonal em PB, mas é possível que tal evento tonal esteja relacionado à realização de acento secundário, como apontam Tenani (2002), Fernandes (2007a, 2007b) e Fernandes-Svartman (2009).

De maneira geral, não foram encontrados acentos frasais associados às fronteiras de PhP nas sentenças declarativas neutras nas variedades de PB estudadas. Entretanto, Fernandes (2007a, 2007b) relata, com base na análise de dados da variedade paulista de PB, que a diferença entre sentenças neutras e aquelas com sujeito focalizado, em PB, consiste, no que se refere às características entoacionais, na ausência de acentos tonais associados a palavras fonológicas intermediárias, que seriam aquelas entre a PW cabeça do PhP que contém o sujeito focalizado e a PW cabeça do último PhP de IP, assim como na possibilidade de haver acento frasal baixo (L^-) associado à fronteira direita do PhP que contém o sujeito focalizado (FERNANDES, 2007a, p. 247).

Quanto às sentenças declarativas neutras da variedade falada em São Tomé (PST), foram encontrados acentos tonais associados a todas as PWs que compõem o único IP em que esse tipo de sentença é fraseado (BRAGA, 2017; 2018; BRAGA; FERNANDES-SVARTMAN, 2019), atestando uma alta densidade tonal. Além disso, a presença de um acento tonal associado a cada PW das sentenças neutras em PST sugere que PW seja o domínio relevante para a associação de acentos tonais nesse tipo de sentença. Quanto ao tipo de configuração tonal dos acentos pré-nucleares, observa-se que esses acentos são ascendentes (L^*+H). Já o contorno nuclear de IP apresenta duas configurações possíveis: descendente $H+L^* L\%$ e baixo $L^* L\%$, sendo o contorno nuclear baixo o predominante.

Já as sentenças declarativas neutras da variedade falada no Libolo (PLB), em Angola, apresentam, predominantemente, um contorno nuclear descendente $H+L^* L\%$ (SANTOS, 2020). Além disso, Santos (2020) atesta que esse tipo frásico no PLB apresenta obrigatoriedade de atribuição de acento tonal a cada PW pré-nuclear, sendo predominante o fraseamento das declarativas neutras em um único IP e a sua alta densidade tonal, além de PW ser o domínio prosódico relevante para a associação de acentos tonais. Santos (2020) também afirma que, além da obrigatoriedade da associação de tons de fronteira marcando a fronteira direita de IP, verifica-se, nas declarativas neutras de PLB, a associação de um tom de fronteira baixo associado à fronteira direita de PhP (anotado como L_p). De acordo com o autor, esse tom de

fronteira baixo é pouco frequente e aparece associado a fronteiras de PhPs de diferentes extensões e posições dentro da sentença. Ademais, Santos (2020) afirma que a ocorrência desse evento tonal nos dados do Libolo indica o mapeamento dos constituintes em PhPs independentes, argumentando ser esta uma evidência da não obrigatoriedade da reestruturação de PhP no PLB.

As declarativas neutras da variedade falada em Maputo (PM), em Moçambique foram analisadas através de um estudo de caso. Como características principais, apresentam como contorno nuclear, predominantemente, as configurações LH+L* L% e H+L* L%. As declarativas neutras desta variedade também tendem a ser mapeadas em dois IPs, sendo que o sujeito da sentença constitui um IP independente do predicado em 65% dos casos (SERRA; OLIVEIRA, 2022). Acentos frasais, anotados pelas autoras como L- e H-, também foram encontrados associados às fronteiras de PhP, evidenciando a marcação dessa fronteira nas declarativas neutras do PM. Ademais, as autoras também descrevem a presença de um tom adicional associado a uma das sílabas pretônicas de PW longas (com mais do que cinco sílabas), encontrado associado especialmente às PWs na fronteira esquerda de IP.

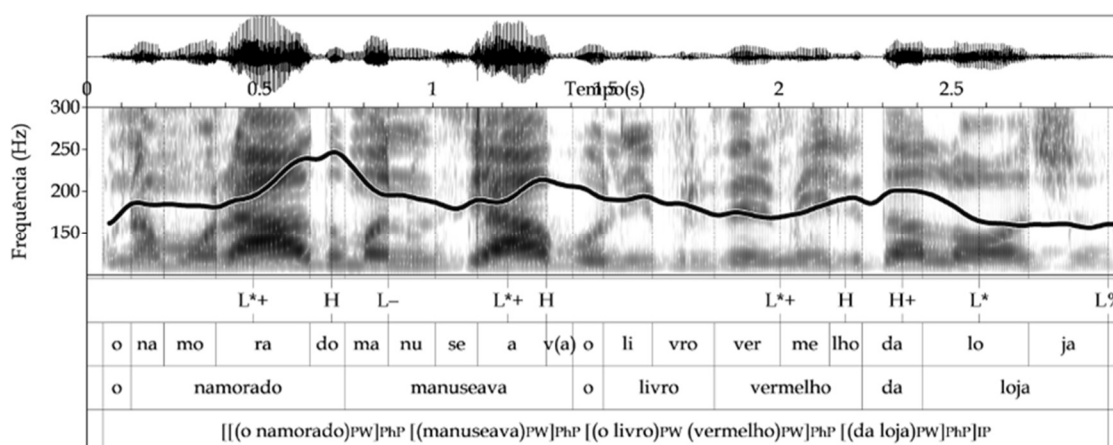
Os aspectos prosódicos das sentenças declarativas neutras do PGB já foram estudados por alguns autores (SANTOS; FERNANDES-SVARTMAN, 2014; SANTOS, 2015; SANTOS; BRAGA, 2017). Santos (2015), em especial, encontrou, para esse tipo de sentença, a obrigatoriedade de um acento tonal associado a todas as PWs cabeça de sintagma fonológico, embora também tenha encontrado uma grande associação de acentos tonais a PWs não cabeça de PhP, o que revela uma alta densidade tonal para essa variedade de português. Também foi verificado que há maior associação de acentos tonais a sintagmas fonológicos que compõem o sujeito do que aqueles que compõem o predicado da sentença, de modo que há associação de acento tonal a todas as PWs que pertençam ao sujeito, independentemente de sua ramificação prosódica ou sintática e de seu comprimento em número de sílabas. Já na posição de predicado, PWs não cabeça de sintagma fonológico e que estiverem dentro de sintagmas fonológicos curtos, ramificados ou não, podem não receber acento tonal (SANTOS, 2015). Santos (2015) também verificou que há possibilidade de associação de eventos tonais adicionais H às PWs longas, do mesmo modo como foi encontrado para PB (TENANI, 2002; FERNANDES, 2007a; 2007b; FERNANDES-SVARTMAN, 2009).

No que tange ao contorno nuclear das sentenças declarativas neutras, assim como nas variedades de PB e SEP e da região portuguesa do Algarve (ALG), foram encontrados, para

PGB, predominantemente, acentos descendentes seguidos de tom de fronteira baixo: H+L* L% (SANTOS; FERNANDES-SVARTMAN, 2014; SANTOS, 2015), e !H+L* L% (SANTOS, 2015). Entretanto, também é possível a realização de um contorno nuclear baixo L* L% (SANTOS, 2015) para as sentenças declarativas neutras dessa variedade de português, configuração também encontrada nas variedades portuguesas da região de Braga (NEP) (VIGÁRIO; FROTA, 2003) e do Alentejo (ALE) (CRUZ, 2013) e para o PST (BRAGA, 2018).

Além disso, o PGB, assim como ALE, o PST e o PLB, apresenta a possibilidade de associação de acento frasal baixo (L⁻) à fronteira de sintagma fonológico de sentenças neutras. Os acentos frasais em PGB, assim como em PST e em PLB, aparecem associados à fronteira direita de sintagma fonológico não final de IP. Tais acentos frasais apresentam-se associados majoritariamente a fronteiras de sintagmas fonológicos que constituem o sujeito da sentença (SANTOS; FERNANDES-SVARTMAN, 2014; SANTOS, 2015; SANTOS; BRAGA, 2017). Todavia, uma investigação mais aprofundada sobre esse tipo de evento tonal poderá nos mostrar se ele de fato está sendo realizado para marcar um sintagma fonológico de sujeito ou se outros fatores (como peso e ramificações sintático-prosódicas) podem condicionar sua associação à fronteira desse constituinte prosódico. As características entoacionais do PGB são ilustradas na Figura 4.3:

Figura 4.3: Contorno entoacional do enunciado “O namorado manuseava o livro vermelho da loja”, produzida como uma sentença declarativa neutra da variedade PGB.



Fonte: Santos e Braga (2017, p. 76).

4.3.2 Declarativas enumerativas

Não são muitos os estudos prosódicos das variedades de português que tenham tratado das declarativas enumerativas. O trabalho de Truckenbrodt, Sândalo e Abaurre (2009), que investigou, dentre outros tipos frásicos, as enumerações na variedade de PB falada em São Paulo (SP), aponta um contorno entoacional ascendente $L^* H^-$ associado aos itens não finais da lista e o contorno nuclear descendente $H+L^* L\%$ para o IP final de U. É importante frisar que o contexto oferecido para a produção das sentenças enumerativas desse estudo consistia em uma sentença interrogativa parcial (“Quem você viu na festa?”).

Já as sentenças declarativas enumerativas (ou de enumeração) da variedade de português falada no Libolo (PLB), em Angola, de acordo com Santos (2020), apresentam, como contornos nucleares de IPs não finais de U, as configurações ascendentes $L+H^* H\%$, $L^*+H H\%$ e $L^* H\%$ e o contorno descendente $H+L^* L\%$ para o contorno nuclear de IP final de U, também encontrado para as declarativas neutras dessa variedade (SANTOS, 2020). Ainda sobre esse tipo frásico, o autor afirma que cada item da listagem é formado por uma PW que, por sua vez, é predominantemente mapeada em um IP, sendo esses IPs de uma única palavra prosódica separados por pausa (na maioria dos casos). Porém, há casos em que os IPs parecem ter sido reestruturados, passando de IPs curtos não ramificados para IPs maiores, contendo mais de uma PW, visto que não foram encontradas, pelo autor, pistas prosódicas claras para o estabelecimento de fronteira de IP (como a presença de tom de fronteira, alongamento pré-fronteira, pausas ou quebras no contorno entoacional) (SANTOS, 2020, p. 75).

Estudos sobre esse tipo frásico em outras línguas, como o francês, apontam que o comportamento entoacional das enumerações pode ser descrito como um contorno específico deste tipo de estrutura linguística (visto que esse tipo frásico é mencionado pela teoria da Fonologia Prosódica de NESPOR; VOGEL, 1986; 2007 quando as autoras tratam do algoritmo de formação e reestruturação de IP), ou pode ser considerado como uma das formas de realização do padrão continuativo da língua, pelo fato de os elementos que compõem a listagem corresponderem à não finalização de uma sentença (KAMINSKAÏA, 2016). Dentro dessa interpretação, poderíamos considerar os resultados de contorno de IP não final encontrados por Frota *et al.* (2007) para SEP e NEP e por Cunha (2000), Tenani (2002) e Serra (2009) para o PB como também formas de descrever o contorno entoacional não final de U nas sentenças declarativas enumerativas.

Frota *et al.* (2007), tratando do italiano e das variedades lusitanas SEP e NEP, assumem L+H* como tom suspensivo e L*+H como tom continuativo. No padrão continuativo, o trecho pré-fronteira do contorno entoacional é realizado como um contorno ascendente da (ou na) última sílaba tônica em direção à sílaba na fronteira de IP, enquanto no tom suspensivo o trecho pré-fronteira do contorno entoacional é realizado como um contorno ascendente na última sílaba tônica seguido por um platô até a fronteira. Cunha (2000), ao analisar as declarativas neutras do PB, não faz distinção entre padrão continuativo ou tom suspensivo, tratando-os como padrão não final. Tenani (2002), por sua vez, também tratando do PB, trata o padrão continuativo e o tom suspensivo como sinônimos, assumindo que o contorno de IP não final da variedade de PB por ela estudada apresenta configuração L+H* H%.

Já Serra (2009), analisando dados de fala espontânea e de leitura da variedade de PB falada no Rio de Janeiro, encontra as seguintes configurações tonais como características do padrão continuativo e suspensivo (não finais) em seus dados: contornos ascendentes L+H* H%, L*+H H% e contorno descendente-ascendente H+L* H%, confirmando os resultados de Cunha (2000) e Tenani (2002), que atestam a presença do tom de fronteira H% associado à direita de IP não final em sentenças do PB que contêm mais de um IP.

4.3.3 Interrogativas totais neutras

As interrogativas totais já foram analisadas prosodicamente para diversas localidades onde o português é falado, em especial no Brasil. Aqui, apresentamos sucintamente as características descritas na literatura para variedades faladas em Portugal, Brasil, São Tomé e Príncipe (São Tomé) e Angola (Libolo).

Dentre os trabalhos que tratam das interrogativas globais de PE, Frota (2002b; 2014), Frota *et al.* (2015a) e Cruz *et al.* (2022) descrevem um contorno descendente-ascendente H+L* LH% para a variedade de Lisboa (SEP). Frota *et al.* (2015a) também encontraram o contorno nuclear ascendente L*+H H% para a variedade do Porto (POR), atestado também por Cruz *et al.* (2022) para essa variedade. Cruz (2013), por sua vez, encontra o contorno nuclear ascendente para as variedades ALE (L* H%) e ALG (L*+H H%).

Um contorno ascendente-descendente L* HL% é descrito por Vigário e Frota (2003) e Frota (2014) para a variedade de Braga (NEP). Vigário e Frota (2003) descrevem que a subida para a realização do tom de fronteira H ocorre em seguida ao acento tonal baixo, atingindo o pico na sílaba pós-nuclear (se esta estiver presente no enunciado), ao qual seguirá uma

descida para a conclusão do tom de fronteira complexo HL%. As autoras apontam, porém, que caso não haja espaço segmental para a realização desse tom de fronteira complexo, o seu truncamento pode ocorrer, ou seja, por não haver material segmental em que a descida do tom de fronteira complexo HL% possa se ancorar, apenas H% é realizado. Porém, Cruz *et al.* (2022) analisam o contorno nuclear das interrogativas totais neutras da região de Braga como sendo (H+)L* H%, sendo o acento tonal baixo precedido por um tom alto associado à sílaba pretônica da PW nuclear.

Cruz *et al.* (2022) também analisaram as características entoacionais deste tipo frásico para as regiões de Beja, Faro, Castelo Branco e Évora, na área continental de Portugal, assim como as regiões insulares, Funchal (Madeira) e Ponta Delgada (nos Açores). Para Beja, o contorno nuclear atestado para as interrogativas totais neutras também foi o contorno nuclear ascendente, descrito como L* H%, enquanto para a região de Faro as autoras também encontraram um contorno ascendente, mas foi descrito como L*+H H%.

Para a região de Castelo Branco, no centro do país, Cruz *et al.* (2022) encontraram contornos nucleares distintos de acordo com o tipo de coleta de dados: para os dados obtidos através da tarefa de leitura, as autoras encontraram um contorno nuclear ascendente-descendente, descrito como L*+H L%, para as sentenças interrogativas totais neutras. Já para os dados de fala semiespontânea, o contorno nuclear encontrado foi descendente, descrito como H*+L L%.

Já para a região de Évora (capital do Alentejo) e para as regiões insulares, Funchal (Madeira) e Ponta Delgada (Açores), as autoras encontraram o contorno nuclear baixo, que pode ser precedido por um tom alto na sílaba pretônica da PW nuclear ((H+)L* L%).

As configurações de contorno nuclear das interrogativas globais neutras nas variedades de PE por autor são apresentadas no Quadro 4.2.

Quadro 4.2: Configuração dos contornos nucleares encontrados para as interrogativas globais neutras em variedades de PE.

Constituição do contorno nuclear	Configuração do contorno nuclear	Variedade de PE (autor)
descendente-ascendente	H+L* LH%	SEP (FROTA, 2002a, 2014; FROTA <i>et al.</i> , 2015a; CRUZ <i>et al.</i> , 2022)
ascendente	L* H%	ALE (CRUZ, 2013); Beja (CRUZ <i>et al.</i> , 2022)
	L*+H H%	ALG (CRUZ, 2013); POR (FROTA <i>et al.</i> , 2015a; CRUZ <i>et al.</i> , 2022); Faro (CRUZ <i>et al.</i> , 2022)
	(H+)L* H%	Braga (CRUZ <i>et al.</i> , 2022)
ascendente-descendente	L* H(L)%	NEP (VIGÁRIO; FROTA, 2003; FROTA, 2014)
	L*+H L%	Castelo Branco (CRUZ <i>et al.</i> , 2022)
descendente	H*+L L%	Castelo Branco (CRUZ <i>et al.</i> , 2022)
(descendente) baixo	(H+)L* L%	Évora (CRUZ <i>et al.</i> , 2022) Funchal (CRUZ <i>et al.</i> , 2022) Ponta Delgada (CRUZ <i>et al.</i> , 2022)

Fonte: Elaboração própria.

Quanto à densidade tonal das interrogativas totais neutras das variedades de PE, Cruz (2013) encontrou, nos dados de fala semiespontânea (DCT), uma densidade tonal de 54% para ALE e de 50% para ALG. Já Frota *et al.* (2015a) encontraram, para esse tipo frásico, uma densidade tonal baixa para SEP e média para POR, ALE e ALG, em ordem crescente, sendo encontrados os mesmos valores de densidade tonal para ALE e ALG que os atestados por Cruz (2013).

Embora com metodologias de coleta de dados e de análise diferentes, muitos autores já descreveram as interrogativas globais de diversas variedades de PB do ponto de vista entoacional. No que tange à configuração do contorno nuclear, Moraes (2008), analisando a variedade do Rio de Janeiro, aponta, como contorno nuclear desse tipo frásico, a configuração L+<H* L%, em que o diacrítico '<' sinaliza que o pico do contorno ascendente ocorre na margem direita da sílaba tônica. Já Truckenbrodt, Sândalo e Abaurre (2009), ao analisarem este tipo de sentença na variedade de São Paulo, encontraram um contorno nuclear também ascendente-descendente L+H* L%.

O Projeto *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB) (CARDOSO *et al.*, 2014), por sua vez, descreve o contorno nuclear das interrogativas globais de 26 capitais brasileiras (todas, exceto Palmas,

no Tocantins) na Carta de Prosódia F07 P2, que aponta para três tipos de contorno nuclear: (i) ascendente-descendente L+H* L%, encontrado em todas as capitais brasileiras estudadas; (ii) ascendente alinhado à tônica e à postônica L+H* H%, encontrado majoritariamente nas capitais do nordeste (Salvador (BA), Recife (PE), João Pessoa (PBa), Natal (RN), São Luís (MA)), na capital de Santa Catarina (Florianópolis (SC)) e nas capitais de Rondônia (Porto Velho (RO)) e Amazonas (Manaus (AM)); e (iii) o contorno nuclear ascendente alinhado à tônica e à postônica, L* H%, encontrado nas capitais de Alagoas (Maceió (AL)) e Sergipe (Aracaju (SE)).

Já o trabalho de Frota *et al.* (2015a) apresenta o contorno ascendente-descendente L*+H L% como contorno nuclear das interrogativas globais neutras das variedades de São Paulo (São Paulo (SP)) e Minas Gerais (Belo Horizonte (MG)) e o contorno ascendente L*+H H% para as variedades da Bahia (Salvador (BA)) e do Rio Grande do Sul (Porto Alegre (RS)). Rosignoli (2017), porém, analisando vários tipos de interrogativas para a variedade de São Paulo, encontrou, como contorno nuclear das interrogativas globais neutras, as configurações baixa L* L%, descendente !H*+L L% e ascendente-descendente L+(!)H* HL%.

Castelo (2016) e Castelo e Frota (2017) apontam um *continuum* geográfico para os contornos nucleares das interrogativas ‘sim/não’ no Brasil. As autoras, ao investigarem esse tipo frásico das variedades brasileiras categorizadas como ‘nordeste’ (capitais da Paraíba (PBa), Sergipe (SE) e Bahia (BA)), ‘sudeste’ (capitais do Rio de Janeiro (RJ) e Minas Gerais (MG)), e ‘sul’ (capitais de Santa Catarina (SC) e Rio Grande do Sul (RS)), verificaram um contorno ascendente L* H% para as variedades do nordeste, ascendente-descendente L*+H L% para as variedades do sudeste e um contorno ascendente-descendente com tom de fronteira complexo (L* HL%) para as variedades do sul.

O trabalho de Cruz *et al.* (2022), por sua vez, trata das interrogativas totais neutras de algumas capitais dos estados do Brasil, agrupadas pelas autoras como regiões norte: João Pessoa (PBa), Aracaju (SE), Salvador (BA); e centro-sul: Belo Horizonte (MG), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP), Florianópolis (SC) e Porto Alegre (RS). As autoras encontram o contorno ascendente L* H% e L*+H H% para as variedades de PBa, SE e BA, sendo o primeiro contorno o predominante nas variedades de PBa e SE, assim como atestado nas análises de Castelo (2016) e Castelo e Frota (2017) para as mesmas capitais, e o segundo contorno, L*+H H%, predominante para BA. Embora os dois tipos de contornos sejam ascendentes, as autoras ressaltam a diferença fonológica entre eles: enquanto em L* H% o acento tonal associado à PW nuclear é totalmente baixo e a subida do contorno, para a realização do tom de fronteira

alto, inicia-se depois da sílaba acentuada, no contorno nuclear L*+H H%, o início do movimento ascendente se dá no meio da vogal acentuada.

Já para as variedades MG, RJ, SP, SC e RS, CRUZ *et al.* (2022) encontraram o contorno ascendente-descendente, diferenciando-se, por variedade, em relação ao alinhamento tonal. Para as variedades MG, RJ, SP as autoras encontraram, predominantemente, um acento tonal ascendente seguido de um tom de fronteira baixo, L*+H L%. Já para as variedades de SC e RS foi predominante o contorno que apresenta acento nuclear baixo e tom de fronteira complexo (HL%, L* HL%). Esses resultados vão ao encontro do que já havia sido apontado por outros autores (ver Quadro 4.3).

Quadro 4.3: Configuração dos contornos nucleares encontrados para as interrogativas globais neutras em variedades de PB.

Constituição do contorno nuclear	Configuração do contorno nuclear	Variedade de PB (autor)
Ascendente-descendente	L*+H L%	SP (FROTA <i>et al.</i> , 2015a; CRUZ <i>et al.</i> , 2022); MG (FROTA <i>et al.</i> , 2015a; CASTELO; FROTA, 2017; CRUZ <i>et al.</i> , 2022); RJ (CASTELO, 2016; CASTELO; FROTA, 2017; CRUZ <i>et al.</i> , 2022)
	L+H* L%	SP (TRUCKENBRODT; SANDALO; ABAURRE, 2009); RS; SC; PR; SP; RJ; MG; ES; GO; MT; MS; AL; SE; BA; PE; PBa; RN; MA; PI; CE; PA; AP; RR; RR; AM; AC (ALiB, 2014)
	L+<H* L%	RJ (MORAES, 2008)
	L* L% !H*+L L% L+(!)H* HL%	SP (ROSIGNOLI, 2017)
	L* HL%	SC; RS (CASTELO, 2016; CASTELO; FROTA, 2017; CRUZ <i>et al.</i> , 2022)
Ascendente	L+H* H%	BA; PE; PBa; RN; MA; SC; RO; AM (ALiB, 2014)
	L*+H H%	BA (FROTA <i>et al.</i> , 2015a; CRUZ <i>et al.</i> , 2022) RS (FROTA <i>et al.</i> , 2015a)
	L* H%	AL (ALiB, 2014); SE (ALiB, 2014; (CASTELO, 2016; CASTELO; FROTA, 2017; CRUZ <i>et al.</i> , 2022); PBa (CASTELO, 2016; CASTELO; FROTA, 2017; CRUZ <i>et al.</i> , 2022); BA (CASTELO, 2016; CASTELO; FROTA, 2017)

Fonte: Elaboração própria.

Destarte, embora os contornos nucleares desse tipo frásico para as variedades brasileiras sejam ascendentes-descendentes ou apenas ascendentes, vemos configurações que se diferem especialmente em relação ao alinhamento do acento tonal em relação à sílaba

tônica da PW cabeça de IP. No Quadro 4.3, expomos os tipos de contorno nuclear encontrados para as variedades de PB, de acordo com a localidade e o autor.

Quanto à densidade tonal, apenas o trabalho de Frota *et al.* (2015a) aponta resultados: de modo geral, existem diferenças quanto às densidades tonais encontradas, sendo as variedades da BA e de MG as que apresentam densidade tonal média, a variedade de SP a que apresenta uma densidade tonal média-alta e a variedade de RS a que apresenta uma alta densidade tonal para esse tipo frásico.

Ainda existem poucos trabalhos sobre o comportamento prosódico das interrogativas totais neutras das variedades africanas de português, como mostra o Quadro 4.4.

Quadro 4.4: Configuração dos contornos nucleares encontrados para interrogativas globais neutras em variedades africanas de português.

Constituição do contorno nuclear	Configuração do contorno nuclear	Variedade africana de português (autor)
<i>ascendente-descendente</i>	L+(<i>j</i>)H* L%	PM (SERRA; OLIVEIRA, 2022)
	L*+ (i)H HL%	PST (BRAGA, 2019)
	L+H* L%	PLB (SANTOS, 2020)
L* H%		
<i>ascendente</i>	L+H* H%	

Fonte: Elaboração própria.

Braga (2019), analisando esse tipo frásico para o português de São Tomé (São Tomé e Príncipe), descreve essa variedade como tendo um contorno nuclear ascendente-descendente de configuração L*+ (i)H HL% e sendo de alta densidade tonal: 87,3%, nos dados coletados através de tarefa de leitura.

Santos (2020), ao investigar a variedade angolana do município do Libolo (Angola), encontrou, para as interrogativas globais, dois tipos de contornos melódicos: um contorno majoritário ascendente-descendente L+H* L%, tanto para dados de leitura como de fala semiespontânea, e o contorno ascendente, que pode ser L* H% ou L+H* H% (este último em menor ocorrência). O autor também atestou uma densidade tonal alta para as interrogativas globais do PLB, por volta de 49% nos dados coletados através da tarefa de leitura.

Por fim, Serra e Oliveira (2022), num estudo de caso sobre a variedade falada em Maputo (Moçambique), indicam que as interrogativas totais nessa variedade apresentam uma

densidade tonal de 100%, e o contorno nuclear ascendente-descendente, anotado majoritariamente como $L+(\text{<i>i</i>})H^* L\%$.

4.3.4 Interrogativas parciais neutras

As interrogativas parciais neutras, também chamadas como interrogativas QU- (ou WH), apresentam os mesmos contornos nucleares encontrados para as declarativas neutras, nas diversas variedades de português em que esse tipo frásico já foi estudado. Isso se dá, pois o significado pragmático de pergunta é dado morfossintaticamente, devido à presença do pronome interrogativo, geralmente posicionado na periferia esquerda (no início da sentença). Dessa forma, uma marcação prosódica, além da marcação morfossintática, seria redundante (FROTA *et al.*, 2015a), embora, em alguns casos, essa redundância seja realizada.

O contorno entoacional das sentenças interrogativas parciais de SEP apresenta a mesma forma e configuração encontrada para as sentenças declarativas neutras dessa variedade: o contorno pré-nuclear constitui um platô até chegar ao contorno nuclear, caracterizado por uma descida acentuada na última sílaba tônica do sintagma entoacional, apresentando a configuração $H+L^* L\%$ (FROTA, 2002a). Uma ascendência final, logo após o acento tonal nuclear $H+L^*$, pode ser adicionada ao contorno nos casos em que a última palavra prosódica da sentença for proparoxítone e as vogais pós-tônicas forem realizadas, havendo assim material segmental para a ancoragem dessa ascendência. De acordo com Frota (2002a), essa ascendência final seria uma reminiscência de polidez, não sendo obrigatória para a constituição do significado pragmático desse tipo frásico.

Para NEP, o contorno nuclear mais comum das interrogativas parciais se mostra tal qual o contorno das declarativas neutras dessa variedade: $L^* L\%$ (VIGÁRIO; FROTA, 2003). Entretanto, caso a sílaba acentuada da última palavra prosódica seja a última sílaba do enunciado, o contorno nuclear dessa variedade para esse tipo frásico é realizado como $H+L^* H\%$, sendo este um contorno nuclear alternativo, segundo Vigário e Frota (2003).

Para as variedades de ALE e ALG, Cruz (2013) afirma que as interrogativas parciais apresentam o mesmo contorno nuclear que as sentenças declarativas neutras dessas variedades e de SEP, $H+L^* L\%$, podendo também apresentar o contorno nuclear $L^* L\%$ para a variedade ALE, contorno que também é encontrado para as declarativas neutras dessa variedade.

Moraes (2008), analisando a variedade brasileira carioca, descreve o contorno melódico das interrogativas parciais como sendo iniciado por um acento tonal extra alto seguido de uma descida gradual até o tom de fronteira baixo ($H+L^* L\%$) associado à última palavra prosódica acentuada do enunciado. Ainda segundo o autor, a distinção perceptual entre o contorno entoacional de uma sentença declarativa e uma interrogativa parcial se dá pela oposição do acento tonal associado à PW do início da sentença: na declarativa teríamos um contorno inicial pré-nuclear com um acento tonal $L+H^*$, enquanto na interrogativa parcial o acento tonal inicial apresentaria uma configuração $H+H^*$, ou mesmo $H+iH^*$, quando a sentença começasse com uma sílaba acentuada.

Já Frota *et al.* (2015a), para as variedades brasileiras BA, MG, SP e RS, descrevem o contorno nuclear descendente-ascendente $H+L^* H\%$ para interrogativas parciais de RS, sendo este o contorno que mais se afasta das demais variedades analisadas (BA, MG, e SP), cujo contorno encontrado para esse tipo frásico foi $H+L^* L\%$.

Por sua vez, Rosignoli (2017), analisando diversos tipos de interrogativas para a variedade de SP, aponta que, para essa variedade, o contorno entoacional final é, majoritariamente, ascendente-descendente, embora também seja significativo, para essa variedade, a realização de contornos finais descendentes e baixos. De acordo com a autora, as sentenças interrogativas parciais neutras da variedade de SP apresentam um acento tonal $(L+)H^*$ associado à palavra QU-, ou seja, à primeira palavra prosódica do enunciado. Rosignoli (2017) aponta também que a configuração do contorno do final da sentença apresenta configuração variável para esse tipo frásico, sendo encontradas, em suas análises, as configurações $L^* L\%$, $!H^*+L L\%$ e $L+(!)H^* HL\%$.

Já as interrogativas parciais da variedade angolana do Libolo, descritas por Santos (2020), apresentam frequentemente o contorno nuclear descendente $H+L^* L\%$ (especialmente nas sentenças produzidas na tarefa de fala semiespontânea), contorno semelhante ao encontrado pelo autor para as declarativas neutras. Entretanto, o autor também encontrou, para esse tipo frásico, um contorno nuclear ascendente, $L^* H\%$, ou ascendente-descendente, $L+H^* L\%$, semelhantes aos encontrados para as sentenças interrogativas totais. Embora ainda não esteja claro se essa variedade utilizaria essa ascendência para marcar uma conotação de polidez, tal qual Frota (2002b) observa para SEP, o autor afirma que o contorno ascendente $L^* H\%$ soa mais cortês, enquanto o ascendente-descendente $L+H^* L\%$ parece mais incisivo (SANTOS, 2020, p, 116).

Frota *et al.* (2015a) afirmam que a densidade tonal contribui para a diferenciação entre as sentenças declarativas neutras e as interrogativas parciais nas variedades de português europeu. Segundo os autores, SEP, ALG e ALE (em ordem crescente) apresentam uma baixa densidade tonal para esse tipo frásico. A variedade POR, por sua vez, apresenta uma densidade tonal média, idêntica à encontrada para as declarativas neutras. Os resultados encontrados para as variedades de ALE e ALG corroboram os encontrados por Cruz (2013), que aponta uma densidade tonal de 14% para ALG e 25% para ALE.

Quanto às variedades brasileiras também analisadas por Frota *et al.* (2015a), foi encontrada uma densidade tonal média para as sentenças interrogativas parciais, em ordem crescente: BA, SP, RS e MG. Analisando os resultados apresentados nesse mesmo estudo, verifica-se que apenas as variedades BA e SP apresentaram uma densidade tonal menor para as interrogativas parciais do que para as interrogativas totais. Ainda para a variedade SP, Rosignoli (2017) aponta para uma densidade tonal de 81% para interrogativas parciais neutras dessa variedade brasileira, contrastando com os resultados obtidos por Frota *et al.* (2015a) para SP.

Por fim, Santos (2020), analisando os dados coletados através de uma tarefa de fala semiespontânea, encontrou uma densidade tonal de 12,5% para as sentenças interrogativas parciais do português angolano da região do Libolo.

5. ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, apresentamos os resultados encontrados para as análises dos dados do guineense e do PGB no que diz respeito ao comportamento entoacional das sentenças declarativas neutras, declarativas enumerativas, interrogativas totais neutras e interrogativas parciais, tecendo também uma discussão sobre elas.

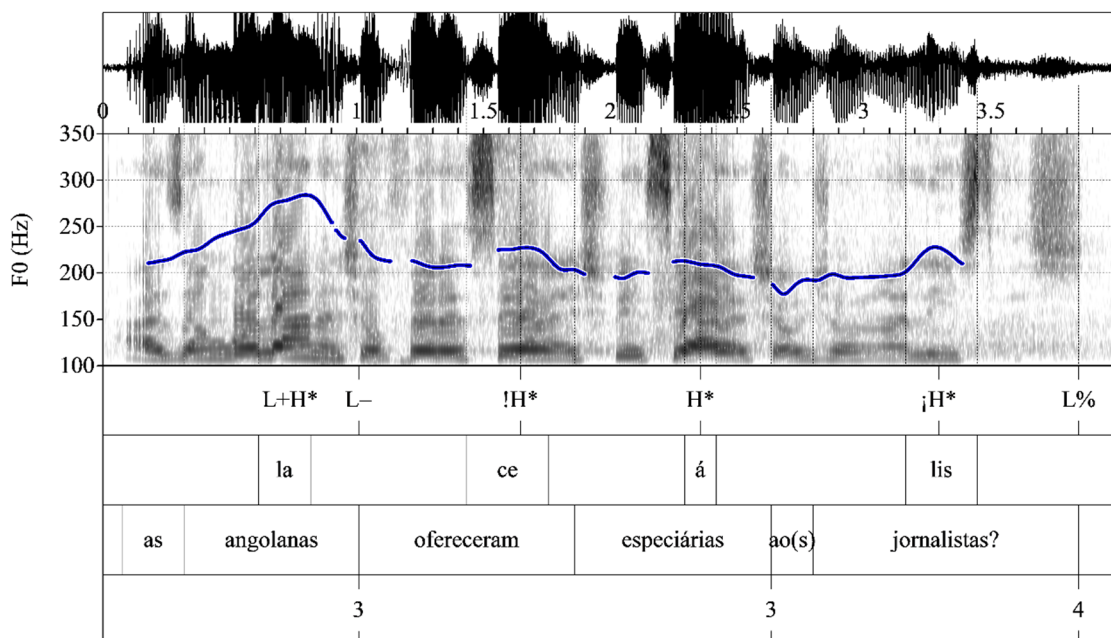
Utiliza-se aqui o aparato teórico da Fonologia Prosódica (NESPOR; VOGEL, 1986; 2007; SELKIRK, 1984; 1986; 2000) numa visão integrada à Fonologia Entoacional Autossegmental Métrica (PIERREHUMBERT, 1980; BECKMAN; PIERREHUMBERT, 1986; LADD, 1996; 2008), conforme descrevemos no Capítulo 4, para a descrição e análise entoacional do guineense e do PGB, assim como para a investigação da relação entre a associação de eventos tonais e a formação de constituintes prosódicos nessas duas línguas.

Entretanto, antes de apresentarmos as análises, cabe aqui apresentarmos algumas considerações sobre a análise entoacional realizada. Nessa análise, diferenciamos L+H* e H* levando em consideração os trabalhos de Ladd e Schepman (2003) e em especial Ladd (2008, p.136-138), que tratam da diferença entre os dois acentos tonais mencionados observando o momento da subida da curva de F₀: de acordo com os autores, L+H* e H* diferenciam-se por uma ascendência mais substancial antecedendo o alvo H*, sendo a diferença bastante clara se houver uma sílaba anterior. Um tom H* seria manifestado por uma subida abrupta de F₀, mais ou menos simultânea ao *onset* da sílaba acentuada, como podemos ver na Figura 5.1.

Contudo, ao seguirmos esse tipo de análise deparamo-nos com outros problemas teóricos já tratados na literatura, como a “*sagging transition*”⁵⁴ e a utilização de *downstep* (!) como resultado fonético de uma sequência H L H. Pierrehumbert (1980), em sua análise entoacional do inglês, propõe que a transição de um acento tonal H* até o próximo acento tonal não se daria por interpolação direta entre os dois picos, mas que haveria uma declinação gradual logo após o primeiro H* até o início do segundo H*, sendo esse segundo tom H* iniciado por uma ascendência local que atingiria o nível do segundo pico de F₀. Esse movimento entre os dois tons H* foi chamado de “*sagging transition*”. Entretanto, como a própria autora reconhece, isso traz problemas para a interpretação de tons, pois não é clara a distinção entre uma sequência H*... H* e H*... L+H*.

⁵⁴ Termo em inglês para algo como ‘transição “flácida”’.

Figura 5.1: Sentença interrogativa total neutra “As angolanas ofereceram especiarias aos jornalistas?”, realizada por RAS na tarefa de leitura.



Fonte: Elaboração própria.

Além disso, conforme apontado por Ladd (2008, p. 137), Pierrehumbert (1980) e Beckman e Pierrehumbert (1986) acabam tratando *downstep* como uma realização fonética de certas sequências tonais. Para Pierrehumbert (1980), *downstep* seria engatilhado por qualquer sequência H... L... H, não importando qual o papel destes três tons no contorno entoacional (H*+L ... H*; H*... L+H*; etc.). Já para Beckman e Pierrehumbert (1986, p. 278), todos os acentos bitonais podem engatilhar *downstep* (nomeado pelas autoras como *catathesis*) do evento tonal seguinte, incluindo *phrasal accents*, não importando, assim, onde está a sequência tonal H... L... H. Dessa forma, em ambos os trabalhos, *downstep* é visto como um processo natural de ‘declinação’⁵⁵ (*downdrift*), que resulta de uma realização fonética de sequências específicas de eventos tonais.

Entretanto, se utilizamos a marcação de *downstep* (!) tal como proposto em Ladd (2008, p. 137), utilizando-o como uma modificação ortogonal independente da variação da altura

⁵⁵ Gussenhoven (2004, p. 97) afirma que a ‘declinação’ corresponde à descida gradual e dependente do tempo do contorno entoacional entre os pontos em que se espera que sejam iguais em nível de altura tonal. O autor também afirma que o efeito da declinação é melhor observado na realização de sentenças em que há sequência de tons idênticos.

(*pitch range*), e não uma consequência do evento tonal anterior, ou seja, sendo essa uma forma utilizada para a marcação da compressão da gama tonal encontrada no interior de IP, 'L' deixa de ser utilizado como o desencadeador de *downstep* e pode ser usado unicamente para a anotação de tons ascendentes (L+H), descendentes (H+L) e baixos (L) realizados verdadeiramente. Além disso, o uso de *downstep* passa a ser fonológico, tal qual propõe Ladd (2008) e outros autores.

Jun e Fletcher (2014) discorrem que, à medida que mais línguas foram sendo estudadas a partir do aparato teórico da fonologia entoacional, e especialmente tendo como objeto de análise a fala espontânea, cada vez mais as análises têm mostrado que as línguas podem distinguir fonologicamente até quatro níveis de altura tonal: alto (H), baixo (L), médio (M ou !H, embora haja distinção entre M e !H)⁵⁶ ou super alto (¡H).

Dessa forma, a quantidade de níveis de altura da realização de eventos tonais e quais são esses níveis parece ser um parâmetro marcado pela gramática de cada língua: a variedade de espanhol falada em Madri, por exemplo, apresenta quatro alturas para os eventos tonais (L, H, M e ¡H, sendo o tom M encontrado apenas no inventário dos tons de fronteira) (ESTEBAS-VILAPLANA; PRIETO, 2010), enquanto a variedade de espanhol falada no Distrito Federal do México apresenta três (L, H e M, M novamente sendo parte do inventário apenas dos tons de fronteira) (DE-LA-MOTA; BUTRAGUEÑO; PRIETO, 2010); ainda, línguas como o mongol qalqe (khalkha), falado na capital da Mongólia, apresentam apenas dois tons (L e H) (KARLSSON, 2014).

Nesse sentido, um tom alto com *downstep* (!H) é um tipo de tom alto, mas realizado com um F_0 abaixo daquele em que um tom H é manifestado, devido a uma compressão da gama tonal em relação ao tom alto anteriormente realizado, conforme dito anteriormente, de modo que um *downstep* representa uma relação sintagmática existente entre os tons altos (JUN; FLETCHER, 2014, p. 515).

Em português, ¡H também é utilizado para descrever um comportamento fonológico, pois manifesta uma distinção dos contornos nucleares com relação ao significado do tipo frásico, sendo utilizado na descrição dos vocativos nas variedades POR, SEP, ALE, ALG, dos vocativos de insistência na variedade ALE, e das declarativas focalizadas na variedade ALG do

⁵⁶ De acordo com as autoras, enquanto um tom !H representa uma relação sintagmática entre dois tons altos, um tom M representa de fato um tom que represente a altura média de F_0 , havendo a distinção de três alturas tonais.

português europeu (FROTA, 2014; FROTA *et al.*, 2015), assim como na descrição das interrogativas confirmatórias na variedade BA, das declarativas categóricas, vocativos e vocativos de insistência da variedade MG, perguntas eco parciais e vocativos da variedade SP, e declarativas focalizadas e categóricas da variedade RS do português brasileiro (FROTA *et al.*, 2015). Na esteira desses trabalhos, nesta tese, as sequências H* L+H* e H* !H* representam análises fonológicas distintas, conforme será demonstrado nos resultados.

A análise dos dados é apresentada por língua, a fim de expormos um panorama do comportamento prosódico do guineense e do PGB como um todo, visto que o guineense é uma língua cujas características entoacionais e fraseamento prosódico nunca foram estudadas e que o PGB é uma variedade de português ainda pouco descrita na literatura e que será analisada comparativamente com os resultados encontrados para o guineense.

Sendo assim, este capítulo está focado na descrição dos resultados encontrados, para as duas línguas, para os quatro tipos frásicos já apresentados no Capítulo 3: sentenças declarativas neutras, sentenças declarativas de enumeração, interrogativas globais neutras e interrogativas parciais.

As sentenças declarativas neutras aqui analisadas correspondem às sentenças deste tipo frásico presentes no experimento DCT (*Discourse Completion Task*) e nos dados coletados nas duas tarefas do experimento *Story Telling* que correspondessem ao contexto de produção desse tipo frásico, apresentados no Capítulo 3. Conforme já mencionado anteriormente, as sentenças declarativas neutras são aquelas em que uma nova informação é introduzida no discurso. Seu contexto de produção corresponde à resposta da pergunta “O que aconteceu?”, que em nossa coleta de dados contou também com o auxílio de imagens. Nessas tarefas, os participantes produziram os enunciados de maneira semiespontânea (conferir Capítulo 3).

Para a análise desse tipo frásico, interessam-nos a densidade tonal (porcentagem de acentos tonais pré-nucleares associados às palavras prosódicas pré-nucleares de um enunciado fonológico), que pode nos dar pistas de qual seja o domínio prosódico relevante para a distribuição de acentos tonais (HELLMUTH, 2007; FROTA; PRIETO, 2015) e para a determinação do macrorritmo (JUN, 2005; 2014) do guineense e do PGB, a configuração dos acentos tonais pré-nucleares, a existência de acentos frasais (T⁻) e as configurações do contorno nuclear de IP, tanto não final quanto final de U.

Pelo próprio desenho experimental da tarefa, os dados coletados através da DCT correspondem a sentenças curtas, formadas majoritariamente por duas a quatro palavras

prosódicas. Já os dados coletados através do *Story Telling* correspondem, em sua maioria, a sentenças longas e de maior complexidade prosódica, com a possibilidade de reestruturação de sintagmas fonológicos, de sintagmas entoacionais formados por mais do que quatro palavras prosódicas e até mesmo da reestruturação de enunciados fonológicos, como será apresentado a seguir. Também através desse tipo de tarefa obtivemos uma maior amostra de contornos entoacionais não finais de U, e, conseqüentemente, dos padrões suspensivo e continuativo da língua.

As sentenças declarativas de enumeração correspondem a sentenças em que elementos nomeados são elencados como numa lista. Esse tipo frásico apresenta características prosódicas particulares. De acordo com Nespor e Vogel (2007, p. 201), em uma lista, cada um dos itens forma um sintagma entoacional próprio. Além disso, as sentenças declarativas de enumeração nos dão pistas sobre o funcionamento dos padrões de contorno continuativo e suspensivo da língua pela própria natureza do dado, sendo todos os itens, com exceção do último, um gatilho para a realização desses padrões.

Nossos dados desse tipo frásico foram coletados através da DCT e do *Story Telling*, constituindo-se assim como dados de uma fala semiespontânea. São duas as sentenças da DCT que correspondem a esse tipo frásico: a lista de meses do ano, que consideramos como uma lista fechada e de enumeração longa, e a lista com três (ou quatro) frutas favoritas definidas pelo próprio informante, considerada uma lista aberta e de enumeração curta. Com o *Story Telling*, conseguimos a produção de uma sentença que é constituída por uma lista de compras de itens predefinidos com quatro itens, que consideramos como uma lista fechada e de enumeração curta.

Os exemplos a seguir ilustram: (5.a) sentenças enumerativas curtas e de lista aberta do guineense, (5.b) as sentenças enumerativas curtas e de lista fechada do guineense, (5.c) as sentenças enumerativas longas e de lista fechada do guineense; e (5.d) sentenças enumerativas curtas e de lista aberta do PGB, (5.e) as sentenças enumerativas curtas e de lista fechada do PGB, (5.f) as sentenças enumerativas longas e de lista fechada do PGB. As sentenças do guineense aparecem numa transcrição fonética ampla enquanto as do PGB aparecem transcritas ortograficamente.

- (5.a) [la' rãʒe 'mãgɔ ana' nas]
- (5.b) [sa' patɔ je' peɔ ka' mise kɔ ' kaʔse]
- (5.c) [ʒa' nerɔ fe' vrerɔ ' marsɔ, a' brit ' majɔ ' ʒuɲɔ ' ʒuʌɔ a' gostɔ se' tẽbrɔ oj' tubrɔ no' vẽbrɔ di' zẽbrɔ]
- (5.d) “banana, jaca, laranja”
- (5.e) “calça, luvas, camisa e sapato”
- (5.f) “janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro”

A análise a respeito desse tipo frásico está focada na configuração dos contornos nucleares dos sintagmas entoacionais não finais de enunciado fonológico (U), verificando ocorrências de tons suspensivos e continuativos, assim como na configuração do contorno nuclear final, tanto do guineense quanto do PGB, complementando nossas análises sobre o comportamento dos sintagmas entoacionais (finais e não finais de U) encontrados nas sentenças declarativas neutras.

Para a investigação das fronteiras de sintagmas entoacionais dos enunciados fonológicos analisados foram levados em consideração pausas, *pitch resets*,⁵⁷ alongamentos pré-fronteira, subidas da curva de F₀ (tanto as que fossem realizadas como uma subida na sílaba acentuada que se estendesse até a fronteira ou que fosse seguida de um platô), e abaixamento da curva de F₀ até o ponto de base utilizado pelo falante (FROTA et al., 2007, entre outros).

Seguindo esse critério, nem sempre cada item da lista acabou por constituir um IP, embora o algoritmo de fraseamento prosódico de listas descrito por Nespor e Vogel (1986, p. 201) assumira essa como uma possibilidade. Dessa forma, alguns contornos entoacionais abarcaram duas ou três palavras prosódicas, tanto nas enumerativas do guineense quanto do PGB.

As sentenças interrogativas totais neutras, por sua vez, são aquelas em que a informação inquirida é desconhecida pelo falante no momento da enunciação, tendo como alvo uma resposta ‘sim/não’. O português é uma das línguas que marca a distinção entre sentenças declarativas e interrogativas totais principalmente através da prosódia (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003, p. 435). Dessa forma, a estrutura sintática das sentenças declarativas e

⁵⁷ Termo em inglês para algo como “reinício do contorno entoacional numa nova altura da gama tonal”.

interrogativas absolutas é superficialmente idêntica, mas o significado pragmático interrogativo é transmitido através de elementos prosódicos, sem a presença de marcadores morfossintáticos (FROTA *et al.*, 2015a).

Os dados desse tipo frásico aqui analisados foram obtidos através da tarefa de leitura (apenas para o PGB), que constitui os *corpora* de fala controlada deste tipo frásico (Cf. Capítulo 3), e da DCT e do *Story Telling*, que compõem o corpus de fala semiespontânea deste tipo frásico. Nossa análise para esse tipo frásico é focada na densidade tonal (para as sentenças da tarefa de leitura), nas configurações dos acentos tonais pré-nucleares encontrados, no contorno nuclear e na posição do contorno em que encontramos um (ou mais) pico(s) de F_0 , ou seja, qual é o constituinte prosódico mais alto, dentro da hierarquia, a que pertence a fronteira direita da PW à qual encontramos associado um pico no contorno entoacional do enunciado fonológico, tendo como objetivo verificar se este é um fator que atua na diferenciação entre sentenças declarativas neutras e interrogativas totais neutras.

Por fim, as sentenças interrogativas parciais são aquelas que apresentam uma palavra que carrega o valor semântico de uma questão específica referente a tempo (“quando”), lugar (“onde”), pessoa (“quem”), objeto (“qual” ou “o que”), motivo (“por que”) ou quantidade (“quanto”). No português, o elemento QU- pode permanecer *in situ*, ou seja, na posição de argumento interno do verbo, sendo realizado no final da sentença, ou com o elemento QU- movido para a posição de núcleo do complementizador da estrutura sintática. No guineense, por sua vez, as estruturas QU- aparecem obrigatoriamente focalizadas, no início da sentença, sendo encontradas na posição *in situ* unicamente na realização de perguntas-eco (KIHM, p. 230-231). Dessa forma, em nossas análises, tratamos das interrogativas parciais em que o elemento interrogativo aparece no início da sentença, na posição sintática de núcleo de complementizador, para uma primeira comparação entre guineense e PGB⁵⁸.

Em nossos dados, detivemo-nos nas interrogativas parciais cuja questão versa sobre o objeto (“o que”) e o lugar (“onde”), tanto em PGB quanto em guineense. Do ponto de vista prosódico, interessa-nos os eventos tonais que possam aparecer associados à palavra prosódica formada pelo elemento interrogativo (tanto os acentos tonais quanto eventos

⁵⁸ Em estudos futuros, pretendemos estender as análises para verificarmos também o comportamento de sentenças focalizadas e perguntas-eco, tanto em guineense quanto em PGB, para expandirmos a comparação e analisarmos melhor o comportamento entoacional dessas duas línguas, que podem compartilhar traços de maneira ainda mais ampla.

tonais que indiquem a fronteira prosódica mais alta desse elemento), a densidade tonal deste tipo frásico e seu contorno nuclear.

O Capítulo está dividido da seguinte forma: a Seção 5.1 dedica-se à descrição das características entoacionais e de fraseamento do guineense dos tipos frásicos tratados: sentenças declarativas neutras (5.1.1), sentenças declarativas de enumeração (5.1.2), interrogativas totais neutras (5.1.3) e interrogativas parciais (5.1.4). A Seção 5.2, por sua vez, dedica-se ao PGB, apresentando os resultados encontrados para as sentenças declarativas neutras (5.2.1), as sentenças declarativas de enumeração (5.2.2), as sentenças interrogativas totais neutras (5.2.3) e as interrogativas parciais (5.2.4) quanto às características entoacionais dessa variedade e a relação entre a associação de eventos tonais e a formação dos domínios prosódicos. Por fim, na Seção 5.3, apresentamos a síntese do capítulo, que nos possibilitará traçar as relações entre o guineense e o PGB e entre o PGB e outras variedades de português quanto ao comportamento prosódico no Capítulo 6.

5.1 GUINEENSE

Conforme apresentado no Capítulo 4, consideramos como palavra prosódica do guineense os itens que sejam palavras lexicais, que apresentem um único acento primário. Como o guineense é uma língua que apresenta muitos itens monossilábicos, inicialmente consideramos os trabalhos de Costa (2014) e Chapouto (2014), que trataram do inventário fonético e fonológico do guineense, assim como do seu molde silábico, e Bull (1989), Kihm (1994) e Couto (1994), que trazem propostas sobre o funcionamento de acento primário, para o auxílio na distinção entre itens monossilábicos tônicos e átonos. No decorrer das análises, verificamos itens cuja vogal é categoricamente reduzida ou apagada, o que também possibilitou a delimitação dos elementos clíticos.

Tendo em vista tais trabalhos, assumimos em nossas análises que monossílabos tônicos são aqueles que apresentam alguma proeminência que não advenha de focalização, ou seja, que apresentem elementos que caracterizem acento, como duração, intensidade e altura de F_0 (*pitch*), assim como não possam ser reduzidos. Essa categorização torna-se necessária para decidirmos como alguns elementos (tais como pronomes, verbos auxiliares, partículas de tempo-modo-aspecto (TMA), entre outros), que são formados por uma única sílaba — e que podem ainda serem constituídos apenas por vogal — comportam-se em guineense.

5.1.1 Sentenças declarativas neutras do guineense

As sentenças declarativas neutras do guineense coletadas através da tarefa DCT correspondem à produção de três sentenças realizadas pelos cinco informantes, que realizaram três repetições para cada uma delas, totalizando 45 sentenças (3 sentenças × 5 informantes × 3 repetições). Todavia, apenas 29 sentenças puderam ser consideradas como correspondentes a este tipo frásico, visto que as outras 16 apresentaram muitos truncamentos, correções ou mesmo focalização de algum elemento da sentença, não correspondendo, portanto, ao tipo frásico a ser analisado. Sendo assim, os resultados das sentenças declarativas neutras do guineense obtidas através da tarefa DCT correspondem à análise de 3 sentenças produzidas por JSJ, 8 sentenças produzidas por HGS, 9 produzidas por LAC, 3 realizadas por RAS e 6 por JAM.

Já o conjunto de dados deste tipo frásico coletado através do *Story Telling* é constituído por sentenças que descreviam situações ou pudessem ser realizadas como resposta à pergunta “o que aconteceu?”, que corresponde ao contexto *default* para a produção deste tipo frásico, de modo que não havia contexto para a produção de foco ou de interrogativas. Foram selecionadas, com essas características, 5 sentenças de JSJ, 5 de HGS, 12 de LAC, 3 de RAS e 9 de JAM, totalizando 34 sentenças declarativas neutras. A Tabela 5.1 apresenta a distribuição das sentenças declarativas neutras pelas tarefas e por informante.

Tabela 5.1: Distribuição de sentenças declarativas neutras do guineense por tarefa e por informante.

Informantes	DCT	Story Telling		Total por informante
		Ratinho	Mercado	
JSJ	3	2	3	8
HGS	8	1	4	13
LAC	9	3	9	21
RAS	3	1	2	6
JAM	6	4	5	15
Total por tarefa	29	11	23	63

Apesar do desbalanceamento quanto à quantidade de sentenças deste tipo frásico produzida por cada um dos informantes, é possível verificar padrões a nível global. Dessa forma, embora tenham sido encontradas variações fonéticas para determinados eventos tonais, há um comportamento fonológico que pode ser apreendido através das análises entoacionais desse conjunto de dados. Isso é observado nas configurações encontradas para

os acentos tonais pré-nucleares, contornos nucleares de sintagmas entoacionais não finais do enunciado fonológico e contornos nucleares de IPs finais de enunciado fonológico.

Tendo em vista que há uma relação entre a distribuição de acentos tonais dentro de um contorno entoacional e a organização dos domínios prosódicos, de modo que o constituinte prosódico ao qual um acento tonal se associa pode refletir a estrutura prosódica do enunciado (SELKIRK, 1984; LADD, 1996; HELLMUTH, 2007, FROTA; PRIETO, 2015; entre outros), examinamos a constituição das sentenças declarativas neutras do guineense e quais são os domínios relevantes para a associação de acentos tonais.

As sentenças desse tipo frásico analisadas apresentaram IPs constituídos em média por três PWs, mesmo em enunciados fonológicos longos, sendo recorrente o fraseamento em mais de um sintagma entoacional, de modo que pudemos analisar também como se comportam os contornos nucleares não finais de U. O fraseamento de U em mais de um IP foi encontrado com maior frequência nos dados coletados através do *Story Telling*, pela natureza da tarefa, embora também tenha aparecido nos dados da DCT. Na tabela 5.2, apresentamos a distribuição de PWs e IPs dentro de U por tarefa e por informante. Os pronomes pessoais de sujeito, com exceção do pronome de 1ª pessoa do singular, 'N', foram considerados como palavras prosódicas. Isso se deve ao fato de, durante as análises, os pronomes pessoais de sujeito constituídos por apenas uma sílaba nunca terem apresentado redução ou apagamento vocálico. Já o pronome de 1ª pessoa do singular, 'N', apresentou o comportamento de uma consoante nasal homorgânica, sendo realizado com assimilação de traços da consoante seguinte. Assim, parece apresentar uma natureza com traço [-silábico] e comportar-se como parte da sílaba adjacente, sendo parte da PW seguinte.

Tabela 5.2: Distribuição de PWs e IPs dentro de Us das declarativas neutras do guineense por tarefa e por informante.

Informantes	DCT					Story Telling				
	PW	IP	U	\bar{x}^{59} de PW por IP	\bar{x} de IP por U	PW	IP	U	\bar{x} de PW por IP	\bar{x} de IP por U
JSJ	17	5	3	3,4	1,7	46	12	5	3,8	2,4
HGS	28	8	8	3,5	1,0	42	15	5	2,8	3,0
LAC	30	9	9	3,3	1,0	86	34	12	2,5	2,8
RAS	8	4	3	2,0	1,0	24	10	3	2,4	3,3
JAM	15	6	6	2,5	1,0	76	21	9	3,6	2,3
Total por tarefa	98	32	29	3,1	1,1	275	92	34	3,0	2,7

⁵⁹ \bar{x} é utilizado para representar média simples, ou seja, o valor médio obtido.

Como apresentado na Tabela 5.2, os enunciados fonológicos dos dados coletados através da tarefa *Story Telling* são constituídos por 2 a 3 IPs que, por sua vez, apresentam de 2 a 3 PWs. Embora essa seja a média, encontramos em nossos dados enunciados fonológicos compostos por até 5 IPs, assim como IPs formados por 8 PWs. Entretanto, de fato, os IPs tendem a ser curtos, com até 3 PWs, de modo que um U longo apresentará mais de um IP. O Exemplo 5.1 ilustra o comportamento de enunciados fonológicos longos e sua organização em mais de um sintagma entoacional. Nele, o enunciado foi produzido formando três sintagmas entoacionais (

Figura 5.2,

Figura 5.3 e Figura 5.4), cuja principal pista de fronteira é a pausa. Depreende-se que os três sintagmas entoacionais compõem um único enunciado fonológico pelas relações sintático-semânticas existentes entre os IPs, que asseguram que formem um mesmo U (Cf. NESPOR; VOGEL, 1986; 2007, sobre a formação de Us), e pelo contorno nuclear ascendente, correspondendo ao padrão continuativo/suspensivo também encontrado nos dados de lista (Cf. Seção 5.1.2 para os resultados de sentenças enumerativas do guineense). Tais fatores

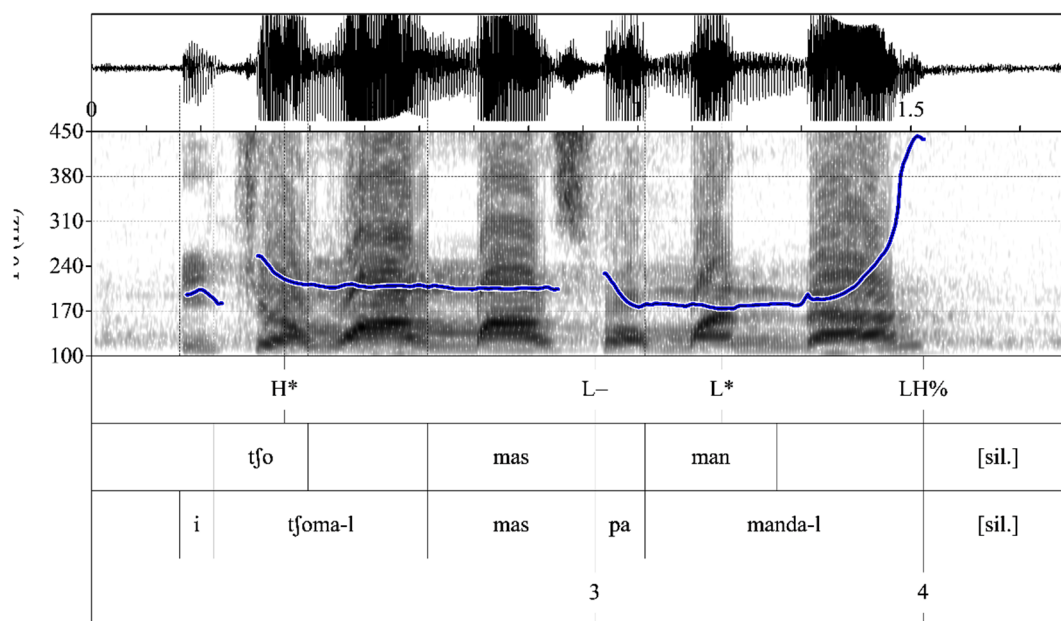
correspondem ao algoritmo de formação de U descrito por Nespor e Vogel (1986; 2007), visto que os IPs fazem parte do nó mais alto da árvore sintática (Cf. Capítulo 4).

Exemplo 5.1:	“I txomal mas pa mandal, Sara toma dinheru ku karta ku si mame skrivi-ba pa bai pa fera”
	<i>“Ela chamou-a de novo para mandá-la, (e) a Sara tomou o dinheiro e a carta que a sua mãe tinha escrito para ir à feira”</i>

i	txoma-l	mas	pa	manda-l
3S	chamar-3S.O	mais	PREP	mandar-3S.O
<i>“Ela chamou-a de novo para mandá-la.”</i>				

$[[[i]_{\omega}]_{\phi}]^{60}$	$[[txoMAL]_{\omega}]_{\phi}$	$[[mas]_{\omega}]_{\phi}$	$[[pa\ manDAL]_{\omega}]_{\phi}$
	H*	L ⁻	L* LH%

Figura 5.2: Primeiro IP da sentença declarativa neutra do guineense “I txomal mas pa mandal, Sara toma dinheru ku karta ku si mame skrivi-ba pa bai pa fera”, realizada por JAM durante a tarefa Story Telling.



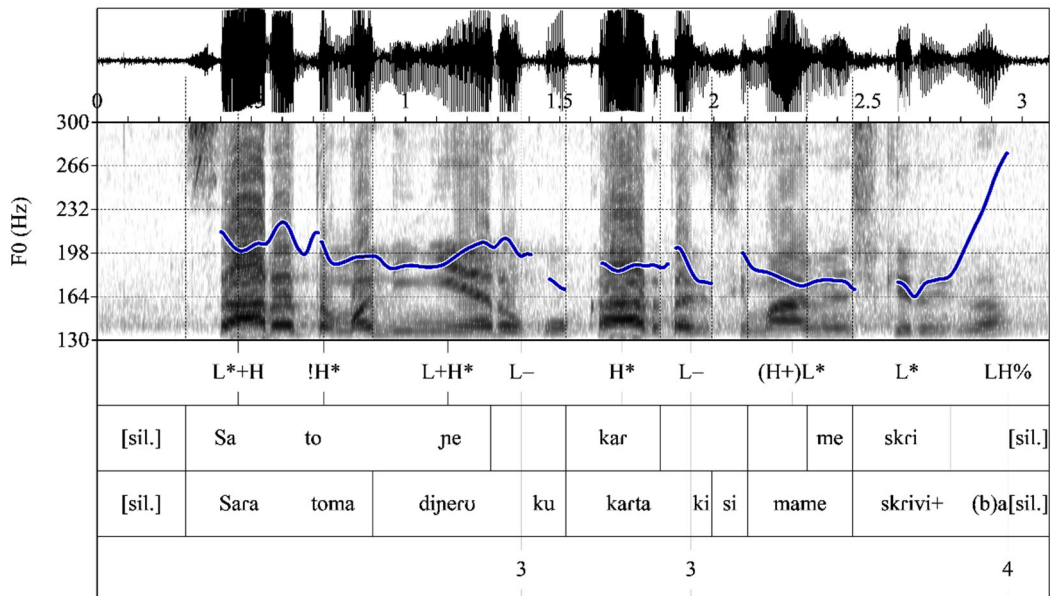
Fonte: Elaboração própria.

⁶⁰ As sílabas em letras maiúsculas indicam as sílabas tônicas; as palavras prosódicas, os sintagmas fonológicos, os sintagmas entoacionais e o enunciado fonológico estão delimitados por colchetes.

Sara	toma	dinheru	ku	karta	ki	si	mame	skrivi-ba
Sara	tomar	dinheiro	PREP	carta	que	POSS-3S	mãe	escrever-PRF
<i>“(e) a Sara tomou o dinheiro e a carta que a sua mãe tinha escrito</i>								

[[[SArA]o]φ]	[[[TOma]o]φ]	[[[diNHERu]o]φ]	[[[ku KARta]o]φ]	[[[ki si]o]	[MAme]o]φ]	[[[SKRlvi-ba]o]φ]i
L*+H	!H*	L*+H L ⁻	H* L ⁻		(H+)L*	L* LH%

Figura 5.3: Segundo IP da sentença declarativa neutra do guineense “*I txomal mas pa mandal, Sara toma dinheru ku karta ku si mame skrivi-ba pa bai pa fera*”, realizada por JAM durante a tarefa Story Telling.



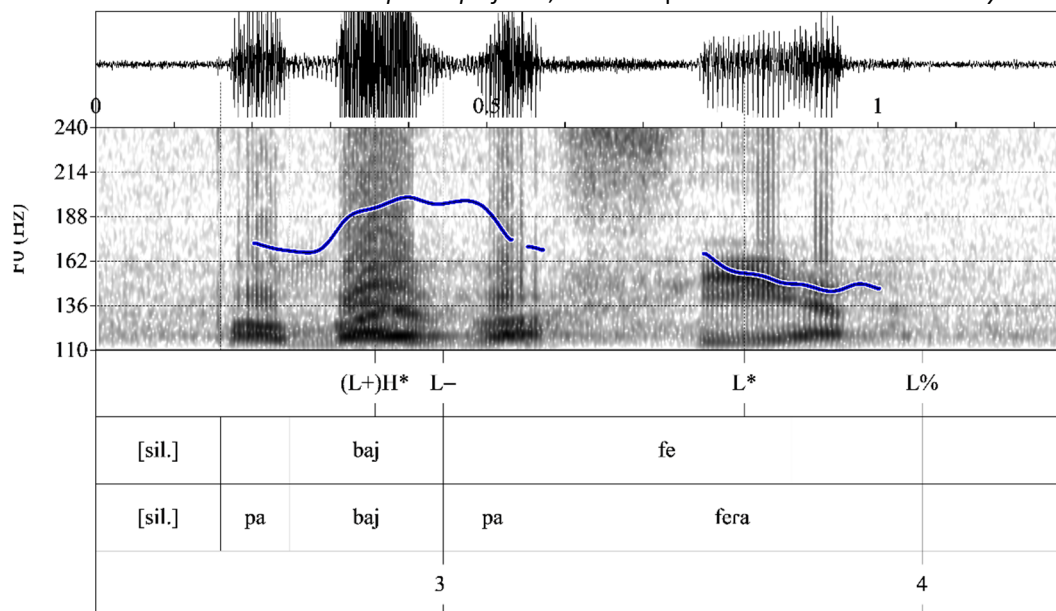
Fonte: Elaboração própria.

pa	bai	pa	fera
----	-----	----	------

PREP	ir	PREP	feira
<i>para ir à feira.</i>			

[[pa BAI] _ω] _φ		[[pa FEra] _ω] _φ] _U	
(L+)H*	L ⁻	L*	L%

Figura 5.4: Terceiro e último IP da sentença declarativa neutra do guineense “*I txomal mas pa mandal, Sara toma dinheru ku karta ku si mame skrivi-ba pa bai pa fera*”, realizada por JAM durante a tarefa *Story Telling*.



Fonte: Elaboração própria.

O fraseamento de um enunciado fonológico em mais de um IP é algo já atestado em línguas românicas, como o catalão, francês, italiano, variedades de espanhol e de português (AVANZI, CHRISTODOULIDES e DELAIS-ROUSSARIE, 2014; CRUZ, 2013; D’IMPERIO *et al.*, 2005, ELORDIETA *et al.*, 2003; ELORDIETA, FROTA e VIGÁRIO, 2005; FELDHAUSEN, GABRIEL e PEŠKOVÁ, 2010; FELDHAUSEN, 2011; 2014; FERNANDES-SVARTMAN, SANTOS e BRAGA, 2018; FERNANDES-SVARTMAN *et al.*, 2022; FROTA *et al.*, 2007; FROTA e VIGÁRIO, 2007; PRIETO, 2005; RAO, 2007; 2008; VIGÁRIO e FROTA, 2003; entre outros). Dentre os fatores que podem desencadeá-lo estão o peso fonológico — comprimento dos constituintes (em número de sílabas) e a ramificação sintático-prosódica (sintagmas fonológicos ramificados) —, a posição estrutural, na árvore sintática, dos constituintes que compõem este IP (sujeito, verbo ou objeto), assim como a velocidade de fala no momento da elocução. Pausa, variação de F_0 e alongamento pré-fronteira (seja da sílaba tônica, postônica ou de ambas) são pistas fonéticas que indicam a fronteira de um IP (HAYES; LAHIRI, 1991; FROTA, 2000; TENANI, 2002; FROTA *et al.*, 2007; SERRA, 2009; entre outros), sendo a pausa a pista mais robusta.

No exemplo apresentado, o fraseamento em diferentes IPs não parece apresentar uma motivação fonológica, visto que não há um balanceamento entre a quantidade de PhPs dentro de cada IP. Embora não tenha sido possível controlar as variáveis fonológicas para a verificação do balanceamento no fraseamento, como teria sido através de dados de leitura, através dos dados de produção semiespontânea pudemos encontrar comportamentos fonológicos que refletem de maneira mais fidedigna o comportamento prosódico da língua.

Ademais, como o guineense é uma língua em que tempo, modo e aspecto (TMA) são expressos através de partículas pré e pós verbais (a depender do elemento)⁶¹ majoritariamente monossilábicas, a ramificação de PhP não é possível, pois os PhPs já são construídos contendo uma cabeça lexical e os elementos funcionais, conforme previsto pelo algoritmo de formação desse constituinte (Cf. Capítulo 4). Tais partículas, por sua vez, podem se comportar como clíticos prosódicos, podendo sofrer redução, ou como parte da PW adjacente. Este é o caso da partícula ‘ba’, um marcador de tempo que segue o verbo para expressar sua anterioridade imperfectiva, e que parece se comportar com uma PW dependente,⁶² conforme apresentado no Exemplo 5.1, pois apresenta proeminência e não sofre redução vocálica, embora não apresente independência morfológica.

Outros elementos comportam-se de fato como clíticos prosódicos, sofrendo reduções, como o elemento ‘ku’, que corresponde a um conectivo, ou mesmo apagamentos e ressilabificações, ao se adjungirem à PW com a qual estabelecem uma relação de complementaridade, algo verificado, por exemplo, para o pronome clítico de objeto de 3ª pessoa, ‘el’, que aparece seguindo o verbo. Truppi (2015) apresenta os pronomes clíticos de objeto de 3ª pessoa como podendo aparecer como ‘el’ ou apenas a forma ‘-l’. Em nossos dados, encontramos esse clítico na forma ‘-l’ seguindo o verbo de maneira praticamente categórica. Nesse contexto, a vogal parece sempre sofrer o processo de elisão, de modo que a consoante lateral passa à posição de coda da última sílaba da PW formada pelo verbo. Esse processo também pode ser visto no Exemplo 5.1, em que ‘txoma’ + ‘el’ (“chamá-la”) é realizado como ‘txomal’, e ‘manda’ + ‘el’ (“mandá-la”) é produzido como ‘mandal’.

⁶¹ Cf. Capítulo 3 para uma exposição sucinta da estrutura sintática do guineense; e Truppi (2015), entre outros, para mais informações.

⁶² Em pesquisas futuras, pretendemos investigar melhor o comportamento prosódico das partículas TMA, testando qual seria a fronteira do domínio prosódico mais alto existente entre a partícula TMA e a PW adjacente com a qual estabelece uma relação sintático-semântica.

Tendo em vista quais são os possíveis itens-alvo para a associação de eventos tonais, apresentamos a densidade tonal encontrada para as sentenças declarativas neutras do guineense nas duas tarefas realizadas: DCT, na Tabela 5.3, e *Story Telling*, na Tabela 5.4.

A densidade tonal é aqui utilizada como a taxa de distribuição de acentos tonais dentro de um IP. Calcula-se a proporção, expressa em porcentagem, de os acentos tonais pré-nucleares realizados no contorno entoacional e as palavras prosódicas pré-nucleares, descartando do cálculo a primeira PW do sintagma entoacional e o acento tonal que possa estar associado a ela. O cálculo também não considera o contorno nuclear, que constitui a melodia mínima presente em um contorno entoacional. Essa metodologia foi também utilizada para os dados do PGB e para outras variedades de português, apresentadas no Capítulo 4.

Tabela 5.3: Densidade tonal das sentenças declarativas neutras do guineense dos dados da DCT.

Informante	T* pré-nucleares	PW pré-nucleares	Densidade Tonal
JSJ	4	7	57,1%
HGS	12	12	100%
LAC	9	12	75,0%
RAS	-	-	⁶³
JAM	4	4	100%
Total	29	35	82,9%

Tabela 5.4: Densidade tonal das sentenças declarativas neutras do guineense dos dados do *Story Telling*.

Informante	T* pré-nucleares	PW pré-nucleares	Densidade Tonal
JSJ	16	29	55,2%
HGS	18	22	81,8%
LAC	29	40	72,5%
RAS	8	11	72,5%
JAM	33	47	70,2%
Total	104	149	69,8%

Conforme apontam as Tabelas 5.3 e 5.4, vemos uma alta densidade tonal nas sentenças realizadas na tarefa DCT 82,9%, enquanto as declarativas neutras realizadas no *Story Telling* apresentaram uma menor densidade tonal (69,8%). Isso também se dá pelas sentenças

⁶³ As sentenças realizadas por RAS apresentavam apenas 2 PWs e, portanto, foram excluídas do cálculo.

declarativas neutras do guineense recolhidas através dessa tarefa apresentarem mais pronomes pessoais de sujeito e pronomes possessivos, que não apresentaram acentos tonais associados.

Ao analisarmos a distribuição de acentos tonais ao longo do contorno entoacional de acordo com a fronteira prosódica mais alta da PW, verificamos que, nos dados da DCT (Tabela 5.5), as sentenças declarativas neutras do guineense apresentam um acento tonal associado à PW cabeça de PhP não final de IP em 83,6% dos casos.

Tabela 5.5: Distribuição de PWs e de acentos tonais associados de acordo com a fronteira do domínio prosódico mais alto nas sentenças declarativas neutras do guineense dados da DCT.⁶⁴

Informante]PW	T*]PW]PhP	T*]PhP]IP	T*]IP
JSJ	2	0	10	5	5	5
HGS	0	0	20	20	8	8
LAC	3	2	18	13	9	9
RAS	0	0	4	4	4	4
JAM	0	0	9	9	6	6
Total	5	2	61	51	32	32
Taxa de associação de T* a PW	2/5 (40,0%)		51/61 (83,6%)		32/32 (100%)	

Os dados do *Story Telling*, por sua vez, embora tenham mostrado uma menor densidade tonal (Tabela 5.4), mostraram que de fato há uma maior associação de acentos tonais às cabeças de PhP do que a PWs cuja fronteira mais alta seja de um domínio prosódico inferior a PhP. De acordo com nossas análises, apenas os PhPs constituídos por pronomes sujeitos monossílabos de 3ª pessoa ('i') não apresentaram, na maioria das vezes, um acento tonal associado. Na Tabela 5.6, apresentamos a distribuição de acentos tonais de acordo com a fronteira mais alta da PW a qual esteja associado.

Tabela 5.6: Distribuição de PWs e de acentos tonais associados de acordo com a fronteira do domínio prosódico mais alto nas sentenças declarativas neutras do guineense dados do *Story Telling*.⁶⁵

Informante]PW	T*]PW]PhP	T*]PhP]IP	T*]IP
JSJ	5	2	29	18	12	12
HGS	0	0	27	22	15	15
LAC	7	7	45	39	34	34
RAS	3	2	11	8	10	10
JAM	7	0	49	37	21	21
Total	22	10	161	121	92	92
Taxa de associação de T* a PW	10/22 (45,5%)		121/161 (75,2%)		92/92 (100%)	

⁶⁴ As siglas possuem o seguinte significado: ']'PW': fronteira de PW; 'T*]'PW': acento tonal associado à PW em que PW é a fronteira mais alta; ']'PhP': fronteira de PhP; 'T*]'PhP': acento tonal associado à PW cuja fronteira mais alta é PhP; ']'IP': fronteira de IP; e 'T*]'IP': acento tonal associado à PW cuja fronteira mais alta é IP.

⁶⁵ As siglas possuem o seguinte significado: ']'PW': fronteira de PW; 'T*]'PW': acento tonal associado à PW em que PW é a fronteira mais alta; ']'PhP': fronteira de PhP; 'T*]'PhP': acento tonal associado à PW cuja fronteira mais alta é PhP; ']'IP': fronteira de IP; e 'T*]'IP': acento tonal associado à PW cuja fronteira mais alta é IP.

Dessa forma, os dados indicam uma tendência do guineense de que quanto mais alto o domínio prosódico maior é a probabilidade de haver um acento tonal associado ao elemento mais proeminente do constituinte. Além disso, a alta taxa de associação de acentos tonais às PWs cabeça de PhPs não finais de IP indica ser PhP o domínio relevante na distribuição de acentos tonais dentro de um contorno entoacional.

Verificando as configurações encontradas para os acentos tonais pré-nucleares das sentenças declarativas do guineense, tem-se uma predominância de tons altos. Embora os dados de DCT, por constituírem sentenças formadas por poucas palavras prosódicas, não permitam verificar a diferença fonética entre !H* e L+H*, ao observarmos a distribuição de acentos pré-nucleares encontrados para as declarativas coletadas através do *Story Telling* é possível notar que o acento tonal ascendente ocorre em maior proporção. Ao observarmos os dados, percebe-se que esse tipo de acento é recorrente no início do contorno entoacional, sendo a ascendência um indicativo do início de um contorno entoacional de uma sentença declarativa neutra. Dessa forma, o acento tonal alto !H* marca variações melódicas mais abruptas, encontradas no interior do contorno entoacional, construindo um contorno melódico que se assemelha a “degraus”. A distribuição dos acentos tonais pré-nucleares do guineense encontrados nos dados da DCT é apresentada na Tabela 5.7 e, na Tabela 5.8, é apresentada a distribuição dos acentos tonais pré-nucleares do guineense encontrada nas sentenças declarativas realizadas no *Story Telling*.

Tabela 5.7: Acentos tonais pré-nucleares das sentenças declarativas neutras do guineense coletadas através da DCT.

Tipo de T* pré-nuclear	JSJ	HGS	LAC	RAS	JAM	Total por tipo de T* pré-nuclear
H*	4	8	11	4	4	31 (54,4%)
!H*	0	9	3	1	0	13 (22,8%)
L+H*	0	1	0	0	2	3 (5,3%)
H*+L	2	0	0	0	3	5 (8,8%)
H+L*	0	1	0	0	0	1 (1,8%)
L*	0	1	3	0	0	4 (7,0%)
Total por informante	6	20	17	5	9	57 (100%)

Tabela 5.8: Acentos tonais pré-nucleares das sentenças declarativas neutras do guineense coletadas através do *Story Telling*.

Tipo de T* pré-nuclear	JSJ	HGS	LAC	RAS	JAM	Total por tipo de T* pré-nuclear
H*	5	4	19	2	5	35 (27,1%)
!H*	0	3	5	0	3	11 (8,5%)

L+H*	7	8	6	4	9	34 (26,4%)
L*+H	1	3	5	1	9	19 (14,7%)
H*+L	4	3	2	1	7	17 (13,2%)
H+L*	0	0	1	0	4	5 (3,9%)
L*	2	1	3	2	0	8 (6,2%)
Total por informante	19	22	41	10	37	129 (100%)

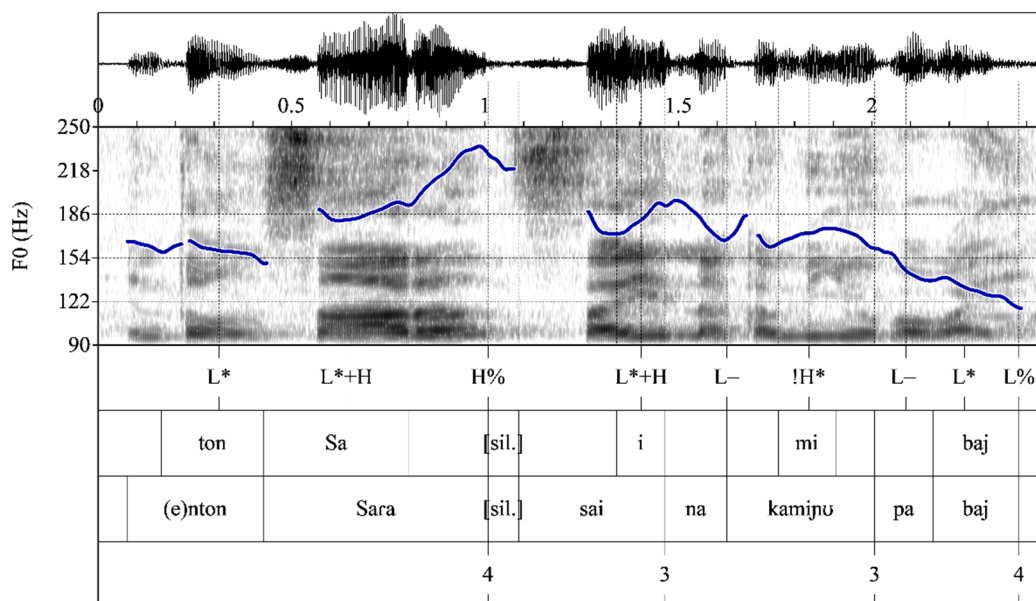
Além disso, a alta ocorrência de acentos frasais associados à fronteira direita dos sintagmas fonológicos, estejam eles na posição de sujeito ou objeto da sentença, é um indicativo da necessidade de marcação da fronteira desse constituinte prosódico. Em muitos casos, tais eventos aparecem ancorados nas palavras funcionais que estejam na fronteira esquerda do sintagma fonológico seguinte, como ilustra o exemplo 5.2 e a Figura 5.5, em que vemos o acento tonal L^- , que marca fronteira direita do PhP $[[SAI]_{PW}]_{PhP}$ e do PhP $[[na\ kaMI\ nhu]_{PW}]_{PhP}$, ancorado no elemento funcional que pertence ao PhP seguinte.

Exemplo 5.2:	“Enton, Sara sai na kaminhu pa bai”
	<i>“Então, a Sara saiu e está a caminho”</i>

Enton	Sara	sai	na	kaminhu	pa	bai
Então	Sara	sair	PREP	caminho	PREP	ir
<i>“Então a Sara saiu e está a caminho.”</i>						

$[[[enTON]_{\omega}]_{\phi}]$	$[[SAra]_{\omega}]_{\phi}]_i$	$[[SAI]_{\omega}]_{\phi}]$	$[[na\ kaMI\ nhu]_{\omega}]_{\phi}]$	$[[pa\ BAI]_{\omega}]_{\phi}]_i]_u$
L^*	L^*+H $H\%$	L^*+H	L^-	$!H^*$ L^- L^* $L\%$

Figura 5.5: “Enton Sara sai na kaminhu pa bai”, produzida por LAC na tarefa *Story Telling*.



Fonte: Elaboração própria.

Quanto aos contornos nucleares não finais de U, novamente por conta da natureza dos experimentos, o fraseamento do enunciado fonológico em mais de um IP ocorreu de maneira mais recorrente nos dados coletados através do *Story Telling*. Nos dados da DCT foram encontrados apenas três IPs não finais de U, sendo dois nos dados de JSJ, com configuração L+H* H%, e um nos dados de RAS, com configuração H*+L L%. O contorno descendente para IP não final de U encontrado nos dados de RAS se deve ao fato da informante complementar a sentença após tê-la encerrado, daí o contorno nuclear de IP com uma configuração descendente, característica de IP final de U.

Os contornos nucleares de IPs não finais de U das sentenças declarativas neutras do guineense encontrados nos dados de *Story Telling* são apresentados a seguir, na Tabela 5.9.

Tabela 5.9: Contornos nucleares de IPs não finais de U das sentenças declarativas neutras do guineense encontradas no *Story Telling*.

Configuração de contorno nuclear de IP não final de U	JSJ	HGS	LAC	RAS	JAM	Total por configuração de contorno nuclear de IP não final de U
H* H%	0	2	3	0	0	5 (8,6%)
L+H* H%	0	1	0	0	2	3 (5,2%)
L*+H H%	3	1	6	2	2	14 (24,1%)
L* LH%	3	2	4	3	5	17 (29,3%)
H* LH%	0	1	1	0	0	2 (3,4%)
H*+L L%	0	2	4	1	0	7 (12,1%)
H* HL%	0	0	3	0	0	3 (5,2%)
H+L* L%	0	0	1	0	0	1 (1,7%)
L+H* L%	0	0	0	1	0	1 (1,7%)
L* L%	1	1	0	0	3	5 (8,6%)

Total por informante	7	10	22	7	12	58 (100%)
-----------------------------	---	----	----	---	----	-----------

Apesar da variedade de configurações resultante da diferença de alinhamento em relação à sílaba tônica à qual o acento tonal nuclear estará associado, verifica-se que os IPs não finais de U apresentam majoritariamente um contorno nuclear ascendente (somados, correspondem a 58,6%), em que a porção baixa está alinhada à sílaba tônica ou à sílaba pretônica imediatamente seguida pela sílaba tônica da PW nuclear, de modo que a ascendência que caracterizará o contorno nuclear do IP não final aparecerá alinhada após a sílaba tônica dessa PW, de modo que a ascendência do contorno nuclear esteja associada mais à fronteira direita desse IP não final de U. Na Tabela 5.10 apresentamos o agrupamento dos contornos nucleares de IPs não finais de U das sentenças declarativas neutras do guineense encontradas no *Story Telling* de acordo com o movimento melódico. A principal pista encontrada para a fronteira de IP não final de U, para além do contorno nuclear ascendente, foi a pausa combinada ao alongamento da sílaba tônica, presente em 45 das 58 fronteiras dos contornos nucleares não finais de U.

Tabela 5.10: Agrupamento dos contornos nucleares de IPs não finais de U das sentenças declarativas neutras do guineense encontradas no *Story Telling* de acordo com o movimento melódico.

Configuração de contorno nuclear de IP não final de U	JSJ	HGS	LAC	RAS	JAM	Total por configuração de contorno nuclear de IP não final de U
Alto	0	2	3	0	0	5 (8,6%)
Ascendente	6	4	10	5	9	34 (58,6%)
Descendente-ascendente	0	1	1	0	0	2 (3,4%)
Descendente	0	2	8	1	0	11 (19,0%)
Ascendente-descendente	0	0	0	1	0	1 (1,7%)
Baixo	1	1	0	0	3	5 (8,6%)
Total por informante	7	10	22	7	12	58 (100%)

Os contornos nucleares finais de U encontrados para as declarativas neutras do guineense, por sua vez, apresentaram uma configuração descendente ou baixa nas duas tarefas, tanto nas sentenças formadas por poucas PWs quanto nas formadas por mais PWs. Além do contorno nuclear, outra pista categórica da fronteira de IP final de U é o enfraquecimento ou até mesmo o apagamento da vogal postônica da PW nuclear.

A distribuição das configurações encontradas para os contornos nucleares finais de U das sentenças declarativas do guineense são apresentadas nas Tabelas 5.11 e 5.12, para os dados da DCT e do *Story Telling*, respectivamente. Para ambas as tarefas as configurações de contornos nucleares mais encontradas foram a baixa L* L%, ilustrada no Exemplo 5.2 e na Figura 5.5, localizados acima, e a configuração descendente H*+L L%, ilustrada no Exemplo 5.3 e na

Figura 5.6, apresentados a seguir. Entretanto, o contorno nuclear baixo foi encontrado com uma frequência levemente maior nos dados coletados em ambos os experimentos.

Tabela 5.11: Distribuição dos contornos nucleares de IPs finais de U das sentenças declarativas neutras do guineense coletadas através da DCT.

Contorno nuclear de IP final por informante	H* L%	H*+L L%	H+L* L%	L* L%	Total por informante
JSJ	1	1	0	1	3
HGS	2	0	0	6	8
LAC	5	1	0	3	9
RAS	1	0	2	0	3
JAM	0	3	2	1	6
Total por configuração de contorno nuclear de IP final	9 (31,0%)	5 (17,2%)	4 (13,8%)	11 (37,9%)	29 (100%)

Tabela 5.12: Distribuição dos contornos nucleares de IPs finais de U das sentenças declarativas neutras do guineense coletadas através do *Story Telling*.

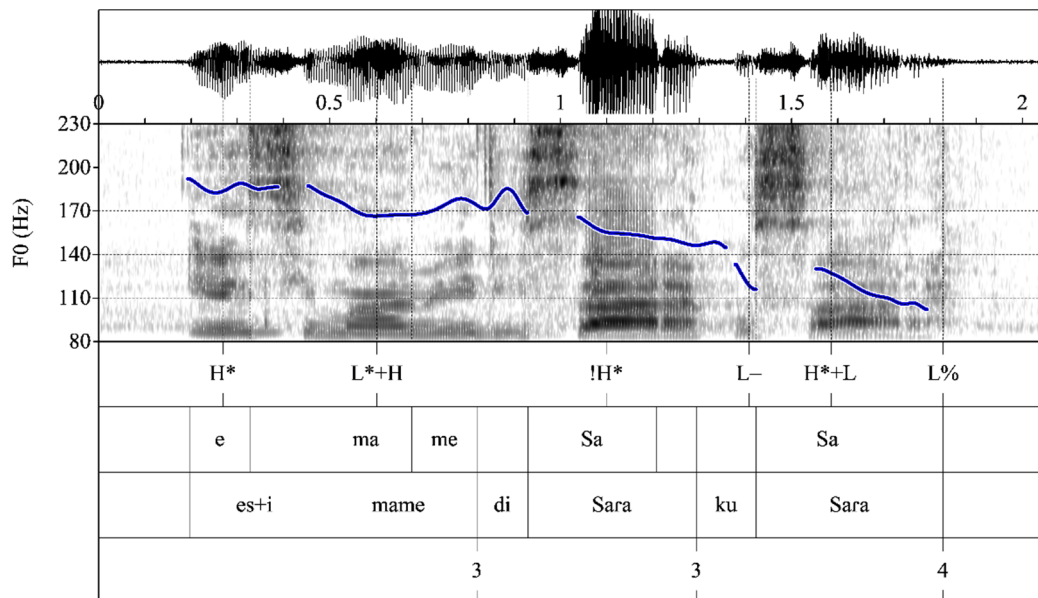
Contorno nuclear de IP final por informante	H*+L L%	H+L* L%	L* L%	Total por informante
JSJ	0	3	2	5
HGS	1	1	3	5
LAC	7	2	3	12
RAS	2	0	1	3
JAM	1	1	7	9
Total por configuração de contorno nuclear de IP final	11 (32,4%)	7 (20,6%)	16 (47,1%)	34 (100%)

Exemplo 5.3:	“Es i mame di Sara ku Sara”
	“Essa é a mãe da Sara com a Sara”

Es	i	mame	di	Sara	ku	Sara
DEM	3S	mãe	PREP	Sara	PREP	Sara
<i>“Essa é a mãe da Sara com a Sara.”</i>						

[[[ES] _{ω+}	[i] _ω] _φ	[[Mame] _ω] _φ	[[di	SAra] _ω] _φ	[[ku	SAra] _ω] _φ] _U
H*		L*+H		!H*	L ⁻	H*+L L%

Figura 5.6: “Es i mame di Sara ku Sara”, produzida por HGS na tarefa *Story Telling*.



Fonte: Elaboração própria.

5.1.2 Sentenças declarativas enumerativas do guineense

Os resultados encontrados para as declarativas enumerativas do guineense foram homogêneos, não havendo grande diferença entre enumerações curtas ou longas quanto ao tipo de contorno nuclear de IP não final de U e às pistas da fronteira deste constituinte. A grande diferença, e que já era esperada, foi a maior presença da pausa como a principal pista dessa fronteira nas listas abertas do que nas consideradas como listas fechadas. Isso se deve principalmente pela elaboração dos itens a serem listados, no caso das listas abertas, e que pode ser considerada como uma característica inerente ao tipo frásico.

Os dados encontrados para as enumerativas de lista aberta correspondem à análise de 15 tokens, que apresentaram 52 itens (JSJ: 12; HGS: 12; LAC: 9; RAS: 9; JAM: 10)⁶⁶ e formaram 37 IPs não finais de U (respectivamente, JSJ: 9; HGS: 9; LAC: 6; RAS: 6; JAM: 7). Na Tabela 5.13 apresentamos a ocorrência das pistas da fronteira de IP não final de U encontradas nas listas abertas do guineense, coletadas através da DCT.

Tabela 5.13: Pistas de fronteira de IPs não finais de U das sentenças enumerativas de lista aberta do guineense obtidas através da tarefa DCT.

Pistas de fronteira de IP não final por informante	Pausa	Alongamento Sílabas tônicas	Alongamento Sílabas postônicas	Contorno ascendente	Contorno Platô	Pitch reset
JSJ	8	5	3	1	6	0
HGS	7	6	4	5	2	2
LAC	6	6	3	5	0	0
RAS	2	6	5	1	1	3
JAM	7	7	6	6	0	0
Total de ocorrência das pistas	30/37 (81,1%)	30/37 (81,1%)	21/37 (56,8%)	18/37 (48,6%)	9/37 (24,3%)	5/37 (13,5)

O julgamento do alongamento como pista dessa fronteira foi realizado através da percepção e da comparação das análises acústicas das durações dos segmentos, tanto da vogal que ocupasse o núcleo da sílaba analisada quanto da vogal que ocupasse o núcleo silábico de uma PW cuja fronteira do domínio prosódico mais alto fosse conhecida, desde que ambas apresentassem a mesma qualidade vocálica e estivessem na mesma sentença. Esse procedimento foi adotado para a análise das pistas da fronteira de IP não final de U de todas as sentenças enumerativas do guineense e do PGB.

Por conta do tipo de dado analisado, nem sempre foi possível encontrar o mesmo contexto segmental adjacente às vogais alvo de análise ou que estas fossem núcleo de sílabas que ocupassem a mesma posição dentro da palavra, além das variáveis tipo de tarefa e informante. Por conta disso, apenas quando havia uma diferença grande na duração dos segmentos analisados é que de fato esta foi considerada como uma pista da fronteira.⁶⁷

⁶⁶ Durante a eliciação deste tipo frásico, alguns informantes realizaram enumerações com três itens, enquanto outros enumeraram quatro, por isso a variação entre a quantidade de itens nas listas.

⁶⁷ Foram feitas análises estatísticas iniciais, mas estas precisam de maior desenvolvimento, dado o grande número de variáveis.

O alongamento da vogal tônica da PW cuja fronteira mais alta é IP pode ser claramente visto nas sentenças em que a pausa foi encontrada como uma pista. Ilustramos a análise acústica da duração das vogais tônicas através do Exemplo 5.4⁶⁸ e das

Figura 5.7 e Figura 5.8. Na

Figura 5.7, destacamos a duração da vogal [i], que ocupa a posição de núcleo da sílaba proeminente da PW [Pinha]_{PW}, que é a PW cabeça de um IP não final de U em que a pausa aparece como uma das pistas de sua fronteira, de modo que podemos analisar a duração dessa vogal tendo a certeza de que IP é o domínio prosódico mais alto. Ainda da mesma sentença, destacamos, na Figura 5.8, a duração da vogal [i] que ocupa a posição de núcleo da sílaba proeminente da PW [aMI]_{PW}, cuja fronteira do domínio prosódico mais alto é a fronteira de PhP.

Exemplo 5.4:	“Ami N’ gosta di pinha, jaka, goyaba ku marakuja”
	<i>“Eu gosto de pinha, jaka, goiaba e maracujá”</i>

ami	N	gosta	di	pinha	jaka
1S.TOP	1S	gostar	PREP	pinha	jaca
<i>“Eu gosto de pinha, jaka,</i>					

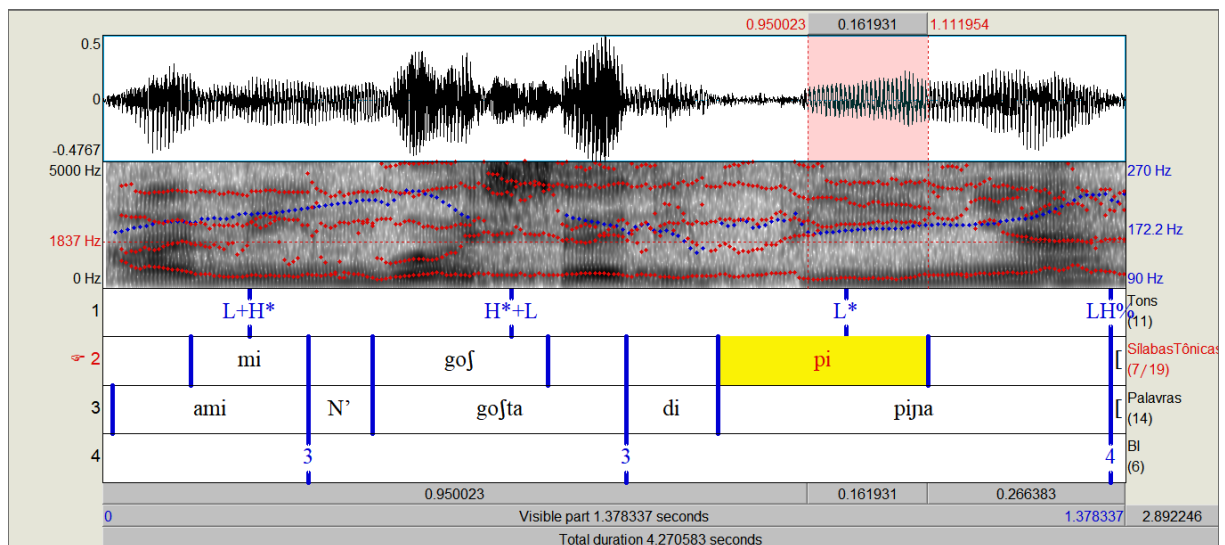
[[[aMI]ω]φ]	[[n GOSTa]ω]φ]	[[di PINha]ω]φ]i	[[[JAKa]ω]φ]i
L+H*	H*+L	L* LH%	L* LH%

Figura 5.7: Destaque da vogal [i] na posição de núcleo da sílaba proeminente da PW [Pinha]_{PW}, cuja fronteira do

⁶⁸ As Figura 5.9 e

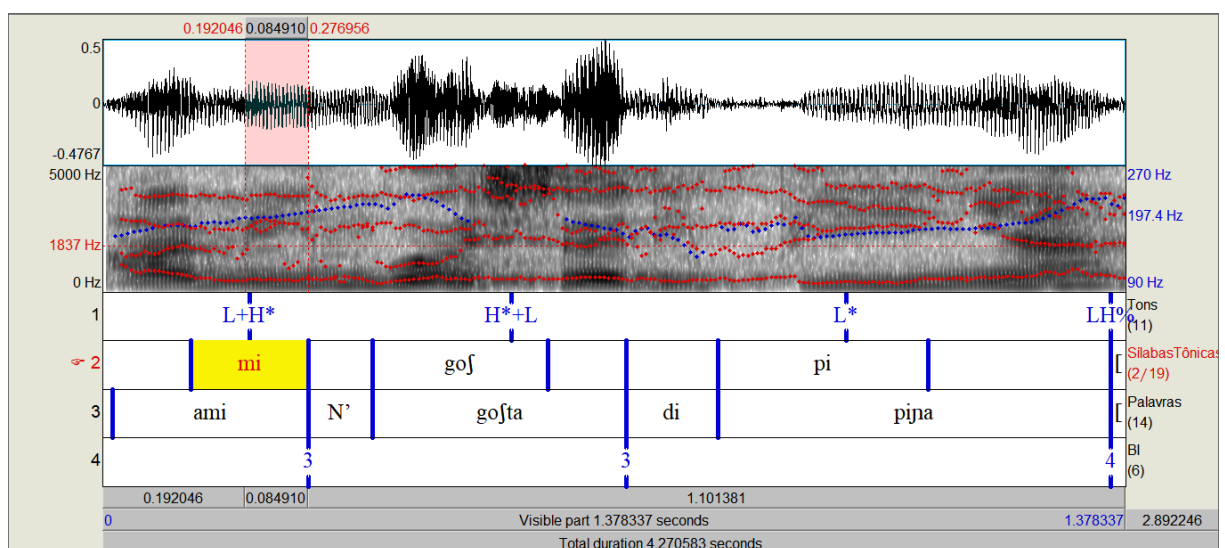
Figura 5.10 ilustram a análise entoacional da sentença apresentada no Exemplo 5.4.

domínio prosódico mais alto é a fronteira de IP, numa sentença produzida por HGS na tarefa DCT.



Fonte: Elaboração própria.

Figura 5.8: Destaque da vogal [i] na posição de núcleo da sílaba proeminente da PW [ami]_{PW}, cuja fronteira do domínio prosódico mais alto é a fronteira de PhP, numa sentença produzida por HGS na tarefa DCT.



Fonte: Elaboração própria.

Conforme ilustrado pelas

Figura 5.7 e Figura 5.8, a duração do segmento vocálico que ocupa a posição de núcleo da sílaba proeminente da PW cabeça de constituinte prosódico parece variar de acordo com qual seja a fronteira do domínio prosódico mais alto: encontramos uma duração de 0,084910s para a vogal [i] que ocupa a posição de núcleo da sílaba proeminente da PW [ami]_{PW}, cuja fronteira do domínio prosódico mais alto é PhP, e uma duração maior, de 0,161931s, para a

vogal [i] que ocupa o núcleo da sílaba proeminente da PW [Pinha]_{PW}, cuja fronteira do domínio prosódico mais alto é a fronteira de IP, indicando assim que parece haver uma relação entre a fronteira do domínio prosódico mais alto e a duração da vogal encontrada no núcleo da sílaba proeminente da PW cabeça do constituinte.

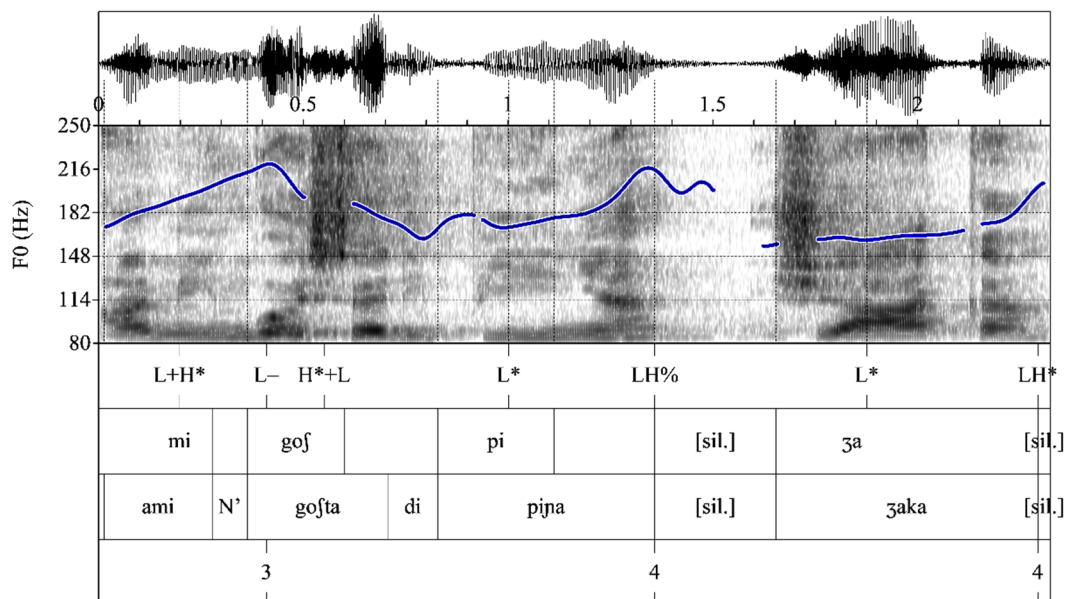
Voltando aos resultados encontrados para as sentenças enumerativas curtas de lista aberta do guineense, apresentados na Tabela 5.13, além da pausa, o alongamento da sílaba tônica na fronteira do IP não final de U também foi recorrente, ambos aparecendo em 30 das 37 fronteiras deste constituinte. Nos casos em que a sílaba tônica da PW não ocupava a posição de fronteira de IP, o alongamento foi observado tanto nessa sílaba quanto na sílaba postônica, de modo que o alongamento, nas listas abertas, parece se estender da sílaba proeminente da PW cabeça de IP nuclear até a fronteira desse IP. Retomando o exemplo 5.4, as Figura 5.9 e Figura 5.10 ilustram as sentenças enumerativas de lista aberta do guineense.

Exemplo 5.4:	“Ami N’ gosta di pinha, jaka, goyaba ku marakuja”
	<i>“Eu gosto de pinha, jaca, goiaba e maracujá”</i>

ami	N	gosta	di	pinha	jaka
1S.TOP	1S	gostar	PREP	pinha	jaca
<i>“Eu gosto de pinha, jaca,</i>					

[[[aMI]ω]φ]	[[n GOSTa]ω]φ]	[[di PINha]ω]φ]i	[[[JAKa]ω]φ]i
L+H*	H*+L	L* LH%	L* LH%

Figura 5.9: “Ami N’ gosta di pinha, jaka...”, produzida por HGS na tarefa DCT.

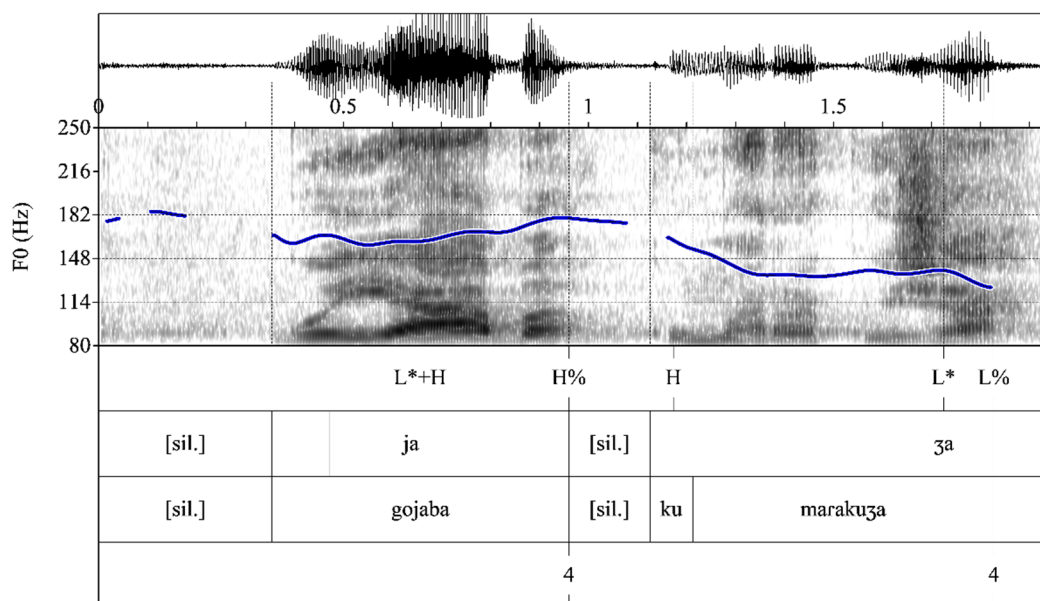


Fonte: Elaboração própria.

goyaba	ku	marakuja
goiaba	PREP	maracujá
<i>goyaba e maracujá</i>		

[[[goYAbə]ₐ]ₑ]ᵢ	[[[ku marakuJA]ₐ]ₑ]ᵤ
L*+H H%	H L* L%

Figura 5.10: "(...) *goyaba ku marakuja*", produzida por HGS na tarefa DCT.



Fonte: Elaboração própria.

Quando analisamos os contornos nucleares desses IPs não finais, vemos que estes apresentam majoritariamente um tom de fronteira alto, que vai formar um contorno

ascendente, na maioria dos casos (exceção dos casos em que encontramos um acento tonal alto). Neste contorno ascendente, encontramos variação quanto ao alinhamento do tom em relação à sílaba tônica. A distribuição das configurações dos contornos nucleares encontrados por informante é apresentada na Tabela 5.14.

Tabela 5.14: Configuração dos contornos nucleares de IPs não finais das sentenças enumerativas de listagem aberta do guineense.

Tipo de contorno nuclear final	JSJ	HGS	LAC	RAS	JAM	Total por tipo de contorno nuclear final
H* H%	1	2	1	0	0	4 (10,8%)
L+H* H%	7	2	0	0	0	9 (24,3%)
L*+H H%	1	2	0	2	0	5 (13,5%)
L* H%	0	0	0	0	7	7 (18,9%)
L* LH%	0	3	5	0	0	8 (21,6%)
L*+H L%	0	0	0	2	0	2 (5,4%)
H* HL%	0	0	0	2	0	2 (5,4%)
Total por informante	9	9	6	6	7	37 (100%)

Ao agruparmos os contornos nucleares de IPs não finais de U por tipo de movimento melódico, vemos que a predominância do contorno ascendente só não foi encontrada nas listas produzidas por RAS. Essa também foi a informante que menos produziu pausas como pista da fronteira de IP não final de U, de modo que, ao observarmos suas produções, verificamos que os contornos descendentes são, na verdade, o resultado da ausência dessa pausa, sendo uma forma alternativa de realizar a quebra do contorno entoacional que indique o início de um novo IP medial.

Quanto ao contorno nuclear de IP final de U das listas abertas do guineense, encontramos predominantemente o contorno descendente H+L* L%. O contorno descendente H*+L L%, com o alinhamento da porção alta do acento tonal à sílaba tônica também foi encontrado, mas teve apenas duas ocorrências. O contorno nuclear baixo (L* L%) teve menor ocorrência, diferente do que encontramos para as declarativas neutras, em que

foi o mais frequente. A distribuição de contornos nucleares finais é apresentada na Tabela 5.15.

Tabela 5.15: Configuração dos contornos nucleares de IPs finais das sentenças enumerativas de listagem aberta do guineense.

Tipo de contorno nuclear final	H*+L L%	H+L* L%	L* L%	Total por informante
JSJ	2	1	0	3
HGS	1	1	1	3
LAC	0	3	0	3
RAS	0	3	0	3
JAM	0	2	1	3
Total por configuração de contorno nuclear final	3 (20,0%)	10 (66,7%)	2 (13,3%)	15 (100%)

Quando passamos para a análise das sentenças enumerativas de listas fechadas, vemos a pausa sendo usada como pista da fronteira de IP não final de U com uma menor frequência. Analisamos as produções de uma lista fechada formada por quatro itens, elicitada através do *Story Telling*, e outra formada por 12 itens, elicitada através da DCT.

As sentenças enumerativas fechadas formadas por quatro itens (recolhidas através do *Story Telling*) apresentaram ao todo 39 sintagmas entoacionais não finais (JSJ: 9, HGS: 7; LAC: 9; RAS: 8; JAM: 6). Isso se deve a itens terem se reestruturado e formado IPs com mais de um PhP. Consideramos que os IPs foram reestruturados quando não foram encontradas quaisquer pistas de fronteira de IP. As pistas encontradas que demarcam as fronteiras de IP não final de U para as sentenças enumerativas elicitadas através do *Story Telling* e a frequência de ocorrência por produção dos informantes são apresentadas abaixo, na Tabela 5.16.

Tabela 5.16: Pistas de fronteira de IPs não finais de U das sentenças enumerativas de lista fechada do guineense obtidas através da tarefa *Story Telling*.

Pistas de fronteira de IP não final por informante	Pausa	Alongamento Sílabas tônicas	Alongamento Sílabas postônicas	Contorno ascendente	Contorno Platô	Pitch reset
JSJ	8	8	8	1	8	1
HGS	1	5	1	0	5	3
LAC	5	3	6	3	5	0
RAS	2	8	3	1	5	2
JAM	6	2	5	1	5	0
Total de ocorrência das pistas	22/30 (73,3%)	26/30 (86,7%)	23/30 (76,7%)	6/30 (20,0%)	28/30 (93,3%)	6/30 (20,0%)

A pausa é uma pista que apareceu em pouco mais da metade das fronteiras de IP não final de U. Além dela, o alongamento da sílaba tônica e postônica, assim como um contorno

nuclear suspensivo, em que o tom de fronteira alto se mantém num platô até a realização de uma pausa ou do *pitch reset*. O Exemplo 5.5 e as Figura 5.11 e

Figura 5.12 ilustram as sentenças enumerativas curtas de listagem fechada do guineense, apresentando na

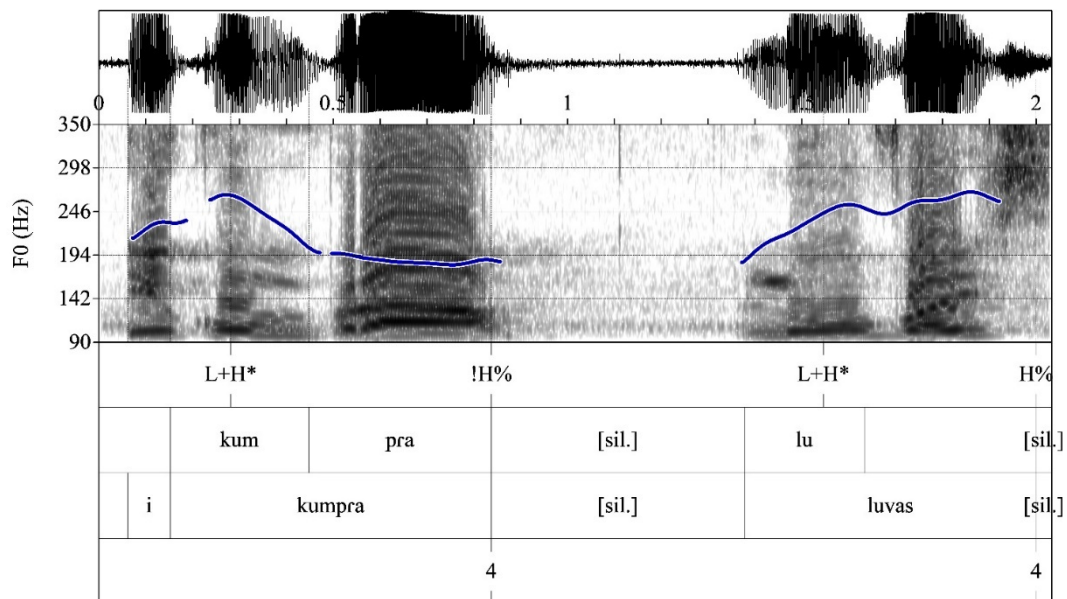
Figura 5.12 o que consideramos como platô (o contorno do IP $[[[saPAtu]_{PW}]_{PH}]_{IP}$) e também um IP formado por dois sintagmas fonológicos, o IP $[[[KALsa]_{PW} [ku chePEU]_{PW}]_{PH}]_{IP}$.

Exemplo 5.5:	<i>"I kumpra luvas, sapatu ku kalsa ku chepeu."</i>
	<i>"Ele comprou luvas, sapatos e calça e chapéu."</i>

I	kumpra	luvas
3S	comprar	luvas
<i>"Ele comprou luvas,</i>		

$[[[i]_{\omega}]_{\phi}]$	$[[[KUMpra]_{\omega}]_{\phi}]_i$	$[[[Luvas]_{\omega}]_{\phi}]_i$
	L+H* !H%	L+H* H%

Figura 5.11: *"I kumpra luvas..."*, produzida por JAM na tarefa *Story Telling*.

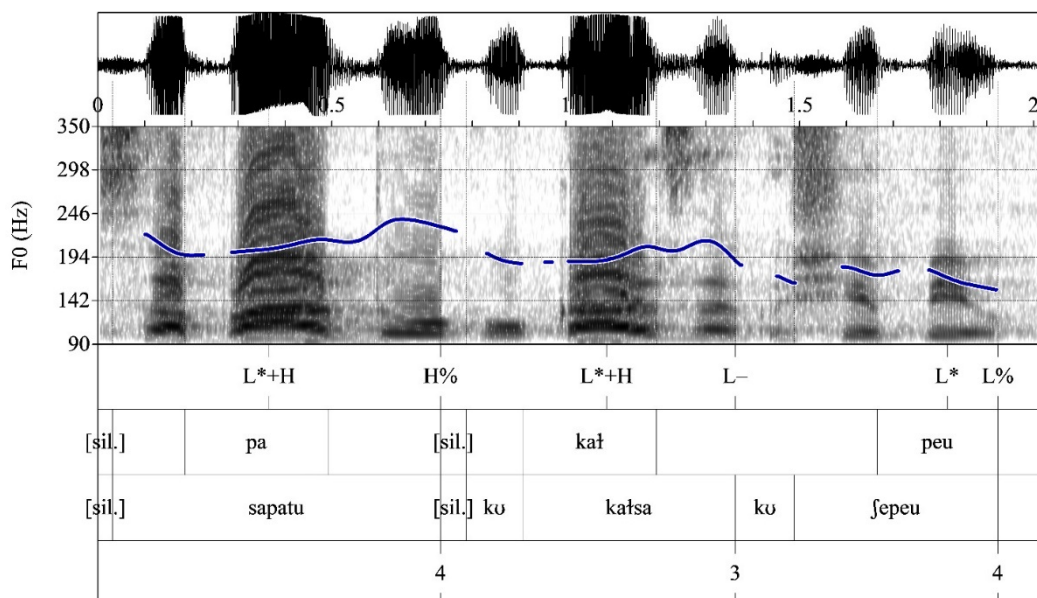


Fonte: Elaboração própria.

sapatu	ku	kalsa	ku	chepeu
sapato	PREP	calças	PREP	chapéu
<i>"(...)sapatos e calça e chapéu."</i>				

[[[saPA<u>tu</u>]_ω]_ι	[[[ku	KAL<u>sa</u>]_ω]_φ	[[ku	chePEU]_ω]_ι]_υ
L+H*	H%	L*+H L ⁻		L* L%

Figura 5.12: "(...) sapatu ku kalsa ku chepeu", produzida por JAM na tarefa *Story Telling*.



Fonte: Elaboração própria.

As configurações encontradas para os contornos nucleares de IP não final e final de U são apresentadas, respectivamente, nas Tabelas 5.17 e 5.18. Os contornos nucleares de IPs internos são majoritariamente ascendentes, variando em relação ao alinhamento do início da ascendência em relação à sílaba tônica da PW cabeça de IP. Os contornos nucleares do último IP de U, por sua vez, são descendentes ou baixos, apresentando praticamente a mesma proporção se os agrupamos por movimento melódico. Entretanto, se observamos o alinhamento, verificamos uma maior associação na porção baixa do contorno nuclear à sílaba tônica da PW cabeça de U.

Tabela 5.17: Configuração dos contornos nucleares de IPs não finais de U das sentenças enumerativas de lista fechada do guineense obtidas através da tarefa *Story Telling*.

Tipo de contorno nuclear de IP não final de U	JSJ	HGS	LAC	RAS	JAM	Total por tipo de contorno nuclear final
H* H%	0	2	0	1	0	3
L+H* H%	5	2	3	2	2	14
L*+H H%	4	2	2	3	3	14
L* LH%	0	0	3	0	1	4
L*+H HL%	0	0	1	2	0	3
H* HL%	0	1	0	0	0	1
Total por informante	9 (23,1%)	7 (17,9%)	9 (23,1%)	8 (20,5%)	6 (15,4%)	39 (100%)

Tabela 5.18: Configuração dos contornos nucleares de IPs finais das sentenças enumerativas de listagem fechada do guineense obtidas através da tarefa *Story Telling*.

Tipo de contorno nuclear final	H*+L L%	H+L* L%	L* L%	Total por informante
JSJ	1	1	1	3
HGS	1	0	2	3
LAC	1	2	0	3
RAS	1	1	1	3
JAM	0	0	3	3
Total por configuração de contorno nuclear final	4 (26,7%)	4 (26,7%)	7 (46,6%)	15 (100%)

As sentenças enumerativas longas de lista fechada, por sua vez, somaram 165 IPs não finais de U e 15 contornos nucleares finais de U, tendo sido elicitadas através da DCT e realizadas pelos 5 informantes. A análise das fronteiras dos IPs não finais de U mostrou que o alongamento é uma pista muito robusta, especialmente se considerarmos a duração da sílaba tônica da PW nesta fronteira. Essa pista está presente em 160 das 165 PWs em fronteira de IP não final de U (97%), sendo quase categórica. A pausa, por outro lado, apareceu apenas em 93 das 165 fronteiras (56,4% dos dados). A ocorrência das diferentes pistas é mostrada na tabela 5.19.

Tabela 5.19: Pistas de fronteira de IPs não finais de U das sentenças enumerativas longas de lista fechada do guineense obtidas através da tarefa DCT.

Pistas de fronteira de IP não final por informante	Pausa	Alongamento Sílaba tônica	Alongamento Sílaba postônica	Contorno ascendente (continuativo)	Contorno Platô (suspensivo)	Pitch reset
JSJ	5	33	10	1	7	26
HGS	19	33	12	12	10	12
LAC	33	33	30	26	7	0
RAS	3	30	18	2	11	24
JAM	33	31	23	26	4	0
Total de ocorrência das pistas	93/165 (56,4%)	160/165 (97,0%)	93/165 (56,4%)	67/165 (40,6%)	39/165 (23,6%)	62/165 (37,6%)

As configurações dos contornos nucleares não finais de U, assim como nos outros tipos de listagem, apresentaram variação quanto ao alinhamento do tom em relação à sílaba tônica. Entretanto, os contornos ascendentes são majoritários, sendo os mais recorrentes nos dados de HGS, LAC e JAM. As configurações encontradas nos dados de RAS estão mais distribuídas, mas encontramos configurações ascendentes e descendentes na mesma proporção. Os dados de JSJ, por sua vez, apresentaram majoritariamente configurações descendentes, como podemos ver na Tabela 5.20.

Tabela 5.20: Configuração dos contornos nucleares de IPs não finais das sentenças enumerativas longas e de lista fechada do guineense.

Configuração do contorno nuclear de IP não final de U	JSJ	HGS	LAC	RAS	JAM	Total por tipo de contorno nuclear final
L+H* H%	4	11	1	2	0	18 (10,9%)
L*+H H%	5	8	2	12	10	37 (22,4%)
L* LH%	0	4	28	1	20	53 (32,1%)
H+L* LH%	0	1	2	0	0	3 (1,8%)
L*+H HL%	2	3	0	9	0	14 (8,5%)
L+H* HL%	22	4	0	6	0	32 (19,4%)
H+L* L%	0	0	0	0	1	1 (0,6%)
H* HL%	0	0	0	2	0	2 (1,2%)
L* L%	0	2	0	1	2	5 (3,0%)
Total por informante	33	33	33	33	33	165 (100%)

O contorno descendente-ascendente H+L* LH% e os contornos descendentes H+L* L% e H* HL% (ambos marginais em nossos dados) apenas ocorreram quando a fronteira de IP era seguida por uma pausa. Os contornos ascendente-descendente (L*+H HL% e L+H* HL%), por outro lado, foram encontrados apenas quando não seguidos de pausa. A distribuição dos contornos nucleares não finais de U de acordo com o movimento melódico em relação à presença da pausa após a fronteira de IP não final de U é apresentada na Tabela 5.21.

Tabela 5.21: Agrupamento dos contornos nucleares de IPs não finais de U das sentenças enumerativas longas e de lista fechada do guineense em relação à presença de pausa na fronteira.

Movimento melódico dos contornos nucleares de IPs não finais de U	Com pausa na fronteira direita de IP	Sem pausa na fronteira direita de IP	Total de contornos nucleares de IPs não finais de U por movimento melódico
Ascendente	84	24	108 (65,5%)
Descendente-ascendente	3	0	3 (1,8%)
Ascendente-descendente	0	46	46 (27,9%)
Descendente	3	0	3 (1,8%)
Baixo	3	2	5 (3,0%)
Total	93 (56,4%)	72 (43,6%)	165 (100%)

O alongamento da sílaba tônica à qual um contorno ascendente está associado parece ser uma estratégia para expressar um padrão continuativo e marcar a fronteira de um IP interno de U, uma vez que acentos tonais ascendentes (L*+H e L+H*) também são encontrados em posição interna de IP nas sentenças declarativas neutras com uma frequência expressiva (Cf. Tabela 5.8) e apenas o movimento melódico poderia não ser suficiente para a manifestação dessa fronteira.

Ao nos debruçarmos sobre as contornos nucleares de IPs não finais de U, verificamos que um tom de fronteira alto associado à sílaba pós-tônica foi encontrado em todos os contornos nucleares ascendentes não seguidos por pausa. Além disso, verificamos que os contornos nucleares ascendentes apresentaram, na maioria das vezes, a porção baixa do contorno alinhada à sílaba tônica e a porção ascendente sendo iniciada a partir da sílaba pós-tônica.

Na Tabela 5.22, apresentamos as configurações dos contornos nucleares ascendentes dos IPs não finais de U das sentenças enumerativas de lista fechada do guineense em relação à presença de pausa na fronteira. Através dela, verificamos que os contornos nucleares L*+H H% e L* LH% somam 90 das 108 das ocorrências dos contornos nucleares ascendentes. Dessa forma, quando a pausa não está presente como uma pista de fronteira de IP interno de U, o alinhamento do contorno ascendente seria o responsável pela sua manifestação, diferenciando o acento tonal pré-nuclear do acento tonal nuclear de um IP não final de U.

A outra configuração ascendente (L+H*H%) foi encontrada sempre acompanhada de um *pitch reset*, outra pista que indica o limite de um IP não final de U. Assim, juntamente com a pausa, o alongamento interage com o tipo de contorno e com o *pitch reset* para indicar uma fronteira de IP não final de U.

Tabela 5.22: Configurações dos contornos nucleares ascendentes dos IPs não finais de U das sentenças enumerativas de lista fechada do guineense em relação à presença de pausa na fronteira.

Configurações de IP não final	Com pausa após a fronteira de IP interno	Sem pausa após a fronteira de IP interno	Total
L*+H H%	19	18	37
L+H* H%	12	6	18
L* LH%	53	0	53
Total	84 (77,8%)	24 (22,2%)	108 (100%)

Quanto aos contornos nucleares de IPs finais de U, foram encontradas três configurações, sendo duas descendentes (H*+L L% e H+L* L%) e o contorno nuclear baixo L* L%, sendo este encontrado em maior ocorrência. Entretanto, assim como nos dados das sentenças declarativas neutras, se agruparmos os contornos nucleares por movimentos melódicos verificamos que, em IP final de U, os contornos nucleares são majoritariamente descendentes. A distribuição das configurações de contornos nucleares de IP final de U das sentenças enumerativas longas de listagem fechada

são apresentadas na Tabela 5.23, seguida pelo Exemplo 5.6 e das
 Figura 5.13, Figura 5.14 e

Figura 5.15 , que ilustram as enumerações longas de lista fechada do guineense.

Tabela 5.23: Configuração dos contornos nucleares de IPs finais de U das sentenças enumerativas longas de lista fechada do guineense.

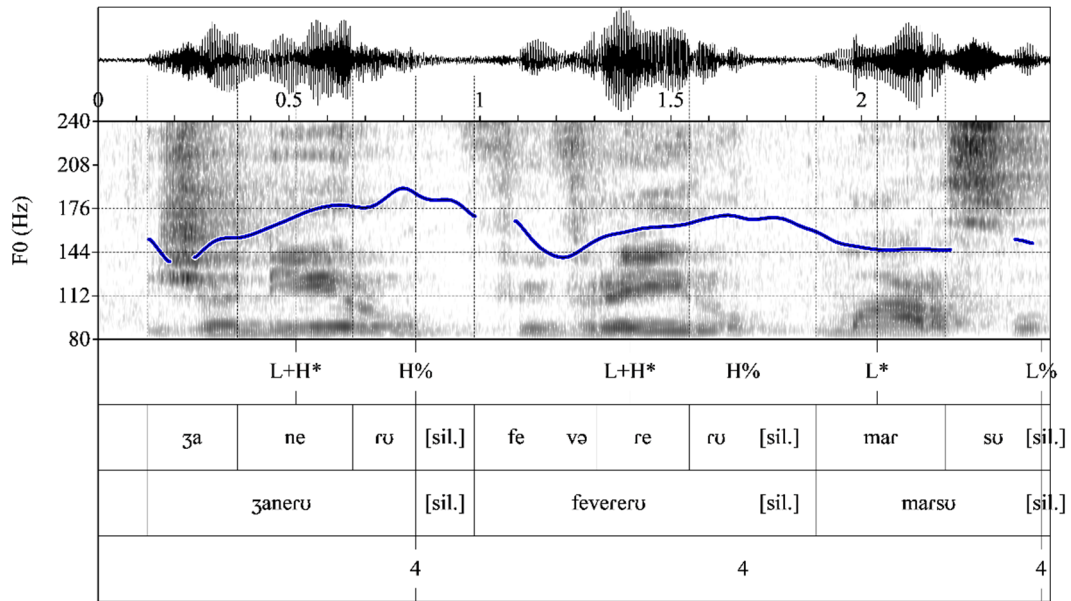
Informante	H*+L L%	H+L* L%	L* L%	Total por informante
JSJ	0	0	3	3
HGS	1	2	0	3
LAC	1	1	1	3
RAS	0	0	3	3
JAM	2	1	0	3
Total por tipo de contorno nuclear final	4 (26,7%)	4 (26,7%)	7 (46,7%)	15 (100%)

Exemplo 5.6:	“janeru, fevereru, marsu, abril, mayu, junhu, julhu, agostu, setembru, otubru, novembro, dezembro”
	“janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro”

janeru	fevereru	marsu
janeiro	fevereiro	março
“janeiro, fevereiro, março, [...]”		

[[[ja NEru] _ω] _φ] _ι	[[[feve REru] _ω] _φ] _ι	[[[MAR su] _ω] _φ] _ι
L+H* H%	L+H* H%	L* L%

Figura 5.13: “janeru, fevereru, marsu, (...)”, produzida por HGS na tarefa DCT.

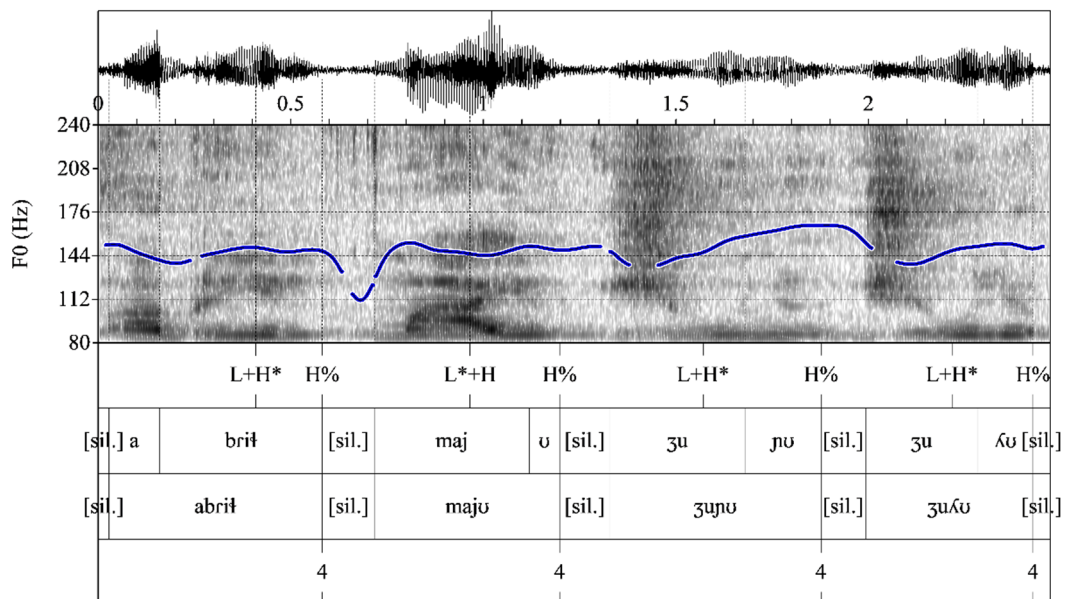


Fonte: Elaboração própria.

abril	mayu	junhu	julhu
abril	maio	junho	julho
“[...] abril, maio, junho, julho, [...]”			

[[[aBRIL]ω]φ] _i	[[[MAYu]ω]φ] _i	[[[JUnhu]ω]φ] _i	[[[JULhu]ω]φ] _i
L+H* H%	L*+H H%	L+H* H%	L+H* H%

Figura 5.14: “(...) abril, mayu, junhu, julhu, (...)”, produzida por HGS na tarefa DCT.



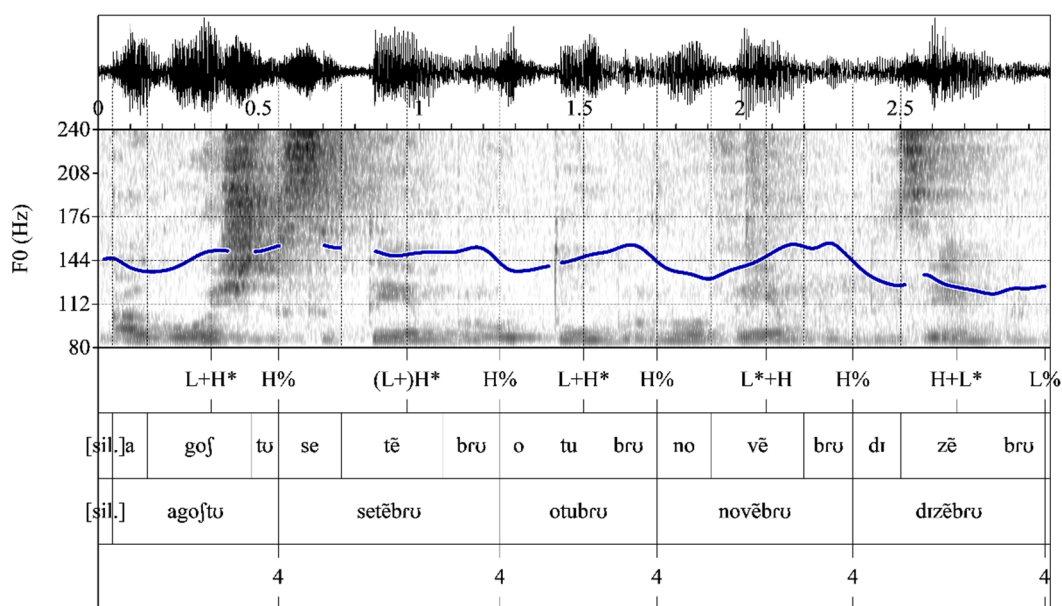
Fonte: Elaboração própria.

agostu	setembru	otubru	novembro	dezembru
---------------	-----------------	---------------	-----------------	-----------------

<i>agosto</i>	<i>setembro</i>	<i>outubro</i>	<i>novembro</i>	<i>dezembro</i>
“[...] agosto, setembro, outubro, novembro, dezembro”				

[[[aGOSTu]ᵱ]ᵱ]ᵱ		[[[seTEMbru]ᵱ]ᵱ]ᵱ		[[[oTUbru]ᵱ]ᵱ]ᵱ		[[[noVEMbro]ᵱ]ᵱ]ᵱ		[[[deZEMbru]ᵱ]ᵱ]ᵱ	
L+H*	H%	(L+)H*	H%	L+H*	H%	L*+H	H%	H+L*	L%

Figura 5.15: “(...) agostu, setembru, otubru, novembro, dezembru”, produzida por HGS na tarefa DCT.



Fonte: Elaboração própria.

5.1.3 Sentenças interrogativas totais do guineense

Durante a realização das tarefas percebemos que no guineense há duas maneiras de expressar o significado de uma interrogativa total: através do contorno entoacional, tal como se dá no português, em que a cadeia segmental é idêntica à das sentenças declarativas neutras, ficando a cargo da variação melódica a categorização do tipo frásico, ou através do uso da partícula ‘ke’ no início da sentença, que faz parte de uma estrutura que corresponde à constituição do elemento interrogativo WH cujo escopo, de maneira geral, está na busca de

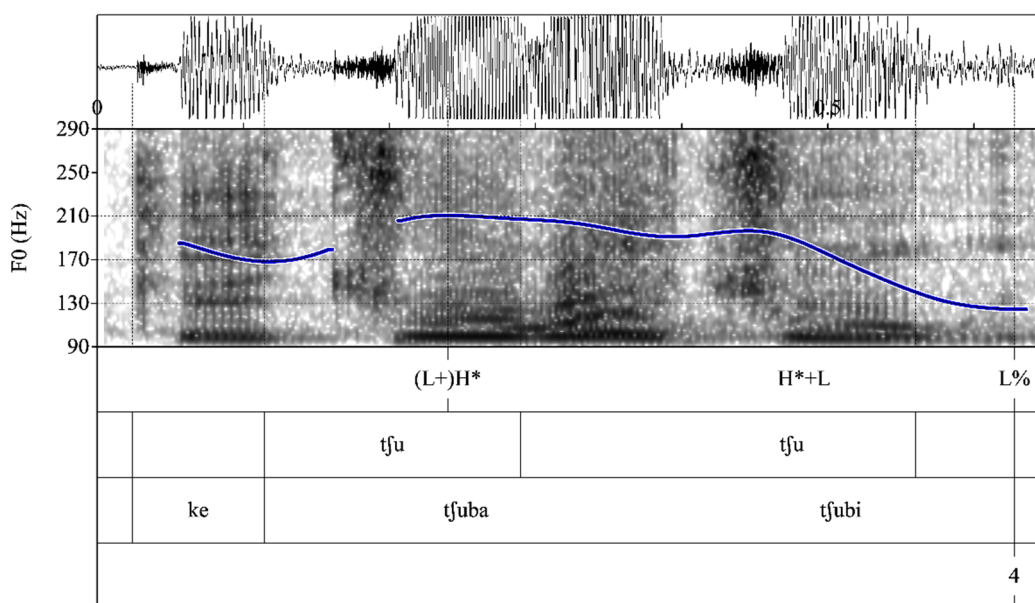
informação sobre algum objeto. Esta é a estratégia que parece ser a mais comum no guineense.

Para ilustrar o fenômeno, apresentamos no Exemplo 5.7, juntamente com a

Figura 5.16, o contexto utilizado para eliciar uma sentença interrogativa total neutra, a sentença-alvo, obtida para o PGB, e a sentença do guineense produzida através do mesmo contexto e que corresponde ao mesmo significado pragmático.

Exemplo 5.7:	[Contexto: Você sai de casa e vê a rua molhada. Pergunta se choveu:]
	Sentença-alvo em PGB: “Choveu?”
	Sentença realizada em guineense: “Ke txuba txubi”

Figura 5.16: “Ke txuba txubi?”, produzida por LAC na tarefa DCT.



Fonte: Elaboração própria.

Dessa forma, encontramos uma grande dificuldade em eliciar sentenças interrogativas totais neutras do guineense em que o valor semântico de uma sentença interrogativa sim/não fosse expresso unicamente pelo contorno melódico, sem que elementos morfológicos ou estruturas sintáticas fossem responsáveis por esse significado semântico-pragmático.

Nos Exemplos 5.8 e 5.9 apresentamos sentenças diferentes que foram produzidas a partir da mesma eliciação. O Exemplo 5.8, juntamente com a

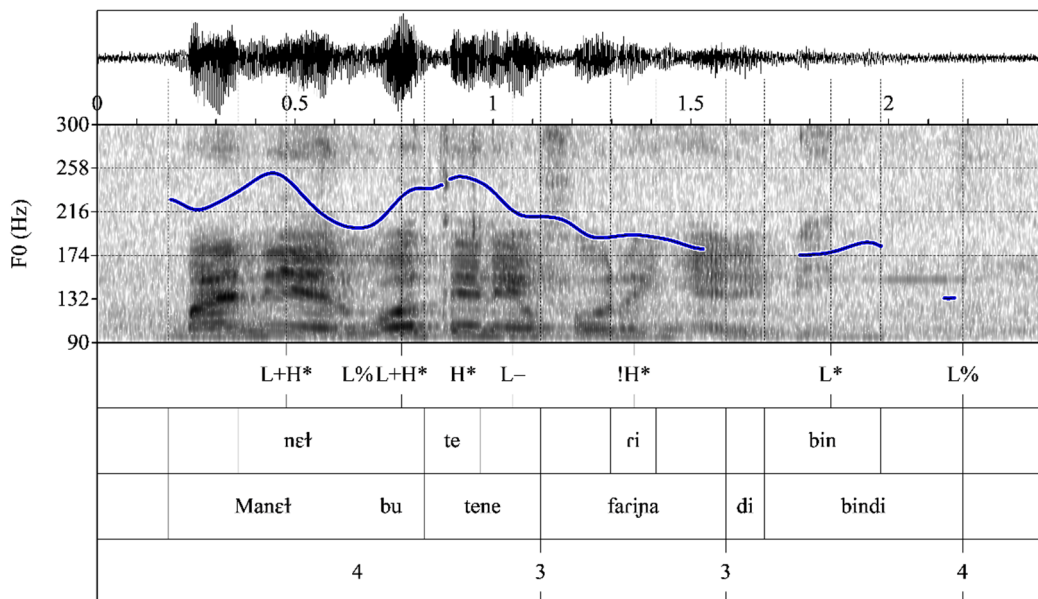
Figura 5.17, traz uma sentença interrogativa total neutra com estrutura de superfície idêntica a uma sentença declarativa neutra, enquanto no Exemplo 5.9, ilustrado na Figura 5.18 a mesma mensagem pragmática é inquirida, mas através de uma estrutura sintática de pergunta-WH.

Exemplo 5.8:	“Manel, bu tene farinha di bindi?”
	<i>“Manuel, você tem farinha (de vender)?”</i>

Manel	bu	tene	farinha	di	bindi?
Manuel	2S	ter	farinha	PREP	vender
<i>“Manuel, tu tens farinha (de vender)?”</i>					

[[[MaNEL] _ω] _φ] _i	[[[BU] _ω] _φ]	[[TEne] _ω] _φ	[faRIInha] _ω] _φ	[[di	BINDi] _ω] _φ] _u
L+H*	L%	L+H*	H* L-	!H*	L* L%

Figura 5.17: “Manel, bu tene farinha di bindi?”, produzida por RAS na tarefa DCT.



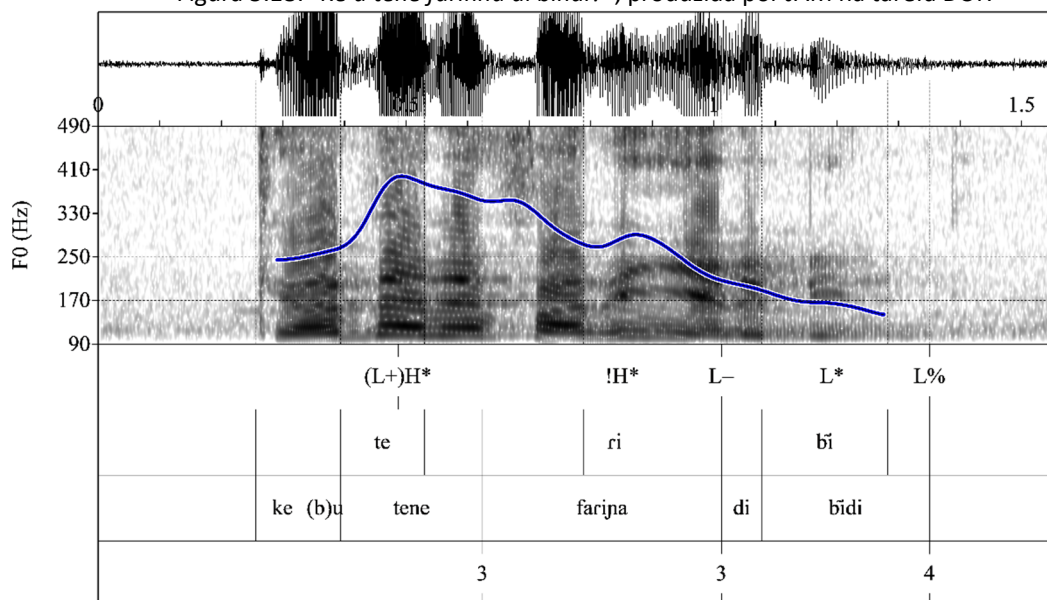
Fonte: Elaboração própria.

Exemplo 5.9:	“ke (b)u tene farinha di bindi?”
	<i>“Tu tens farinha (de vender)?”</i>

ke	(b)u	tene	farinha	di	bindi?
REL	2S	ter	farinha	PREP	vender
<i>“Tu tens farinha (de vender)?”</i>					

[[[KE]◦]ϕ]	[[[BU]◦]ϕ]	[[Tene]◦]ϕ]	[faRInha]◦]ϕ]	[[di BINdi]◦]ϕ]i]u
		(L+)H*	!H* L-	L* L%

Figura 5.18: “Ke u tene farinha di bindi?”, produzida por JAM na tarefa DCT.



Fonte: Elaboração própria.

Ao todo, conseguimos elicitar, através do *Story Telling*, 10 produções de interrogativas totais neutras cujo valor interrogativo é produzido unicamente pela prosódia e 10 através da DCT. Tendo em conta a pequena quantidade de dados, não podemos assumir categoricamente as características encontradas, mas podemos apresentar tendências para esse tipo frásico.

De maneira geral, tanto as interrogativas globais neutras do guineense que são realizadas com a presença da partícula ‘ke’ quanto aquelas que realizam o tipo frásico unicamente através da prosódia apresentam um pico na segunda palavra prosódica, que é constituída pelo verbo, pico esse que corresponde ao acento tonal ascendente que tem sua porção alta associada à PW cabeça desse PhP. Essa parece ser a porção melódica definidora do tipo frásico, pois o restante do contorno entoacional da sentença apresenta uma declinação suave até o contorno nuclear, embora ainda seja possível encontrar acentos tonais altos !H* associados às PWs pré-nucleares.

O contorno nuclear encontrado para esse tipo frásico, por sua vez, apresentou configurações descendente e baixo, sendo L* L% o mais recorrente.

5.1.4 Sentenças interrogativas parciais do guineense

Ao analisarmos as sentenças interrogativas parciais do guineense observamos dois comportamentos distintos: um para a estrutura QU- que envolve a partícula ‘ke’ como parte de um composto maior (‘ke ku’), e outro para as demais estruturas QU-.⁶⁹ Para ilustrar o comportamento desta última, apresentamos o Exemplo 5.10, ilustrado pela

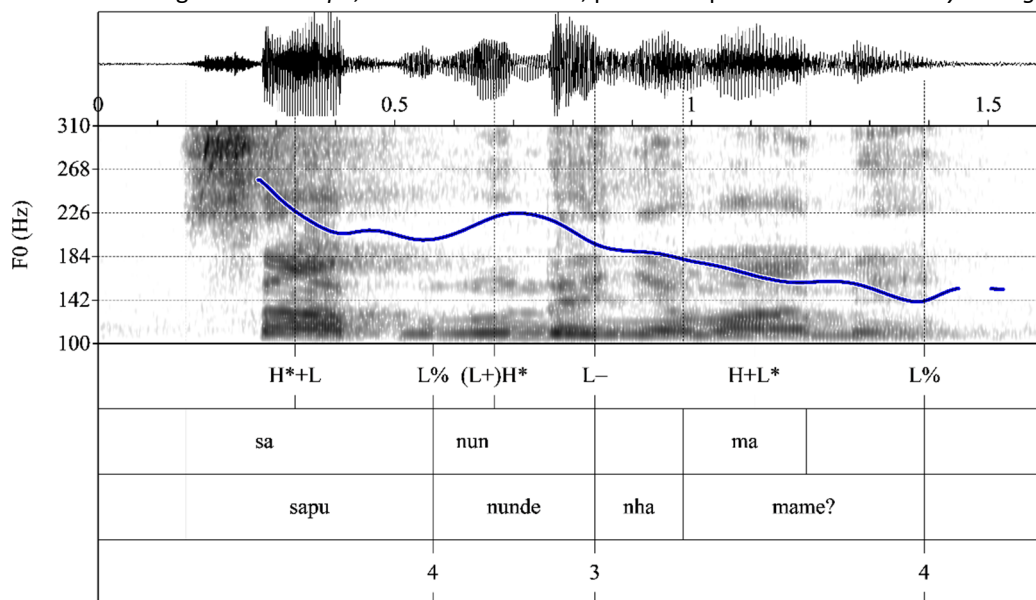
Figura 5.19. O comportamento distinto encontrado para a estrutura ‘ke ku’, cuja cadeia segmental é parcialmente igual à cadeia segmental encontrada como uma das possibilidades de realização das interrogativas totais, é apresentado no Exemplo 5.11.

Exemplo 5.10:	“sapu, nunde nha mame?”
	“Sapo, onde está a minha mãe?”

sapu	nunde	nha	mame
sapo	WH-onde	POSS-1S	mãe
“Sapo, onde está a minha mãe?”			

[[[SAPu] _ω] _φ] _i	[[[NUNde] _ω] _φ]	[[nha] _ω]	[MAME] _ω] _φ] _i] _U
H*+L L%	(L+)H*	L ⁻	H+L* L%

Figura 5.19: “Sapu, nunde nha mame?”, produzida por LAC na tarefa *Story Telling*.



Fonte: Elaboração própria.

No exemplo 5.10 vemos que o elemento QU- (*nunde*) apresenta um acento tonal ascendente associado e que este corresponde ao pico da curva de F₀ do IP ao qual este

⁶⁹ Conferir Capítulo 3 para uma breve descrição da estrutura sintática do guineense e apresentação dos elementos QU-.

elemento pertence. Também encontramos um acento frasal associado à fronteira direita do sintagma fonológico que é formado por esse elemento QU-. O contorno continua com uma descida até o contorno nuclear, formado pelo acento tonal descendente e o tom de fronteira baixo.

Entretanto, quando observamos o comportamento entoacional das sentenças interrogativas parciais cujo elemento QU- apresenta uma cadeia segmental parcialmente similar àquela das interrogativas totais neutras, ou seja, expressa como elemento ‘ke’, observamos uma diferença entre a entoação empregada nesses dois tipos frásicos. Enquanto nas interrogativas totais neutras havia um acento tonal ascendente associado à primeira PW lexical, estando a parte baixa do acento tonal ascendente alinhada ao elemento ‘ke’ e ao pronome (se ele estiver presente no enunciado) e a parte alta associada à PW cabeça desse PhP (cf. Exemplo 5.9), nas interrogativas parciais em que o elemento ‘ke’ faz parte da estrutura QU- temos um acento tonal ascendente associado ao pronome pessoal que segue a estrutura QU- que aparece na fronteira esquerda de U, sendo que a porção ascendente desse acento tonal aparece alinhada a esse elemento QU-, enquanto a porção alta, alinhada ao pronome pessoal, mantém a altura do contorno entoacional, constituindo um grande platô, que se estende até a primeira sílaba do PhP seguinte, constituído pelo verbo. Além disso, a fronteira direita do PhP constituído pelo pronome parece ser também marcada pela presença de um acento frasal L⁻, geralmente estando alinhado ao elemento funcional que inicia o PhP seguinte. Esse platô inicial corresponde à porção mais alta do contorno entoacional da sentença, seguindo-se a ele um vale, que vai até o contorno nuclear baixo. O contorno entoacional que caracteriza esse tipo frásico aparece no Exemplo 5.11, ilustrado na

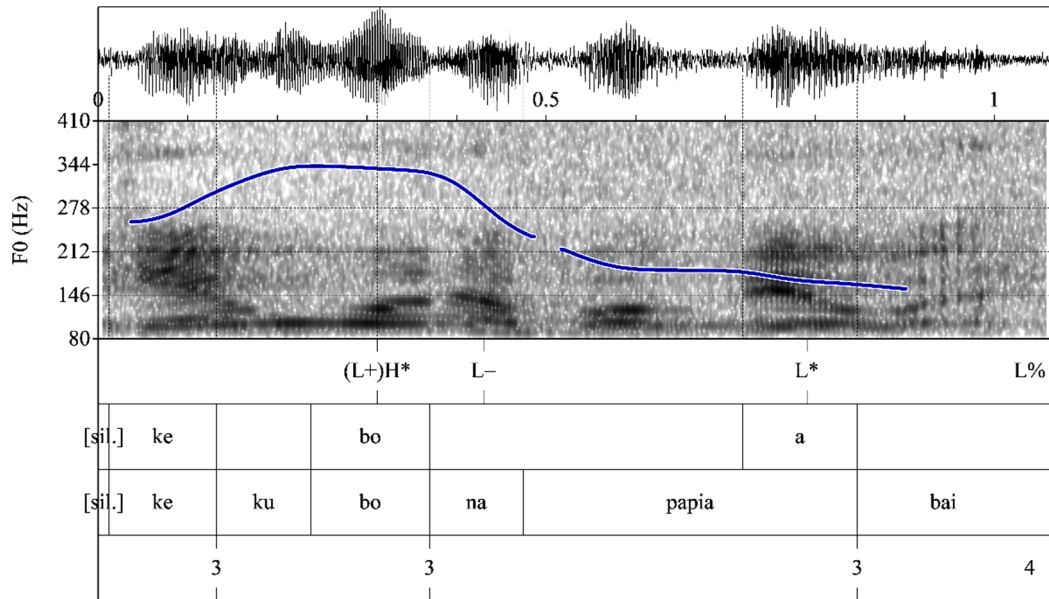
Figura 5.20: .

Exemplo 5.11:	“ke ku bo na papia bai?”
	“O que tu foste falar?”

ke	ku	bo	na	papia	bai
QU-o que	REL	2.PL	ASPEC	falar	ir
<i>“O que tu foste falar?”</i>					

[[[[[KE	ku	BO] _ω] _φ	[[na] _ω	[papiA] _ω] _φ	[BAI] _ω] _φ] _U
		L+H* L ⁻		L*	L%

Figura 5.20: “Ke ku bo na papia bai?”, produzida por RAS na tarefa DCT.



Fonte: Elaboração própria.

Sendo assim, embora a realização segmental seja idêntica, ou seja, o elemento ‘ke’ seja segmentalmente idêntico, na estrutura prosódica temos elementos distintos, que apresentam comportamentos entoacionais diferentes em termos de fraseamento, e que participam da discriminação dos dois tipos frásicos interrogativos apresentados.

5.2 PGB

Os dados de PGB aqui analisados são constituídos por sentenças produzidas em três tarefas, conforme mencionado anteriormente (Cf. Capítulo 3): tarefa de leitura, de fala controlada, tarefa DCT e tarefa *Story Telling*, ambas de fala semiespontânea.

Tais dados foram produzidos, quase na totalidade, pelos cinco informantes: JSJ, HGS, LAC, RAS e JAM. Entretanto, os dados de JAM foram coletados apenas na tarefa *Story Telling*, pois esta informante não quis continuar sua participação nas demais tarefas. Dessa forma, os resultados encontrados para os dados dessa informante serão mencionados, mas só levados em consideração de forma relativizada.

5.2.1 Sentenças declarativas neutras do PGB

O corpus de sentenças declarativas neutras do PGB é formado pelos dados coletados através dos experimentos DCT e *Story Telling*. Através da DCT foram recolhidas três repetições de três sentenças, realizadas por quatro informantes (JSJ, HGS, LAC e RAS), totalizando 36 sentenças (3 sentenças × 4 informantes × 3 repetições). Entretanto, três sentenças foram descartadas por apresentarem truncamentos resultantes de correções feitas pelo falante. Assim, os resultados encontrados nos dados da DCT para as sentenças declarativas neutras do PGB correspondem à análise de 6 sentenças produzidas por JSJ, 9 sentenças produzidas por HGS, 9 realizadas por LAC, e 9 por RAS, totalizando 33 sentenças desse tipo frásico.

As sentenças declarativas neutras de PGB coletadas via *Story Telling*, por sua vez, correspondem também à produção de quatro informantes (HGS, LAC, RAS e JAM), totalizando 39 sentenças. Embora JSJ também tenha participado do experimento, este informante produziu apenas uma sentença que pudesse ser julgada como declarativa neutra, ou seja, que não apresentasse elementos focalizados ou um significado pragmático diferente do expectável para o tipo frásico alvo. Dessa forma, esse dado do participante JSJ foi excluído dos resultados, visto que um único dado não poderia ser considerado representativo das produções desse informante para este tipo frásico. Na Tabela 5.24, apresentamos a distribuição das sentenças declarativas neutras do PGB de acordo com o experimento através do qual foram coletadas e por informante.

Tabela 5.24: Distribuição de sentenças declarativas neutras do PGB por tarefa e por informante.

Informante	Declarativas neutras DCT	Declarativas neutras <i>Story Telling</i>	Total de Declarativas neutras
JSJ	6	--	6
HGS	9	7	16
LAC	9	6	15
RAS	9	6	15
JAM	0	20	20
Total	33	39	72

De maneira geral, enquanto as sentenças da DCT foram realizadas pelos participantes com poucas palavras prosódicas (três a quatro), através do *Story Telling* foi possível a recolha de sentenças com maior complexidade prosódica, ou seja, que apresentassem mais de um IP por enunciado fonológico, uma maior variedade na configuração dos acentos tonais pré-nucleares e até mesmo a presença de tons adicionais (embora tenham sido poucas as suas ocorrências), e também um melhor panorama quanto à densidade tonal dessa variedade de português.

Conforme dito anteriormente, a densidade tonal é assumida em nossa análise como sendo a taxa de associação de acentos tonais pré-nucleares a palavras prosódicas pré-nucleares, expressa em porcentagem. Nesse sentido, uma língua ou variedade que apresente uma alta densidade tonal será aquela que apresentar uma porcentagem alta de eventos tonais no seu contorno entoacional pré-nuclear, ou seja, considerando a porção anterior ao contorno nuclear.

Neste trabalho, descartamos do cálculo o contorno nuclear, que constitui a melodia mínima presente em um contorno entoacional, assim como a primeira palavra prosódica do sintagma entoacional e o acento tonal que possa estar a ela associado. Estudos como o de Frota *et al.* (2015a), por exemplo, que analisaram comparativamente variedades lusitanas e brasileiras de português, excluíram do cálculo da densidade tonal a primeira PW do enunciado, a PW cabeça de IP e os respectivos acentos tonais associados a elas. Este cálculo foi elaborado tendo em vista uma característica importante de SEP, que o destaca das demais variedades de português: a distribuição esparsa de acentos tonais ao longo da sentença. As sentenças declarativas neutras de SEP apresentam majoritariamente acentos tonais associados às fronteiras de IP, indicando que o domínio prosódico para a distribuição de eventos tonais é o Sintagma Entoacional (FROTA, 2000). Dessa forma, ao excluir-se do cálculo

as referidas PWs e os acentos tonais associados a elas tem-se dimensão do domínio prosódico mais relevante para a distribuição de eventos tonais.

Nas Tabelas 5.25 e 5.26, apresentamos a densidade tonal encontrada para as sentenças declarativas neutras do PGB através dos dados da DCT e do *Story Telling*, respectivamente.

Tabela 5.25: Densidade tonal das sentenças declarativas neutras do PGB dos dados da DCT.

Informante	T* pré-nucleares	PW pré-nucleares	Densidade Tonal
JSJ	5	5	100%
HGS	18	18	100%
LAC	15	17	88,2%
RAS	10	15	66,7%
JAM	--	--	--
Total	48	55	87,3%

Tabela 5.26: Densidade tonal das sentenças declarativas neutras do PGB dos dados do *Story Telling*.

Informante	T* pré-nucleares	PW pré-nucleares	Densidade Tonal
JSJ	--	--	--
HGS	13	15	86,7%
LAC	9	11	81,8%
RAS	6	7	85,7%
JAM	25	30	83,3%
Total	53	63	84,1%

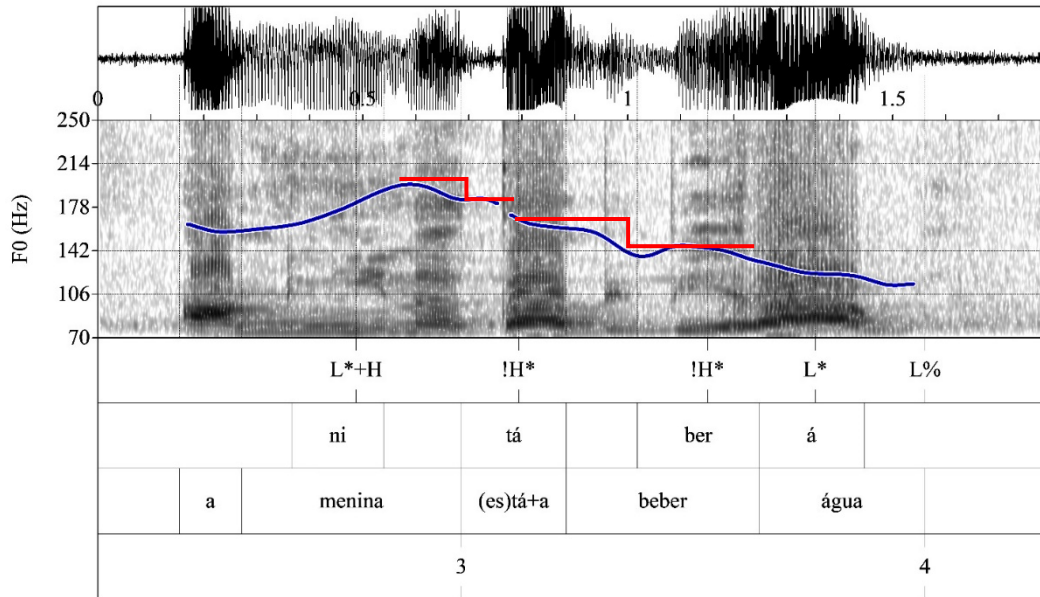
Através dos dados apresentados nas Tabelas 5.25 e 5.26, vemos que as sentenças declarativas neutras do PGB apresentam uma alta densidade tonal: 87,3% para as sentenças da DCT e 84,1% para as declarativas neutras do *Story Telling*. Ao considerarmos os valores encontrados para os informantes que participaram nos dois experimentos (HGS, LAC e RAS), vemos que há apenas uma diferença no que diz respeito à densidade tonal das sentenças realizadas por RAS, de 66,7% nos dados da primeira tarefa e de 85,7% nos dados da segunda.

O Exemplo 5.12, juntamente com a Figura 5.21, ilustra o contorno melódico encontrado para as sentenças declarativas neutras de PGB em nossos dados de fala semiespontânea obtidos através da DCT. Nele, verificamos a associação de acentos tonais a todas as palavras prosódicas do enunciado fonológico, indicando a alta densidade tonal do PGB. Além disso, chama-nos a atenção o padrão de “degraus” encontrado no contorno, formado por platôs em cada palavra prosódica, motivo pelo qual, em nossa abordagem teórica, utilizamos a notação fonológica de *downstep*.

Exemplo 5.12: “A menina (es)tá (a) beber água”

[[[a meNina] _ω] _φ	[[esTÁ] _ω] _φ	[beBER] _ω] _φ	[Água] _ω] _φ] _υ
L+H*	!H*	!H*	L* L%

Figura 5.21: Sentença declarativa neutra “A menina está a beber água”, realizada por HGS na tarefa DCT.



Fonte: Elaboração própria.

Seguindo a análise, verificou-se qual seria o domínio prosódico relevante para a associação de eventos tonais. Para isso, foi observado qual era a fronteira do domínio mais alto das PWs pré-nucleares às quais havia acentos tonais associados, buscando encontrar pistas de qual seja o domínio prosódico relevante na constituição melódica do PGB. A distribuição de palavras prosódicas pré-nucleares de acordo com a fronteira do domínio prosódico mais alto e a distribuição de acentos tonais associados a elas, por informante, é apresentada a seguir, para os dados da DCT (Tabela 5.27) e do *Story Telling* (Tabela 5.28).

Tabela 5.27: Distribuição de PWs e de acentos tonais associados de acordo com a fronteira do domínio prosódico mais alto nas sentenças declarativas neutras de PGB dos dados da DCT.⁷⁰

Informante]PW	T*]PW]PhP	T*]PhP]IP	T*]IP
JSJ	0	0	8	8	6	6
HGS	11	11	16	16	10	10
LAC	13	11	13	12	10	10
RAS	3	0	18	16	9	9
JAM	--	--	--	--		
Total	27	22	55	52	35	35
Taxa de associação de T* a PW	22/27 (81,5%)		52/55 (94,5%)		35/35 (100%)	

Tabela 5.28: Distribuição de PWs e de acentos tonais associados de acordo com a fronteira do domínio prosódico mais alto nas sentenças declarativas neutras de PGB dos dados do *Story Telling*.

Informante]PW	T*]PW]PhP	T*]PhP]IP	T*]IP
JSJ	-	-	-	-	-	-
HGS	6	6	23	21	17	17
LAC	1	0	21	19	15	15
RAS	2	1	14	14	10	10
JAM	9	5	57	53	44	44
Total	18	12	115	107	86	86
Taxa de associação de T* a PW	12/18 (66,7%)		107/115 (93,0%)		86/86 (100%)	

Os resultados apresentados nas Tabelas 5.27 e 5.28 permitem a visualização panorâmica da associação dos acentos tonais de acordo com o domínio mais alto da fronteira direita do constituinte prosódico. Dessa forma, é possível verificar que, embora a densidade tonal do PGB seja alta de uma maneira geral, o domínio de distribuição de eventos tonais (VIGÁRIO; FROTA, 2003; HELLMUTH 2007; FROTA *et al.*, 2015) parece ser PhP.

As PWs das sentenças declarativas da DCT que não apresentam um acento tonal associado correspondem a pronomes pessoais, ao verbo auxiliar⁷¹ ‘estar’ conjugado na terceira pessoa do singular (‘está’), e realizado com o apagamento da primeira vogal ([s'ta]), que foi encontrado em locuções verbais, como “está a andar”, e ao verbo ‘andar’, também

⁷⁰ Nas Tabelas 5.27 e 5.28, as siglas possuem o seguinte significado: ']'PW': fronteira de PW; 'T*]PW': acento tonal associado à PW em que PW é a fronteira mais alta; ']'PhP': fronteira de PhP; 'T*]PhP': acento tonal associado à PW cuja fronteira mais alta é PhP; ']'IP': fronteira de IP; e 'T*]IP': acento tonal associado à PW cuja fronteira mais alta é IP.

⁷¹ Consideramos os verbos auxiliares como palavras prosódicas por estes apresentarem acento primário e não serem considerados itens funcionais. Entretanto, pesquisas futuras poderão atestar ou refutar o status prosódico de PW desse tipo de item lexical em PGB.

conjugado na terceira pessoa do singular ('anda'). É possível que a pouca quantidade de material fonético esteja desencadeando um truncamento tonal.⁷²

Os resultados, portanto, nos indicam uma provável obrigatoriedade na associação de acentos tonais às palavras prosódicas que estejam na fronteira direita de PhP, sendo este o domínio prosódico relevante para a distribuição de eventos tonais em PGB. Embora não tenham sido encontrados muitos sintagmas fonológicos que pudessem ser reestruturados, ou seja, que fossem constituídos por mais do que uma palavra prosódica sem que houvesse um clítico entre elas, devido à natureza dos dados (fala semiespontânea), a presença de acentos frasais marcando a fronteira direita do sintagma fonológico não final de IP foi recorrente nos dados coletados através do *Story Telling*, podendo evidenciar a importância da marcação dessa fronteira e de que estamos diante de uma fronteira de PhP, e não de PW.

De maneira geral, o acento frasal foi encontrado associado à fronteira direita de PhPs curtos ou longos e que estejam em qualquer posição dentro da sentença, sendo encontrado alinhado à primeira sílaba da PW seguinte ou a uma preposição que esteja compondo um PhP com a palavra prosódica à direita. Entretanto, se a primeira sílaba da PW seguinte correspondesse à sílaba tônica, o acento frasal aparecia alinhado à borda direita do sintagma fonológico do qual marcava a fronteira. Na Tabela 5.29 apresentamos a taxa de associação de acentos frasais às fronteiras de PhP não finais de U.

Tabela 5.29: Taxa de associação de acentos frasais às fronteiras de PhP não finais de U encontrados nas sentenças declarativas neutras do PGB dos dados do *Story Telling*.

Informante	T ⁻ associado à fronteira de PhP não final de U	PhP não finais de U	Taxa de associação de T ⁻
JSJ	--	--	--
HGS	13	23	56,5%
LAC	5	21	23,8%
RAS	4	14	28,6%
JAM	30	57	52,6%
Total	52	115	45,2%

O Exemplo 5.13, com a

Figura 5.22, ilustra o caso em que os acentos frasais se realizam ancorados na PW seguinte à fronteira do PhP que é por eles marcado entoacionalmente. Nela, vemos que L⁻

⁷² Segundo Ladd (2008, p. 181-182), o truncamento tonal é a não realização de eventos tonais por não existir material fonético suficiente, na cadeia segmental, para sua acomodação. Isso se dá quando um contorno melódico complexo precisa se associar à uma cadeia segmental formada por poucos elementos (uma ou duas sílabas).

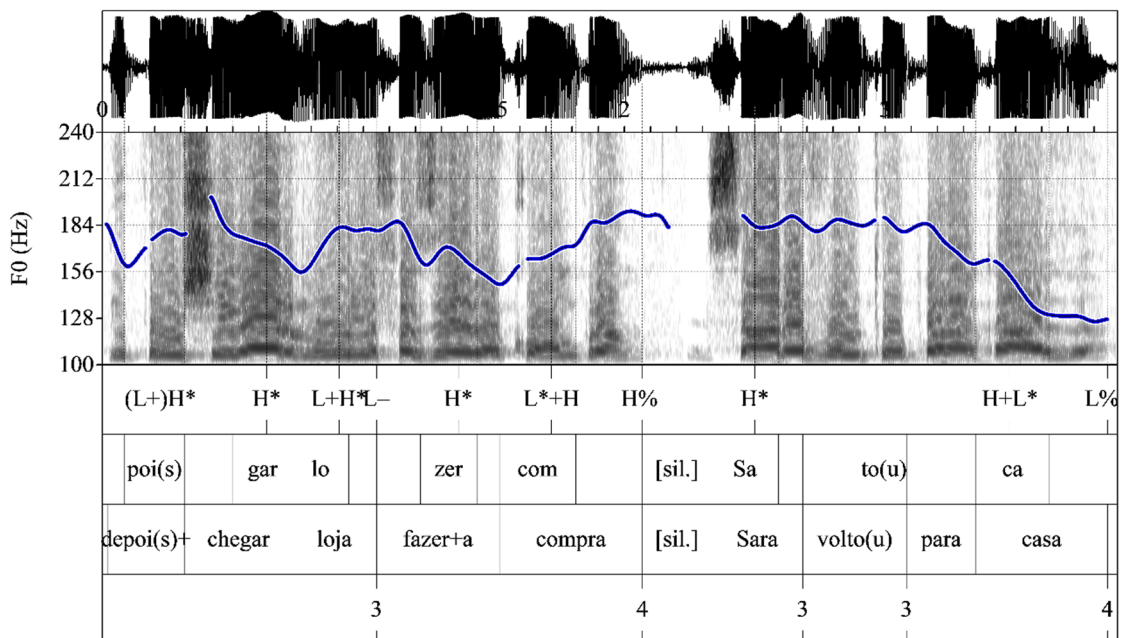
aparece alinhado à primeira sílaba da PW (fazer)_{PW}. Já o Exemplo 5.14, com a Figura 5.23, ilustram como se dá a ancoragem dos acentos frasais quando a primeira sílaba da PW seguinte porta o acento lexical. Visto que o acento tonal que estará associado a essa PW seguinte precisa de material segmental para sua ancoragem, o acento frasal que fonologicamente marca a fronteira do PhP anterior aparece alinhado com sílaba que imediatamente precede essa fronteira.

Exemplo 5.13: “Depoi(s) [de] chegar [à] loja, fazer a compra, Sara volto(u) para casa”

[[[dePOis] _ω] _φ	[[cheGAR] _ω] _φ	[[LOja] _ω] _φ	[[faZEr+] _ω] _φ	[[a COMpra] _ω] _φ _i
L+H*	H*	L+H* L ⁻	H*	L*+H H%

[[[SArA] _ω] _φ	[voITo <u>u</u>] _ω] _φ	[[para	[CAsa] _ω] _φ] _u
H*			H+L* L%

Figura 5.22: Sentença declarativa neutra “Depois chegar loja fazer+ a compra... Sara voltou para casa”, realizada por LAC no experimento *Story Telling*.

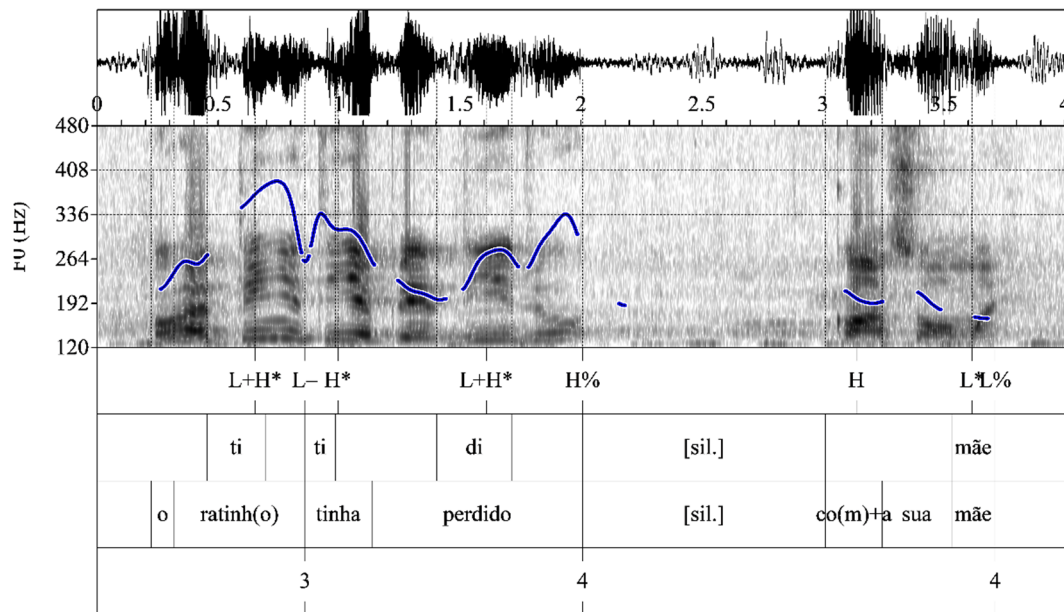


Fonte: Elaboração própria.

Exemplo 5.14: “O ratinho tinha perdido... co(m) a sua mãe”

[[[o raTInho]ω]φ]	[[TInha]ω]φ]	[[perDIdo]ω]φ]i	[[com a SUa]ω]	[MÃE]ω]φ]i]u
L+H* L-	H*	L+H* H%	H	L* L%

Figura 5.23: Sentença declarativa neutra “O ratinho tinha perdido... com+ a sua mãe”, realizada por JAM no experimento Story Telling.



Fonte: Elaboração própria.

Entretanto, ainda é preciso que a análise de mais dados seja feita para compreendermos se o acento frasal associado à fronteira direita de PhP não final de IP de fato é um evento tonal fonológico que faça parte da gramática entoacional do PGB para a marcação de fronteira de PhP. Dessa forma, podemos assumir que, de maneira geral, o PGB é uma variedade que apresenta uma alta densidade tonal para as sentenças declarativas neutras e que a marcação da fronteira do sintagma fonológico através da entoação parece ser uma característica importante desta variedade, principalmente através da associação de um acento tonal à PW cabeça de PhP.

Quanto à configuração dos acentos tonais pré-nucleares encontrados nas sentenças declarativas neutras do PGB através da DCT, encontramos uma predominância de tons H* (66,2%). Em segundo lugar, encontramos !H* (17,6%), sendo este tipo de acento tonal encontrado apenas nos dados de RAS e HGS. Os acentos tonais ascendentes L+H* e L*+H, assim como o acento tonal baixo L*, apareceram poucas vezes em nossos dados da DCT: 6,8%;

4,1%; e 5,4%, respectivamente. Além disso, os acentos tonais ascendentes também foram encontrados apenas nos dados de RAS e HGS. O acento L* foi igualmente encontrado nos dados de apenas dois informantes, RAS e JSJ. A distribuição das configurações dos acentos tonais pré-nucleares das sentenças declarativas neutras da DCT é apresentada na Tabela 5.30.

Tabela 5.30: Acentos tonais pré-nucleares das sentenças declarativas neutras do PGB encontradas na DCT.

Tipo de T* pré-nuclear	JSJ	HGS	LAC	RAS	JAM	Total por tipo de T* pré-nuclear
H*	6	13	23	7	--	49 (66,2%)
!H*	0	9	0	4	--	13 (17,6%)
L+H*	0	2	0	3	--	5 (6,8%)
L*+H	0	3	0	0	--	3 (4,1%)
L*	2	0	0	2	--	4 (5,4%)
Total por informante	8	27	23	16	--	74 (100%)

Já nas sentenças declarativas neutras do PGB encontradas nos dados *Story Telling*, a configuração dos acentos tonais pré-nucleares é majoritariamente alta e ascendente, apresentando alguma variação quanto ao alinhamento, como pode ser verificado na Tabela 5.31. O acento tonal L+H* é encontrado principalmente no início de IPs: aparece associado a 39 PWs na fronteira esquerda de IP, estando 21 destas na fronteira esquerda de U. Assim, esse parece ser um acento tonal que caracteriza o início de IP em PGB.

Tabela 5.31: Acentos tonais pré-nucleares das sentenças declarativas neutras do PGB encontradas no *Story Telling*.

Tipo de T* pré-nuclear	JSJ	HGS	LAC	RAS	JAM	Total por tipo de T* pré-nuclear
H*	--	5	8	3	12	28 (22,7%)
!H*	--	6	1	0	12	19 (16,1%)
L+H*	--	12	6	11	22	51 (43,2%)
L*+H	--	3	3	1	10	17 (14,4%)
L*	--	1	1	0	1	3 (2,5%)
Total por informante	--	27	19	15	57	118 (100%)

Os acentos tonais baixos encontrados nos dados do *Story Telling* apareceram associados a PWs seguintes àquelas em que foi encontrado um acento frasal associado à fronteira direita de PhP, mas que também eram imediatamente anteriores às PWs em fronteira de IP não final. Como foram poucas as ocorrências desse tipo de acento tonal, esse não parece ser um acento tonal pré-nuclear característico nessa variedade.

Assim, o contorno pré-nuclear das sentenças declarativas neutras do PGB parece criar uma curva melódica de movimentos abruptos nas proximidades das fronteiras direita de PhP: apesar do início do contorno entoacional ser geralmente suave, apresentando um acento tonal majoritariamente ascendente associado à primeira PW do enunciado, o ponto de maior ascendência desse acento associa-se à sílaba tônica da PW, estando o início da ascendência associado à cadeia segmental (sílabas pretônicas da PW cabeça de PhP ou clíticos prosódicos) que antecede o elemento mais proeminente desse primeiro PhP. O acento tonal alto H* e !H*, no interior do contorno, colabora na formação desse tipo de movimento melódico mais abrupto, que parece formar degraus próximos às fronteiras de PhPs. Outro evento tonal que também apareceu em nossas análises e que parece participar da construção desse tipo de movimento do contorno entoacional foi o acento frasal, que algumas vezes apareceu associado à fronteira direita de PhP, evidenciado pela descida brusca da curva, e que foi encontrado ancorado nessa fronteira ou na primeira sílaba do PhP seguinte.

O mesmo tipo de movimento pode ser visto ao analisarmos os contornos nucleares dos sintagmas entoacionais não finais de U. Embora apenas duas sentenças declarativas neutras do corpus da DCT tenham sido realizadas em mais de um IP, as sentenças declarativas neutras do PGB realizadas através do *Story Telling*, pela natureza do experimento e, conseqüentemente, por serem mais longas, apresentam enunciados formados por mais de um sintagma entoacional, motivo pelo qual também encontramos mais acentos pré-nucleares ascendentes L+H*.

A pausa foi a principal pista para a delimitação da fronteira de IP não final, seguida do contorno nuclear ascendente e o alongamento da sílaba tônica da PW alinhada à fronteira. Na Tabela 5.32 apresentamos as configurações dos contornos nucleares de IPs não finais de U encontrados nos dados da DCT e, na Tabela 5.33, as configurações encontradas para os contornos nucleares de IPs não finais de U das sentenças declarativas neutras elicitadas através do *Story Telling*.

Tabela 5.32: Contorno nuclear de sintagma entoacional não final de U nos dados de sentenças declarativas neutras do PGB coletadas via DCT.

Tipo de contorno nuclear não final	JSJ	HGS	LAC	RAS	JAM	Total por tipo de contorno nuclear não final - DCT
H* H%	0	1	0	0	--	1
L*+H H%	0	0	1	0	--	1
Total por informante	0	1	1	0	--	2

Tabela 5.33: Contorno nuclear de sintagma entoacional não final de U nos dados de sentenças declarativas neutras do PGB coletadas via *Story Telling*.

Tipo de contorno nuclear não final	JSJ	HGS	LAC	RAS	JAM	Total por tipo de contorno nuclear não final - DCT
H* H%	--	0	2	0	1	3 (6,4%)
L+H* H%	--	2	2	1	2	7 (14,9%)
L*+H H%	--	2	1	1	6	11 (23,4%)
L* LH%	--	4	1	1	9	15 (31,9%)
H*+L L%	--	1	1	0	0	2 (4,3%)
H+L* L%	--	0	1	0	1	2 (4,3%)
L* L%	--	1	0	1	5	7 (14,9%)
Total por informante	--	10	9	4	24	47 (100%)

Como mostra a Tabela 5.32, poucos foram os dados em que encontramos IPs não finais de U nos dados coletados via DCT. Entretanto, os encontrados nos dados do *Story Telling* mostram que o tom de fronteira alto (H%) parecer ser uma pista robusta da fronteira de um sintagma entoacional que não coincida com a fronteira de U.

Os acentos nucleares ascendentes (L*+H e L+H*) seguidos pelo tom de fronteira alto (H%) correspondem tanto ao contorno nuclear continuativo — em que o contorno entoacional desenvolve uma subida até ser interrompido — quanto ao suspensivo — em que o contorno entoacional realiza um tom alto que se mantém num platô até ser interrompido — (conferir FROTA et al., 2007, para contornos continuativos e suspensivos em PE; e TENANI, 2002; e SERRA, 2009, para tons continuativos e suspensivos em PB). Nos dados da DCT, o contorno ascendente foi encontrado na fronteira direita do sujeito da sentença, sendo o verbo da sentença a PW que iniciava o IP seguinte. Já nos dados do *Story Telling*, as fronteiras de IP não final de U apareceram em diversas posições, sem parecer marcar uma fronteira específica de algum constituinte sintático.

Entretanto, observou-se que a subida do contorno entoacional, que pode acontecer gradualmente quando a PW é paroxítônica, sofre compressão tonal quando a PW a qual o acento tonal estiver associado for oxítônica, de modo que a realização dos eventos tonais é comprimida por falta de material segmental para a ancoragem da complexidade melódica. Dessa forma, a subida da curva entoacional para a realização da ascendência que caracteriza o contorno nuclear não final, num padrão continuativo, se dá de forma muito mais abrupta, resultando num contorno descrito como L* LH%. Portanto, a diferença entre o contorno nuclear L*+H H% e L* LH% parece ser meramente fonética, sendo L* H% a configuração

fonológica que corresponde ao contorno nuclear continuativo das sentenças declarativas do PGB.

Apesar de terem sido poucas as ocorrências de tons adicionais (apenas quatro ocorrências, sendo duas nos dados de JAM, uma nos dados de HGS e uma nos dados de LAC, todas nos dados do *Story Telling*), observou-se sua associação a preposições em início dos IPs internos das sentenças. É o que aparece no Exemplo 5.13, junto com a

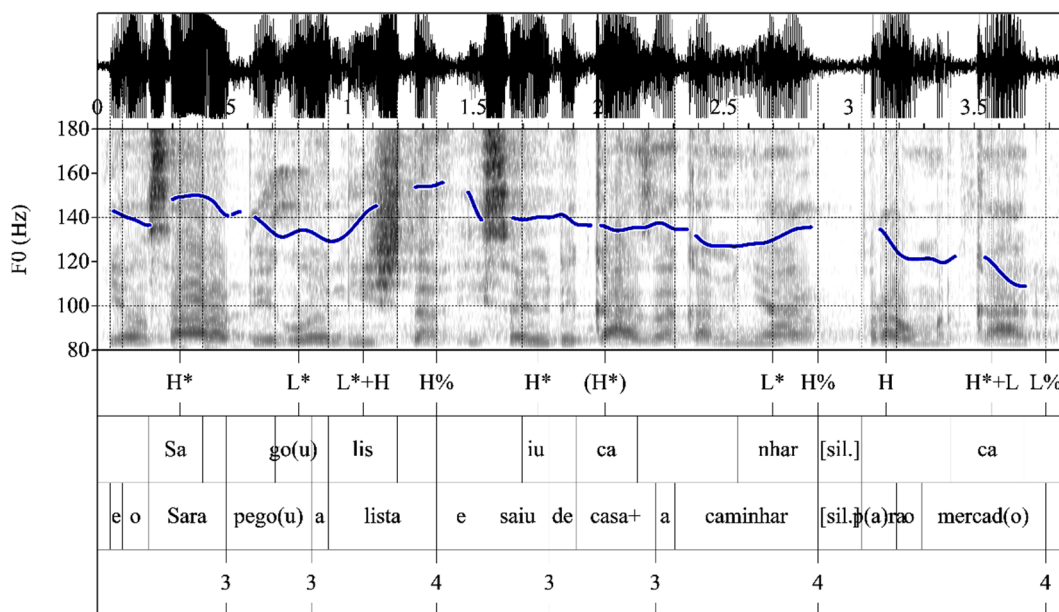
Figura 5.22, apresentado anteriormente, e no Exemplo 5.15, com a Figura 5.24. Entretanto, ainda é preciso um maior número de dados para compreender se esse tipo de evento tonal é fonológico ou meramente fonético.

Exemplo 5.15: “E o Sara pego(u) a lista, e saiu de casa (a) caminhar... p(a)ra o mercad(o)”

[[[e o Sara] _o] _φ	[[peGOU] _o] _φ	[a LISta] _o] _φ] _i
H*	L*	L*+H H%

[[e saiU] _o] _φ	[[de CAsa+] _o	[a camiNHAR] _o] _φ] _i	[para o merCAdo] _o] _φ] _i] _u
H*	(H*)	L* H%	H H*+L L%

Figura 5.24: Sentença declarativa neutra “E o Sara pego(u) a lista... e saiu de casa+ a caminhar... p(a)ra o mercad(o)”, realizada por HGS no experimento *Story Telling*.



Fonte: Elaboração própria.

Quanto à configuração dos contornos nucleares de sintagma entoacional final de U, encontramos majoritariamente um contorno baixo L* L% (72,7% nos dados da DCT e 66,7%

nos do *Story Telling*), embora o contorno nuclear descendente H+L* L% também tenha aparecido (27,3% nos dados da DCT e 17,9% nos do *Story Telling*). O contorno nuclear de configuração H*+L L%, cujo alinhamento à sílaba tônica ocorre na porção alta do acento tonal descendente, apareceu apenas nos dados coletados através do *Story Telling* e em menor proporção (15,4%), conforme demonstram as Tabelas 5.34 (para os resultados da DCT) e 5.35 (para os resultados do *Story Telling*), que trazem os resultados quantitativos dos contornos nucleares encontrados por informante. Sendo assim, numa fala semiespontânea, as sentenças declarativas neutras do PGB apresentam preferivelmente um contorno nuclear baixo para os sintagmas entoacionais finais de enunciado fonológico.

Tabela 5.34: Contorno nuclear de IP final de U das sentenças declarativas neutras de PGB dos dados da DCT.

Tipo de contorno nuclear final	H*+L L%	H+L* L%	L* L%	Total por informante
JSJ	0	4	2	6
HGS	0	1	8	9
LAC	0	4	5	9
RAS	0	0	9	9
JAM	-	-	-	-
Total por tipo de contorno nuclear final	0 (0%)	9 (27,3%)	24 (72,7%)	33 (100%)

Tabela 5.35: Contorno nuclear final de U das sentenças declarativas neutras de PGB dos dados do *Story Telling*.

Tipo de contorno nuclear final	H*+L L%	H+L* L%	L* L%	Total por informante
JSJ	-	-	-	-
HGS	2	4	1	7
LAC	3	2	1	6
RAS	1	2	3	6
JAM	0	0	20	20
Total por tipo de contorno nuclear final	6 (15,4%)	8 (20,5%)	25 (64,1%)	39 (100%)

5.2.2 Sentenças declarativas enumerativas do PGB

Para esse tipo frásico do PGB analisamos sentenças enumerativas curtas de listagem fechada (em que os itens já estão determinados antes do momento da enunciação), coletadas através do *Story Telling*, enumerativas curtas de listagem aberta (em que os itens que serão enumerados são escolhidos no momento da enunciação) e enumerativas longas de listagem fechada, recolhidas através da DCT (Cf. Capítulo 3). As análises realizadas estão focadas nas pistas encontradas para a fronteira de IP não final de U e na configuração dos contornos nucleares de IP, sejam eles finais ou não finais do enunciado fonológico.

As sentenças enumerativas curtas de listagem aberta aqui analisadas correspondem às produções de 12 tokens, que apresentaram 36 itens (JSJ: 9; HGS: 9; LAC: 9; RAS: 9) e formaram 24 IPs não finais de U (4 informantes × 3 repetições × 2 IPs não finais de U). As pistas encontradas para a demarcação de fronteira de IP não final são apresentadas na Tabela 5.36. Chamamos aqui de *contorno ascendente* o que é tratado por Frota *et al.* (2007) como *padrão continuativo*, em que o trecho pré-fronteira do contorno entoacional é realizado como um contorno ascendente desde a sílaba tônica e segue em ascendência em direção à sílaba na fronteira de IP, e de *contorno platô* o que as autoras chamam de *tom suspensivo*, em que o contorno entoacional pré-fronteira de IP é realizado como um contorno ascendente na sílaba tônica da PW cabeça desse IP e segue como um platô até a fronteira desse IP (Cf. Capítulo 4).

Tabela 5.36: Pistas de fronteira de IP não final de U das sentenças enumerativas curtas e de lista aberta do PGB.

Pistas de fronteira de IP não final por informante	Pausa	Alongamento Sílaba tônica	Alongamento Sílaba postônica	Contorno ascendente (continuativo)	Contorno platô (suspensivo)	Pitch reset
JSJ	5	6	3	1	5	0
HGS	6	5	6	6	0	0
LAC	6	6	3	6	0	0
RAS	2	6	3	4	2	3
JAM	-	-	-	-	-	-
Total de ocorrência das pistas	19/24 (79,2%)	23/24 (95,8%)	15/24 (62,5%)	17/24 (70,8%)	7/24 (29,2%)	3/24 (12,5%)

Como as pistas não aparecem sozinhas para indicar a fronteira desse constituinte, para uma mesma fronteira podemos encontrar, simultaneamente, pausa, alongamento e contorno ascendente, por exemplo. O alongamento da sílaba tônica foi a pista mais recorrente, aparecendo em 23 das 24 fronteiras (95,8%). A pausa e o contorno ascendente também foram amplamente encontrados como pistas dessa fronteira, 19/24 (79,2%) e 17/24 (70,8%), respectivamente.

Todos os contornos nucleares dos sintagmas entoacionais não finais de U apresentaram configurações ascendentes, com exceção de quatro, produzidos por LAC, que apresentaram configuração descendente-ascendente (H+L* LH%). Ainda assim, encontramos um tom de fronteira alto ou ascendente (H% ou LH%, respectivamente) para todos os contornos nucleares de IPs não finais de U. As configurações encontradas para os IPs não finais de U das sentenças enumerativas curtas de listagem aberta do PGB são apresentadas na Tabela 5.37.

Tabela 5.37: Configurações do contorno nuclear de IP não final de U das sentenças enumerativas curtas e de lista aberta do PGB.

Tipo de contorno nuclear não final de U	L*+H H%	L* LH%	L+H* H%	H+L* LH%	Total por informante
JSJ	4	0	2	0	6
HGS	3	3	0	0	6
LAC	1	1	0	4	6
RAS	5	0	1	0	6
JAM	-	-	-	-	-
Total por tipo de contorno nuclear não final	13 (54,2%)	4 (16,7%)	3 (12,5%)	4 (16,7%)	24 (100%)

Já os contornos nucleares de IP final de U das sentenças enumerativas de listagem aberta do PGB são majoritariamente descendentes, de configuração H+L* L%. O contorno baixo L* L% também foi encontrado, embora em menor proporção. Ambos os contornos foram encontrados associados tanto a PWs com padrão acentual oxítono quanto com padrão paroxítono, de modo que o contorno nuclear baixo não parece ser resultado de truncamento tonal, assim como não parece se tratar de compressão tonal a realização de contornos nucleares descendentes para os IPs finais de U. A distribuição das configurações encontradas para o contorno nuclear de IP final de U nas enumerativas de listagem aberta por informante é apresentada na Tabela 5.38 e o Exemplo 5.16, juntamente com a Figura 5.25, ilustram os resultados das enumerativas curtas de listagem aberta.

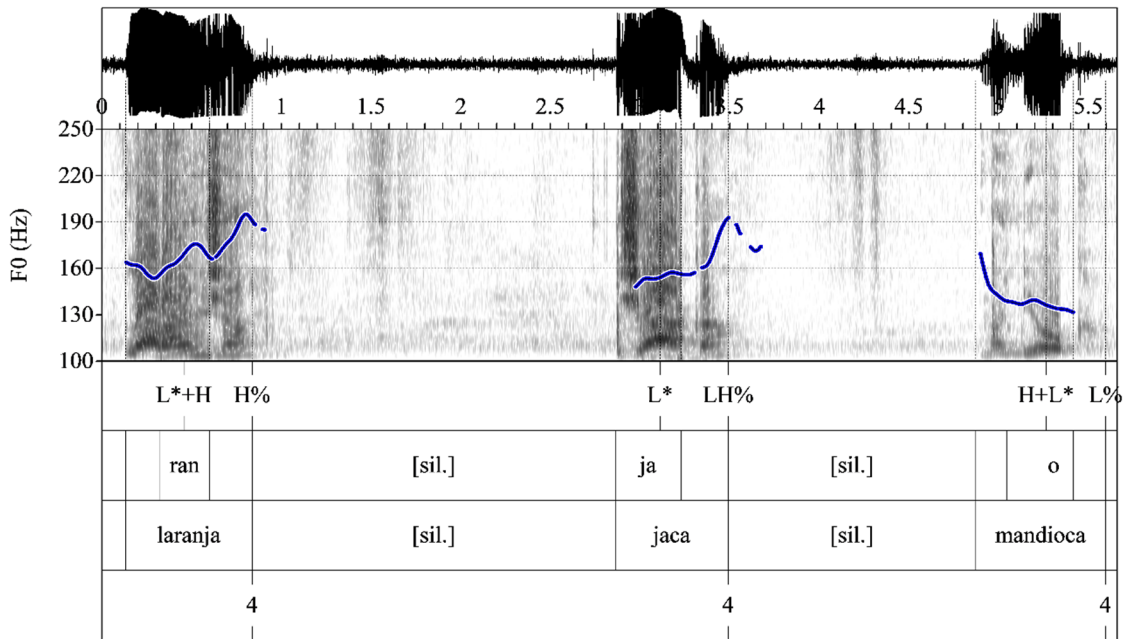
Tabela 5.38: Configurações do contorno nuclear de IP final de U das sentenças enumerativas curtas e de lista aberta do PGB.

Configuração de contornos nucleares de IPs finais de U	H* L%	H+L* L%	L* L%	Total por informante
JSJ	1	1	1	3
HGS	0	1	2	3
LAC	0	3	0	3
RAS	0	2	1	3
JAM	--	--	--	--
Total por configuração de contorno nuclear	1 (8,3%)	7 (58,3%)	4 (33,3%)	12 (100%)

Exemplo 5.16: “Laranja... jaca... mandioca”

[[[laRANja]ω]φ]i		[[JAca]ω]φ]i		[[mandiOca]ω]φ]u	
L*+H	H%	L*	LH%	H+L*	L%

Figura 5.25: Sentença de enumeração curta e listagem aberta “Laranja... jaca... mandioca”, realizada por HGS na tarefa DCT.



Fonte: Elaboração própria.

As sentenças enumerativas curtas de listagem fechada, por sua vez, foram elicitadas através do *Story Telling* e produzidas pelos cinco informantes. Foram analisados 15 tokens desse tipo, que juntos somaram 60 itens enumerados e que constituíram 35 IPs não finais de U (respectivamente, JSJ: 6; HGS: 9; LAC: 6; RAS: 5; JAM: 9).

Nesses dados, encontramos 10 itens que, enumerados, não constituíram sozinhos um IP, de modo que no enunciado encontramos IPs formados ora por um PhP, ora por dois PhPs. Esse comportamento foi encontrado nos dados de JSJ, LAC e RAS e em sete casos tais itens constituíram um IP com a PW cabeça do IP final de U, de modo que o IP final de U apareceu constituído por dois PhPs em sete das 15 sentenças enumerativas elicitadas através do *Story Telling*. Dos 10 PhPs que correspondem aos itens enumerados que não constituíram cabeça de IP, nove apresentam um acento tonal associado, sendo três acentos tonais altos H* e seis ascendentes, sendo quatro L*+H e dois L+H*. Na Tabela 5.39 apresentamos as configurações

encontradas para o contorno nuclear de IP não final de U das sentenças enumerativas curtas de listagem fechada do PGB.

Tabela 5.39: Configurações de contorno nuclear de IP não final de U das sentenças enumerativas curtas e de lista fechada do PGB (*Story Telling*).

Tipo de contorno nuclear não final de U	JSJ	HGS	LAC	RAS	JAM	Total por tipo de contorno nuclear não final
H* H%	2	3	0	0	0	5 (14,3%)
L* H%	0	1	0	1	0	2 (5,7%)
L*+H H%	4	2	3	2	6	17 (48,6%)
L * LH%	0	3	1	0	2	6 (17,1%)
L+H* H%	0	0	2	2	1	5 (14,3%)
Total por informante	6	9	6	5	9	35 (100%)

Nas sentenças enumerativas curtas de listagem fechada encontramos majoritariamente contornos nucleares ascendentes para os IPs não finais de U, além do contorno nuclear alto (H* H%), embora em menor proporção. Dentre as configurações ascendentes encontradas, assim como nas sentenças enumerativas curtas de listagem aberta, também nas de listagem fechada o contorno nuclear de IP não final de U apresentou majoritariamente a configuração L*+H H% (54,2% e 48,6%, respectivamente). As configurações ascendentes L* LH% e L+H* H%, comum aos dois tipos de dado, também apareceram em proporções semelhantes: L* LH% foi encontrado em 17,1% dos contornos nucleares de IP não final de U das sentenças de listagem fechada e em 16,7% das sentenças de listagem aberta; já L+H* H% apareceu como 14,3% das configurações encontradas para o contorno nuclear de IP não final de U nas sentenças de listagem fechada e como 12,5% para os de listagem aberta.

Embora o contorno ascendente tenha sido a principal pista de fronteira de IP não final nos dados obtidos através do *Story Telling*, as pistas da fronteira deste IP não final de U não apareceram de maneira isolada. O contorno ascendente foi encontrado em 30 dos 35 contornos nucleares não finais. Entretanto, o alongamento da sílaba tônica, principal pista nas sentenças enumerativas curtas de listagem aberta, também se mostrou como uma pista robusta nas enumerativas de listagem fechada, sendo encontrado 25 vezes, assim como a pausa, presente em 20 das 35 fronteiras de IPs não finais. O *pitch reset* e o contorno platô também foram encontrados (14/35 e 12/35, respectivamente).

A combinação de pistas mais encontrada para indicar a fronteira de IP não final reuniu, juntamente com o contorno ascendente, a pausa e o alongamento da sílaba tônica (7

fronteiras). A Tabela 5.40 traz a ocorrência das pistas da fronteira de IP não final de U nas sentenças enumerativas curtas e de listagem fechada do PGB por informante, e o Exemplo 5.17, ilustrado através da

[[[e saPAto]ω]φ]ι		[[[CALça]ω]φ]	[[[e chaPÉU]ω]φ]ιυ	
L+H*	H%	H*	H+L*	L%

Figura 5.26, ilustram as principais pistas.

Tabela 5.40: Pistas de fronteira de IP não final de U das sentenças enumerativas curtas e de lista fechada do PGB (*Story Telling*).

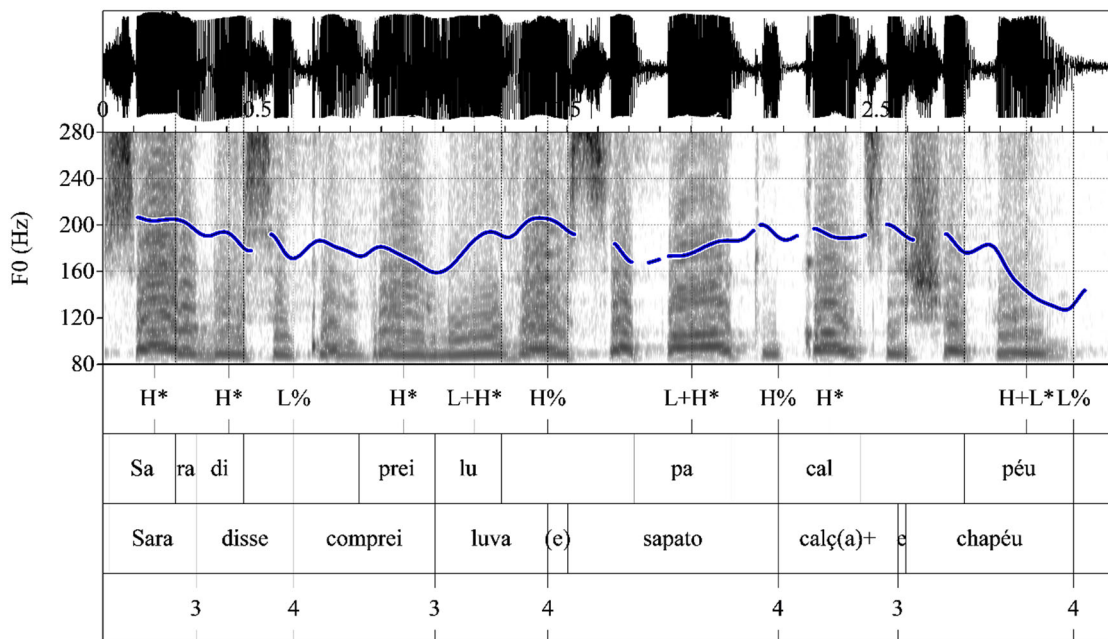
Pistas de fronteira de IP não final por informante	Pausa	Alongamento Sílabas tônicas	Alongamento Sílabas postônicas	Contorno ascendente (continuativo)	Contorno Platô (suspensivo)	Pitch reset
JSJ	5	6	0	4	2	0
HGS	7	5	2	6	0	3
LAC	1	3	2	6	6	4
RAS	1	4	0	5	1	4
JAM	6	7	1	9	3	3
Total de ocorrência das pistas	20/35 (57,1%)	25/35 (71,4%)	5/35 (14,3%)	30/35 (85,7%)	12/35 (34,3%)	14/35 (40,0%)

Exemplo 5.17: “Sara disse: comprei luva, e sapato, calç(a)+ e chapéu”

[[[SARA]ω]φ]	[[[Disse]ω]φ]ι	[[[comPREI]ω]φ]	[[[LUva]ω]φ]ι
H*	H* L%	H*	L+H* H%

[[[e saPAto]ω]φ]ι		[[[CALça]ω]φ]	[[[e chaPÉU]ω]φ]ιυ	
L+H*	H%	H*	H+L*	L%

Figura 5.26: Sentença de enumeração curta e listagem aberta “Laranja... jaca... mandioca”, realizada por LAC na tarefa DCT.



Fonte: Elaboração própria.

Tal como descrito para os dados do guineense, o julgamento do alongamento como pista da fronteira de IP não final de U foi realizado através da percepção e da comparação das análises acústicas das durações dos segmentos, tanto da vogal encontrada no núcleo da sílaba analisada quanto da vogal localizada no núcleo silábico de uma PW cuja fronteira do domínio prosódico mais alto fosse conhecida, sendo que a comparação só poderia ser feita caso ambas apresentassem a mesma qualidade vocálica e estivessem na mesma sentença.

Entretanto, como já outrora mencionado, nem sempre foi possível encontrar o mesmo contexto segmental adjacente às vogais alvo de análise ou que estas fossem núcleo de sílabas que ocupassem a mesma posição dentro da palavra, para além das variáveis tipo de tarefa e informante, por conta do tipo de dado analisado. Sendo assim, o alongamento só foi considerado como uma pista da fronteira de IP não final de U quando havia uma grande diferença na duração dos segmentos analisados.⁷³

Retomamos, então, o Exemplo 5.17, do qual retiramos as

Figura 5.27 e

Figura 5.28, que ilustram o procedimento adotado. Aqui, comparamos a duração da vogal baixa [a], que ocupa a posição de núcleo da sílaba tônica da PW [saPAto]_{PW} (

⁷³ Dado o grande número de variáveis inerentes aos dados, as análises estatísticas realizadas ainda precisam de maior desenvolvimento.

Figura 5.28), que apresentou uma duração de 0,200631s, com a duração da também vogal baixa [a], encontrada no núcleo da sílaba mais proeminente da PW [Sara]_{PW}, cuja duração foi de 0,127734s (

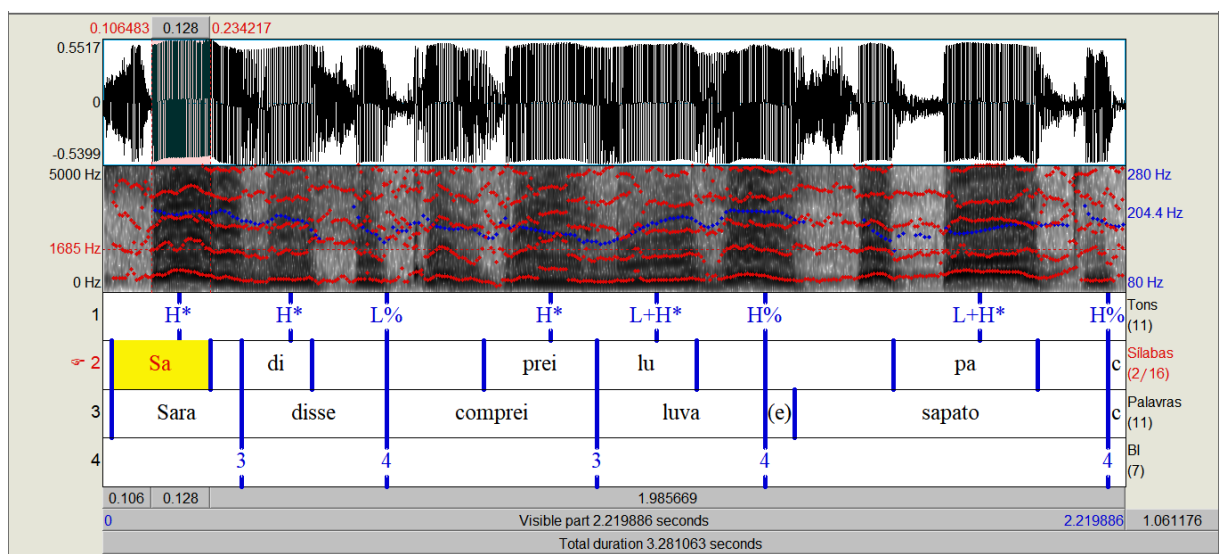
Figura 5.27), e cuja fronteira do domínio prosódico mais alto é a fronteira de PhP. Comparando as durações, verifica-se a maior duração da vogal tônica [a] da palavra prosódica [saPAto]_{PW}, sendo este alongamento considerado como uma pista da realização da fronteira direita de um IP não final de enunciado fonológico, mesmo que tal fronteira não seja também marcada pela presença da pausa (pista que está descrita na formação do domínio de IP (Cf. Capítulo 4).

Exemplo 5.17: “Sara disse: comprei luva, e sapato, calç(a)+ e chapéu”

[[[Sara] _ω] _φ	[[Disse] _ω] _l	[[[comPREI] _ω] _φ	[[LUva] _ω] _l
H*	H* L%	H*	L+H* H%

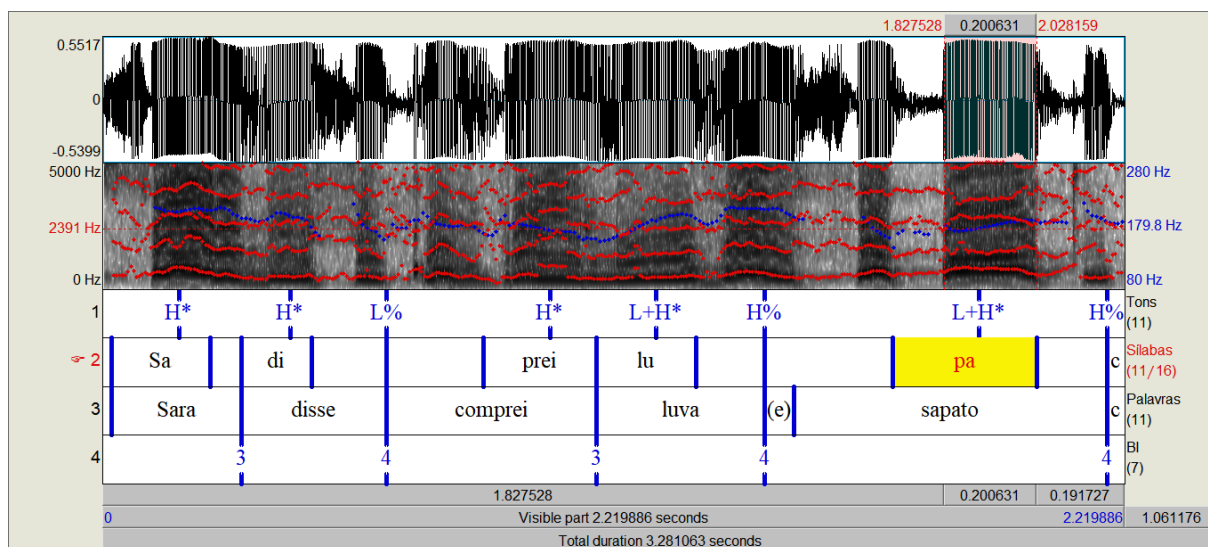
[[[e saPAto] _ω] _l	[[[CALça] _ω] _φ	[[[e chaPÉU] _ω] _l] _u
L+H* H%	H*	H+L* L%

Figura 5.27: Duração e formantes da vogal [a] que ocupa a posição de núcleo da sílaba tônica da palavra prosódica [Sara]_{PW}, cuja fronteira do domínio prosódico mais alto é a fronteira de PhP.



Fonte: Elaboração própria.

Figura 5.28: Duração e formantes da vogal [a] que ocupa a posição de núcleo da sílaba tônica da palavra prosódica [saPAto]_{PW}, cuja fronteira do domínio prosódico mais alto é IP.



Fonte: Elaboração própria.

Já o contorno nuclear de IP final de U encontrado para as sentenças enumerativas curtas de listagem fechada é majoritariamente descendente, apresentando em especial a configuração H+L* L%. Entretanto, o contorno nuclear baixo L* L% foi encontrado em um terço das sentenças. Tais configurações de contorno nuclear de U também foram as mais produtivas para as enumerativas curtas de lista aberta. A distribuição das configurações encontradas por informante é apresentada na Tabela 5.41.

Tabela 5.41: Configurações do contorno nuclear de IP final das sentenças declarativas enumerativas curtas e de lista fechada do PGB (*Story Telling*).

Configuração de contornos nucleares de IPs finais de U	H* L%	H*+L L%	H+L* L%	L* L%	Total por informante
JSJ	0	0	3	0	3
HGS	1	0	1	1	3
LAC	0	1	2	0	3
RAS	0	0	1	2	3
JAM	1	0	0	2	3
Total por configuração de contorno nuclear	2 (13,3%)	1 (6,7%)	7 (46,7%)	5 (33,3%)	15 (100%)

Por fim, as sentenças enumerativas longas de listagem fechada, recolhidas através da DCT, foram produzidas por quatro informantes. Juntas, tais sentenças contabilizaram 12 tokens, reunindo 144 itens enumerados (JSJ: 36; HGS: 36; LAC: 36; RAS: 36). Após a análise entoacional, verificamos que o fraseamento prosódico dessas sentenças resultou em 129 IPs não finais (JSJ: 33; HGS: 30; LAC: 33; RAS: 33), visto que três itens da enumeração produzida por HGS não constituíram IPs independentes. Sendo assim, nos dados de HGS, dois sintagmas

entoacionais das enumerativas longas de listagem fechada do PGB são constituídos por mais do que um PhP, sendo um deles por dois PhPs e outro por três.

A ocorrência das pistas da fronteira de IP não final de U é apresentada na Tabela 5.42. Para esse tipo de sentença, a principal pista encontrada para indicar a fronteira de IP não final de U foi o alongamento da sílaba tônica (127/129). Além dela, o alongamento da sílaba postônica também foi encontrado (64/129). A pausa, por sua vez, foi encontrada na fronteira direita de 48 dos 129 IPs não finais de U.

Tabela 5.42: Pistas de fronteira de IP não final de U das sentenças enumerativas longas e de lista fechada do PGB.

Pistas de fronteira de IP não final por informante	Pausa	Alongamento Sílaba tônica	Alongamento Sílaba postônica	Contorno ascendente	Contorno Platô	Pitch reset
JSJ	4	30	15	2	17	18
HGS	7	31	2	10	14	21
LAC	30	33	29	29	4	2
RAS	7	33	18	10	11	18
JAM	-	-	-	-	-	-
Total de ocorrência das pistas	48/129 (37,2%)	127/129 (98,4%)	64/129 (49,6%)	51/129 (39,5%)	46/129 (35,7%)	59/129 (45,7%)

As configurações encontradas para os contornos nucleares de IPs não finais de U, por sua vez, são apresentadas na Tabela 5.43. De maneira geral, a configuração mais encontrada foi L*+H H%, assim como nas sentenças enumerativas curtas de listagem aberta e fechada. Entretanto, também foram encontrados contorno ascendentes-descendentes para 24,0% dos IPs não finais de U.

Tabela 5.43: Configurações do contorno nuclear de IP não final de U das sentenças enumerativas longas e de lista fechada do PGB.

Tipo de contorno nuclear não final	JSJ	HGS	LAC	RAS	JAM	Total por tipo de contorno nuclear não final
L*+H H%	19	15	14	14	--	67 (51,9%)
L+H* H%	1	7	5	5	--	13 (10,1%)
L* LH%	0	0	4	4	--	18 (14,0%)
L*+H HL%	9	5	0	0	--	14 (10,9%)
L*+H L%	4	0	6	6	--	10 (7,8%)
L+H* L%	0	0	3	3	--	3 (2,3%)
L+H* HL%	0	2	1	1	--	3 (2,3%)
H+L* L%	0	1	0	0	--	1 (0,8%)
Total por informante	33	30	33	33	--	129 (100%)

Se agruparmos os contornos de acordo com o movimento melódico e analisarmos a presença da pausa como pista da fronteira de IP não final de U, verificamos que a descendência presente nos contornos nucleares ascendentes-descendentes pode ser resultado da ausência da pausa, ou seja, a descendência parece ser apenas um movimento do contorno entoacional necessário para a realização do acento tonal seguinte, não tendo um comportamento fonológico. Parece, assim, ser uma forma de marcar a fronteira de IP não final de U quando a pausa não é realizada entre os itens da lista, embora o contorno ascendente seja também encontrado para os IPs não finais cuja fronteira não seja seguida de pausa. O agrupamento das configurações de contorno nuclear de IP não final de acordo com o movimento melódico e a relação com a presença de pausa na fronteira de IP não final de U é apresentada na Tabela 5.44.

Tabela 5.44: Agrupamento dos contornos nucleares de IPs não finais de U das sentenças enumerativas longas e de lista fechada do PGB em relação à presença de pausa na fronteira.

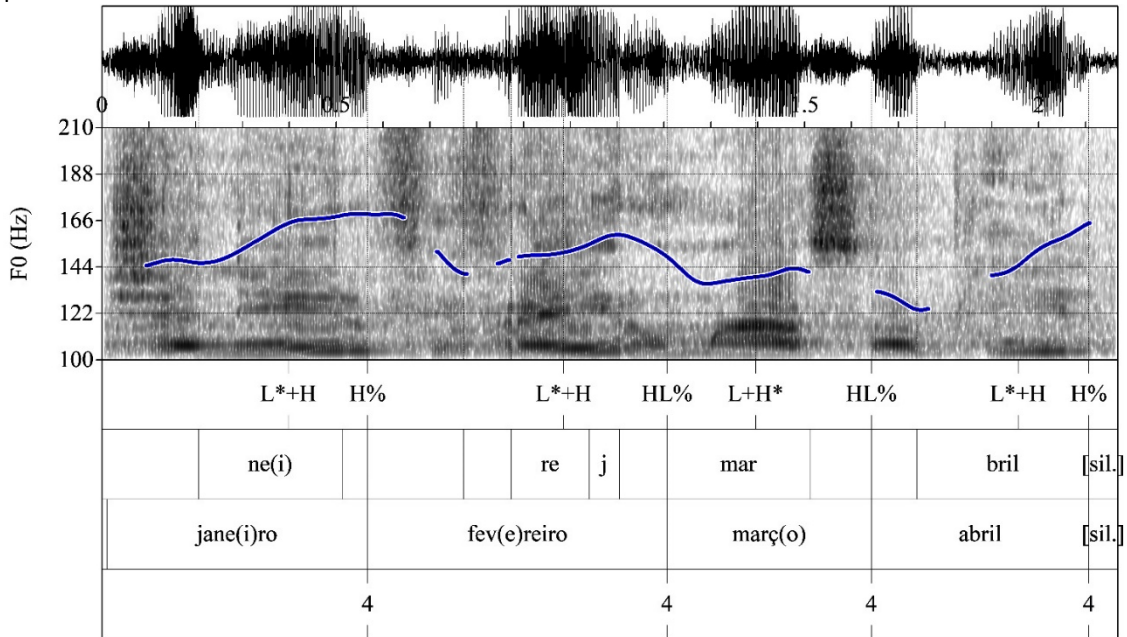
Movimento melódico dos contornos nucleares de IPs não finais de U	Com pausa na fronteira direita de IP	Sem pausa na fronteira direita de IP	Total de contornos nucleares de IPs não finais de U por movimento melódico
Ascendente	46	51	97
Ascendente-descendente	1	30	31
Descendente	1	0	1
Total	48	81	129

Além disso, a duração encontrada para a sílaba tônica da PW cabeça de IP não final que também apresenta a pausa como uma das pistas de sua fronteira foi maior do que a duração encontrada nas sílabas tônicas de PWs cabeça de IP que não tinham a pausa como uma das pistas de sua fronteira direita. Dessa forma, o contorno nuclear de IP não final de U parece ser fonologicamente ascendente, podendo ser realizado como ascendente-descendente quando a pista da pausa não está presente, sendo a descendência a contraparte necessária para a realização da porção baixa do acento nuclear ascendente do IP seguinte. Esse movimento pode ser visto no Exemplo 5.18, em que vemos, na Figura 5.30, a configuração ascendente-descendente para o contorno do IP não final de U $[[[JUnho]_{\omega}]_{\phi}]_i$, que não é seguido de pausa e, portanto, não pode contar com esta pista para a marcação de sua fronteira direita, e a configuração ascendente do contorno de IP não final de U $[[[Julho]_{\omega}]_{\phi}]_i$, cuja fronteira é seguida por uma pausa, indicando mais uma pista para a fronteira desse constituinte prosódico.

Exemplo 5.18: “jane(i)ro, fev(e)reiro, març(o), abril... mai(o)... junho, julho... agosto, setembro, outubro, novembro... dezembro”

[[[jaNE(l)ro]ω]φ]i	[[[fev(e)REIro]ω]φ]i	[[[MARç(o)]ω]φ]i	[[[aBRIL]ω]φ]i
L*+H H%	L*+H HL%	L+H* HL%	L*+H H%

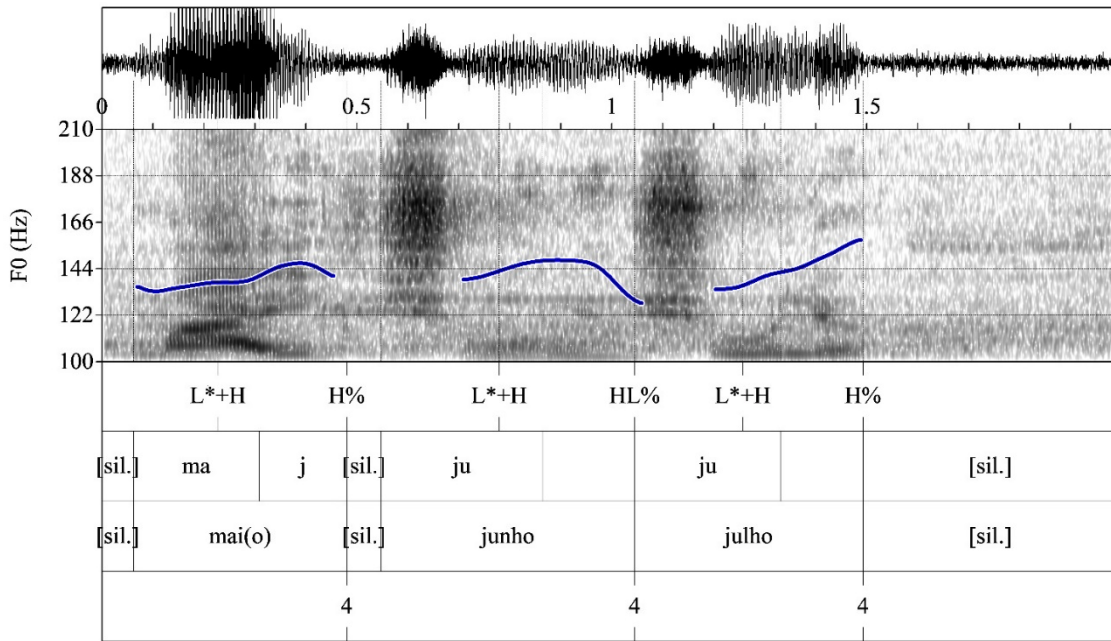
Figura 5.29: Sentença de enumeração longa e listagem fechada “jane(i)ro, fev(e)reiro, març(o), abril...” produzida por HGS na tarefa DCT.



Fonte: Elaboração própria.

[[[MAi(o)]ω]φ]i	[[[JUnho]ω]φ]i	[[[JUlho]ω]φ]i
L*+H H%	L*+H HL%	L*+H H%

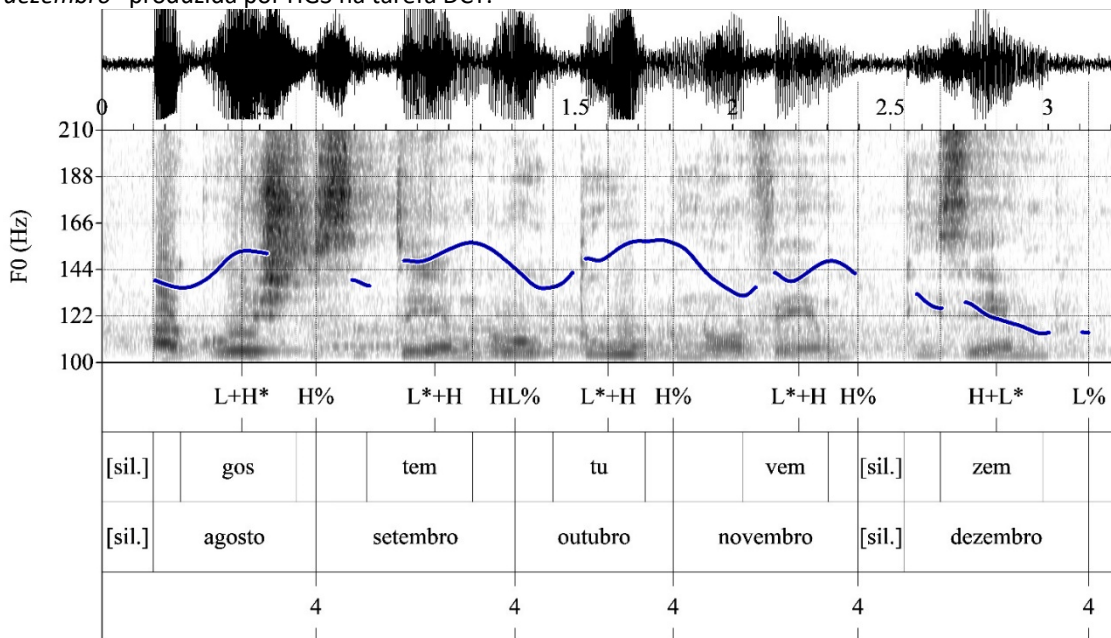
Figura 5.30: Sentença de enumeração longa e listagem fechada “mai(o)... junho, julho ...” produzida por HGS na tarefa DCT.



Fonte: Elaboração própria.

[[[aGOSto]o]φ]i	[[[seTEMBro]o]φ]i	[[[ouTUbro]o]φ]i	[[[noVEMBro]o]φ]i	[[[deZEMBro]o]φ]i]u					
L+H*	H%	L*+H	HL%	L*+H	H%	L*+H	H%	H+L*	L%

Figura 5.31: Sentença de enumeração longa e listagem fechada “agosto, setembro, outubro, novembro... dezembro” produzida por HGS na tarefa DCT.



Fonte: Elaboração própria.

Já o contorno nuclear do IP final de U das enumerativas longas de listagem fechada do PGB, assim como as enumerativas curtas, de listagem aberta e fechada, apresenta majoritariamente a configuração descendente H+L* L%. Entretanto, assim como nas outras

sentenças declarativas, também encontramos o contorno nuclear baixo L* L% para o IP final de U, mas em menor proporção. A distribuição das configurações encontradas para o contorno nuclear de U das enumerativas longas e de listagem fechada do PGB por informante é apresentado na Tabela 5.45.

Tabela 5.45: Configurações do contorno nuclear de IP final de U das sentenças enumerativas longas e de lista fechada do PGB.

Configuração de contornos nucleares de IPs finais de U	H+L* L%	L* L%	Total por informante
JSJ	2	1	3
HGS	3	0	3
LAC	3	0	3
RAS	1	2	3
JAM	--	--	--
Total por configuração de contorno nuclear	9 (75,0%%)	3 (25,0%%)	12 (100%)

Dessa forma, os resultados encontrados para as declarativas enumerativas do PGB seguem um padrão semelhante: cada um dos itens enumerados forma majoritariamente um IP independente, apresentando o contorno nuclear ascendente, a pausa e o alongamento da sílaba tônica da PW cabeça de IP não final de U como as principais pistas da fronteira deste constituinte prosódico, sendo a configuração L*+H H% a mais recorrente para o contorno nuclear ascendente desses IPs não finais de U. O contorno nuclear de IP final de U, por sua vez, é majoritariamente descendente, de configuração H+L* L%.

5.2.3 Sentenças interrogativas totais neutras do PGB

O conjunto de dados analisado foi formado através de três tarefas: leitura, DCT e Story Telling (cf. Capítulo 3 para descrição das tarefas), sendo as tarefas de leitura e DCT realizadas por quatro informantes (JSJ, HGS, LAC e RAS) e a tarefa *Story Telling* realizada pelos cinco informantes (JSJ, HGS, LAC, RAS e JAM).

Nossos dados da tarefa de leitura são resultantes da gravação de 120 sentenças (10 sentenças x 4 participantes x 3 repetições), tendo sido excluídas desse total as produções que apresentaram truncamentos resultantes de correções feitas pelo falante, por não refletirem o tipo frásico elicitado. Assim, nossos resultados dessa tarefa correspondem à análise de 111 sentenças de fala controlada, sendo 26 sentenças produzidas por JSJ, 30 por LAC, 25 por RAS e 30 realizadas por HGS. Já os dados da DCT correspondem às produções, de forma

randomizada, de três repetições de duas sentenças, totalizando 24 enunciados (2 sentenças x 4 participantes x 3 repetições). Os dados coletados através da tarefa *Story Telling*, por sua vez, somam 14 sentenças (JSJ: 3; HGS: 3; LAC: 2; RAS: 3; JAM: 3).

Os resultados encontrados para as sentenças de fala semiespontânea permitem corroborar características desse tipo frásico do PGB encontrados nos dados de leitura no que tange à configuração do contorno nuclear, dos acentos tonais pré-nucleares e quanto à densidade tonal, visto que as sentenças coletadas através do *Story Telling* são constituídas por cinco palavras prosódicas.

Ao analisarmos o contorno entoacional como um todo, percebe-se que as sentenças interrogativas totais neutras do PGB apresentam um acento tonal ascendente logo no início do contorno, um vale um pouco abaixo da porção alta do acento tonal da primeira PW, e um pico no final da sentença. De maneira geral, a associação do ponto mais alto da curva entoacional à primeira PW das sentenças interrogativas totais neutras apareceu em 77,5% (86/111) das sentenças coletadas através da tarefa de leitura. Em 14,4% (16/111) dos dados dessa tarefa encontramos picos de F_0 com *pitch range* com o mesmo valor tanto na primeira quanto na última PW dos enunciados, estando o pico do contorno entoacional associado à última PW em 8,1% (9/111) das sentenças interrogativas totais neutras dos dados analisados. Entretanto, verificou-se que, para os casos em que o ponto mais alto de F_0 aparece associado à última PW, a altura desse acento tonal nuclear aproxima-se da altura do acento tonal da primeira PW, de modo que tanto a primeira quanto a última PW aparecem ligadas aos pontos mais altos da curva de F_0 , embora o tom alto do contorno nuclear apresente um maior *pitch range*. Ou seja: mesmo nos casos em que o tom alto associado à primeira PW seja o ponto mais alto do contorno entoacional, o tom alto associado à última PW do sintagma entoacional é o segundo ponto de F_0 mais alto do contorno entoacional.

Nos dados coletados através do *Story telling* também encontramos o mesmo padrão: 10 dos 14 (10/14) enunciados apresentaram o tom H da primeira PW como o ponto mais alto do contorno entoacional. Em dois enunciados o pico apareceu associado tanto à primeira quanto à última PW (2/14) (um enunciado produzido por JSJ e outro por JAM) e, em outros dois, associado unicamente à última PW (2/14).

Embora os casos em que o pico do contorno entoacional tenha sido encontrado associado unicamente à última PW (produzidos por JAM) pareçam um esforço da informante que destoa do restante da amostra — visto que o ponto mais alto do *pitch* chega a 500 Hz,

uma subida pouco natural, já que foi encontrada unicamente para essas duas produções — as interrogativas totais neutras do *Story telling* também apresentaram em seu contorno nuclear um tom alto, que também correspondeu a um pico do contorno entoacional, tal qual nos dados de leitura.

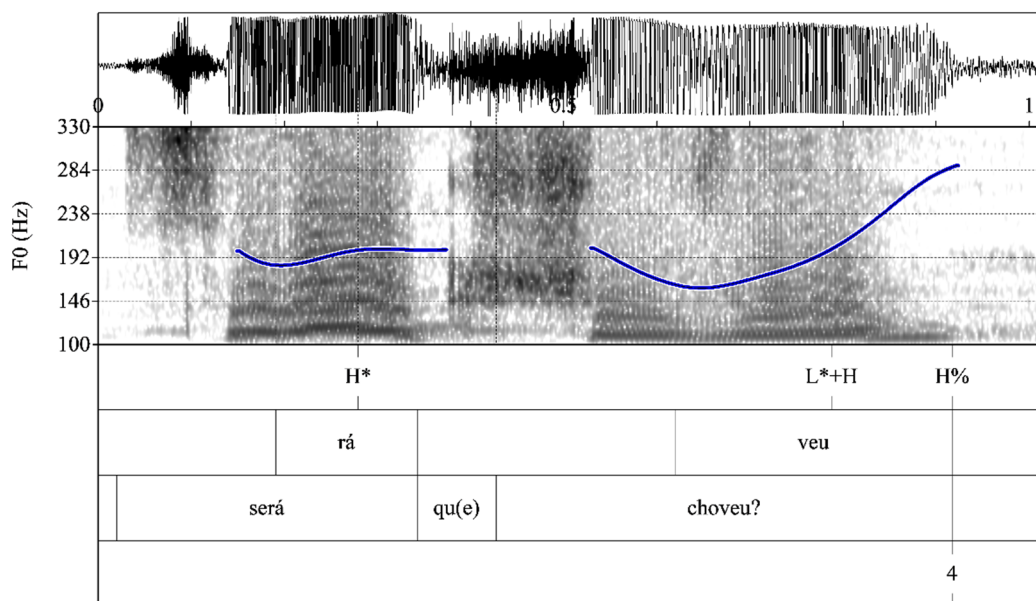
Os resultados obtidos através da DCT, por sua vez, apontam a ocorrência do pico de F_0 associado à última PW em 10 das 24 sentenças (10/24), enquanto o pico associado à primeira PW apareceu em nove dos 24 enunciados (9/24). Os enunciados produzidos através da DCT são curtos, apresentando de duas a três PWs.

Tendo em vista que o tamanho do enunciado pode impactar na altura encontrada para o primeiro tom H do contorno entoacional, sendo os tons H iniciais mais altos em enunciados com um maior comprimento em número de sílabas (PRIETO *et al.*, 2006), podemos considerar que o fato de encontrarmos o primeiro acento tonal H como sendo o ponto mais alto nas interrogativas tonais neutras do PGB pode ser resultado de um efeito fonético. Entretanto, o tom alto associado ao contorno nuclear, ao ser encontrado como o segundo ponto mais alto do contorno, ou mesmo apresentar a mesma altura do tom H encontrado no início do contorno, demonstra um comportamento fonológico desse tipo frásico, em que o contorno nuclear apresenta um acento tonal que caracteriza um pico no contorno entoacional, seguido por uma descendência suave, se houver cadeia segmental que possibilite sua realização (Cf. Exemplo 20 e Figura 5.33), ou uma descendência que pode ser mais abrupta, nos casos em que a PW nuclear apresente apenas uma sílaba postônica, ou o até mesmo o truncamento tonal, no caso da PW cabeça de U apresentar sua proeminência na última sílaba (padrão oxítono), não havendo uma cadeia segmental para a realização da descida do contorno entoacional e a manifestação do tom de fronteira baixo, como ilustrado através do Exemplo 5.19 e da Figura 5.32. Entretanto, o truncamento tonal não ocorre de forma generalizada, sendo também possível a realização do alongamento dos segmentos vocálicos para a acomodação tonal (Cf. Exemplo 21 e Figura 5.34).

Exemplo 5.19:	“Será que choveu?”
----------------------	---------------------------

[[[[[seRÁ] _ω] _φ	[que choVEU] _ω] _φ] _υ
H*	L*+H L%

Figura 5.32: Sentença interrogativa total neutra de PGB “Será que choveu?”, produzidas por LAC na tarefa DCT.



Fonte: Elaboração própria.

O contorno nuclear das sentenças interrogativas totais apresentou majoritariamente uma configuração ascendente-descendente nos dados coletados através das três tarefas. Nas sentenças produzidas através da tarefa de leitura os contornos nucleares, anotados inicialmente como H* L% e L+H* L% apareciam em concorrência (variavam nas repetições da mesma sentença nas produções dos 4 informantes), assim como nos dados de fala semiespontânea (recolhidos via *Story Telling* e DCT).

Sendo assim, assumimos que ambos são variantes fonéticas de um contorno nuclear comum, que representaremos fonologicamente como (L+)H* L%, assim como Frota *et al.* (2015b). Dessa forma, a configuração (L+)H* L% é a que melhor descreve o contorno nuclear das interrogativas totais neutras do PGB. As Tabelas 5.46, 5.47 e 5.48 trazem, respectivamente, a distribuição das configurações dos contornos nucleares encontrados para as sentenças interrogativas totais do PGB nas três tarefas (leitura, DCT e *Story Telling*).

Tabela 5.46: Configurações de contorno nuclear das sentenças interrogativas totais neutras do PGB nos dados da tarefa de leitura por informante.

Configuração do contorno nuclear	(L+)H* L%	L*+H L%	H+L* L%	L* L%	L*+H H%	(L+)H* H%	Total por informante
JSJ	26	0	0	0	0	0	26
HGS	26	3	0	1	0	0	30
LAC	28	0	1	0	1	0	30

RAS	19	0	0	0	2	4	25
Total por tipo de contorno nuclear	99 (89,2%)	3 (2,7%)	1 (0,9%)	1 (0,9%)	3 (2,7%)	4 (3,6%)	111 (100%)

Tabela 5.47: Configurações de contorno nuclear das sentenças interrogativas totais neutras do PGB elicitadas através da DCT por informante.

Configuração do contorno nuclear	(L+)H* L%	L*+H L%	L* L%	L*+H H%	(L+)H* H%	Total por informante
JSJ	5	1	0	0	0	6
HGS	2	0	0	3	1	6
LAC	3	0	0	3	0	6
RAS	3	0	2	1	0	6
Total por tipo de contorno nuclear	13 (54,2%)	1 (4,2%)	2 (8,3%)	7 (29,2%)	1 (4,2%)	24 (100%)

Tabela 5.48: Configurações de contorno nuclear das sentenças interrogativas totais neutras do PGB elicitadas através do *Story Telling* por informante.

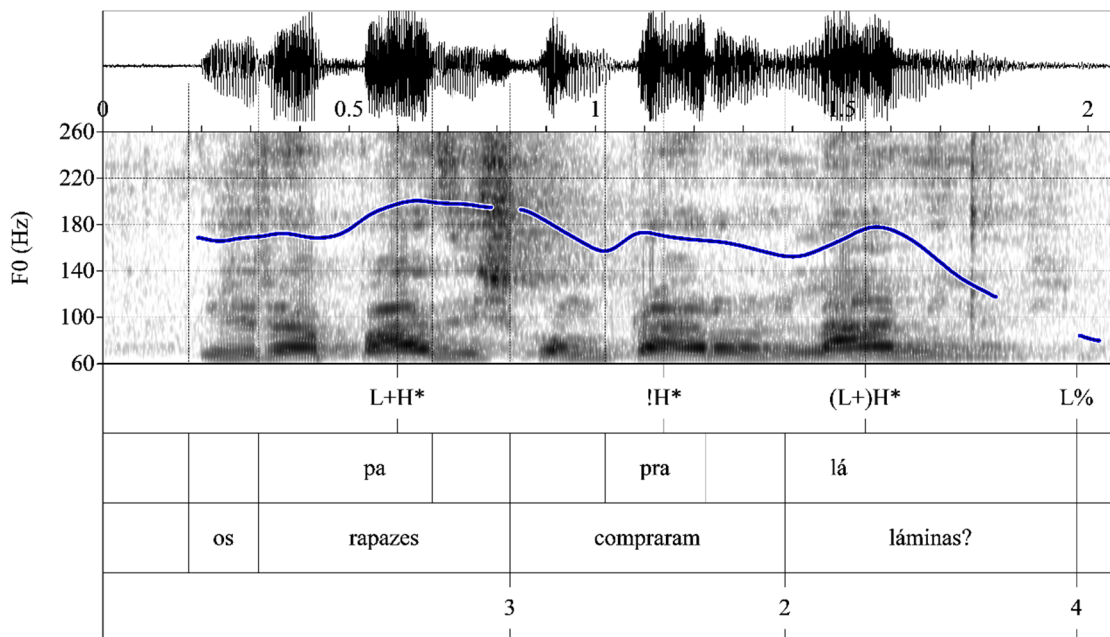
Configuração do contorno nuclear	(L+)H* L%	L* L%	(L+)H* H%	Total por informante
JSJ	3	0	0	3
HGS	3	0	0	3
LAC	2	0	0	2
RAS	0	2	1	3
JAM	0	0	3	3
Total por tipo de contorno nuclear	8 (57,1%)	2 (14,3%)	4 (28,6%)	14 (100%)

Os resultados das análises das três tarefas mostram a predominância do contorno ascendente-descendente, anotado como (L+)H* L%. Entretanto, nos resultados da DCT, o contorno ascendente (seja da configuração L*+H H% ou (L+)H* H%) apareceu de maneira expressiva (somados, os contornos ascendentes somam 33,4%). Entretanto, observou-se que nas sentenças interrogativas totais dessa tarefa que apresentaram esse tipo de contorno nuclear as PWs nucleares de U apresentaram um padrão acentual oxítono ('aqui' e 'choveu'), podendo o padrão ascendente se tratar, na realidade, de casos de truncamento tonal, visto que para os mesmos informantes foram encontradas produções da mesma sentença com um contorno nuclear descendente. Ademais, nos dados de leitura, em que dispúnhamos de um volume maior de sentenças, a ocorrência do contorno nuclear ascendente foi minoritária. O Exemplo 5.20 e a Figura 5.33, coletados através da tarefa de leitura, ilustram o contorno nuclear ascendente-descendente (L+)H* L%.

Exemplo 5.20: “Os rapazes compraram lâminas?”

[[[[os raPAzes] _ω] _φ]	[comPRArAm] _ω	[LÂminas] _ω] _φ] _l] _u
L+H*	H*	(L+)H* L%

Figura 5.33: Sentença interrogativa total neutra de PGB “Os rapazes compraram lâminas?”, produzidas por HGS em tarefa de leitura.



Fonte: Elaboração própria.

Com relação à configuração do contorno pré-nuclear, nos dados de leitura foram encontrados majoritariamente acentos tonais altos H* (33,7%) e !H* (27,0%) e ascendentes L*+H (13,5%) e L+H* (14,7%), que somaram 88,9% dos acentos tonais pré-nucleares. Os contornos descendentes H+L* (2,8%) e H*+L (0,8%) e baixo L* (7,5%) também foram encontrados, mas em menor proporção. A distribuição das configurações dos acentos tonais pré-nucleares encontrados nas sentenças interrogativas totais neutras do PGB é apresentada na Tabela 5.49.

Tabela 5.49: Configurações dos acentos tonais (T*) pré-nucleares das sentenças interrogativas totais neutras do PGB nos dados da tarefa de leitura por informante.

Configuração do T*	H*	!H*	L*+H	L+H*	H+L*	H*+L	L*	Total por informante
JSJ	30	7	0	4	5	1	13	60
HGS	20	25	10	14	0	0	3	72
LAC	27	17	13	10	0	0	2	69

RAS	8	19	11	9	2	1	1	51
JAM	-	-	-	-	-	-	-	-
Total por tipo de T*	85 (33,7%)	68 (27,0%)	34 (13,5%)	37 (14,7%)	7 (2,8%)	2 (0,8%)	19 (7,5%)	252 (100%)

Ao analisarmos a Tabela 5.49 é possível depreender que há um alto índice de associação do acento tonal H*, sendo acentos tonais altos H* e !H* os mais encontrados em PWs pré-nucleares do interior do enunciado. Entretanto, verificamos que as configurações ascendentes L+H* e L*+H apareceram só para o acento tonal associado à primeira PW das sentenças interrogativas totais, com exceção de uma única ocorrência do acento L+H*, em que esse tipo de acento tonal ascendente foi encontrado associado à uma PW cabeça de PhP não final de U que não estava na fronteira esquerda do enunciado fonológico. As configurações encontradas para os acentos tonais associados à primeira PW, ou seja, na fronteira esquerda de U, são apresentados na Tabela 5.50, e o comportamento entoacional encontrado para as sentenças interrogativas totais neutras dos dados de leitura é ilustrado através do Exemplo 5.21, juntamente com a Figura 5.34.

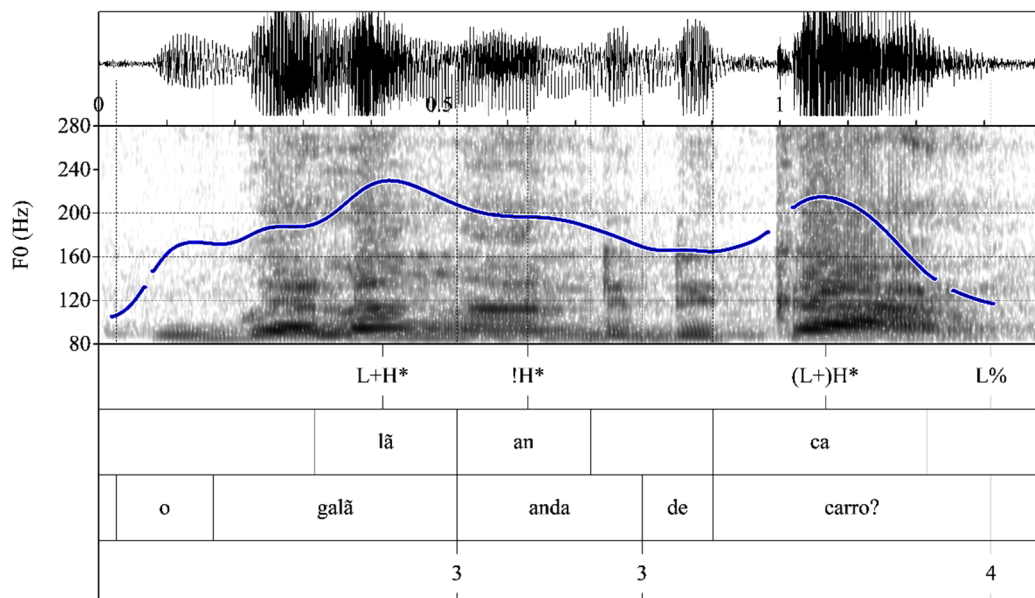
Tabela 5.50: Configurações dos acentos tonais (T*) pré-nucleares associados à primeira PW de U das sentenças interrogativas totais neutras do PGB nos dados da tarefa de leitura por informante.

Configuração do T*	H*	L*+H	L+H*	Total por informante
JSJ	21	0	2	23
HGS	5	10	14	29
LAC	4	13	10	27
RAS	5	11	9	25
JAM	-	-	-	-
Total por tipo de T*	35 (33,7%)	34 (32,6%)	35 (33,7%)	104 (100%)

Exemplo 5.21: “O galã anda de carro?”

[[[o gaLã]ω]φ]	[ANda]ω	[de CARro]ω]φ],]u
L+H*	!H*	(L+)H* L%

Figura 5.34: Sentença interrogativa total neutra de PGB “O galã anda de carro?”, produzidas por HGS em tarefa de leitura.



Fonte: Elaboração própria.

O mesmo padrão foi encontrado quando observamos as configurações dos acentos tonais pré-nucleares das sentenças interrogativas globais neutras do PGB elicitadas através da DCT e do *Story Telling*: os acentos encontrados são majoritariamente altos e ascendentes, estando os ascendentes associados majoritariamente à PW na fronteira esquerda de U. Na Tabela 5.51 é apresentada a distribuição de acentos pré-nucleares encontrados nos dados da DCT e, na Tabela 5.52, as configurações encontradas para o acento tonal associado à primeira PW das sentenças interrogativas totais neutras do PGB obtidas através dessa mesma tarefa.

Tabela 5.51: Configurações dos acentos tonais (T*) pré-nucleares das sentenças interrogativas totais neutras do PGB nos dados da DCT por informante.

Configuração do T*	H*	L*+H	L+H*	L*	Total por informante
JSJ	1	0	0	5	6
HGS	5	1	1	3	10
LAC	5	0	2	0	7
RAS	4	1	1	3	9
JAM	-	-	-	-	-
Total por tipo de T*	15 (46,9%)	2 (6,2%)	4 (12,5%)	11 (34,4%)	32 (100%)

Tabela 5.52: Configurações dos acentos tonais (T*) pré-nucleares associados à primeira PW de U das sentenças interrogativas totais neutras do PGB nos dados da DCT por informante.

Configuração do T*	H*	L*+H	L+H*	L*	Total por informante
JSJ	1	0	0	5	6
HGS	4	0	2	0	6
LAC	4	0	2	0	6
RAS	4	1	1	0	6
JAM	-	-	-	-	-
Total por tipo de T*	13 (54,2%)	1 (4,2%)	5 (20,8%)	5 (20,8%)	24 (100%)

Vê-se, através das Tabela 5.51 e Tabela 5.52, que o acento ascendente L+H*, cuja associação à sílaba tônica da PW se dá na porção alta do acento tonal, apareceu unicamente associado à primeira PW da sentença interrogativa. Da mesma forma, grande parte dos acentos tonais altos (H*) encontrados no contorno pré-nuclear também aparece associado à primeira PW da sentença (13/16). A exceção foi encontrada nas sentenças produzidas pelo informante JSJ, cujas sentenças apresentaram um acento tonal baixo L* associado à primeira PW. Os dados deste informante que apresentaram esse tipo de comportamento entoacional apresentavam apenas duas PWs. Na sentença em que o informante produziu três PWs encontramos o acento tonal H* associado à primeira PW, à qual se seguia uma PW sem associação de acento tonal e, à PW cabeça de IP final, encontramos o acento nuclear L+H*, formando, com o tom de fronteira L%, o contorno nuclear ascendente-descendente L+H* L%. Dessa forma, a realização de um acento tonal baixo no início da sentença curta (formada por apenas 2 PWs) parece ser a estratégia encontrada por esse informante para produzir o contorno entoacional que possa caracterizá-la, em sua produção, como uma sentença interrogativa global neutra do PGB: a realização do pico do contorno entoacional no contorno nuclear, uma das características desse tipo frásico nesta variedade de português.

De qualquer forma, observando os acentos tonais pré-nucleares das interrogativas globais elicitadas através do *Story Telling*, pode-se ver que de fato os acentos tonais ascendentes são majoritariamente encontrados associados à primeira PW das sentenças desse tipo frásico, sendo poucas as ocorrências em que aparecem associados a PWs internas do enunciado. Como as sentenças elicitadas nesta tarefa apresentaram entre quatro e cinco PWs, foi possível verificar também nesses dados de fala semiespontânea a presença de um pico no início do contorno entoacional e um no contorno nuclear, tal como foi verificado nos dados de leitura. Apresentamos, na Tabela 5.53, as configurações encontradas para os acentos tonais pré-nucleares das interrogativas globais neutras do PGB encontradas nos

dados do *Story Telling*, e, na Tabela 5.54, as configurações encontradas para os acentos tonais associados à primeira PW desses enunciados.

Tabela 5.53: Configurações dos acentos tonais (T*) pré-nucleares das sentenças interrogativas totais neutras do PGB nos dados do *Story Telling* por informante.

Configuração do T*	H*	!H*	L+H*	H+L*	L*	Total por informante
JSJ	3	0	0	1	3	7
HGS	0	4	4	0	0	8
LAC	0	0	2	0	0	2
RAS	2	0	3	0	2	7
JAM	1	1	3	0	2	7
Total por tipo de T*	6 (19,4%)	5 (16,1%)	12 (38,7%)	1 (3,2%)	7 (22,6%)	31 (100%)

Tabela 5.54: Configurações dos acentos tonais (T*) pré-nucleares associados à primeira PW de U das sentenças interrogativas totais neutras do PGB nos dados do *Story Telling* por informante.

Configuração do T*	H*	L+H*	Total por informante
JSJ	3	0	3
HGS	0	3	3
LAC	0	2	2
RAS	0	3	3
JAM	0	3	3
Total por tipo de T*	3 (21,4%)	11 (78,6%)	14 (100%)

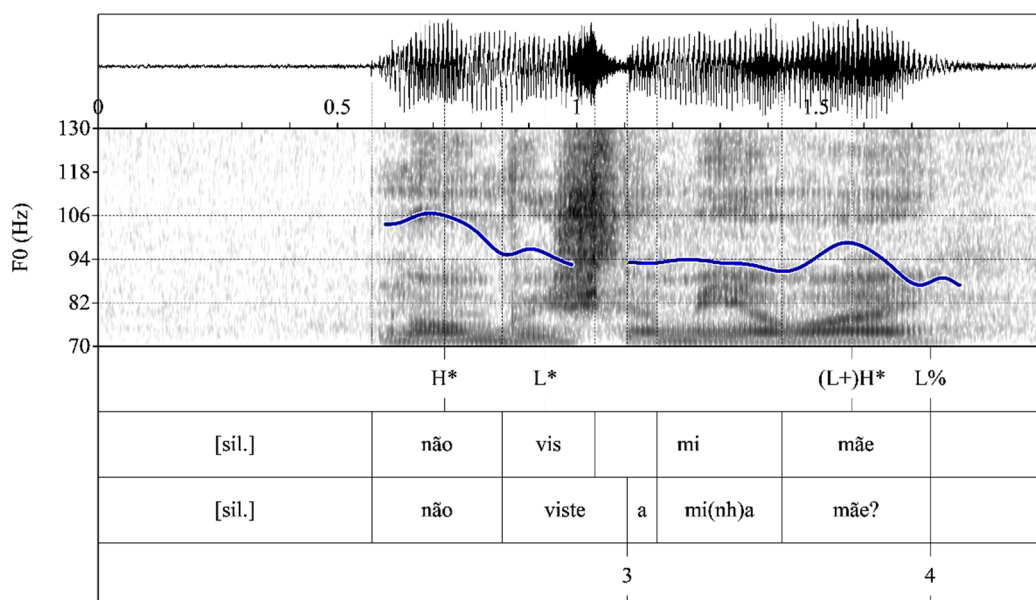
Ao analisar as Tabelas 5.53 e 5.54 observa-se que, assim como nas tarefas anteriores, na tarefa *Story Telling*, as PWs que se encontram na fronteira esquerda de U apresentam um tom alto associado à sua sílaba tônica, seja ele a porção alta de um acento tonal ascendente complexo, como L+H*, seja esse acento de fato um acento tonal alto H*, como nos dados produzidos por JSJ. Nesta tarefa, as sentenças produzidas pelos informantes são constituídas por mais PWs do que as elicitadas através da DCT, de modo que é possível observar nesses dados que os acentos tonais associados à PW na fronteira esquerda de U formam um pico no contorno entoacional para além daquele que aparece no contorno nuclear. Também verificamos dois picos ao longo do contorno entoacional nas sentenças produzidas por JSJ que foram elicitadas através do *Story Telling*, sendo o primeiro pico localizado na porção do contorno entoacional associado à primeira PW da sentença, como pode ser visto no Exemplo 5.22, junto com a Figura 5.35. As sentenças produzidas por esse informante na tarefa DCT

apresentavam apenas um pico no contorno entoacional, no contorno nuclear. Entretanto, nesses dados do DCT, as sentenças eram constituídas unicamente por duas PWs.

Exemplo 5.22: “Não viste a minha mãe?”

[[[NÃO] _o] _φ]	[Viste] _o] _φ	[[a Minha] _o]	[MÃE] _o] _φ] _U
H*	L*		(L+)H* L%

Figura 5.35: Sentença interrogativa total neutra de PGB “Não viste a minha mãe?”, produzida por JSJ na tarefa *Story Telling*.



Fonte: Elaboração própria.

Para a análise da densidade tonal das sentenças interrogativas totais neutras do PGB, novamente, realizamos o cálculo separadamente para cada tipo de tarefa e, em seguida, verificamos se os resultados poderiam ser considerados representativos para o tipo frásico, e não só para determinado tipo de *corpus*.

Conforme descrito anteriormente, o valor da densidade tonal corresponde à taxa de distribuição de acentos tonais ao longo do contorno entoacional, excluindo-se as palavras prosódicas cabeça dos sintagmas entoacionais e seus acentos tonais nucleares, assim a primeira PW do sintagma entoacional e o seu acento tonal. Nas Tabelas 5.55, 5.56 e 5.57 apresentamos, respectivamente, os valores de densidade tonal encontrados para os dados de leitura, do DCT e do *Story Telling*.

Tabela 5.55: Densidade tonal encontrada para as sentenças interrogativas totais neutras do PGB na tarefa de leitura por informante.

Informantes	T* pré-nucleares	PW pré-nucleares	Densidade tonal
JSJ	43	37	86,0%
HGS	48	42	87,5%
LAC	46	38	82,6%
RAS	41	26	63,4%
JAM	-	-	-
Total	178	143	80,3%

Tabela 5.56: Densidade tonal encontrada para as sentenças interrogativas totais neutras do PGB na tarefa DCT por informante.

Informantes	T* pré-nucleares	PW pré-nucleares	Densidade tonal
JSJ	1	0	0%
HGS	1	1	100%
LAC	4	4	100%
RAS	4	4	100%
JAM	-	-	-
Total	10	9	90,0%

Tabela 5.57: Densidade tonal encontrada para as sentenças interrogativas totais neutras do PGB na tarefa *Story Telling* por informante.

Informantes	T* pré-nucleares	PW pré-nucleares	Densidade tonal
JSJ	4	5	80,0%
HGS	4	7	57,1%
LAC	0	6	0%
RAS	4	9	44,4%
JAM	4	9	44,4%
Total	16	36	44,4%

De maneira geral, encontramos uma alta densidade tonal para as sentenças interrogativas totais neutras nos dados de leitura e da DCT, conforme apontado nas Tabelas 5.55 e 5.56: na Tabela 5.55, que apresenta os resultados encontrados através da tarefa de leitura, vê-se uma alta densidade tonal tanto por informante quanto por valores gerais (com exceção de RAS): 80,3% na média dos informantes. A DCT (Tabela 5.56), da mesma forma, apresenta uma alta densidade tonal (com exceção de JSJ). Levando em consideração que as sentenças da DCT que foram consideradas apresentaram três PWs e que para a realização do cálculo excluímos a primeira PW e a PW nuclear, verifica-se que a PW interna da sentença apresenta um acento tonal associado a ela (com exceção de JSJ, em que não foi encontrado um acento tonal associado à PW interna do sintagma entoacional), o que nos levaria a

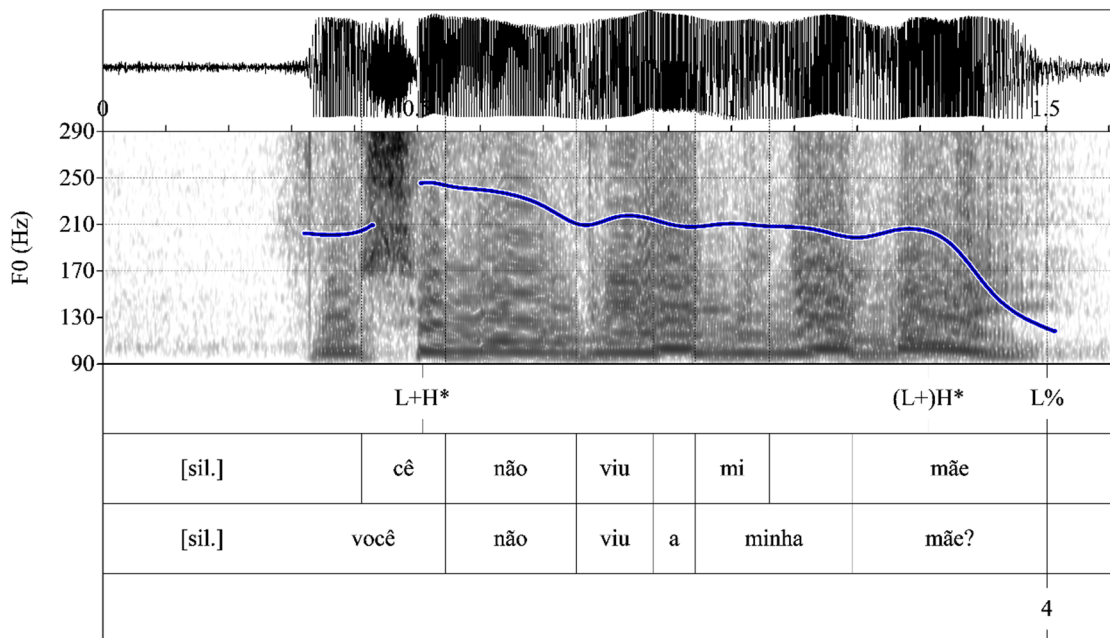
conjecturar que, nessa variedade de português, as sentenças interrogativas totais de fato apresentam movimentos na curva entoacional para além da melodia mínima.

Entretanto, a densidade tonal das sentenças desse tipo frásico elicitadas através do *Story Telling* (Tabela 5.57) apresentaram um densidade tonal em torno de 44,4%, sendo encontrado dois extremos: JSJ, cujas produções apresentaram uma alta densidade tonal (80%), e LAC, cujos dados apresentaram uma densidade tonal de 0%. Nas sentenças produzidas por esse informante nessa tarefa encontramos apenas um acento tonal alto, no início do contorno entoacional, ao qual se segue um platô até o movimento abrupto descendente do contorno nuclear. Esse comportamento prosódico é ilustrado no Exemplo 5.23, juntamente com Figura 5.36.

Exemplo 5.23: “Você não viu a minha minha mãe?”

[[[voCÊ]o]φ]	[[NÃO]o]	[VIU]o]φ]	[[a Minha]o]	[MÃE]o]φ]i]u]
L+H*				(L+)H* L%

Figura 5.36: Sentença interrogativa total neutra de PGB “*Não viste a minha mãe?*”, produzida por LAC na tarefa *Story Telling*.



Fonte: Elaboração própria.

Dessa forma, embora as sentenças interrogativas totais neutras do PGB apresentem, de forma geral, uma alta densidade tonal, podemos afirmar que não há uma obrigatoriedade de associação de acentos tonais às PWs cabeça de PhP.

5.2.4 Sentenças interrogativas parciais do PGB

Nossos dados de interrogativas parciais do PGB correspondem às produções de quatro informantes (JSJ: 6; HGS: 6; LAC:7; e RAS:7) elicitadas através da DCT, que somam 26 sentenças, e às produções dos cinco informantes (JSJ: 1; HGS: 3; LAC: 5; RAS: 4; e JAM:2) elicitadas através da tarefa *Story Telling*, que correspondem a 15 sentenças. Entretanto, como são poucas as produções desse tipo frásico e não podemos afirmar categoricamente determinados aspectos, buscamos apontar comportamentos gerais que essa variedade de português apresenta para as interrogativas parciais.

Os elementos QU- encontrados em nossos dados também não foram homogêneos: nos dados coletados através da DCT foram encontrados oito itens “que”, como em “Que horas são?”, dois itens “quantas”, como em “Quantas hora?” (ambas as sentenças resultado de uma elicitación que apresentava o mesmo contexto), e 16 itens “o que”, como em “O que ela contou?”. Já nos dados obtidos através do *Story Telling* encontramos 10 itens “onde”, quatro itens “cadê” e um item “o que”, sendo que as sentenças em que esses elementos foram produzidos foram elicitadas através do mesmo contexto.

De qualquer forma, os elementos QU- ocuparam a posição de primeira palavra prosódica da sentença em praticamente todos os 39 enunciados, com exceção de um, coletado através da tarefa *Story Telling*, em que a PW do elemento QU- é a segunda PW do enunciado fonológico. Mesmo nessa, a primeira PW da sentença, anterior ao elemento QU-, é o advérbio “mas”, ao qual se segue a PW [onde]_ω.

De maneira geral, o comportamento encontrado nas produções dos informantes nas duas tarefas consiste num pico do contorno entoacional associado à PW constituída pelo elemento QU-. Em seguida, o contorno entoacional da interrogativa parcial passa a ser descendente, com a associação de acentos tonais a algumas PWs, mas apresentando uma menor densidade tonal do que a encontrada para as sentenças declarativas neutras. Entretanto, encontramos oito sentenças em que o elemento QU- aparece sem a associação de um acento tonal. Nelas, o elemento QU- aparece como a primeira PW da sentença, em especial nas produções da sentença “Que horas são?” dos informantes HGS e RAS, na tarefa

DCT. Na Tabela 5.58 apresentamos as configurações dos acentos tonais associados às PWs formadas pelos elementos QU- e, na Tabela 5.59, a densidade tonal encontrada para esse tipo frásico do PGB nas duas tarefas.

Tabela 5.58: Configuração dos acentos tonais associados ao elemento QU- das sentenças interrogativas parciais do PGB por tarefa de elicitación.

Tarefa de elicitación	L+H*	H*	Total por tipo de tarefa de elicitación
DCT	7	11	18
<i>Story Telling</i>	12	3	15
Total tipo de acento tonal	19 (57,6%)	14 (42,4%)	33 (100%)

Tabela 5.59: Densidade tonal das sentenças interrogativas parciais do PGB por tarefa de elicitación.

Tarefa de elicitación	T*	PW	Densidade tonal
DCT	50	61	82,0%
<i>Story Telling</i>	38	49	77,6%
Total	88	110	80,0%

O pico do contorno entoacional das sentenças interrogativas parciais do PGB também foi evidenciado, nas duas tarefas, pela presença do acento frasal na fronteira do PhP em que o elemento QU- aparece inserido. A presença desse tipo de evento tonal não é categórica, embora seja produtiva. A presença dos acentos frasais de acordo com o acento tonal associado à PW QU- e ao tipo de tarefa é apresentado na Tabela 5.60 e ilustrado em Exemplo 5.24, junto à

Figura 5.37, com o acento tonal H* associado ao elemento QU-, e Exemplo 5.25, com a

Figura 5.38 em que o acento tonal L+H* aparece associado ao elemento QU-, que inicia a sentença.

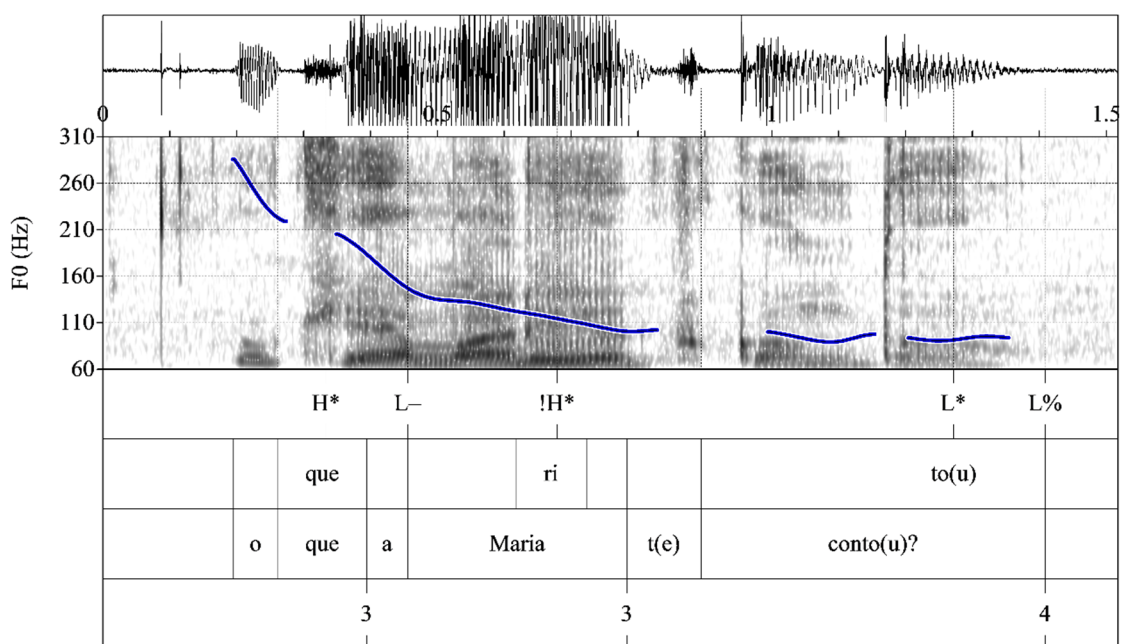
Tabela 5.60: Presença de acento frasal na fronteira de PhP formado pelo elemento QU- das sentenças interrogativas parciais do PGB por tarefa de elicitación.

Tarefa de elicitaco	L+H* L-	H* L-	Total por tipo de tarefa de elicitaco
DCT	6	2	8
<i>Story Telling</i>	5	2	7
Total tipo de acento tonal	11 (73,3%)	4 (26,7%)	15 (100%)

Exemplo 5.24: “O que a Maria t(e) conto(u)?”

[[[o QUE]ω]φ]	[a MaRia]ω]φ]	[[[t(e) conTO(U)]ω]φ],u]
H* L-	!H*	L* L%

Figura 5.37: Sentena interrogativa parcial “O que a Maria te contou?”, produzida por JSJ na tarefa DCT.

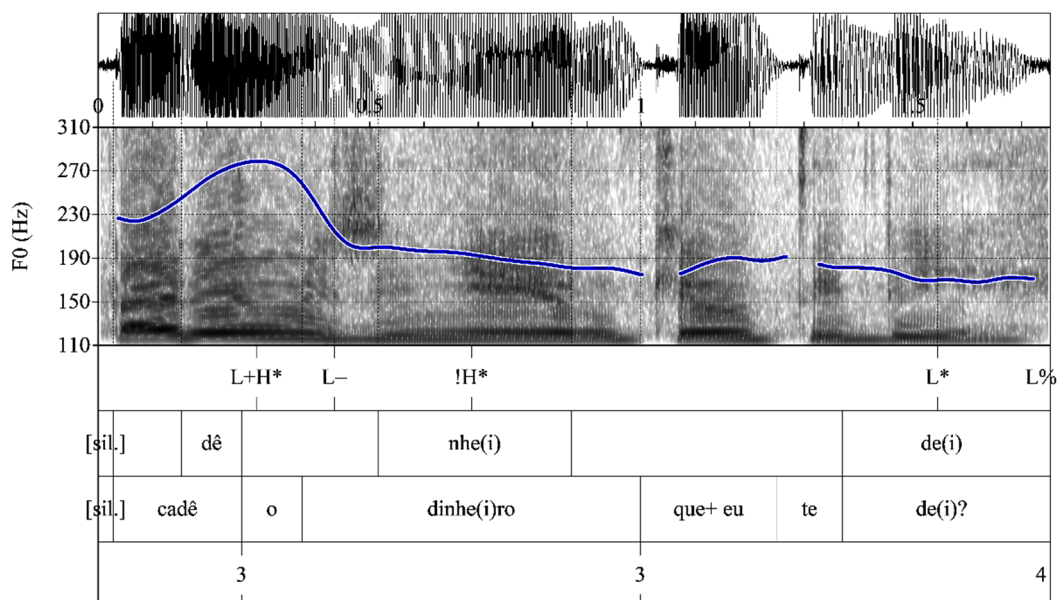


Fonte: Elaborao própria.

Exemplo 5.25: “Cadê o dinhe(i)ro que+eu te de(i)?”

[[[caDÊ]ω]φ]	[o diNHE(I)ro]ω]φ]	[que+eu]ω]φ]	[[[te DE(I)]ω]φ],u]
L+H* L-	!H*		L* L%

Figura 5.38: Sentença interrogativa parcial “Cadê o dinheiro que+ eu te dei?”, produzida por RAS na tarefa *Story Telling*.



Fonte: Elaboração própria.

Quanto ao contorno nuclear das sentenças interrogativas parciais do PGB, encontramos majoritariamente um contorno baixo L* L%, tanto nos dados da DCT quanto nos dados do *Story Telling*. Entretanto, nesta tarefa, o contorno descendente H+L* L% também apareceu quase na mesma proporção. Os contornos nucleares ascendentes só foram encontrados nas sentenças coletadas através da DCT, como podemos ver na Tabela 5.61. O contorno L* LH%, encontrado apenas nos dados de JSJ, traz a ascendência apenas no fim do contorno entoacional, mesmo nas ocorrências em que a PW nuclear de U é um monossílabo, que, para a acomodação tonal, é realizada com alongamento.

Tabela 5.61: Contorno nuclear das sentenças interrogativas parciais do PGB por tarefa de eliciação.

Tarefa de elicitaco	L* L%	H+L* L%	H*+L L%	L* LH%	L*+H H%	L+H* H%	Total por tipo de tarefa de elicitaco
DCT	18	2	0	3	2	1	26
<i>Story Telling</i>	8	5	2	0	0	0	15
Total contorno nuclear	26 (63,4%)	7 (17,1%)	2 (4,9%)	3 (7,3%)	2 (4,9%)	1 (2,4%)	41 (100%)

Os contornos nucleares ascendentes L*+H H% e L+H* H% apareceram apenas nos dados de HGS. Neles, o falante parece tentar reproduzir o contorno nuclear das interrogativas totais. Embora os dados não nos permitam assumir as razões pelas quais o contorno ascendente tenha sido encontrado para o PGB, verifica-se que esse tipo de comportamento melódico não caracteriza esse tipo frásico nesta variedade de português.

5.3 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Neste capítulo descrevemos as principais características prosódicas, no que tange  associao de eventos entoacionais e a formao de domínios prosódicos, encontradas para as sentenças declarativas neutras, declarativas de enumerao, interrogativas totais neutras e interrogativas parciais da língua guineense e do português falado na Guiné-Bissau.

Ao analisarmos os dados do guineense, verificamos que não há evidências, nas sentenças declarativas neutras, para a reestruturao de PhP, ou seja, para que um PhP seja constituído por duas palavras prosódicas, pois mesmo quando há relao de complementaridade entre elas e não há entre elas a presença de um clítico não foram encontradas evidências de reestruturao de PhP. Mesmo se analisarmos o clítico prosódico como parte de uma das palavras prosódicas que constituiriam tal PhP ramificado, ainda assim, não parece haver estruturao de PhP, pois encontramos acentos frasais associados  fronteira existente entre essas duas PWs, sendo essa uma evidência suprasegmental de que a reestruturao de PhP não ocorre.

Examinando os resultados encontrados para as declarativas enumerativas do guineense, que complementaram os resultados encontrados para as declarativas neutras, verificamos que o alongamento pr-fronteira, articulado pela pausa (quando presente) e pela configurao de contorno nuclear, funcionam como pistas determinantes para a marcao de uma fronteira de IP não final de U.

Portanto, em guineense, a pista da fronteira direita do sintagma fonológico parece ser a associao de um acento tonal. Somado a isso, a associao de um acento frasal  fronteira

direita de PhP também pode funcionar como uma pista, embora esse evento tonal ainda precise ser melhor investigado. Já as pistas da fronteira direita de um sintagma entoacional que não coincida com a fronteira direita de U parecem ser o alongamento da sílaba proeminente da palavra prosódica cabeça desse IP não final, assim como o contorno nuclear ascendente. Finalmente, para a fronteira direita de enunciado fonológico, encontramos como principais pistas o contorno nuclear majoritariamente descendente (ou o contorno nuclear baixo) e o apagamento (ou redução) da sílaba postônica.

As sentenças interrogativas globais tendem a ser produzidas com uma estrutura sintática que utiliza uma partícula foneticamente idêntica a parte de um elemento QU-existente na língua (*'ke ku'*, que significa “o que”), mesmo se o significado semântico for característico de uma interrogativa total. Dessa forma, os falantes parecem preferir expressar as sentenças que correspondem a uma interrogativa total não só através da curva melódica específica que indica que a sentença enunciada corresponde a um questionamento, mas também realizando-a com uma estrutura que apresenta essa partícula no início da sentença. Nesses casos, encontramos um acento tonal ascendente que se associa à segunda palavra prosódica da sentença, estando a porção alta desse acento associado à sílaba proeminente dessa segunda PW do enunciado, enquanto a parte baixa aparece ancorada ao elemento QU-e ao pronome pessoal, se ele estiver presente no enunciado.

Já nas sentenças interrogativas com valor semântico de interrogativas parciais cuja estrutura sintática analisada também apresenta o elemento QU- movido para a posição de primeira PW do enunciado, encontramos um acento tonal ascendente associado ao pronome pessoal que aparece na fronteira esquerda de U, sendo que a porção ascendente desse acento tonal aparece alinhada ao elemento QU-, enquanto a porção alta do acento tonal mantém a altura do contorno entoacional, constituindo um grande platô, que se estende até a primeira sílaba do PhP seguinte, constituído pelo verbo. Em alguns casos, um acento frasal L^- foi encontrado associado à fronteira direita do PhP constituído pelo pronome, estando esse acento frasal muitas vezes alinhado ao elemento funcional que inicia o PhP seguinte. O platô inicial corresponde à porção mais alta do contorno entoacional, ao qual se segue um vale que se estenderá até o contorno nuclear baixo $L^* L\%$.

Quanto ao PGB, verificamos que as sentenças declarativas neutras apresentam uma densidade tonal alta, embora o domínio de distribuição de eventos tonais pareça ser o sintagma fonológico. A fronteira de PhP também é marcada pela associação de um acento

frasal L⁻, sem que pareça haver um tipo de estrutura que condicione a sua associação, como a marcação de uma fronteira de PhP que seja constituído pelo sujeito focalizado da sentença, por exemplo, conforme encontrado para a variedade de PB falada em São Paulo (FERNANDES, 2007a). O contorno pré-nuclear inicia-se majoritariamente com um acento tonal ascendente L+H*, e seu interior apresenta uma alta incidência de acentos tonais altos, H* e !H*, que, por aparecerem associados às PWs cabeça de PhP, criam uma mudança de melodia abrupta, como se formassem “degraus” no contorno entoacional. Esse tipo de comportamento do contorno entoacional foi encontrado nos dados elicitados nas duas tarefas de fala semiespontânea, mas especialmente dos dados coletados da DCT, em que as sentenças declarativas produzidas são mais curtas.

Os resultados encontrados para as sentenças declarativas de enumeração, por sua vez, corroboram as afirmações feitas sobre as declarativas neutras quanto aos contornos nucleares de IPs, sejam eles não finais ou finais de U, e as pistas de suas fronteiras. O contorno nuclear dos sintagmas entoacionais não finais de enunciado fonológico é fonologicamente ascendente. Para além do tipo de contorno nuclear, cuja configuração mais recorrente é L*+H H%, a pausa e o alongamento da sílaba tônica da PW cabeça de IP não final de U também atuam como as principais pistas da fronteira deste constituinte prosódico. Já o contorno nuclear do sintagma entoacional final de enunciado fonológico é majoritariamente descendente, apresentando predominantemente a configuração H+L* L%.

As sentenças interrogativas totais neutras do PGB também apresentam uma alta densidade tonal, embora não pareça haver uma obrigatoriedade de associação de acentos tonais a todas as PWs e às cabeças de PhP, como se observou para as sentenças declarativas neutras. O contorno entoacional desse tipo frásico apresenta majoritariamente dois movimentos melódicos altos próximos às fronteiras de U. O tom alto que aparece associado ao contorno nuclear comporta-se de fato como sendo um pico elementar do contorno entoacional para a realização desse tipo frásico, apresentando uma subida caracterizada como um padrão circunflexo. O ponto mais alto do contorno, porém, foi na maioria das vezes encontrado associado à primeira PW do enunciado, num acento tonal ascendente, majoritariamente anotado como L+H*. Entretanto, o fato deste ser a maior altura do tom alto que aparece no contorno entoacional deste tipo frásico parece ser resultado de um efeito fonético.

Ainda sobre as sentenças interrogativas totais neutras do PGB, verificamos que no interior do contorno entoacional os acentos tonais também são altos (em sua maioria), sejam eles H* ou !H*. Sendo assim, o acento tonal nuclear deste tipo frásico ser caracterizado pelo segundo maior pico melódico (quando não o maior) faz com que o movimento ascendente-descendente do contorno nuclear, descrito como (L+)H* L%, destaque a fronteira direita de U desse tipo frásico do PGB.

Por fim, nas sentenças interrogativas parciais analisadas, embora não tenham sido produzidos os mesmos elementos QU-, encontramos todos eles sendo realizados no início da sentença, ou seja, fora da posição *in situ*. O comportamento encontrado para o contorno entoacional desse tipo frásico caracteriza-se pela formação de um pico logo no início do enunciado, associado à PW constituída pelo elemento QU-. Após esse pico, o contorno entoacional passa a ser descendente, havendo a associação de acentos tonais a poucas PWs internas do sintagma entoacional, de modo que a densidade tonal desse tipo frásico é menor do que a encontrada para as sentenças declarativas neutras do PGB. O pico inicial do contorno entoacional deste tipo frásico também foi evidenciado pela associação de um acento frasal à fronteira direita do PhP constituído elemento QU-, embora esse tipo de evento não esteja presente em todas as sentenças analisadas. O contorno nuclear das sentenças interrogativas parciais analisadas é majoritariamente baixo, embora nas sentenças elicitadas através da tarefa *Story Telling* o contorno descendente H+L* L% tenha sido encontrado na mesma proporção.

No próximo capítulo, discutimos as semelhanças e diferenças encontradas entre o PGB e o guineense e entre o PGB e as demais variedades de português já descritas na literatura.

6. O PORTUGUÊS FALADO NA GUINÉ-BISSAU: ENTRE O GUINEENSE E AS VARIEDADES DE PORTUGUÊS

Neste capítulo, examinaremos o PGB a partir de duas perspectivas: em relação ao guineense, a língua da unidade e identidade nacional da Guiné-Bissau, e em relação às outras variedades de português, nomeadamente, variedades europeias, brasileiras e africanas, já descritas na literatura.

Buscaremos apontar as semelhanças e diferenças encontradas tendo como objetivo central verificar se de fato o PGB apresenta características prosódicas já distintas da variedade *standard* de português europeu, se divide traços com outras variedades ultramarinas de português e em que medida aspectos prosódicos do guineense estão presentes na sua constituição.

6.1 O PGB E O GUINEENSE: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS

Através das análises apresentadas no Capítulo 5, conseguimos delinear características fulcrais para compreendermos o comportamento prosódico de uma língua. Esta análise é um ponto de partida para estudos futuros que se debrucem sobre a prosódia do guineense e até mesmo das línguas crioulas de modo geral.

Por meio dela, verificamos que o guineense parece ser uma língua em que os sintagmas entoacionais das sentenças declarativas neutras são constituídos em média por três palavras prosódicas, mesmo em enunciados fonológicos longos. Também verificamos que é recorrente que os enunciados fonológicos sejam constituídos por mais de um IP, tendo a pausa como a principal pista da fronteira de IP não final, embora o contorno nuclear ascendente seja também uma pista muito frequente para indicar o contorno nuclear de um IP não final de U, caracterizando o padrão continuativo/suspensivo também encontrado nas declarativas enumerativas dessa língua.

Os sintagmas fonológicos, por sua vez, tendem a não ser formados por mais do que uma palavra prosódica. Isso porque o guineense é uma língua que expressa tempo, modo e aspecto (TMA) através de partículas pré e pós-verbais e esses elementos se comportam como parte da PW adjacente ou como clíticos prosódicos. Dessa forma, a reestruturação de PhP não é possível, pois os PhPs já são constituídos contendo uma cabeça lexical e os elementos funcionais, conforme previsto pelo algoritmo de formação desse constituinte.

O guineense apresenta uma densidade tonal que pode ser considerada como média-alta, visto que sentenças longas (constituídas por mais do que cinco PWs) podem apresentar acentos tonais em seu contorno entoacional (82,9% nos dados da DCT e 69,8% nos dados do *Story Telling*). Entretanto, por conta da impossibilidade de reestruturação de PhP devido à organização sintática da língua, referida acima, o domínio relevante de distribuição de eventos tonais parece ser PhP, e não PW.

Dentre os acentos tonais pré-nucleares encontrados nas sentenças declarativas neutras do guineense, destacam-se os acentos H* e !H*, associados às PWs no interior do enunciado, e o acento L+H*, associado majoritariamente à PW na fronteira esquerda de IP, ou seja, à primeira PW do contorno entoacional, seja ele não final ou final de U. Dessa forma, encontramos variações melódicas pontuais no interior dos contornos entoacionais. Ademais, reforçando a mudança abrupta no contorno e a relevância do domínio de PhP, podemos encontrar acentos frasais L⁻ associados à fronteira direita desse constituinte, estando ancorados principalmente nas palavras funcionais adjacentes à fronteira de PhPs. Entretanto, esses eventos não são categóricos e não parecem marcar a fronteira direita de um tipo específico de PhP (formado por poucas ou muitas sílabas, constituído por mais do que uma PW, ou que marque a fronteira de um sujeito da sentença, por exemplo), diferente do que já foi encontrado para o PB (cf. Seção 6.2, a seguir).

O PGB apresenta uma densidade tonal alta (87,3% nas sentenças elicitadas através do DCT e 84,1% nas sentenças produzidas na tarefa *Story Telling*), embora o domínio de distribuição de eventos tonais seja o sintagma fonológico (e não PW).

O contorno pré-nuclear das sentenças declarativas neutras do PGB parece criar uma curva melódica de movimentos abruptos nas proximidades das fronteiras direita de PhP: apesar de o início do contorno entoacional ser geralmente suave, apresentando um acento tonal majoritariamente ascendente associado à primeira PW do enunciado, sendo descrito como L+H*, o ponto de maior ascendência desse contorno pré-nuclear associa-se à sílaba tônica dessa primeira PW, estando o início da ascendência associado à cadeia segmental (sílabas pretônicas da PW cabeça de PhP ou clíticos prosódicos) que antecede o elemento mais proeminente desse primeiro PhP. No interior do contorno, a presença de acentos tonais altos H* e !H* colabora para a constituição desse tipo de movimento melódico mais abrupto, que parece formar “degraus” próximos às fronteiras de PhPs, tal como se verifica no guineense.

Outro evento tonal que também apareceu em nossas análises e que parece participar da construção desse tipo de movimento do contorno entoacional foi o acento frasal, que algumas vezes apareceu associado à fronteira direita de PhP, evidenciado pela descida brusca da curva de F_0 , e que foi encontrado ancorado nessa fronteira ou na primeira sílaba do PhP seguinte.

Sendo assim, o contorno pré-nuclear das sentenças declarativas neutras do guineense e do PGB são muito semelhantes, seja pelo domínio relevante para a distribuição de acentos tonais, pela configuração dos acentos tonais pré-nucleares e pela proximidade da densidade tonal (alta, no PGB, e média-alta, no guineense).

Os contornos nucleares de IPs não finais de U das sentenças declarativas neutras do guineense, assim como das sentenças enumerativas, são majoritariamente ascendentes, sendo que a porção baixa do acento tonal se alinha à sílaba tônica da PW cabeça de IP não final, ficando a porção alta do contorno associada à fronteira do IP não final. Para além do contorno nuclear ascendente, a pausa, combinada ao alongamento da sílaba tônica da PW cabeça de IP não final, foram as pistas mais robustas da fronteira deste constituinte, sendo praticamente categóricos.

No PGB, da mesma forma, o contorno nuclear dos sintagmas entoacionais não finais de U é majoritariamente ascendente. Para além do tipo de contorno nuclear, cuja configuração mais recorrente é $L^*+H H\%$, a pausa e o alongamento da sílaba tônica da PW cabeça de IP não final de U também atuam como as principais pistas da fronteira deste constituinte prosódico, tal qual no guineense.

Tanto no guineense quanto no PGB as sentenças enumerativas ajudaram a analisar o contorno nuclear de IPs cuja fronteira não coincidissem com a fronteira de U e as pistas que indiquem a fronteira desse IP não final de U.

Em nossas análises do guineense, encontramos majoritariamente o contorno nuclear ascendente para indicar o padrão suspensivo/continuativo da listagem, especialmente quando há uma pausa após a fronteira de IP. A pausa, combinada com o contorno nuclear ascendente, é a principal pista da fronteira de IP não final de U quando a enumeração é elaborada no momento da enunciação. Entretanto, quando as enumerações já são de conhecimento prévio do falante, a pausa não é tão presente como uma pista, de modo que principalmente o alongamento da sílaba tônica, em conjunto com o contorno ascendente e suspensivo (em que o tom de fronteira alto aparece associado à sílaba postônica na fronteira

direita de IP), ganham maior relevância como pistas da fronteira de IP quando a enumeração é formada por poucas PWs. Quando a listagem compreende mais itens (nossos resultados são para enumerativas com 12 itens), a fronteira de IP não final apresenta como pista o alongamento da sílaba tônica da PW cabeça, assim como a configuração ascendente para o contorno nuclear, em especial a configuração $L^* LH\%$ em um o padrão continuativo, em que o trecho pré-fronteira do contorno entoacional é realizado como um contorno ascendente desde a sílaba tônica que segue em ascendência em direção à sílaba na fronteira de IP.

Os resultados encontrados para as sentenças declarativas de enumeração do PGB, por sua vez, corroboram as afirmações feitas sobre as declarativas neutras quanto aos contornos nucleares de IPs não finais de U e as pistas de suas fronteiras, sendo a configuração do contorno nuclear encontrada majoritariamente ascendente. Para além do tipo de contorno nuclear de IP não final U, cuja configuração mais recorrente é $L^*+H H\%$, a pausa e o alongamento da sílaba tônica da PW cabeça de IP não final de U também atuam como as principais pistas da fronteira deste constituinte prosódico.

Por fim, o contorno nuclear de IP final de U encontrado para as sentenças declarativas neutras do guineense é majoritariamente baixo, $L^* L\%$, nos dados das duas tarefas, sendo também encontrado os contornos descendentes $H^* L\%$, nas sentenças elicitadas via DCT, e $H^*+L L\%$ nas sentenças elicitadas através do *Story Telling*, como sendo representativos desse tipo frásico. Além disso, encontramos uma menor duração da sílaba tônica da PW cabeça de IP final de U do que a das sílabas tônicas de PWs na fronteira direita de IP não final de U, havendo também a redução ou mesmo o apagamento, de maneira praticamente categórica, da sílaba postônica em fronteira de U.

O contorno nuclear de IP final encontrado para as sentenças enumerativas também se caracteriza como sendo baixo $L^* L\%$ ou descendente $H^*+L L\%$ (ou mesmo $H^* L\%$). A duração da sílaba tônica da PW cabeça de IP final de U também é menor do que a duração encontrada para aquelas cuja fronteira direita de IP não coincide com a fronteira de U, além da redução ou mesmo apagamento da sílaba postônica em fronteira de U ser praticamente categórica, tal como nas declarativas neutras, não havendo um comportamento específico para o último IP de U que caracterize uma sentença enumerativa.

No PGB, por sua vez, os contornos nucleares encontrados para IP final de U das sentenças declarativas neutras foram o contorno nuclear baixo $L^* L\%$ (72,7% nos dados da

DCT e 66,7% nos do *Story Telling*) e, em menor proporção, o contorno nuclear descendente H+L* L% 27,3% nos dados da DCT e 17,9% nos do *Story Telling*).

Nas sentenças enumerativas, o contorno nuclear de IP final de U apresenta majoritariamente a configuração descendente H+L* L%, embora o contorno nuclear baixo L* L% também tenha sido encontrado, em menor proporção.

Assim sendo, o comportamento entoacional das sentenças declarativas neutras e enumerativas do PGB é muito semelhante ao do guineense, apresentando uma alta densidade tonal e configurações semelhantes para acentos pré-nucleares, além de uma organização semelhante dentro do contorno.

As sentenças interrogativas totais neutras do guineense, por sua vez, podem ser realizadas de duas formas: através da mudança melódica, sendo a cadeia segmental idêntica àquela que correspondesse a uma sentença declarativa; ou através do uso da partícula 'ke' no início da sentença, que compõe uma parte do elementos interrogativos QU- no guineense, mas que, quando usada de maneira isolada, atribui à sentença o valor semântico de uma interrogativa total, ou seja, aquela que tem como alvo uma resposta 'sim/não'. Essa segunda estratégia, que se utiliza do elemento 'ke', é a que parece ser a mais utilizada pelos falantes do guineense.

O fato de a estrutura com o elemento 'ke' ser a mais utilizada pelos falantes de guineense para produzirem uma sentença com significado pragmático de interrogativa total neutra pode ser uma estratégia para diferenciá-las mais facilmente de sentenças declarativas. Isso porque esses dois tipos frásicos não apresentam um contorno entoacional muito diferente entre si (Cf. Figura 5.5 para o contorno entoacional das sentenças declarativas neutras do guineense e

Figura 5.17 para o contorno entoacional das sentenças interrogativas totais neutras sem o elemento 'ke').

De maneira geral, tanto o contorno entoacional da interrogativa total neutra que não apresenta o elemento interrogativo quanto aquela que é construída sintaticamente com a presença da partícula foneticamente idêntica à parte de um elemento QU- apresentam um acento tonal ascendente (geralmente (L+)H*), que se associa à segunda palavra prosódica da sentença, geralmente constituída pelo verbo, estando a porção alta desse acento associado à sílaba proeminente da PW cabeça desse primeiro PhP do enunciado, enquanto a parte baixa

aparece ancorada a esse elemento 'ke' e ao pronome pessoal, se este último estiver presente no enunciado. Esse é o ponto mais alto desse contorno entoacional, de modo que o acento tonal nuclear de IP é majoritariamente baixo, L* L%.

Sendo assim, é possível que a estrutura preferencial das sentenças interrogativas totais neutras seja aquela com o elemento 'ke' por esta já indicar através da cadeia segmental que a sentença apresenta um significado interrogativo.

As sentenças interrogativas totais neutras do PGB, por sua vez, apresentam uma alta densidade tonal, embora não pareça haver uma obrigatoriedade de associação de acentos tonais a todas as PWs e às cabeças de PhP, tendência já encontrada para as variedades europeias e brasileiras de português analisadas por Frota *et al.* (2015a). Conforme descrito no Capítulo 5 (cf. Subseção 5.2.3), o contorno entoacional desse tipo frásico apresenta majoritariamente dois movimentos melódicos altos próximos às fronteiras de U. O tom alto que aparece associado ao contorno nuclear comporta-se de fato como sendo um pico elementar do contorno entoacional para a realização desse tipo frásico, apresentando uma subida caracterizada como um padrão circunflexo. O ponto mais alto do contorno, porém, foi na maioria das vezes encontrado associado à primeira PW do enunciado, num acento tonal ascendente, majoritariamente anotado como L+H*. Entretanto, o fato deste ser o maior pico encontrado para o tom alto que aparece no contorno entoacional deste tipo frásico parece ser resultado de um efeito fonético, conforme exposto anteriormente (cf. Subseção 5.2.3).

Ainda sobre as sentenças interrogativas totais neutras do PGB, verificamos que no interior do contorno entoacional os acentos tonais também são altos (em sua maioria), sejam eles H* ou !H*. Sendo assim, o acento tonal nuclear deste tipo frásico corresponder ao segundo maior pico melódico (quando não o maior) faz com que o movimento ascendente-descendente do contorno nuclear, descrito como (L+)H* L%, destaque a fronteira direita de U desse tipo frásico do PGB.

Dessa forma, a grande diferença encontrada entre o guineense e o PGB no que tange à prosódia dos tipos frásicos analisados está na interrogativa total neutra, que apresenta um contorno entoacional completamente diferente para cada uma das línguas, sendo que, no PGB, a presença de picos de tom H nas fronteiras do contorno de IP e a associação de tons altos H* e !H* no interior do contorno sugerem que nesta variedade uma das formas de produzir uma distinção, a nível prosódico, das sentenças declarativas das interrogativas globais, seja através da implementação da estratégia de redução de declinação, descrita por

Rialland (2007) como sendo altamente difundida em línguas africanas e presente, por exemplo, no uólofe, língua falada no Senegal, na região da Casamansa, e também na Guiné-Bissau.

Rialland (2007), descrevendo como 78 línguas africanas produzem interrogativas totais neutras do ponto de vista prosódico, apresenta duas formas muito difundidas de se expressar um enunciado interrogativo: a *expansão de registro* e a *redução da declinação*. Segundo a autora, essas duas estratégias são encontradas em fula e em uólofe, na família das línguas Atlânticas — línguas também faladas na Guiné-Bissau — em mende, da família das línguas Mande, assim como em línguas das famílias do tronco Nigero-congolês Afro-asiático, Nilo-saariano e Khoisan.

A *expansão de registro* refere-se à expansão da gama de variação de F_0 em que os tons se realizam. Nela, de acordo com Rialland (2007, p. 41), os tons H e L alteram conjuntamente sua linha de base, como se subissem ou descessem numa escala musical. Essa expansão resulta principalmente na ascendência de tons H e está geralmente associada com a segunda estratégia elencada pela autora, a *redução (ou cancelamento) da declinação (downdrift)* (RIALLAND, 2007, p. 41). A magnitude da expansão do registro e a redução da declinação parece variar consideravelmente a depender da língua. O uólofe, por exemplo, apresenta uma forte redução ou até mesmo o cancelamento total da declinação (RIALLAND, 2007; p. 39).

Nesse sentido, nossos resultados das sentenças interrogativas totais neutras do PGB indicam que o contorno entoacional deste tipo frásico apresenta como estratégia de diferenciação entre o contorno da declarativa e da interrogativa total a redução da declinação, juntamente com a expansão de registro, no interior do contorno entoacional, ampliando a diferença existente entre a altura dos tons H e L.

Já as sentenças do guineense que de fato correspondem às interrogativas parciais, apresentam em seu contorno entoacional um acento tonal ascendente associado ao elemento QU-, que aparece na fronteira esquerda de U, ou, nos casos em que o elemento QU- é parcialmente composto pelo elemento 'ke', presente também em uma das estruturas sintáticas das interrogativas totais neutras, temos o acento total ascendente associado ao pronome pessoal, que aparece em seguida à estrutura QU-. Nesse caso, a porção ascendente desse acento tonal aparece alinhada ao elemento QU-, enquanto a porção alta, alinhada ao pronome pessoal, mantém a altura do contorno entoacional, constituindo um grande platô, que se estende até a primeira sílaba do PhP seguinte, constituído pelo verbo. Também foi

encontrado, em alguns casos, um acento frasal L⁻ associado à fronteira direita do PhP constituído pelo pronome, este geralmente alinhado ao elemento funcional que inicia o PhP seguinte. O platô presente no início do contorno entoacional corresponde à sua porção mais alta, seguindo-se a ele um vale, que segue baixo até o contorno nuclear L* L%.

Nas sentenças interrogativas parciais do PGB analisadas, embora não tenham sido produzidos os mesmos elementos QU-, encontramos todos eles sendo realizados no início da sentença, ou seja, fora da posição *in situ*. O comportamento encontrado para o contorno entoacional desse tipo frásico caracteriza-se pela formação de um pico logo no início do enunciado, associado à PW constituída pelo elemento QU-. Após esse pico, o contorno entoacional passa a ser descendente, havendo a associação de acentos tonais a poucas PWs internas do sintagma entoacional, de modo que a densidade tonal desse tipo frásico é menor do que o encontrado para as sentenças declarativas neutras do PGB. O pico inicial do contorno entoacional deste tipo frásico também foi evidenciado pela associação de um acento tonal à fronteira direita do PhP constituído elemento QU-, embora esse tipo de evento não esteja presente em todas as sentenças analisadas.

O contorno nuclear das sentenças interrogativas parciais analisadas é majoritariamente baixo, embora nas sentenças elicitadas através da tarefa *Story Telling* o contorno descendente H+L* L% tenha sido encontrado na mesma proporção.

6.2 O PGB E AS OUTRAS VARIEDADES DE PORTUGUÊS: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS

As características prosódicas encontradas em nossas análises para o PGB serão comparadas às descritas para as outras variedades de português já estudadas sob o mesmo arcabouço teórico aqui utilizado (Cf. Capítulo 4), agrupadas da seguinte forma:

- variedades de português europeu (PE) faladas em: Lisboa (SEP) (FROTA, 2000; FROTA; VIGÁRIO, 2000; FROTA, 2014; entre outros), capital portuguesa e variedade considerada padrão para o PE; Braga (NEP) (VIGÁRIO; FROTA, 2003; FROTA; VIGÁRIO, 2007) e Porto (POR) (FROTA et al, 2015a), que representam variedades setentrionais do PE⁷⁴; Castro Verde (ALE), na região do Alentejo (interior); e Albufeira (ALG), na região do Algarve (CRUZ; FROTA, 2011; 2012;

⁷⁴ Cf. Cintra (1971) para a classificação das variedades de português europeu.

CRUZ, 2013), estas últimas como representantes dos falares centro-meridionais de PE.

- variedades de português brasileiro faladas em: São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ) (CUNHA, 2000; FROTA; VIGÁRIO, 2000; TENANI, 2002; FERNANDES, 2007a; 2007b; TENANI; FERNANDES-SVARTMAN, 2008; TRUCKENBRODT; SÂNDALO; ABAURRE, 2009; SERRA, 2009; VIGÁRIO; FERNANDES-SVARTMAN, 2010; FROTA *et al.*, 2015a), que são variedades da região sudeste do Brasil consideradas como de prestígio neste país; Salvador (BA), representando o falar baiano; Belo Horizonte (MG), representando a variedade mineira; Porto Alegre (RS), representando o falar da região sul do Brasil (FROTA *et al.*, 2015a); e as variedades das demais capitais, descritas pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) (CARDOSO *et al.*, 2014).⁷⁵
- Variedades africanas de português, faladas em: São Tomé (ST) em São Tomé e Príncipe; (BRAGA, 2017; 2018); Libolo (PLb), em Angola (SANTOS, 2020; SANTOS; FERNANDES-SVARTMAN, 2019; 2020); Maputo (PM), Moçambique (SERRA; OLIVEIRA, 2022) e Guiné-Bissau⁷⁶ (PGB) (SANTOS; FERNANDES-SVARTMAN, 2014; SANTOS, 2015; SANTOS; BRAGA, 2017).

As sentenças declarativas neutras do PGB aqui analisadas (Cf. Capítulo 5) são descritas como apresentando uma alta densidade tonal, de maneira geral, embora o domínio relevante para a distribuição de acentos tonais pareça ser PhP, visto que todas as PWs cabeça de PhP dos enunciados deste tipo frásico apresentaram um acento tonal associado a elas, enquanto algumas PWs não cabeça de PhP foram encontradas sem a associação de um acento tonal. Além disso, no PGB encontramos com regularidade a fronteira de PhP sendo marcada pela associação de um acento frasal L⁻, sem que pareça haver um tipo de estrutura que condicione a sua associação. Esse tipo de evento foi encontrado em fronteiras de PhPs que ocupassem qualquer posição dentro da sentença, não parecendo haver um fator que o motive.

⁷⁵ Descrição dos contornos entoacionais pré-nucleares e nucleares dos enunciados assertivos e dos contornos entoacionais nucleares interrogativos totais (perguntas 'sim-não') de 26 capitais do Brasil (todas, exceto Palmas/TO).

⁷⁶ Resultados de fala controlada.

O contorno entoacional apresenta uma subida inicial, em que encontramos um acento tonal majoritariamente ascendente (L+H*), em que seu ponto mais alto aparece associado à primeira PW da sentença. O contorno também apresenta uma alta incidência de acentos tonais altos, H* e !H*, que aparecem associados às PWs cabeça de PhPs, criando uma mudança de melodia abrupta, como se formassem "degraus" no contorno entoacional, especialmente nas sentenças declarativas curtas, compostas por três a quatro PWs. O acento tonal final é majoritariamente descendente, H+L*, seguido por um tom de fronteira baixo L%.

Em nossos dados, que correspondem a produções de fala semiespontânea, encontramos enunciados constituídos por mais do que um IP, sendo o contorno nuclear desses IPs não finais majoritariamente ascendente, com a configuração L*+H H%. O contorno ascendente, a pausa e o alongamento da sílaba tônica da PW cabeça de IP não final de U são as principais pistas da fronteira direita de um sintagma entoacional que não coincida com a fronteira de U.

A caracterização desse contorno entoacional das sentenças declarativas neutras do PGB é distinta da descrita para SEP na literatura: distribuição esparsa de eventos tonais, sendo o contorno entoacional mapeado quase categoricamente em um único IP, um acento tonal H* ou L*+H encontrado associado à primeira PW, um platô sem qualquer acento tonal associado às PWs internas deste enunciado e um contorno nuclear descendente, formado pelo acento tonal nuclear H+L* e o tom de fronteira baixo L%, sendo IP o domínio prosódico relevante para a atribuição de acentos tonais (FROTA, 2000; 2003; 2002a; 2014; FROTA *et al.*, 2015a), sendo a presença de um acento tonal ascendente no início do contorno e a configuração do contorno nuclear as únicas semelhança encontrada entre SEP e o PGB no que tange às sentenças declarativas neutras.⁷⁷

Entretanto, SEP é a variedade de português que mais se diferencia das demais variedades já estudadas, especialmente no que diz respeito à densidade tonal. NEP apresenta uma maior distribuição de acentos tonais dentro do contorno entoacional das sentenças declarativas neutras, com acentos tonais associados a PWs que não estejam apenas dentro do último sintagma fonológico de IP, além de IPs menores (VIGÁRIO; FROTA, 2003); ALE e ALG também apresentam um contorno entoacional com maior distribuição de acentos tonais, com grande parte das PWs pré-nucleares, tendo um acento tonal associado a todas as PW cabeça

⁷⁷ Braga, Frota e Fernandes-Svartman (2021) apresentam resultados iniciais de um estudo de percepção investigando a diferenciação dessas duas variedades. Esse tema será melhor investigado em trabalhos futuros.

de PhP, apresentado assim uma maior densidade tonal (CRUZ, 2013), assim como POR (FROTA *et al.*, 2015a), de modo que NEP, ALE, ALG e POR se assemelham em relação à densidade tonal.

Ainda assim, o PGB apresenta uma maior densidade tonal (87,3% nos dados da DCT, cujas sentenças apresentaram de três a cinco PWs, e 84,1% nos dados do *Story Telling*, que apresentaram sentenças com mais do que cinco PWs) para as sentenças declarativas neutras.

Quanto ao contorno nuclear das demais variedades de português europeu, as sentenças declarativas neutras do PGB apresentam configurações semelhantes às descritas para as variedades ALE, ALG e POR, além de SEP, conforme já mencionado. Além disso, Cruz (2013) também encontrou para a variedade ALE um acento frasal, anotado pela autora como pL, marcando a fronteira esquerda do último PhP de IP.

Entretanto, quando comparamos os resultados encontrados para as sentenças declarativas neutras do PGB com aqueles descritos para as variedades ultramarinas (variedades de PB e africanas), encontramos mais semelhanças com relação à densidade tonal e ao domínio relevante para a atribuição de acentos tonais. Trabalhos sobre as variedades faladas em RJ, SP, BA, MG e RS verificaram a presença de acentos tonais associados a praticamente todas as PWs de IP, sendo obrigatória a associação de acento tonal a palavras fonológicas cabeça de PhP e opcional às PWs não cabeça de PhP (FROTA; VIGÁRIO, 2000; FROTA, 2014; TENANI, 2002; FERNANDES, 2007a, 2007b; TENANI; FERNANDES-SVARTMAN, 2008; VIGÁRIO; FERNANDES-SVARTMAN, 2010; FROTA *et al.*, 2015a). Ademais, no contorno entoacional das sentenças declarativas neutras das variedades faladas em RJ, SP, BA, MG, RS também foi encontrado um evento tonal adicional H associado a sílabas pretônicas de palavras longas (mais que duas sílabas pretônicas), não sendo relevante para a sua associação a proximidade à fronteira esquerda de U (FROTA *et al.*, 2015a). O domínio relevante para a distribuição de acentos tonais ao contorno entoacional das declarativas neutras das variedades de PB, portanto, é descrito como PhP (FROTA; VIGÁRIO, 2000; FROTA, 2014; TENANI, 2002; FERNANDES, 2007a, 2007b; TENANI; FERNANDES-SVARTMAN, 2008; VIGÁRIO; FERNANDES-SVARTMAN, 2010; FROTA *et al.*, 2015a), embora Toneli (2014) tenha confirmado que o domínio relevante para a distribuição de acentos tonais no contorno entoacional das variedades de PB seja PW.

Porém, a grande diferença entre o PGB e o PB está no contorno pré-nuclear: enquanto nas variedades brasileiras encontramos majoritariamente acentos tonais ascendentes L*+H associados a todas as PW cabeça de PhP (como também a muitas PWs internas de PhP), num

movimento melódico com grande alternância entre tons altos e baixos — indicando um macro-ritmo mais forte, nos termos de Jun (2015) —, no PGB temos um contorno pré-nuclear em que são encontrados majoritariamente acentos tonais altos H* e !H*, sendo esse contorno entoacional menos macro-rítmico, o que também contribui para o padrão de “degraus” encontrado nessa variedade, em que o contorno apresenta mudanças melódicas mais abruptas.

Embora as descrições feitas para o PB não mencionem a presença de acento frasal na descrição do contorno entoacional das sentenças declarativas neutras, Fernandes (2007a, 2007b), com base na análise de dados da variedade paulista de PB, relata o acento frasal baixo (L-) como sendo uma das diferenças encontradas entre as sentenças neutras e focalizadas. Esse evento tonal pode aparecer associado à fronteira direita do PhP que contém o sujeito focalizado, segundo a autora.

Quando comparamos os resultados encontrados para o PGB com aqueles descritos para as outras variedades africanas de português encontramos semelhanças com relação à alta densidade tonal, à possibilidade da marcação da fronteira direita de um PhP através de um acento frasal e à configuração do contorno nuclear. Nas variedades PST (BRAGA, 2017; 2018; BRAGA; FERNANDES-SVARTMAN, 2019) e PLb (SANTOS, 2020), faladas como (ao menos uma das) L1, as sentenças declarativas neutras são mapeadas majoritariamente em um único IP, apresentando acentos tonais associados a todas as PWs da sentença, sendo PW o domínio prosódico relevante para a distribuição de acentos tonais. Este tipo de mapeamento também foi encontrado para a variedade PM, embora seja recorrente (65%) o mapeamento em dois IPs, em que o sujeito aparece mapeado num IP independente (SERRA; OLIVEIRA, 2022).

Além disso, nessas variedades também foi encontrado o acento frasal baixo (anotado como L⁻ no PST, como L_p no PLb e como L- no PM) marcando a fronteira direita de PhP, de diferentes extensões e posições dentro da sentença. O PM é o único que se diferencia, podendo também apresentar um acento frasal alto (anotado como H-) na fronteira direita de PhPs (SERRA; OLIVEIRA, 2022). Embora o acento frasal não tenha sido encontrado associado categoricamente às fronteiras de PhP, ele indica o mapeamento dos constituintes em PhPs independentes, sendo argumentado por Santos (2020) que esta é uma evidência da não obrigatoriedade da reestruturação de PhP no PLb. Entretanto, o contorno entoacional das sentenças declarativas neutras do PST, do PLb e do PM apresentam um macro-ritmo forte,

por apresentarem um contorno pré-nuclear com uma grande alternância entre tons altos e baixos, diferente do que foi observado para o PGB, que não é falado como língua materna.

Tanto o contorno nuclear descendente $H+L^* L\%$ quanto o contorno nuclear baixo $L^* L\%$ foram encontrados para as sentenças declarativas neutras das variedades africanas, sendo que Serra e Oliveira (2022) também descrevem para o contorno nuclear das declarativas neutras do PM uma configuração $LH+L^* L\%$, majoritário nessa variedade. Entretanto, o contorno $H+L^*$ foi majoritário no PLb, assim como no PGB, enquanto o contorno $L^* L\%$, encontrado como majoritário no PST, apareceu em menor proporção no PGB.

Nossos resultados encontrados através da análise de dados de fala semiespontânea também corroboraram os resultados obtidos por Santos e Fernandes-Svartman (2014), Santos (2015) e Santos e Braga (2017), investigando as sentenças declarativas neutras através de dados de leitura: a obrigatoriedade de um acento tonal associado a todas as PWs cabeça de sintagma fonológico, a alta densidade tonal, o acento frasal baixo ($L-$) associado à fronteira direita de sintagma fonológico de sentenças neutras, assim como o contorno nuclear $H+L^* L\%$, principalmente, e $L^* L\%$, em menor ocorrência.

Dessa forma, o PGB se assemelha às variedades transatlânticas pela alta densidade tonal (em relação às variedades africanas) e pelo domínio prosódico privilegiado para a distribuição de acentos tonais ser PhP (em relação às variedades brasileiras). Entretanto, se difere de todas elas se levarmos em consideração o macro-ritmo em relação a alternância entre tons altos e baixos, muito forte nas demais variedades transatlânticas de português e fraca no PGB. Diante desse fato, cabe ressaltar que o português não é a língua materna dos falantes de PGB, diferente do que ocorre para os falantes das outras variedades. Sendo assim, a prosódia do PGB mostra indícios de que é diretamente influenciada pelas características prosódicas do guineense no que diz respeito às sentenças declarativas neutras.

Os resultados encontrados para as sentenças declarativas de enumeração do PGB, por sua vez, corroboram as afirmações feitas sobre as declarativas neutras quanto aos contornos nucleares de IPs, sejam eles não finais ou finais de U, e as pistas de suas fronteiras. O contorno nuclear dos sintagmas entoacionais não finais de enunciado fonológico é fonologicamente ascendente. Para além do tipo de contorno nuclear de IP não final de U, cuja configuração mais recorrente é $L^*+H H\%$, a pausa e o alongamento da sílaba tônica da PW cabeça de IP não final também atuam como as principais pistas de sua fronteira. Já o contorno nuclear do sintagma entoacional final de enunciado fonológico é majoritariamente descendente,

apresentando predominantemente a configuração H+L* L%, tal como nas declarativas neutras.

Nesse sentido, o PGB apresenta resultados semelhantes aos descritos por Santos (2020) para a variedade de português falada no Libolo (Angola), que também encontrou o contorno nuclear ascendente para os IPs não finais de U, embora o autor tenha apontado uma variedade de configurações (L+H* H%, L*+H H% e L* H%), e o contorno descendente H+L* L% para o IP final de U, tal como encontrado para o PGB. Santos também afirma que no PLb cada item da listagem é formado por uma PW e mapeado predominantemente em um IP, sendo a pausa a pista encontrada de maneira mais relevante para a fronteira de IP não final de U.

Comparando os resultados encontrados para as sentenças enumerativas do PGB, que apresentam um contorno majoritariamente ascendente, com as descrições dos padrões continuativos/suspensivos das outras variedades de português já mencionadas, ou seja, dos contornos de IPs não finais de U, encontramos semelhanças entre o PGB e todas as variedades de português que já se debruçaram sobre o comportamento do contorno não final, por apresentarem um contorno ascendente e a pausa como pista da fronteira, seja nas variedades europeias SEP e NEP (FROTA *et al.*, 2007), seja nas variedades brasileiras RJ (CUNHA, 2000; SERRA, 2009), SP (TENANI, 2002).

No que diz respeito às sentenças interrogativas totais neutras do PGB, foi encontrada uma alta densidade tonal para esse tipo frásico, mesmo não havendo uma obrigatoriedade de associação de acentos tonais a todas as PWs e às cabeças de PhP. O contorno entoacional das interrogativas totais neutras dessa variedade apresentou majoritariamente dois movimentos melódicos altos próximos às fronteiras de U. O tom alto que aparece associado ao contorno nuclear comporta-se de fato como sendo um pico elementar do contorno entoacional para a realização desse tipo frásico, apresentando uma subida caracterizada como um padrão circunflexo, conforme já descrito. O ponto mais alto do contorno, porém, foi na maioria das vezes encontrado associado à primeira PW do enunciado, num acento tonal ascendente, majoritariamente anotado como L+H*. Entretanto, o fato deste ser a maior altura do tom alto que aparece no contorno entoacional deste tipo frásico parece ser resultado de um efeito fonético (cf. Capítulo 5), enquanto o pico encontrado para o contorno nuclear de fato caracteriza fonologicamente o contorno entoacional desse tipo frásico do PGB.

Ainda sobre as sentenças interrogativas totais neutras do PGB, verificamos que no interior do contorno entoacional os acentos tonais também são altos (em sua maioria), sejam

eles H* ou !H*. Sendo assim, o acento tonal nuclear deste tipo frásico ser caracterizado pelo segundo maior pico melódico (quando não o maior) faz com que o movimento ascendente-descendente do contorno nuclear, descrito como (L+)H* L%, destaque a fronteira direita de U desse tipo frásico do PGB. Também encontramos, de maneira geral, uma alta densidade tonal para esse tipo frásico do PGB: 80,3% para as sentenças produzidas na tarefa de leitura, 90% para a DCT e 44% para as obtidas através do *Story Telling* (a baixa densidade tonal deve-se ao valor encontrado como resultado para as sentenças produzidas por um único informante. Cf. Capítulo 5 para mais informações).

Uma comparação entre as características prosódicas das sentenças interrogativas totais neutras do PGB e as variedades europeias, brasileiras e africanas de português já foi inicialmente apresenta por Braga, Frota e Fernandes-Svartman (2022). Neste trabalho, as autoras levaram em conta apenas os resultados obtidos para a tarefa de leitura. Entretanto, nossas análises considerando também os dados de fala semiespontânea corroboraram o comportamento das interrogativas totais neutras do PGB descrito pelas autoras.

Quando comparamos os resultados encontrados para esse tipo frásico do PGB com os descritos para as outras variedades de português, encontramos grandes diferenças especialmente com relação a SEP. Enquanto SEP apresenta um contorno nuclear descendente-ascendente H+L* LH% (FROTA, 2002b; 2014; FROTA *et al.*, 2015; CRUZ *et al.*, 2022), o PGB tem majoritariamente um contorno (ascendente-)descendente (L+)H* L%, como mostraram nossos resultados para as tarefas de leitura e de fala semiespontânea. Há grande diferença também no que diz respeito à densidade tonal: enquanto SEP apresenta uma densidade tonal de 29% (FROTA *et al.*, 2015), o mesmo tipo frásico em PGB apresenta uma alta densidade tonal (80,3%, nos dados de leitura e 90% nos dados da DCT, tarefas também utilizadas para a verificação da densidade tonal de SEP), atestando uma variedade de alta densidade melódica para as interrogativas totais neutras do PGB.

O PGB também se distancia das outras variedades de PE com relação ao tipo de contorno nuclear, visto que as demais variedades lusitanas apresentam contornos nucleares majoritariamente ascendentes: L*+H H% para POR (FROTA *et al.*, 2015a; CRUZ *et al.*, 2022) e ALG (CRUZ, 2013; FROTA *et al.*, 2015; CRUZ *et al.*, 2022); L* H% para ALE (CRUZ, 2013) e Beja (CRUZ *et al.*, 2022); L*+H H% para Faro (CRUZ *et al.*, 2022). Também se distancia das variedades de Évora e Funchal, que apresentam um contorno nuclear descendente (H+)L* L% para esse tipo frásico (CRUZ *et al.*, 2022), da variedade NEP, cujo contorno nuclear já foi

descrito como ascendente-descendente L* H(L)% (VIGÁRIO; FROTA, 2003) e descendente (H+)L* H% (CRUZ *et al.*, 2022) e do contorno entoacional descendente H*+L L% encontrado para os dados de fala semiespontânea da variedade de Castelo Branco (CRUZ *et al.*, 2022). Há diferença mesmo em relação ao contorno nuclear ascendente-descendente L*+H L%, encontrado para a tarefa de leitura na variedade de Castelo Branco (CRUZ *et al.*, 2022), visto que no PGB o acento tonal ascendente associa a sua porção mais alta à sílaba tônica da PW nuclear, enquanto na variedade de Castelo Branco temos o tom baixo do acento tonal nuclear ascendente associado à sílaba tônica.

A densidade tonal também diferencia o PGB das demais variedades de português europeu, tendo em vista os resultados encontrados em Frota *et al.* (2015a): 43% em POR, 50% em ALG e 54% em ALE.

As interrogativas totais das variedades brasileiras, por sua vez, já foram descritas por diversos autores. Entretanto, embora os contornos nucleares desse tipo frásico para as variedades brasileiras sejam ascendentes-descendentes ou apenas ascendentes, vemos configurações que se diferem especialmente em relação ao alinhamento do acento tonal em relação à sílaba tônica da PW cabeça de IP.

As sentenças interrogativas neutras do PGB apresentam, em nossos resultados, o tom H do contorno (L+)H* L% associado à sílaba tônica que se mantém em um platô até o início da consoante da sílaba seguinte, enquanto que nas variedades para as quais também foi encontrado um contorno nuclear ascendente-descendente encontrou-se a parte baixa do acento complexo L+H associado à sílaba tônica da PW nuclear, formando um contorno L*+H L%, descrito como sendo este o contorno nuclear desse tipo frásico para as variedades SP (FROTA *et al.*, 2015a; CRUZ *et al.*, 2022), RJ (CASTELO, 2016; CASTELO; FROTA, 2017; CRUZ *et al.*, 2022), MG (FROTA *et al.*, 2015a; CASTELO, 2016; CASTELO; FROTA, 2017; CRUZ *et al.*, 2022). Outro contorno nuclear ascendente-descendente encontrado para as interrogativas totais neutras das variedades brasileiras foi L* HL%, nas variedades SC e RS (CASTELO, 2016; CASTELO; FROTA, 2017; CRUZ *et al.*, 2022).

As demais variedades de PB apresentaram contornos ascendentes, como L*+H H% (RS, em FROTA *et al.*, 2015a; BA, em FROTA *et al.*, 2015a e CRUZ *et al.*, 2022) e L* H% (PBa, SE e BA, em CASTELO, 2016; CASTELO; FROTA, 2017; CRUZ *et al.*, 2022)

Entretanto, os resultados encontrados através de metodologias de coleta de dados e de análise diferentes das utilizadas em nossa pesquisa apontam semelhanças entre o contorno

nuclear encontrado para as interrogativas totais neutras em nossos dados de PGB e aquele descrito para RJ ($L+<H^* L\%$, em MORAES, 2008), SP ($L+H^* L\%$, em TRUCKENBRODT, SÂNDALO e ABAURRE, 2009) e para todas as capitais brasileiras apresentadas na Carta de Prosódia F07 P2 do projeto *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB) ($L+H^* L\%$, em CARDOSO *et al.*, 2014), embora este último também descreva contornos nucleares ascendentes para variedades de outros estados brasileiros ($L+H^* H\%$ para SA, PE, PBa, RN, MA, SC, RO e AM; e $L^* H\%$ para AL e SE).

Quanto à densidade tonal, as interrogativas globais do PGB apresentam uma taxa maior do que a encontrada para as variedades de MG (53%), BA (55%) e SP (70%) e menor que a encontrada para a variedade de RS (92%) (FROTA *et al.*, 2015a), que se destoa de todas as outras variedades de PB analisadas.

Com relação às variedades africanas, o PGB apresenta um contorno nuclear diferente daquele encontrado para o PST, $L^*+(i)H HL\%$ (BRAGA, 2019). Entretanto, há muita semelhança em relação ao contorno majoritariamente encontrado para a variedade angolana do Libolo, descrito como $L+H^* L\%$ (SANTOS, 2020), e para a variedade moçambicana de Maputo, descrito como $L+(<i)H^* L\%$ (SERRA; OLIVEIRA, 2022), por ambos apresentarem um acento tonal alto associado à sílaba tônica da PW nuclear da sentença interrogativa total neutra, seguido por um tom de fronteira baixo $L\%$. Cabe aqui ressaltar que os informantes de PLb eram falantes de português e quimbundo, e a informante de PM era falante de português e changana, de modo que questões de bilinguismo, embora ainda não tenham sido estudadas para o PLb e para o PM (ao menos do ponto de vista prosódico) possam estar envolvidas. Já no que tange à densidade tonal, o PGB assemelha-se mais ao PST e ao PM: 80,3% para as sentenças interrogativas totais neutras do PGB, 87,3% para as do PST e 100% para as do PM.

Por fim, nas sentenças interrogativas parciais do PGB analisadas, embora não tenham sido produzidos os mesmos elementos QU-, encontramos todos eles sendo realizados no início da sentença, fora da posição *in situ*, ou seja, na fronteira esquerda de U. O comportamento encontrado para o contorno entoacional desse tipo frásico do PGB caracteriza-se pela formação de um pico logo no início do enunciado, associado à PW constituída pelo elemento QU-. Após esse pico, o contorno entoacional passa a ser descendente, havendo a associação de acentos tonais a poucas PWs internas do sintagma entoacional, de modo que a densidade tonal desse tipo frásico é menor do que o encontrado para as sentenças declarativas neutras do PGB. O pico inicial do contorno entoacional deste tipo frásico também fica evidenciado pela associação de um acento frasal L^- à fronteira direita

do PhP constituído pelo elemento QU-, embora esse tipo de evento não esteja presente em todas as sentenças analisadas.

Nesse sentido, as sentenças interrogativas parciais do PGB apresentam um contorno nuclear semelhante ao encontrado para as variedades europeias, brasileiras e o PLb, por todas elas apresentarem o mesmo tipo de configuração para o contorno nuclear, a esparsa distribuição de acentos tonais no contorno e um acento tonal que representa o pico de F_0 associado ao elemento QU-, exceto NEP, que apresenta o contorno nuclear baixo $L^* L\%$ (VIGÁRIO; FROTA, 2003).

Frota *et al.* (2015a) afirmam que a densidade tonal contribui para a diferenciação entre as sentenças declarativas neutras e as interrogativas parciais nas variedades de português europeu. Segundo os autores, SEP, ALG e ALE (em ordem crescente) apresentam uma baixa densidade tonal para esse tipo frásico. A variedade POR, por sua vez, apresenta uma densidade tonal média, idêntica à encontrada para as declarativas neutras. Os resultados encontrados para as variedades de ALE e ALG corroboram os encontrados por Cruz (2013), que aponta uma densidade tonal de 14% para ALG e 25% para ALE.

Quanto às variedades brasileiras também analisadas por Frota *et al.* (2015a), foi encontrada uma densidade tonal média para as sentenças interrogativas parciais, em ordem crescente: BA, SP, RS e MG. Analisando os resultados apresentados nesse mesmo estudo, verifica-se que apenas as variedades BA e SP apresentaram uma densidade tonal menor para as interrogativas parciais do que para as interrogativas totais. Ainda para a variedade SP, Rosignoli (2017) aponta para uma densidade tonal de 81% para interrogativas parciais neutras dessa variedade brasileira, contrastando com os resultados obtidos por Frota *et al.* (2015a) para SP.

Por fim, Santos (2020), analisando os dados coletados através de uma tarefa de fala semiespontânea, encontrou uma densidade tonal de 12,5% para as sentenças interrogativas parciais do português angolano da região do Libolo.

Dessa forma, também com relação à densidade tonal encontramos semelhanças entre o PGB e as demais variedades de português, no que tange às sentenças interrogativas parciais, havendo uma maior proximidade entre o PGB e as variedades europeias SEP, ALG e ALE, as variedades brasileiras BA e SP, e a variedade angolana do Libolo, por estas também apresentarem, para sentenças interrogativas parciais, uma densidade tonal menor do que a encontrada para as sentenças declarativas neutras.

7. CONCLUSÕES

Nesta tese, procuramos descrever aspectos prosódicos do guineense e do PGB, nomeadamente, o comportamento entoacional e sua relação com a formação de domínios prosódicos, analisando sentenças declarativas neutras, declarativas enumerativas, sentenças interrogativas globais neutras e interrogativas parciais.

Nosso objetivo foi investigar se o português falado na Guiné-Bissau, embora não seja língua materna da população, apresenta diferenças em relação às outras variedades de português (europeias, brasileiras e africanas), em especial à variedade *standard* de PE, tida como norma-alvo, e verificar em que medida o guineense participa das características prosódicas encontradas no PGB, visto ser o guineense a língua materna mais falada na Guiné-Bissau.

Nossos resultados demonstraram que, quanto às sentenças declarativas neutras, o PGB se assemelha às variedades transatlânticas pela alta densidade tonal (em relação às variedades africanas) e pelo domínio prosódico privilegiado para a distribuição de acentos tonais ser PhP (em relação às variedades brasileiras). Entretanto, se difere de todas elas se levarmos em consideração o macro-ritmo em relação a alternância entre tons altos e baixos, muito forte nas demais variedades transatlânticas de português e fraca no PGB. Diante desse fato, cabe ressaltar que o português não é a língua materna dos falantes de PGB, diferente do que ocorre para os falantes das outras variedades.

Por outro lado, encontramos muitas semelhanças entre os resultados encontrados para o guineense e para o PGB, como o padrão melódico que se constrói em degraus, dada a configuração H* e !H* dos acentos tonais pré-nucleares e o domínio privilegiado para a distribuição dos acentos tonais ser PhP, tendo uma alta taxa de associação de acentos tonais às PWs cabeça de PhPs não finais de IP e a possibilidade de associação de acento frasal à fronteira direita desse sintagma fonológico. Sendo assim, a prosódia do PGB mostra indícios de que é diretamente influenciada pelas características prosódicas do guineense, no que diz respeito às sentenças declarativas neutras. No Quadro 7.1 apresentamos a densidade tonal e o contorno nuclear de IP final de U das sentenças declarativas neutras do guineense, do PGB e das demais variedades africanas, brasileiras e europeias de português com as quais traçamos comparações nesta tese.

Quadro 7.1: Densidade tonal e configuração do contorno nuclear de IP final de Enunciado fonológico (U) das sentenças declarativas neutras do guineense, do PGB e das demais variedades de português (africanas, brasileiras e europeias).

Línguas/ Variedades		Densidade Tonal	Contorno Nuclear de IP final de U	
Guineense		Média-alta (82,9% – DCT; 69,8% – <i>Story Telling</i>)	L* L% (majoritariamente); H* L% (DCT) e H*+L L% (<i>Story Telling</i>)	
Variedades Ultramarinas	Variedades Africanas	PGB	Alta (87,3% – DCT; 84,1% – <i>Story Telling</i>)	L* L% (majoritariamente) e H* L%
		PLb	Alta	H+L* L%
		PM	Alta	LH+L* L% e H+L* L%
		PST	Alta	L* L% (majoritariamente) e H+L* L%
	PB	SP	Alta	H+L* L%
		RJ	Alta	H+L* L%
		MG	Média-alta	H+L* L%
		BA	Alta	H+L* L%
		RS	Média	H+L* L%
	PE	SEP	Baixa	H+L* L%
NEP		Média	L* L%	
POR		Média	H+L* L% e L* L%	
ALE		Média	H+L* L% e L* L%	
ALG		Média	H+L* L%	

O comportamento prosódico das interrogativas do PGB, por sua vez, se afasta daquele encontrado para o guineense, que apresenta um pico em seu início e segue num contorno descendente até o contorno nuclear descendente ou baixo, se aproxima das variedades brasileiras de português, que apresentam o contorno entoacional descendente, mas se diferencia das variedades brasileiras que apresentam o contorno nuclear ascendente (localizadas na região nordeste do país), e das variedades de português europeu, que majoritariamente também apresentam o contorno nuclear ascendente, além de se diferenciar especialmente de SEP, cujo contorno é descrito como descendente-ascendente. O Quadro 7.2 traz as configurações dos contornos nucleares, assim como a categorização do movimento melódico desses contornos nucleares, das sentenças interrogativas totais neutras do guineense, do PGB e das demais variedades africanas, brasileiras e europeias de português.

Quadro 7.2: Configuração do contorno nuclear das sentenças interrogativas totais neutras do guineense, do PGB e das demais variedades de português (africanas, brasileiras e europeias).

Línguas/ Variedades		Configuração do contorno nuclear	Constituição do contorno nuclear	
Guineense		L* L%	baixo	
Variedades Ultramarinas	Variedades Africanas	PGB	(L+)H* L%	(ascendente-)descendente
		PLb	L+H* L% L* H% ou L+H* H%	ascendente-descendente ascendente
		PM	L+(< j)H* L%	ascendente-descendente
		PST	L*+(j)H HL%	ascendente-descendente
	PB	SE	L* H%	ascendente
		PBa	L* H%	ascendente
		BA	L*+H H% L* H%	ascendente
		MG	L*+H L%	ascendente-descendente
		RJ	L*+H L%	ascendente-descendente
		SP	L*+H L%	ascendente-descendente
		SC	L* HL%	ascendente-descendente
		RS	L*+H H% L* HL%	ascendente ascendente-descendente
	PE	SEP	H+L* LH%	descendente-ascendente
		NEP	L* H(L)%	ascendente(-descendente)
Braga		(H+)L* H%	(descendente-)ascendente	
POR		L*+H H%	ascendente	
Castelo Branco		L*+H L% H*+L L%	ascendente-descendente descendente	
ALE		L* H%	ascendente	
Beja		L* H%	ascendente	
Évora		(H+)L* L%	(descendente) baixo	
ALG		L*+H H%	ascendente	
Faro		L*+H H%	ascendente	
	Funchal	(H+)L* L%	(descendente) baixo	
	Ponta Delgada	(H+)L* L%	(descendente) baixo	

Porém, os resultados encontrados para as sentenças interrogativas totais neutras do PGB mostram que esta variedade já aponta para um caminho próprio de sua gramática entoacional, ao divergir do comportamento prosódico apresentado pelas variedades de PE, e

que reflete, ao menos em parte, seu multilinguismo local, ao adotar uma estratégia comum às línguas africanas (a redução de declinação e a expansão de registro) para a diferenciação do comportamento entoacional de sentenças declarativas e interrogativas, ampliando a diferença do *pitch range* existente entre os tons H e L.

Através das nossas análises ao longo desta tese pudemos comprovar parcialmente as duas hipóteses traçadas inicialmente. A hipótese (i), de que o PGB seja uma variedade em formação já distinta do português europeu (especialmente de SEP, a variedade *standard* de PE), que é adquirida como segunda língua, e que apresenta traços em comum com as demais variedades ultramarinas de português (variedades brasileiras e africanas) foi parcialmente comprovada. Nossos resultados mostraram que (i) o PGB se diferencia prosodicamente de SEP quanto às sentenças declarativas neutras e às interrogativas totais neutras, no que respeito à densidade tonal, o comportamento entoacional e ao domínio privilegiado para a distribuição de acentos tonais, assim como (ii) o PGB se assemelha às variedades transatlânticas, dividindo com as variedades brasileiras o domínio prosódico privilegiado na distribuição de acentos tonais dentro do contorno entoacional e a alta densidade tonal com as demais variedades africanas. Entretanto, o PGB se diferencia das demais variedades ultramarinas (brasileiras e africanas) no que tange à alternância entre tons altos e baixos ao longo do contorno entoacional, visto que as demais variedades transatlânticas apresentam uma grande alternância entre tons L e H, caracterizada especialmente por acentos tonais pré-nucleares L+H, enquanto o PGB apresenta uma baixa alternância, apresentando acentos tonais pré-nucleares majoritariamente altos (H* e !H*).

A hipótese (ii), de que o contato entre a língua guineense e a língua portuguesa tem um papel importante na constituição das características prosódicas do PGB também provou ser parcialmente verdadeira. De fato, o guineense e o PGB compartilham traços prosódicos, como o comportamento do contorno entoacional das sentenças declarativas neutras, que cria um padrão semelhante a “degraus” criado pela presença de acentos tonais pré-nucleares H* e !H*, assim como o domínio privilegiado para a distribuição dos acentos tonais ao longo do contorno entoacional ser PhP e a alta densidade tonal. Entretanto, os resultados encontrados para as sentenças interrogativas totais neutras do PGB mostram a inovação dessa variedade de português perante as outras, e que a diferencia também do guineense, que apresenta um comportamento prosódico diferente para esse tipo frásico. Caberá a estudos futuros investigar se esta característica é advinda do contato com outras línguas locais, como o uólofe,

ou mesmo um traço areal, partilhado pelas línguas faladas na região e que ainda foram tão pouco estudadas.

De qualquer forma, é urgente investigar o guineense, as línguas autóctones da Guiné-Bissau, e o PGB como uma variedade de português, mesmo sendo adquirida como uma segunda língua. Atualmente, na Guiné-Bissau, o português é a língua de acesso à escolarização e a um melhor futuro profissional. O guineense é (parte da) identidade, a língua materna — embora esse juízo de valor seja ocidental e não se aplique ao contexto sociolinguístico da Guiné-Bissau. Entretanto, ao se assumir o português como a língua oficial, após a independência do país assumiu-se que o “acesso” ao mundo exterior fosse o mais importante — o que de fato parecia ser, num momento pós Guerra do Ultramar, de independência do país e de instabilidade política que desencadeou décadas de guerra civil.

Entretanto, a missão para o futuro (e o presente) é criar formas para que (ao menos) o guineense possa ser também a língua de acesso a esferas oficiais de poder e de outras instâncias, como a Educação. E, em paralelo, compreender que a língua portuguesa pode ser diferente da outrora imposta. Ela pode ser também uma das línguas que comunica a Guiné-Bissau ao restante do planeta, com suas cores e filosofias, com seus sons e formas de ver o mundo. O português pode ser também o da Guiné-Bissau, porque ele já o é.

REFERÊNCIAS

- AVANZI, Mathieu; CHRISTODOULIDES, George; DELAIS-ROUSSARIE, Elisabeth. Prosodic phrasing of SVO sentences in French. In: CAMPBELL, N.; GIBBON, D.; Hirst, D. (Eds.). **Proceedings of the 7th International Conference on Speech Prosody**, Dublin, Ireland, p. 703-707, 2014.
- BECKMAN, Mary E.; HIRSCHBERG, Julia. **The ToBI annotation conventions**. Ohio State University, 1994.
- BECKMAN, Mary; PIERREHUMBERT, Janet. Intonational structure in Japanese and English. **Phonology Yearbook**, n. 3, p. 255-310, 1986.
- BICKERTON, Derek. How to acquire language without positive evidence: What acquisitionists can learn from Creoles. In: DEGRAFF, Michel. **Language creation and language change**. Creolization, diachrony and development. Cambridge, MA: MIT Press, 1999. p. 49-74.
- BOERSMA, P.; WEENINK, D. **Praat: doing phonetics by computer** (Version 5.3.82) [Computer Program], 2014. Versão: 26 julho de 2014. Disponível em: <<http://www.praat.org>>.
- BOLINGER, Dwight L. A Theory of Pitch Accent in English. **Word**, v. 14, n. 2-3, p. 109-149, 1958.
- BOULÈGUE, Jean. **Les Luso-Africains de SÉNÉGAMBIE** (Travaux et documents, v. 1). Dakar: Université de Dakar, 1972.
- BRAGA, Gabriela. O padrão entoacional das sentenças neutras do português falado em São Tomé: uma análise preliminar. **Estudos Linguísticos**, v. 46, n. 1, p. 55-70, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v46i1.1661>
- _____. **Prosódia do português de São Tomé: o contorno entoacional das sentenças declarativas neutras**. Dissertação (Mestrado em Letras: Filologia e Língua Portuguesa) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/D.8.2018.tde-13082018-154538>
- _____. Aspectos prosódicos das sentenças interrogativas globais do português de São Tomé: uma análise inicial. **Estudos Linguísticos**, v. 24, n. 2, p. 688-708, 2019. DOI: <https://doi.org/10.21165/el.v48i2.2323>
- BRAGA, Gabriela; FERNANDES-SVARTMAN, Flaviane Romani. Associação de eventos tonais em português de São Tomé. **Diacrítica**, v. 33, n. 2, 2019, p. 19-40. DOI: doi.org/10.21814/diacritica.376
- BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; MATOS, Gabriela. Estrutura da frase simples e tipos de frases. In: MATEUS, Maria Helena Mira et. al. **Gramática da Língua Portuguesa**. Caminho Lisboa, 2003. p. 433-506.

BROOKS, George E. **Landlords and strangers: Ecology, society, and trade in Western Africa, 1000-1630**. Boulder: Westview Press, 1993.

_____. Climate and history in West Africa. In: CONNAH, Graham (Ed.). **Transformations in Africa: Essays on Africa's later past**. London: Leicester University Press, 1998. p. 139-159.

_____. **Eurafricans in western Africa: Commerce, social status, gender, and religious observance from the sixteenth to the eighteenth century**. Athens: Ohio University Press, 2003.

BULL, Benjamim Pinto. **O crioulo da Guiné-Bissau: filosofia e sabedoria**. Lisboa: Instituto de cultura e língua portuguesa, 1989.

CÁ, Segunda. **O ensino do português e o preconceito linguístico com relação à variedade guineense do português em Bissau**. Monografia (Graduação em Letras). – Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Bahia, 2020.

CABRAL, Amílcar. A questão da língua. **Papia**, v. 1, n. 1, 59-61, 1990

CARDOSO, Suzana Alice M. S. *et al.* **Atlas linguístico do Brasil**. v. 2. Cartas Linguísticas. Londrina: EDUEL, 2014.

CARREIRA, Antonio. **O crioulo de Cabo Verde: surto e expansão**. Gráfica Europam, 1893.

_____. **Os portugueses nos Rios de Guine (1500–1900)**. Lisbon: Self-published, 1984.

CASTELO [Bernardo da Silva], Joelma. **A entoação dos enunciados declarativos e interrogativos no português do Brasil: uma análise fonológica em variedades ao longo da Costa Atlântica**. Tese (Doutoramento em Linguística: Linguística Portuguesa) — Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2016.

CASTELO, Joelma; FROTA, Sónia. The yes-no question contour in Brazilian Portuguese: a geographical continuum. In: BARBOSA, Pilar P.; PAIVA, Maria da Conceição de; RODRIGUES, Celeste (Eds.). **Studies on Variation in Portuguese**. [Issues in Hispanic and Lusophone Linguistics, 14], v. VI. Amsterdam: John Benjamins, 2017, p. 112-133. DOI: <https://doi.org/10.1075/ihll.14.04cas>

CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses**. 1971.

CHAPOUTO, Sandra Marisa da Costa. **Contributo para a descrição de aspetos fonológicos e prosódicos do crioulo guineense**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014.

COLANTONI, L.; GURLEKIAN, J. Convergence and intonation: historical evidence from Buenos Aires Spanish. In: **Bilingualism: Language and Cognition**, v.7, n. 2, ago. 2004, p. 107-119. DOI: 10.1017/S1366728904001488

COLE, Gibril R. **The Krio of West Africa: Islam, culture, creolization and colonialism in the nineteenth century.** Athens: Ohio University Press, 2013.

COSTA, Paula Mendes. **Descrição fonológica do crioulo Guineense.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

COUTO, Hildo Honório do. **O crioulo português da Guiné-Bissau.** Hamburg: Buske, 1994.

CRUZ, Marisa. **Prosodic variation in European Portuguese: phrasing, intonation and rhythm in central-southern varieties.** Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013.

CRUZ; Marisa; FROTA, Sónia. Prosódia dos tipos frásicos em variedades do Português Europeu: produção e percepção. In: **XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística.** Textos Seleccionados. Lisboa: Colibri, p. 208-225, 2011.

_____. Para a prosódia do foco em variedades do Português Europeu. In: COSTA, [Maria] Armada; FLORES, Cristina.; ALEXANDRE, Nélia (Eds.). **XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística.** Textos Seleccionados. Lisboa: APL, pp. 196-216, 2012.

_____. Rhythm in central-southern varieties of European Portuguese: production and perception. **XXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística.** Textos Seleccionados. Porto, APL, p. 214-230, 2014.

CRUZ, Marisa; CRESPO-SENDRA, Veronica; CASTELO, Joelma; FROTA, Sónia. Asking questions across Portuguese varieties. In: CRUZ, Marisa; FROTA, Sónia (Eds.). **Prosodic variation (with)in languages: Intonation, phrasing and segments.** Equinox Publishing, p. 36-70, 2022.

CUNHA, Claudia de Souza. **Entoação regional no português do Brasil.** Tese – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

DA SILVA HORTA, José. Evidence for a Luso-African identity in “Portuguese” accounts on “Guinea of Cape Verde” (Sixteenth-Seventeenth Centuries). **History in Africa**, n. 27, p. 99–130, 2000.

DAVILA, Julio D. Shelter. **Poverty and African Revolutionary Socialism, Human Settlements in Guinea Bissau.** International Institute for Environment and Development. London: Human Settlements Programme, 1987.

D’AZEVEDO, Warren L. Some historical problems in the delineation of a Central West Atlantic region. **Annals of the New York Academy of Sciences**, n. 96, v. 2, p. 512-538, 1962.

DEGRAFF, Michel. Language Acquisition in Creolization and, Thus, Language Change: Some Cartesian-Uniformitarian Boundary Conditions. **Language and Linguistics Compass**, n. 3, v. 4, p. 888-971, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1749-818X.2009.00135.x>

DE LA MOTA, Carme; BUTRAGUEÑO, Martín; PRIETO, Pilar. Mexican Spanish Intonation. *In*: PRIETO, Pilar; ROSEANO, Paolo (Eds.). **Transcription of Intonation of the Spanish Language**. Munich: Lincom Europa, p. 319-350, 2010.

D'IMPERIO, Mariapaola; ELORDIETA, Gorka; FROTA, Sónia; PRIETO, Pilar; VIGÁRIO, Marina. Intonational phrasing in Romance: the role of syntactic and prosodic structure. *In*: FROTA, Sónia; VIGÁRIO, Marina; FREITAS, Maria João (Eds.). **Prosodies**: with special reference to Iberian languages. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2005. p. 59–97.

ELORDIETA, Gorka; FROTA, Sónia; VIGÁRIO, Marina. Subjects, objects and intonational phrasing in Spanish and Portuguese. **Studia linguistica**, v. 59, n. 2-3, 110-143, 2005.

EMBALÓ, Garcia Bacar. **A vulnerabilidade da população às alterações agro-ecológicas. Estudo de caso no sector de Pirada, região de Gabu, Guiné-Bissau**. Tese (PhD). Universidade Tecnica de Lisboa (Portugal), 2008

ESTEBAS VILAPLANA, Eva. The intonation of enumerations: a cross-linguistic study. *In*: IGLESIA, Fernando Todo; PABLOS, Juan A. Prieto; MORA, María José; SOTO, Teresa López. **Actas del XXI Congreso Internacional de A.E.D.E.A.N. (Asociación Española de Estudios Anglo-Norteamericanos)**. Sevilha: Universidad de Sevilha, 1999. p. 645–652.

ESTEBAS-VILAPLANA, Eva; PRIETO, Pilar. **Castilian Spanish intonation. Transcription of intonation of the Spanish language**, 17-48, 2010.

ETHNOLOGUE. <<https://www.ethnologue.com/country/GW>>. Acesso em: 22 set. 2018.

FELDHAUSEN, Ingo. The prosodic phrasing of sentential objects. **Lingua**, v. 121, n. 13, p. p. 1934-1964, 2011.

_____. Modeling individual variation in prosody: the case of Spanish Clitic Left-Dislocations. **Inquiry**, v. 32, p. 45-86, 2014.

FELDHAUSEN, Ingo; GABRIEL, Christoph; PEŠKOVÁ, Andrea. Prosodic phrasing in Argentinean Spanish: Buenos Aires and Neuquén. *In*: **Speech Prosody 2010-Fifth International Conference**. 2010.

FERNANDES, Flaviane Romani. Tonal association in neutral and subject-narrow-focus sentences of Brazilian Portuguese: a comparison with European Portuguese. **Journal of Portuguese Linguistics**, n. 5-6, p. 91-115, 2007a.

_____. **Ordem, focalização e preenchimento em português: sintaxe e prosódia**. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2007b.

_____. Acento secundário, atribuição tonal e ênfase em português brasileiro (PB). **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 47-58, 2009.

FERNANDES-SVARTMAN, Flaviane Romani; SANTOS, Vinícius Gonçalves dos; BRAGA, Gabriela. Fraseamento prosódico em português: semelhanças e diferenças entre variedades africanas e brasileira. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 20, p. 119-138, 2018

FERNANDES-SVARTMAN, Flaviane; BARROS, Nádia; SANTOS, Vinícius; CASTELO, Joelma. Intonational phrasing and nuclear configurations of SVO sentences across varieties of Portuguese. In: CRUZ, Marisa; FROTA, Sónia (Eds.), **Prosodic variation (with)in languages: Intonation, phrasing and segments**. Equinox Publishing, p. 182-218, 2022.

FROTA, Sónia Marise de Campos. **Prosody and focus in European Portuguese: phonological phrasing and intonation**. New York: Garland Publishing, 2000.

_____. Nuclear falls and rises in European Portuguese: a phonological analysis of declarative and question intonation. **Probus**. Special Issue on Intonation in Romance edited by José-Ignacio Hualde, v. 14, n. 1, p. 113-146, 2002a.

_____. Tonal association and target alignment in European Portuguese nuclear falls. In: GUSSENHOVEN, Carlos; WARNER, Natasha (Eds.). **Laboratory Phonology 7**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2002b. p. 387-418.

_____. The phonological status of initial peaks in European Portuguese. **Catalan Journal of Linguistics**, n. 2, p. 133–152, 2003.

_____. Prosodic structure, constituents and their implementations. In: COHN, Abigail C.; FOUGERON, Cécile; HUFFMAN, Marie K. **The Oxford Handbook of Laboratory Phonology**. New York: Oxford University Press, 2012a. p. 255–265.

_____. The intonational phonology of European Portuguese. In: JUN, Sun-Ah. (Ed.). **Prosodic Typology II**. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 6-42.

_____. Surface and Structure: Transcribing Intonation within and across Languages. **Laboratory Phonology: Journal of the Association for Laboratory Phonology**, v. 7, n. 1, p. 1-19, 2016. DOI: <http://doi.org/10.5334/labphon.10>

FROTA, Sónia; CRUZ, Marisa; SVARTMAN, Flaviane; COLLISCHONN, Gisela; FONSECA, Aline; SERRA, Carolina; OLIVEIRA, Pedro; VIGÁRIO, Marina. Intonational variation in Portuguese: European and Brazilian varieties. In: FROTA, Sónia; PRIETO, Pilar (Eds.). **Intonational variation in Romance**. Oxford: Oxford University Press, 2015a. p. 235-283.

FROTA, Sónia; OLIVEIRA, Pedro; CRUZ, Marisa; VIGÁRIO, Marina. **P–ToBI: tools for the transcription of Portuguese prosody**. Lisboa: Laboratório de Fonética, CLUL/FLUL, Universidade de Lisboa, 2015b. ISBN: 978-989-95713-9-6. Disponível em: <<http://labfon.letras.ulisboa.pt/InAPoP/P-ToBI/>>. Acesso em: 12 abr. 2021.

FROTA, Sónia; D'IMPERIO, Mariapaola; ELORDIETA, Gorka; PRIETO, Pilar; VIGÁRIO, Marina. The phonetics and phonology of intonational phrasing in Romance. In: PRIETO, Pilar; MASCARÓ, Joan; SOLÉ, Maria-Josep. (Eds.). **Prosodic and segmental issues in (Romance) phonology**. John Benjamins, 2007. p. 131-153.

FROTA, Sónia; PRIETO, Pilar (Eds.). **Intonation in Romance**. Oxford: Oxford University Press, 2015.

FROTA, Sónia; VIGÁRIO, Marina; MARTINS, Fernando. Language Discrimination and Rhythm Classes: Evidence from Portuguese. **Speech Prosody Proceedings**. Aix-en-Provence, p. 315-318, 2002a.

FROTA, Sónia; VIGÁRIO, Marina; MARTINS, Fernando. Discriminação entre línguas: evidência para classes rítmicas. In: Gonçalves, Anabela; Nunes Correia, Clara. (Eds.). **Actas do XVII Encontro da APL**. Lisboa: APL/Colibri, p. 189-199, 2002b.

FROTA, Sónia; VIGÁRIO, Marina. Aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação no PE e no PB. In: CASTRO, Rui Vieira de; BARBOSA, Pilar (Orgs.). **Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**. v. 1. Coimbra: APL, 2000. p. 533–555.

_____. Intonational phrasing in two varieties of European Portuguese. In: RIAD, Tomas; GUSSENHOVEN, Carlos (Eds.). **Tones and tunes**. v. 1. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007. p. 265–291.

FROTA, S. (Coord.). **InAPoP – Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese**. Projeto de investigação científica (processo FCT PTDC/CLE-LIN/119787/2010). Universidade de Lisboa, 2012-2014.

FRY, Dennis Butler. Duration and intensity as physical correlates of linguistic stress. **Journal of the Acoustic Society of America**, n. 27, p. 765–769, 1955.

GHINI, Mirco. Phi-formation in Italian: a new proposal. **Toronto Working Papers in Linguistics**, v. 12, n. 2, p. 41-78, 1993.

GREEN, Toby. **A Fistful of Shells: West Africa from the rise of the slave trade to the age of revolution**. Penguin, 2020. ebook. ISBN: 9780226644745

GRØNNUM, Nina; VIANA, Maria do Céu. Aspects of European Portuguese Intonation. In: OHALA, John J.; HASEGAWA, Yoko; OHALA, Manjari; GRANVILLE, Daniel; BAILEY, Ashlee C. (Eds.). **Proceedings of the XIV International Congress of Phonetic Sciences**, University of California, San Francisco, p. 1997-2000, 1999.

GUSSENHOVEN, C. **The phonology of tone and intonation**. New York: Cambridge University Press, 2004.

GUY, Gregory. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. In: **Abralin**, 2001. Disponível em: <http://sw.npd.ufc.br/abralin/anais_con2int_conf02.pdf>. Acesso em setembro/2020.

HAIR, Paul E. H. Ethnolinguistic continuity on the Guinea Coast. **Journal of African History**, n. 8, v. 2, p. 247-268, 1967.

HAMMOND, Richard J. **Portugal and Africa**. Stanford, CA: Stanford University Press, 1966.

HAVIK, Philip J. **Silences and Soundbites: The Gendered Dynamics of Trade and Brokerage in the Pre-colonial Guinea Bissau Region**. Munster: LIT, 2004.

HAWTHORNE, Walter. **The Interior Past of an Acephalous Society: Institutional Change among the Balanta of Guinea-Bissau, c. 1400–1950**. PhD dissertation – Stanford University, 1998.

_____. **Planting rice and harvesting slaves: Transformations along the Guinea-Bissau Coast, 1400-1900**. Portsmouth, NH: Heinemann, 2003.

_____. **From Africa to Brazil: Culture, Identity and an Atlantic Slave Trade, 1600 to 1830**. Cambridge: Cambridge University Press. 2010.

HAWTHORNE, Walter; NAFAFÉ, José Lingna. The historical roots of multicultural unity along the Upper Guinea Coast and in Guinea-Bissau. **Social Dynamics**, v. 42, n. 1, p. 31-45. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/02533952.2016.1164955>

HAYES, Bruce. The prosodic hierarchy in meter. In: KIPARSKY, Paul.; YOUMANS, Gilbert. (Eds.). **Phonetics and Phonology. Rhythm and Meter**. New York: Academic Press, 1989. p.201-260.

HAYES, Bruce; LAHIRI, Aditi. Bengali intonational phonology. **Natural language & linguistic theory**, v. 9, p. 47-96, 1991.

HELLMUTH, Sam. The relationship between prosodic structure and pitch accent distribution: evidence from Egyptian Arabic. **Linguistic Review**, n. 24, v. 2, p. 289–314, 2007.

HORTON, Robin. Stateless societies in the history of West Africa. In: FESTUS, Jacob; AJAYI, Ade; CROWDER, Michael (Eds.). **History of West Africa**, v. 1, London: Longman, 1985. p. 87–128.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HAYES, Bruce; LAHIRI, Aditi. Bengali intonational phonology. **Natural Language and Linguistic Theory**, v. 9, n. 1, p. 47-96, 1991.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. RGPH. **Terceiro Recenseamento Geral da População e Habitação – 2009**. INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA: Guiné-Bissau. 2009.

INTUMBO, Incanha. **Estudo comparativo da morfossintaxe do crioulo guineense, do balanta e do português**. Dissertação (Mestrado em Letras)–Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra. 2007.

JACOBS, Bart. Upper Guinea Creole: Evidence in favor of a Santiago birth. **Journal of Pidgin and Creole Languages**, v. 25, n. 2, p. 289 – 343, jan. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1075/jpcl.25.2.04jac>

JUN, Sun-Ah. **The Phonetics and Phonology of Korean Prosody**: intonational phonology and prosodic structure. New York: Garland Publishing, 1996.

_____. The effect of phrase length and speech rate on prosodic phrasing. *In*: SOLÉ, Maria-Josep; RECASENS, Daniel; ROMERO, Joaquín (Eds.). **Proceedings of the 15th International Congress of Phonetic Sciences**. Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, p. 483-486, 2003. ISBN 1-876346-48-5.

_____. (Ed.). **Prosodic Typology**: the phonology of intonation and phrasing. New York: Oxford University Press, 2005.

_____. (Ed.). **Prosodic Typology II**: the phonology of intonation and phrasing. New York: Oxford University Press, 2014.

JUN, Sun-Ah; FLETCHER, Janet. Methodology of studying intonation: From data collection to data analysis. **Prosodic typology II: The phonology of intonation and phrasing**, p. 493-519. 2014.

KAMINSKAÏA, Svetlana. Syntax-prosody interface: a case study of enumerations. *In*: de VILLIERS, Jessica (Ed.). **Proceedings of the 41st Forum of the Linguistic Association of Canada and the United States**, University of British Columbia, Vancouver, Canadá, 2016.

KARLSSON, Fred. Complexity in linguistic theorizing. **The Mental Lexicon**, v. 9, n. 2, p. 144-169, 2014.

KIHM, Alain. Lexical Conflation as a basis for relexification. **Canadian Journal of Linguistics**, v. 34, n. 3, 1989, p. 351-376.

_____. **Kriyol Syntax**: The Portuguese-based creole language of Guinea-Bissau. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1994.

KNÖRR, Jacqueline. Creolization in Atlantic West Africa: the example of Sierra Leone. *In*: LÜPKE, Friederike. (Ed.). **Oxford Guide to the World's Languages: Atlantic**. Oxford: Oxford University Press, in press.

KNÖRR, Jacqueline; TRAJANO FILHO, Wilson. Introduction. *In*: KNÖRR, Jacqueline; TRAJANO FILHO, Wilson. (Eds.). **The powerful presence of the past**: integration and conflict along the upper Guinea Coast. Leiden/ Boston: Brill, 2010. p. 1-23.

KOHL, Christoph. **Creole identity, interethnic relations, and postcolonial nation-building in Guinea-Bissau, West Africa**. PhD dissertation. Halle-Wittenberg: Martin Luther University, 2009.

_____. National integration in Guinea-Bissau since independence. **Cadernos de Estudos Africanos**, n. 20, 2011, p. 85-109.

_____. Diverse unity: Creole contributions to interethnic integration in Guinea-Bissau. **Nations and Nationalism**, n. 18, 2012, p. 643-662.

_____. Creole language and identity in Guinea-Bissau: socio-antropolical perspectives. In: KNÖRR, Jacqueline; TRAJANO FILHO, Wilson. (Eds.). **Creolization an pidginization in contexts of postcolonial diversity: language, culture, identity**. Boston: Brill, 2018. p. 158-177.

KOPYTOFF, Igor. The internal African frontier: The making of African political culture. In: KOPYTOFF, Igor (Ed.). **The African frontier: The reproduction of African societies**. Bloomington: Indiana University Press, 1987. p. 3-86.

LADD, D. Robert. **Intonational Phonology**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

_____. **Intonational Phonology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

LADD, D. Robert; SCHEPMAN, Astrid. Sagging transitions' between high pitch accents in English: experimental evidence. **Journal of Phonetics**, n. 31, 2003, p. 81-112.

LÜPKE, Friederike. Language and Identity in Flux: in Search of Bainouk. **Journal of Language Contact**, v. 3, n. 1, 2010, p. 155-174.

_____. Uncovering Small-Scale Multilingualism. **Critical Multilingualism Studies: an interdisciplinary journal**, v. 4, n. 2, 2016, p.35-74. ISSN 2325-2871.

MAJOR, Roy C. Stress and rhythm in Brazilian Portuguese. **Language**, v. 61, n. 2, 1985, p. 259-282.

MANÉ, Baticã Braima Ença. **Ensino do guineense nas escolas: o que pensam professores e alunos de dois estabelecimentos de ensino da Guiné-Bissau**. Monografia (Graduação em Letras). – Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Bahia, 2018.

MARK, Peter. **Portuguese style and Luso-African identity: Precolonial Senegambia, sixteenth-nineteenth centuries**. Bloomington: Indian University Press, 2002.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. **Acento e ritmo**. São Paulo: Contexto, 1992.

MATEUS, Maria Helena; D'ANDRADE, Ernesto. **The phonology of Portuguese**. OUP Oxford, 2000.

MBODJ, Chérif. **Phonologie du créole de Guinée-Bissau**. n. 74. Dakar: Centre de Linguistique Appliquée de Dakar, 1979.

MERRILL, John Thomas Mayfield. **The Historical Origin of Consonant Mutation in the Atlantic Languages**. Thesis (Doctor of Philosophy in Linguistics) - University of California, Berkeley. 2018.

MONTEAGUDO, Henrique. A invenção do monolinguismo e da língua nacional. **Gragoatá**, Niterói, n. 32, 1 sem. 2012, p. 43-53.

MORAES, João Antônio de. The pitch accents in Brazilian Portuguese: analysis by synthesis. In: BARBOSA, Plínio; MADUREIRA, Sandra; REIS, César (Eds.). **Speech Prosody 2008: fourth conference on speech prosody**. Campinas: RG/CNPq, 2008. p. 389-397.

MUFWENE, Salikoko. The Founder Principle in creole genesis. **Diachronica**, v. 13, n. 1, p. 83–134, 1996.

NAFAFÉ, José Lingna. Guinea Bissau: Language Situation. In: BROWN, Keith. (Ed.). **Encyclopaedia of Language and Linguistics**. London: Elsevier, 2005. p. 195-200.

_____. Flora Gomes's Postcolonial Engagement and Redefinition of Amílcar Cabral's Politics of National Culture in Nha Fala. **Hispanic Research Journal**, n. 14, v. 1, 2013, p. 33-48.

NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. **Prosodic phonology: with a new foreword**. Berlin-New York: Mouton de Gruyter, 2007.

_____. **Prosodic phonology**. Dordrecht: Foris: 1986.

NOOTEBOOM, S. G. **Production and perception of vowel duration: A study of durational properties of vowels in Dutch**. Doctoral dissertation, Utrecht University, 1972.

PARKVALL, Mikael. Was Haitian ever more like French? In: DEUMERT, Ana; DURRLEMAN-TAME, Stephanie. (Eds.). **Structure and variation in language contact**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000. p. 315-335.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. Uma hipótese explicativa do contato entre o português e as línguas africanas. **PAPIA: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares**, v. 17, p. 9-19, 2008.

PIERREHUMBERT, Janet. **The phonology and phonetics of English intonation**. 1980. Tese (PhD) – MIT, Cambridge, Mass., 1980.

PIERREHUMBERT, Janet; BECKMAN, Mary. **Japanese Tone Structure**. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1988.

PITRELLI, John F.; BECKMAN, Mary E.; HIRSCHBERG, Julia. Evaluation of prosodic transcription labeling reliability in the ToBI framework. In: **ICSLP**, p. 123-126, 1994.

POZDNIAKOV, Konstantin; SEGERER, Guillaume. A Genealogical classification of Atlantic languages. In: LÜPKE, Friederike. (Ed.). **Oxford Guide to the World's Languages: Atlantic**. Oxford: Oxford University Press, in press.

PRIETO, Pilar. L'entonació dialectal del català: el cas de les frases interrogatives absolutes. In: BOVER, August; LLORET, Maria-Rosa; VIDAL-TIBBITS, Mercè (Eds.). **Actes del novè col·loqui d'estudis catalans a Nord-Amèrica**. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 2001. p. 347–377.

PRIETO, Pilar; CABRÉ, Teresa (Coords.). **L'entonació dels dialectes catalans**. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 2013.

PRIETO, Pilar; D'IMPERIO, Mariapaola; ELORDIETA, Gorka; FROTA, Sónia; VIGÁRIO, Marina. Evidence for 'soft' preplanning in tonal production: Initial scaling in Romance. In: **Speech Prosody**. p. 803-806. 2006.

QUINT, Nicolas. **Le Cap Vertien: Origines et Devenir d'une Langue Métisse**. Paris: L'Harmattan, 2000.

RAO, Rajiv. On the phonological phrasing patterns in the Spanish of Lima, Perú. **Southwest Journal of Linguistics**, v. 26, n. 1, 2007.

RAO, Rajiv. Observations on the Roles of Prosody and Syntax in the Phonological Phrasing of Barcelona Spanish. **Linguistics Journal**, v. 3, n. 3, 2008.

RIALLAND, Annie. Question prosody: an African perspective". In: RIAD, Tomas; GUSSENHOVEN, Carlos. (Eds.). **Tones and Tunes**, v. 1. Berlin-New York: Mouton de Gruyter, 2007. p: 35-62.

ROSIGNOLI, Carolina Carbonari. **O padrão entoacional das sentenças interrogativas da variedade paulista do português brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Letras: Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. DOI: <http://doi.org/10.11606/D.8.2017.tde-17102017-161943>

ROUGÉ, Jean-Louis. Crioulos. In: **Littérature du Cap-Vert, de Guinée-Bissau, de São Tomé et de Príncipe**. Special edition of Notre Librairie. 1993, p. 112-113.

_____. **Petit dictionnaire étymologique du kriol de Guinée Bissau et de Casamance**. Bissau: INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa), 1988.

SANDALO, Maria Filomena Spatti; TRUCKENBRODT, Hubert. Some notes on phonological phrasing in Brazilian Portuguese. **MIT Working Papers in Linguistics**, v. 42, p. 285–310, 2002.

SANTOS, Vinícius Gonçalves dos. **Entoação do contorno neutro do português de Guiné-Bissau**: uma comparação com o português brasileiro. Dissertação (Mestrado em Letras: Filologia e Língua Portuguesa) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

_____. **Aspectos prosódicos do português angolano do Libolo**: entoação e fraseamento. Tese (Doutorado em Letras: Filologia e Língua Portuguesa) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

SANTOS, Vinícius Gonçalves dos; BRAGA, Gabriela. Associação tonal em sentenças declarativas neutras do português de Bissau e de São Tomé. **PAPIA**, v. 27, n. 1, p. 7-32, 2017.

SANTOS, Vinícius Gonçalves dos; FERNANDES-SVARTMAN, Flaviane Romani. O padrão entoacional neutro do português de Guiné-Bissau: uma comparação preliminar com o português brasileiro. **Estudos Linguísticos**, (São Paulo. 1978), v. 43, p. 48-63, 2014.

_____. Eventos tonais pré-nucleares de declarativas e interrogativas neutras do português do Libolo em fala semiespontânea. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), v. 48, n. 2, p. 1060-1080, 2019. DOI: <https://doi.org/10.21165/el.v48i2.2276>

_____. Padrões tonais nucleares de declarativas e interrogativas neutras do português angolano do Libolo. **Revista Linguística** (Online), v. 36, n. 1, p. 33-52, 2020. ISSN 2079-312X. DOI: 10.5935/2079-312X.20200003

SCANTAMBURLO, Luigi. **Dicionário do Guineense**. Volume I: Introdução e notas gramaticais. Bubaque, Guiné-Bissau: Edições Colibri/FASPEBI, 1999.

_____. **Gramática e dicionário da língua Criol da Guiné-Bissau (GCr)**. Bologna: Editrice Missionária Italiana, 1981.

_____. **O Léxico do crioulo guineense e as suas relações com o português: ensino bilingue português-crioulo guineense**. Tese (Doutoramento em Linguística) — Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2013.

SELKIRK, Elisabeth. The interaction of constraints on prosodic phrasing. In: HORNE, M. (Ed.). **Prosody**: Theory and Experiment. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2000. p. 231-261.

_____. On derived domains in sentence phonology. **Phonology**, v. 3, p. 371-405, 1986.

_____. **Phonology and syntax**: the relation between sound and structure. Cambridge: The M.I.T. Press, 1984.

_____. The Syllable. In: GOLDSMITH, J. A. (Ed.), **Phonological Theory**: the essential readings. Massachusetts: Blackwell Publishers, 1982. p. 328-350.

SELKIRK, Elisabeth.; SHEN, Tong. Prosodic domains on Shanghai Chinese. In: INKELAS, Sharon; ZEC, Draga (Eds.). **The Phonology-Syntax Connection.**, Chicago: Chicago University Press, 1990, p. 313–337.

SERRA, Carolina. R. **Realização e percepção de fronteiras prosódicas no português do Brasil: fala espontânea e leitura.** Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SERRA, Carolina; OLIVEIRA, Ingrid. The intonation of Portuguese spoken in Maputo, Mozambique: A case study. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 38, 2022.

SILVA HORTA, José. Evidence for a Luso-African Identity in “Portuguese” Accounts on “Guinea of Cape Verde”(Sixteenth-Seventeenth Centuries) 1. **History in Africa**, v. 27, p. 99-130, 2000.

SILVERMAN, Kim EA; BECKMAN, Mary; PITRELLI, John; OSTENDORF, Mari. ToBI: A standard for labeling English prosody. In: **ICSLP**, p. 867-870, 1992.

SIMONET, Miquel. Intonational convergence in language contact: utterance-final F0 contours in Catalan–Spanish early bilinguals. **Journal of the International Phonetic Association**, v. 41, n. 2, p. 157-184, 2011. doi:10.1017/S0025100311000120.

TEIXEIRA DA MOTA, Avelino. **Guiné Portuguesa.** v. I, II. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1954.

TENANI, Luciani Ester. **Domínios prosódicos no português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos.** Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

TENANI, Luciani Ester; FERNANDES-SVARTMAN, Flaviane Romani. Prosodic phrasing and intonation in neutral and subject-narrow-focus sentences of Brazilian Portuguese. In: BARBOSA, Plínio; MADUREIRA, Sandra; REIS, César (Eds.). **Speech Prosody 2008: fourth conference on speech prosody.** Campinas: RG/CNPq, 2008. p. 445-448.

_____. Fonologia prosódica. In: HORA, Dermeval da; MATZENAUER, Carmen. (Org.). **Fonologia, fonologias.** São Paulo: Contexto, 2017, p. 109-123.

TFS Working Group. **Mouse Story.** 2010. Disponível em: <<http://www.totemfieldstoryboards.org>>. Acesso em: 24 dez. 2018.

_____. **Shopping List 3.** 2010. Disponível em: <<http://www.totemfieldstoryboards.org>>. Acesso em: 24 dez. 2018.

THOMASON, Sarah. G.; KAUFMAN, Terrence. **Language Contact, Creolization and Genetic Linguistics.** Berkeley: University of California Press, 1988.

TONELI, Priscila Marques. **A palavra prosódica no português brasileiro**. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) — Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

TRAJANO FILHO, WILSON. **Polymorphic creolehood**: The 'Creole' society of Guinea-Bissau. PhD diss., University of Pennsylvania. 1998

_____. The creole idea of nation and its predicaments: The case of Guinea-Bissau. In: KNÖRR, JACQUELINE; TRAJANO FILHO, Wilson (Eds.). **The powerful presence of the past**: Integration and conflict along the Upper Guinea Coast. Oxford/ New York: Berghahn Books, 2010. p. 157-183.

TRUCKENBRODT, Hubert. **Phonological Phrases**: their relation to syntax, focus, and prominence. Ph.D. Thesis — Department of Linguistics and Philosophy, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, Mass., 1995.

_____. On the relation between syntactic phrases and phonological phrases. **Linguistic Inquiry**, v. 30, p. 219–255, 1999.

_____. The syntax-phonology interface. In: DE LACY, Paul. **The Cambridge Handbook of Phonology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 435–456.

TRUCKENBRODT, Hubert; SANDALO, Maria Filomena Spatti; ABAURRE Maira Bernadete Marques. Elements of Brazilian Portuguese intonation. **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 8, p. 75–114, 2009.

TRUPPI, Chiara. **Bare nouns among and beyond creoles**. A syntactic-semantic study of Kriyol Bare Noun Phrases based on a crosslinguistic comparison and the theoretical implications. Ph.D. Thesis — Humboldt Universität zu Berlin, Berlin, 2015. <https://edoc.hu-berlin.de/handle/18452/17928.10.18452/17276>

_____. Copulas in contact: Kriyol, Upper Guinea Creoles, and their substrate. **Journal of Ibero-Romance Creoles**, v. 9, n. 1, p. 85-114, 2019.

VIANA, Maria do Céu. **Para a síntese da entoação do português**. Dissertação (Investigador Auxiliar) — Centro de Linguística, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1987.

VIGÁRIO, Marina. **Aspectos da prosódia do português europeu**: estruturas com advérbio de exclusão e negação frásica. Braga: CEHUM, 1998.

_____. **The Prosodic Word in European Portuguese**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2003.

_____. O lugar do Grupo Clítico e da Palavra Prosódica Composta na hierarquia prosódica: uma nova proposta. In: LOBO, Maria Lobo; COUTINHO, Maria Antonieta (Orgs.). **XXII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística — Textos Seleccionados**. Lisboa: Colibri Artes Gráficas, 2007. p. 673–688.

VIGÁRIO, Marina; FERNANDES-SVARTMAN, Flaviane Romani. A atribuição de acentos tonais em compostos no português do Brasil. In: BRITO, Ana Maria; SILVA, Fátima; VELOSO, João; FIÉIS, Alexandra (Orgs.). **XXV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística — Textos seleccionados**. v. 1. Porto: Tip. Nunes Ltda./Maia, 2010. p. 769-786.

VIGÁRIO, Marina.; FROTA, Sónia. The intonation of Standard and Northern European Portuguese. **Journal of Portuguese Linguistics**. v.2, n. 2, p. 115-137, 2003. Special Issue on Portuguese Phonology edited by W. Leo Wetzels,

VIKØR, Lars. Lingua Franca and International Language. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTHEIER, Klaus. J.; TRUDGILL, Peter. (Eds.). **Sociolinguistics: An International Handbook of the Science of Language and Society**, 2. ed. Berlin/ New York: de Gruyter, 2004. p. 328-335.

WILSON, André W. **The Crioulo of Guiné**. Johannesburg: Witwatersant University Press, 1962.

WINFORD, Donald. Contact-induced changes: Classification and processes. **Diachronica**, v. 22, p. 373–427, 2005.

ANEXOS

A. INTERROGATIVAS TOTAIS NEUTRAS

(FROTA, 2002a, Probus, neutral questions)

1. [Contexto: A revista fez uma reportagem em Angola. Não sei o que aconteceu.]
As angolanas ofereceram especiarias aos jornalistas?

2. [Contexto: Não sei nada sobre esse filme.]
O galã anda de carro?

3. [Contexto: Ainda não vi a exposição.]
O pintor retratou uma manhã âmbar?

4. [Contexto: Gostaria de conhecer essas músicas.]
O cantor cantou uma manhã angelical?

5. [Contexto: Eu não sei o que é que você quer fazer.]
Quer ver o João?

6. [Contexto: Não faço ideia do que aconteceu.]
Ela foi ver o mar?

7. [Contexto: Não faço ideia do que aconteceu.]
Ela foi ver a Maria?

8. [Contexto: Não faço ideia do que aconteceu.]
Ela foi ver a Marina?

9. [Contexto: Não faço ideia do que aconteceu.]
Ela foi ver o Mário?

10. [Contexto: Gostaria de saber o que aconteceu.]
Os rapazes compraram lâminas?

B. DISCOURSE COMPLETION TEST (DCT)

(CRUZ, 2013)

Entoção declarativa (Neutra)

[Contexto: Você sabe o que aconteceu com essas duas pessoas que encontramos no outro dia?]



Casaram

Entoção declarativa (Neutra)

[Contexto: Olhe para a imagem e diga o que é que a mulher faz.]



Bebe uma limonada

Entoção declarativa (Neutra)

[Contexto: Este é o galã da novela. Fale que o galã anda de carro.]



O galã anda de carro

Entoção declarativa (Enumeração)

[Contexto: Diga os meses do ano.]

janeiro, fevereiro...

Entoção declarativa (Enumeração)

[Contexto: Fale quais são as frutas que você mais gosta.]

banana, jaca, ananás...

Entoção declarativa (Não neutra - Focalização contrastiva)

[Contexto: E aí, o que é que aconteceu com os donos do restaurante? Se separaram?]



casaram

Entoção declarativa (Não neutra - Exclamativa)

[Contexto: Você entra numa padaria e o cheiro de pão te agrada. Exclame (diga com emoção), diga que o cheiro de pão é tão bom.]

Que cheiro de pão tão bom!

Entoção declarativa (Não neutra - Declarativa categórica)

[Contexto: Você está falando com a Júlia sobre uns amigos que vão mudar para o exterior. Você tem certeza de que eles vão para Lima, mas a sua amiga pensa que eles vão para Bogotá. Diga a ela que não, que eles vão para Lima.]

Não, eles vão para Lima!

Entoção declarativa (Não neutra - Declarativa dubitativa)

[Contexto: Pediram para você comprar um presente para alguém que você não conhece muito bem e você está com medo de não ter feito a compra certa. Fale para quem te pediu esse favor que a tal pessoa pode não gostar do que você comprou.]

Ela pode não gostar do presente que comprei para ela.

Entoção declarativa (Não neutra - Declarativa óbvia)

[Contexto: Você está com uma amiga e ela te conta que a Maria, amiga de vocês, está grávida. Ela te pergunta se é do Guilherme e você fica admirada, porque todo mundo sabe que o filho é dele, que sempre namorou com ela. Fale como é óbvio, que sim, claro, do Guilherme!]

Sim, claro, do Guilherme!

Interrogativa absoluta (Sim/Não) neutra. Oração de uma unidade tonal

[Contexto: Você entra numa loja e pergunta ao atendente se tem “farinha”:]

Tem farinha?

Interrogativa absoluta (Sim/Não) neutra. Oração de uma unidade tonal

[Contexto: Você sai de casa e vê a rua molhada. Pergunta se choveu:]

Choveu?

Interrogativa neutra. Disjunção

[Contexto: Você não sabe o que sua amiga vai querer para comer. Pergunte se ela quer banana ou jaca.]

Você quer banana ou jaca?

Interrogativa neutra. Enumeração com disjunção

[Contexto: Você não sabe o que sua amiga vai querer comprar. Pergunte se ela quer farinha, jaca, peixe ou banana:]

Você quer farinha, jaca, peixe ou banana?

Interrogativa neutra. Enumeração com coordenação

[Contexto: Você foi fazer compras com sua irmã, mas já não lembra o que ela queria comprar. Pergunte se ela quer farinha, jaca, peixe e banana:]

Você quer farinha, jaca, peixe e banana?

Interrogativa absoluta (Sim/Não) não neutra. Pergunta confirmatória

[Contexto: Você sabe que lá fora está muito calor. Uma pessoa sem camisa entra e você pergunta se está calor, para confirmar:]

Está calor?

Interrogativa absoluta (Sim/Não) não neutra. Pergunta confirmatória (com tag)

[Contexto: Você já tinha convidado a sua prima para ir hoje jantar na sua casa. Com medo que ela não se lembre, pergunte, para confirmar, se ela vem jantar:]

Você vem jantar, né/certo?

Interrogativa absoluta (Sim/Não) não neutra. Pergunta confirmatória (com tag)

[Contexto: Você encontra o seu vizinho no mercado. Como sabe que ele só vai ali para comprar peixe, pergunte, para confirmar, se ele foi comprar peixe:]

Você foi comprar peixe, não foi?

Pergunta imperativa

[Contexto: Os seus primos fazem muito barulho e não te deixam ouvir o rádio. Peça que eles fiquem quietos.]

Fiquem quietos!

Pergunta imperativa

[Contexto: Os seus primos fazem muito barulho e não te deixam ouvir o rádio. Peça que eles fiquem quietos.]

Podem ficar quietos!

Pergunta imperativa

[Contexto: Pergunte aos seus primos se eles querem doces.]

Querem doces?

Interrogativa parcial (pergunta QU-) neutra. Oração de uma unidade tonal

[Contexto: Pergunte que horas são:]

Que horas são?

Interrogativa parcial (pergunta QU-) neutra. Oração de uma unidade tonal

[Contexto: Você vai para Bissau e quer comprar um presente a uma pessoa que você não conhece bem. Peça um conselho para um amigo. Pergunte o que ele daria a essa pessoa.]

O que você daria?/ O que você daria para ele?

Interrogativa parcial (pergunta QU-) neutra. Oração de uma unidade tonal

[Contexto: Você soube que eu conversei muito tempo com a Maria. Você me pergunta o que ela me contou.]

O que ela te contou?

Interrogativa parcial (pergunta QU-) neutra. Oração de mais de uma unidade tonal com coordenação

[Contexto: Você vê que sua amiga Maria vai embora e pergunta para ela para onde ele vai e quando ela voltará.]

Onde você vai e quando vai voltar/ voltará?

Pergunta imperativa

[Contexto: Você pede ao seu filho/ irmão que pinte a sua casa, mas não acredita que ele faça isso tão depressa, até porque não é a primeira vez que você pede. Pergunte a ele, com ar aborrecido, quando ele vai fazer?]

Quando vai fazer?

Pergunta imperativa

[Contexto: Você queria que alguns amigos viessem almoçar na sua casa. Meio suplicante (porque eles já disseram que não podem), você pergunta para eles por que eles não vêm?]

Por que vocês não vêm?

Pergunta Eco não neutra absoluta

[Contexto: Alguém te diz que horas são, mas você não entende bem. Você pensa ter ouvido que são nove. Confirme se são nove horas.]

São nove horas?

Pergunta Eco não neutra parcial

[Contexto: Alguém te perguntou onde você vai, mas você não sabe se entendeu bem essa pergunta. Confirme se te perguntaram isso.]

(O que você me perguntou,) Onde eu vou?

Pergunta Eco não neutra. Disjunção

[Contexto: Você acha que te perguntaram por onde você veio, mas não sabe se, na verdade/ realidade, te perguntaram por onde você entrou. Confirme se te perguntaram uma coisa ou outra.]

(O que você me perguntou,) Por onde eu vim ou por onde eu entrei?

Interrogativa não neutra absoluta anti-expectativa

[Contexto: Um amigo seu te diz que um colega de você, o Flávio, vai concorrer para presidente do clube de futebol. Você fica muito surpresa e volta a perguntar ao seu amigo, sem acreditar, se ele está dizendo que o Flávio vai concorrer para presidente.]

(Você está dizendo que) O Flávio vai concorrer para presidente?!

Interrogativa não neutra absoluta anti-expectativa

[Contexto: Ao contrário do que era esperado, o Manoel está aparecendo na frente em todas as pesquisas para a presidência do clube de futebol. Você pergunta, muito admirado, se o Manoel vai ser presidente.]

O Manoel vai ser presidente?

Interrogativa não neutra parcial anti-expectativa

[Contexto: A sua vizinha te conta que foi almoçar em um lugar e que pediu banana, mas serviram/deram peixe. Você não acredita. Você pergunta, com admiração, o que ela disse que serviram/deram:]

O que você disse que te serviram/deram?

Entoção imperativa. Ordem

[Contexto: Você está na rua com a sua irmã pequena e ela se afasta de você. Mande ela voltar para perto de você, por favor:]

Venha para cá, por favor!

Entoção imperativa. Pedido

[Contexto: Você quer ir à praia com um amigo. Ele te diz que tem que trabalhar, mas você sabe que ele pode fazer o trabalho mais tarde e então você tenta convencer ele:]

Vamos, por favor!

Vocativo

[Contexto: Você quer que a Marina venha para dentro para almoçar. Chame ela:]

Marina!

Vocativo

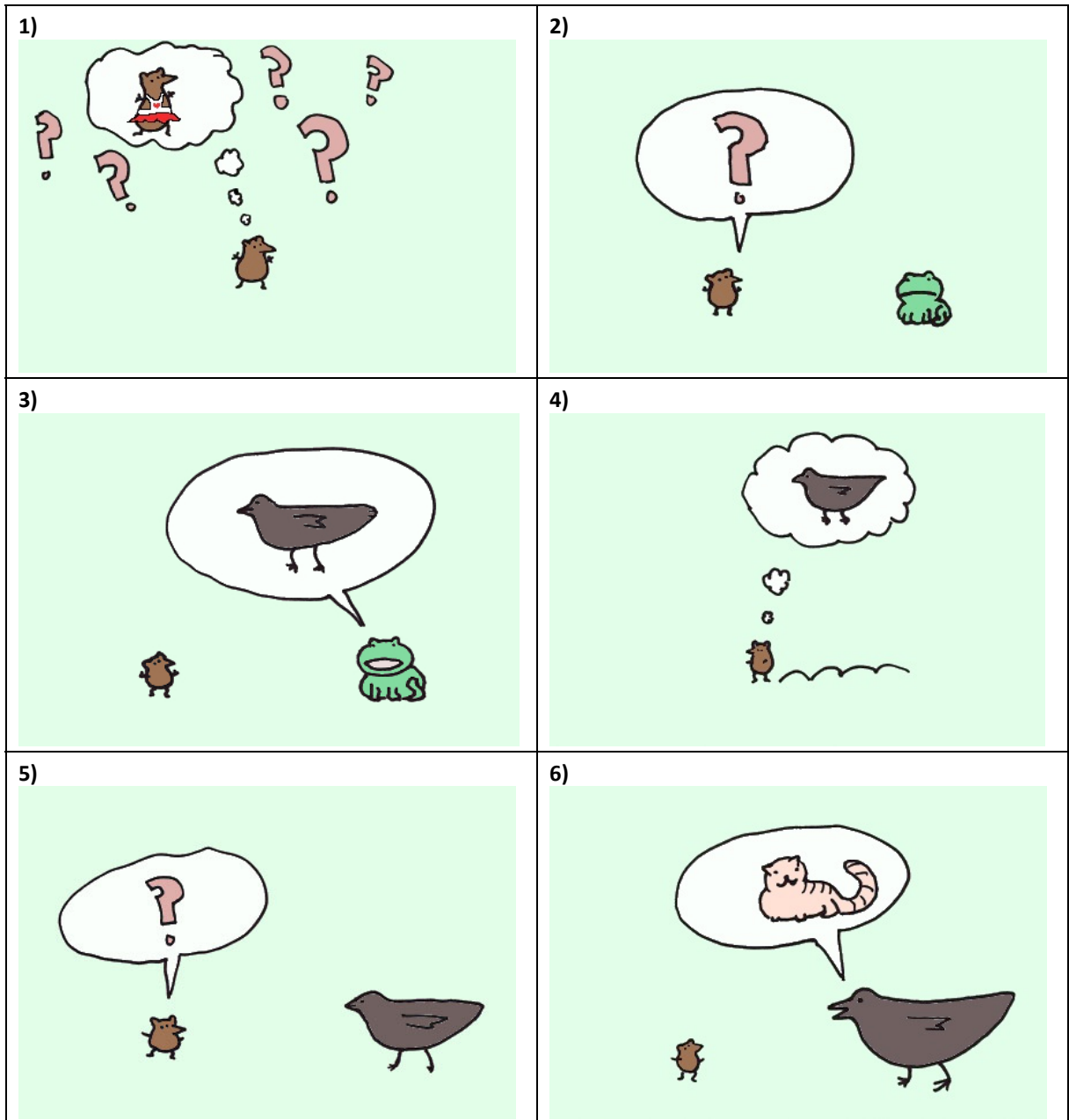
[Contexto: Você chamou a Marina para dentro de casa. Já se passaram 30 segundos e ela ainda não veio. Chame a Marina e novo:]

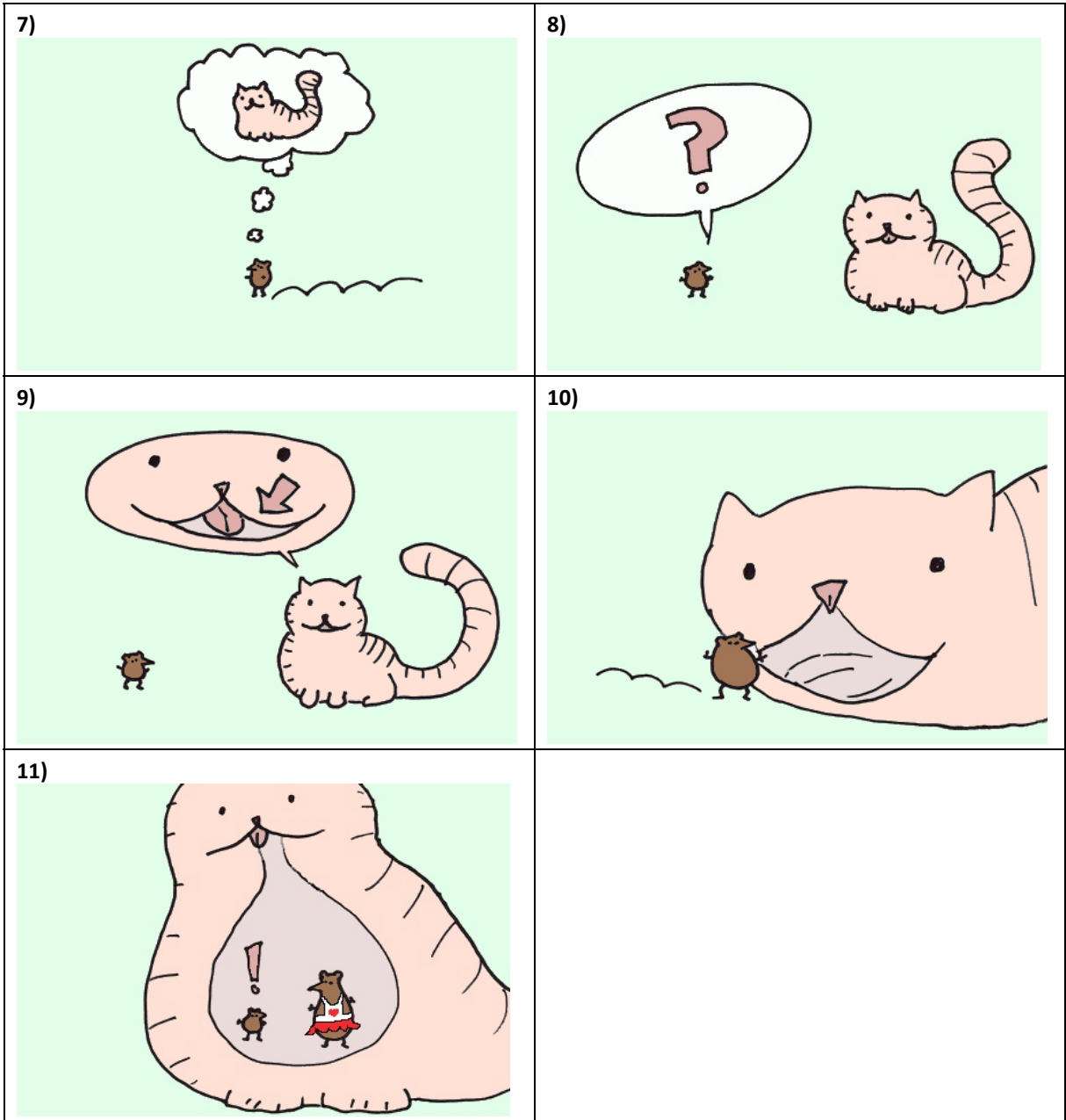
Marina!!!!

C. STORY TELLING

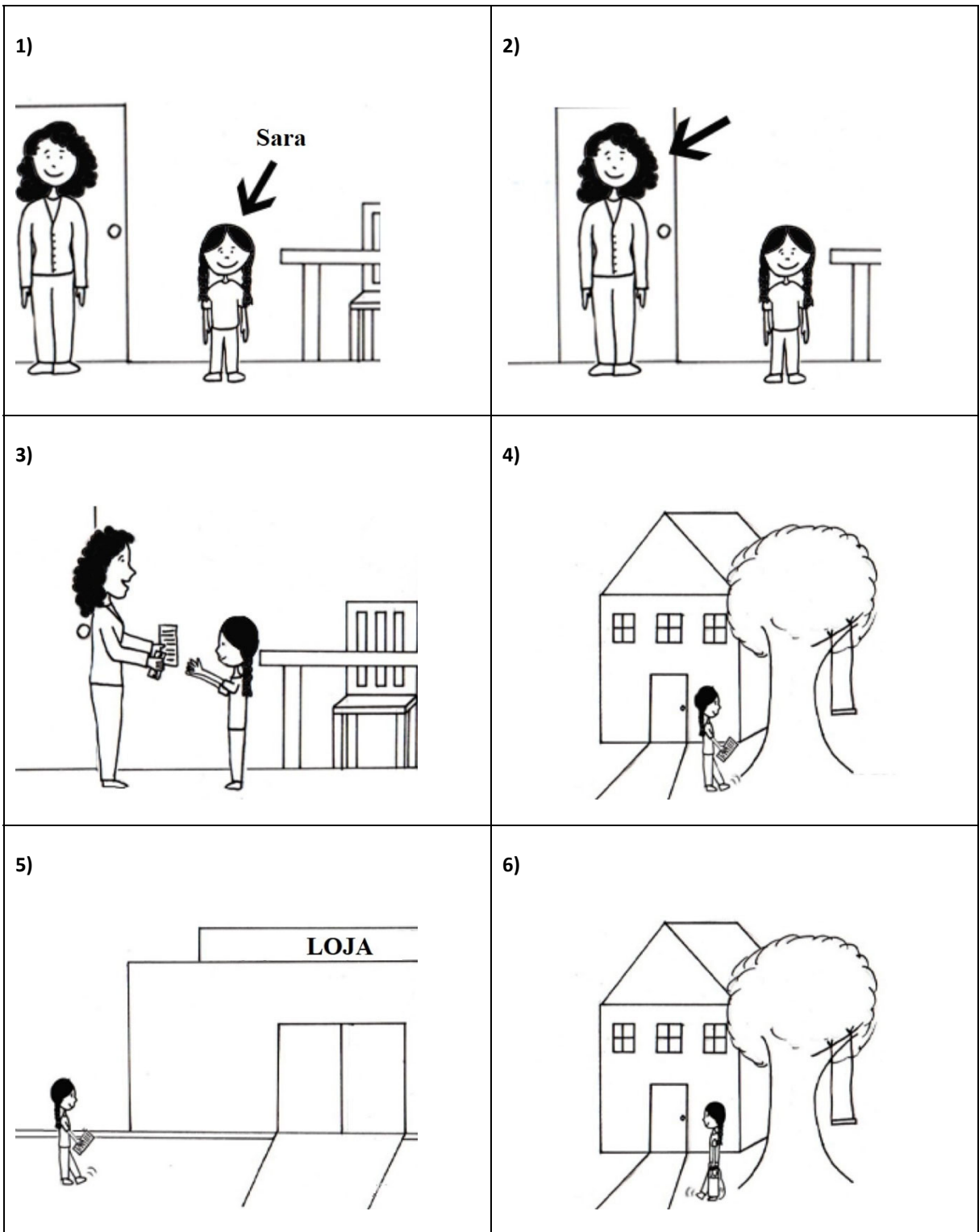
(TFS WORKIN GROUP, 2010a, 2010b)

C. 1. Mouse Story





C. 2. Shopping List 3



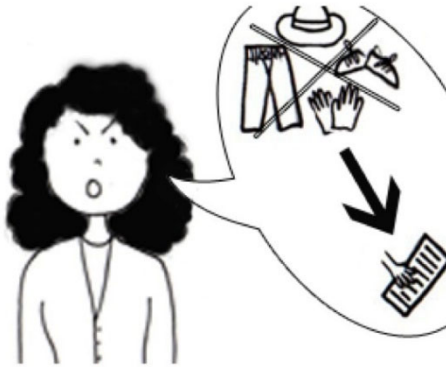
7)



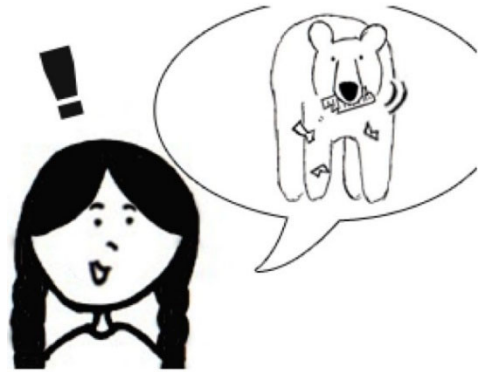
8)



9)



10)



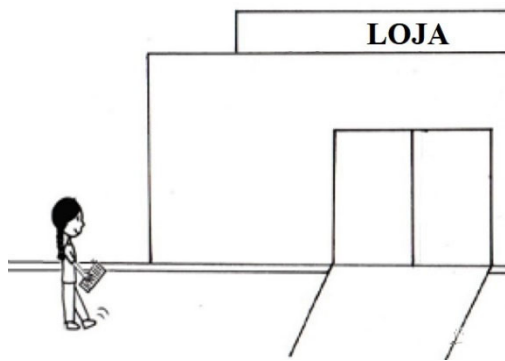
11)



12)



13)



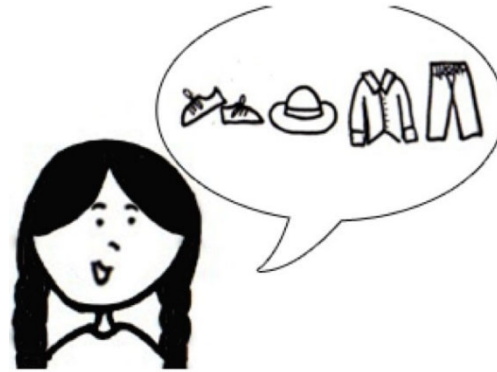
14)



15)



16)



17)



18)



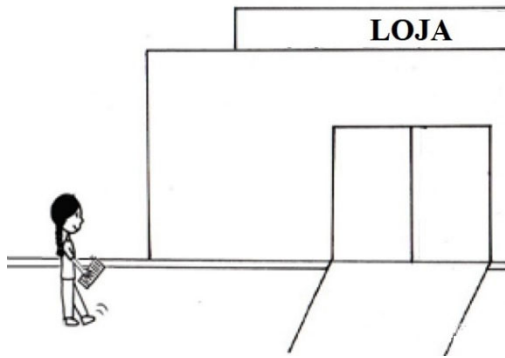
19)



20)



21)



22)



23)



24)



25)



26)



27)



D. FORMULÁRIO PERFIL DO INFORMANTE



Faculdade de Letras
Universidade de Lisboa



Laboratório de Fonética
Centro de Linguística

Perfil do Informante

Nome¹:

Sexo (pinte o quadrado adequado a preto: seleccionar o quadrado -> ferramentas de desenho -> preenchimento de forma):

F M

Idade:

Naturalidade:

Habilitações literárias/Formação académica:

Ocupação profissional:

Língua(s) materna(s):

Onde viveu nos últimos 10 anos:

Algum tipo de alteração auditiva, discursiva ou de escrita/leitura:

¹A identidade do informante nunca será revelada; qualquer referência ao indivíduo será feita através de um código específico, garantindo sempre o anonimato.

E. FORMULÁRIO TERMO DE CONSENTIMENTO



Universidade de Lisboa
FACULDADE DE LETRAS
Laboratorio de Fonética (CLUL)

Alameda de Universidade
1600-214 Lisboa
Portugal



Departament de Traducció i
Ciències del llenguatge
Universitat Pompeu Fabra

Campus de la Comunicació-Poblenou
C/ Roc Boronat, 138
08018 Barcelona, Espanha

Consentimento informado

..... (nome próprio e apelidos), maior de idade, com documento de identificação nº e com domicílio em, nascido/a a do ano

RECONHECE:

Ter sido informado/a de que, em cumprimento da Lei de Protecção de Dados Pessoais (Lei n.º 67/98 de 26 de Outubro), que transpõe para a Ordem Jurídica Portuguesa a Directiva 95/46/CE, do Parlamento Europeu e do seu Conselho, de 24 de Outubro de 1995, os seus dados pessoais registados em áudio e/ou vídeo pela equipa de investigadores da Universidade de Lisboa, ou por colaboradores desta equipa, devidamente identificados, se destinam ao arquivo de Projectos de Investigação desta universidade. Estes dados apenas serão utilizados com a única finalidade de realizar investigação no âmbito da Linguística.

Autorizar a Universidade de Lisboa, através da equipa de investigação liderada pela Prof. Sónia Frota, Directora do Laboratório de Fonética (CLUL/FLUL), bem como a Universidade Pompeu Fabra (Barcelona, Espanha), através do *Grup d'Estudis de Prosòdia* (coordenado pela Prof. Pilar Prieto), universidade parceira da Universidade de Lisboa no âmbito dos projectos de investigação em prosódia, a reproduzir e publicar por qualquer meio as gravações em que participo, com as finalidades únicas de investigação e ensino, e sem qualquer fim lucrativo. Os dados resultantes dos estudos de prosódia poderão ser tornados públicos no âmbito dos sítios de internet do Atlas Interactivo da Prosódia do Português e do Atlas Interactivo da Entoação das Línguas Românicas, projectos sem fins lucrativos destinados à investigação, ensino e aprendizagem no âmbito da língua portuguesa e das línguas românicas.

Autorizar a cedência dos dados tornados públicos pela Universidade de Lisboa e pela Universidade Pompeu Fabra a outras instituições de investigação, com a finalidade única de realização de projectos de investigação em ciências da linguagem e sempre que estas instituições não realizem actividades com fins lucrativos que envolvam estes dados.

Ter sido informado/a de que posso exercer os direitos de acesso, rectificação, cancelamento ou contestação mediante uma comunicação escrita, acompanhada de fotocópia de documento de identificação, dirigida a Laboratório de Fonética (CLUL/FLUL), Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Alameda de Universidade, 1600-214 Lisboa.

Para os efeitos acima descritos, assino esta autorização.

_____ de _____ de 20____ .

(Assinatura)